



**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA PAZ E DA GUERRA  
NAS NOVAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**JUNHO DE 2013**

*“O Cáucaso do Sul: dinâmicas de segurança regional”.*

PEDRO GABRIEL DE SEIXAS DIAS DA SILVA BARATA



# **O CÁUCASO DO SUL: DINÂMICAS DE SEGURANÇA REGIONAL**

**Pedro Gabriel de Seixas Dias da Silva Barata**

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Estudos da Paz e da Guerra  
nas Novas Relações Internacionais

Orientador: Professor Doutor Luís Tomé

Lisboa

JUNHO DE 2013

## **O CÁUCASO DO SUL: DINÂMICAS DE SEGURANÇA REGIONAL**

Orientador: Professor Doutor Luís Tomé

Candidato: Pedro Gabriel de Seixas Dias da Silva Barata

(Texto segundo o novo acordo ortográfico)

---

---

## AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este projeto de investigação torna-se necessário dirigir algumas palavras de apreço a todos aqueles que concorreram para a sua execução.

Em primeiro lugar, agradecer ao meu orientador, Sr. Professor Doutor Luís Tomé, pela sua disponibilidade, e pelo apoio prestado ao longo de todo o período de elaboração do trabalho.

Ao Sr. Professor Luís Moita, agradeço a disponibilidade e as sugestões que me propiciou na entrevista que se dignou a conceder-me, e que em muito enriqueceu o meu processo de análise.

À Sra. Professora Licínia Simão e ao Sr. General Carlos Branco, que gentilmente se dispuseram a responder a questões e a expor as suas perspetivas.

Agradecer de igual forma à Universidade Autónoma de Lisboa e ao Instituto de Estudos Superiores Militares, que me propiciaram as condições necessárias para levar a bom porto este trabalho conducente à obtenção do grau de mestre.

Não poderia deixar de endereçar fortes palavras de agradecimento ao meu amigo e camarada de curso, o Capitão-tenente José João Rodrigues Pedra, pelo apoio e estímulo que sempre me proporcionou, desde que me propus a elaborar este trabalho, até ao seu *terminus*.

Por último, uma palavra especial para a minha família, em especial para a minha filha Madalena, tantas vezes privada da minha companhia para que este projeto pudesse ter um fim.

Para todos, o meu reconhecimento e o sincero muito obrigado!



---

---

## RESUMO

O período que se seguiu a 1989 e a consequente desagregação da União Soviética, trouxe para a cena internacional uma nova geografia política, que conduziu a uma mudança brusca no sistema internacional, até então julgado perene - a bipolaridade deu lugar à multipolaridade do poder global.

Consequentemente, assistiu-se à emergência de quinze novos Estados repartidos entre a Europa Oriental, a Ásia Central e o Cáucaso. Nessa nova realidade geopolítica, o Cáucaso do Sul, localizado na encruzilhada entre a Europa e a Ásia, constitui uma das regiões mais instáveis do globo, onde convivem as diversidades étnicas, religiosas, linguísticas, culturais, e está presente a disputa pelos recursos energéticos – em particular pelo gás natural e pelo petróleo - desencadeando as guerras civis, os conflitos étnicos e, consequentemente a proliferação do terrorismo e do crime organizado.

Neste novo *playground* geopolítico o Cáucaso do Sul - que encerra em si razões geoestratégicas, de segurança internacional e de competição política e comercial pelo controlo dos recursos energéticos existentes - chamou para o *near abroad* russo atores, estatais e não estatais, como os Estados Unidos da América, a Rússia, o Irão e a Turquia, a Organização do Tratado para o Atlântico Norte, e a União Europeia, as grandes multinacionais, em particular energéticas, as organizações não-governamentais.

Estes atores disputam entre si a presença na região com vista à prossecução dos seus interesses, os quais por vezes colidem, dificultando a consolidação da soberania dos Estados do Cáucaso do Sul, e colocando em causa a segurança e, consequentemente, o desenvolvimento regional.

Discorrer sobre este tema na atualidade é sem dúvida apaixonante, e impõe compreender o quadro de segurança no Cáucaso do Sul e as respetivas dinâmicas, analisando para isso o contexto regional, as perspetivas e as políticas dos atores residentes e não residentes em presença, bem como quais são os principais fatores de instabilidade e de insegurança na região.

**Palavras-chave:** Espaço pós-soviético, Cáucaso do Sul, Geopolítica, Segurança, *Conflitos Latentes*

---

---

## ABSTRACT

The period after 1989 and the following disaggregation of the Soviet Union, brought to the international arena a new political geography, leading to a sudden change to the international system, until then thought to be perpetual: bipolarity changes into multipolarity of the global power.

Consequently there was an emergence of the fifteen new states distributed between East Europe, Central Asia and Caucasus. In this new geopolitical reality, the Southern Caucasus, at a crossroad between Europe and Asia, establishes one of the more unstable regions in the globe, where ethnic, religious, cultural diversities coexist and there is a harsh dispute for the energy resources – namely natural gas and oil – originating civil wars and ethnic conflicts, and triggering terrorism and organized crime.

In this new geopolitical playground, Southern Caucasus – which harbours geostrategic reasons, as well as international security, and political and commercial competition for the control of the existing energy resources – attracted to the Russian “near abroad”, state and non-state actors, such as USA, Russia, Iran and Turkey, NATO, EU., the great energy multinationals, non governmental organizations.

These actors dispute and argue among themselves their presence in the region pursuing their interests, which frequently are in conflict, thus encumbering the consolidation of the sovereignty of the Southern Caucasus states, endangering the consolidation of regional security and, consequently, their regional development.

Debating this theme in the present is undoubtedly inspiring, and exacts an analysis into the Southern Caucasus security framework and its dynamics, through the analysis of the regional context, as well as of the resident and non resident actors policies and perspectives towards the region, and identifying the main instability and insecurity factors.

**Keywords:** Post Soviet Space, Southern Caucasus, Geopolitics, Security, Frozen conflicts





---

---

## LISTA DE ABREVIATURAS

### **-A-**

ACLAA - Acordos de comércio livre abrangentes e aprofundados

AED - Agência Europeia de Defesa

AIE - Agência Internacional de Energia

AIOC - *Azerbaijan International Operating Company*

ALTBMD - *Active Layered Theatre Ballistic Missile Defense*

ANE - Atores Não Estatais

ANP - *Annual National Programme*

### **-B-**

BM - Banco Mundial

BMD - *Ballistic Missile Defence*

BP - *British Petroleum*

BSCE - *Black Sea Economic Cooperation*

BTC - Baku-Tbilisi-Ceyhan

BTE - Baku-Tbilisi-Erzurum

### **-C-**

CASFOR - *Caspian Sea Force*

CED - Comunidade da Escolha Democrática

CEI - Comunidade de Estados Independentes

CENTO - *Central Treaty Organization*

CSTO - *Collective Security Treaty Organization*

### **- D -**

DCFTA - *Deep Comprehensive Free Trade Area*

### **-E-**

EUA - Estados Unidos da América

EUBAM - *EU Border Assistance Mission to Moldova and Ukraine*

EUJUST THEMIS - *EU Rule of Law Mission to Georgia*

EUMM - *European Union Monitoring Mission*

EURASEC - *Eurasian Economic Community*

### **-F-**

FMI - Fundo Monetário Internacional

**-G-**

GIR - *Global Integrity Report*

GUAM - Geórgia, Ucrânia, Azerbaijão e Moldávia

GUUAM - Geórgia, Ucrânia, Uzbequistão, Azerbaijão, e Moldávia

GWOT - *Global War On Terrorism*

**-I-**

IDA - *International Development Association*

IPAP - *International Partnership Action Plan*

IPRM - *Incident Prevention and Response Mechanism*

ISAF - *International Security Afghanistan Force*

IVA – Imposto Sobre Valor Acrescentado

**-K-**

KGK - *Kurdistan People's Congress or Kongra-Gel*

**-M-**

MAP - *Membership Action Plans*

METO - *Middle East Treaty Organization*

**-N-**

NAFTA - *North Atlantic Free Trade Agreement*

NEI - Novos Estados Independentes

NK - Nagorno-Karabakh

NRC - *NATO-Russia Council*

NSCG - *National Security Concept of Georgia*

**-O-**

OCX - Organização para a Cooperação de Xangai

OCAC - Organização de Cooperação da Ásia Central

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OI - Organizações Internacionais

OMC - Organização Mundial de Comércio

ONG - Organizações Não Governamentais

ONU - Organização das Nações Unidas

OSCE - Organização para a Segurança e Cooperação na Europa

---

OTAN (NATO) - Organização do Tratado do Atlântico Norte (*North Atlantic Treaty Organization*)

**-P-**

PDSC - Política de Defesa e Segurança Comum

PEV - Política Europeia de Vizinhança

PfP - *Partnership for Peace*

PIB - Produto Interno Bruto

PKK - *Kurdistan's Worker's Party*

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PVC - Política de Vizinhança Comum

**-S-**

SACEUR - *Supreme Allied Commander Europe*

SOCAR - *State Oil Company of Azerbaijan Republic*

SIDA - Síndrome de Imunodeficiência Adquirida

**-T-**

TRACECA - *Transport Corridor Europe-Caucasus-Asia*

**-U-**

UE - União Europeia

UNCATOC - *United Nations Convention against Transnational Organized Crime*

UNOMIG - *United Nations Observer Mission in Georgia*

UNPO - *Unrepresented Nations and Peoples Organization*

UNSC - *United Nations Security Council*

UNSCR - *United Nations Security Council Resolution*

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

**-V-**

VIH - Vírus da Imunodeficiência Adquirida

**- W –**

WEO - *World Economic Outlook*

**-Z-**

ZCLAA - Zonas de Comércio Livre Abrangentes e Aprofundadas



---

---

## ÍNDICE

<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>3</b>
<b>RESUMO</b>	<b>5</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>6</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS</b>	<b>8</b>
<b>ÍNDICE</b>	<b>12</b>
<b>ÍNDICE DE FIGURAS</b>	<b>14</b>
<b>Introdução</b>	<b>16</b>
<b>1.Os Debates teórico-conceituais e a delimitação geopolítica</b>	<b>22</b>
<i>a) Conceitos e perspectivas</i>	<i>25</i>
<i>b) Delimitação e caracterização geral do Cáucaso do Sul</i>	<i>37</i>
i. História	42
ii. Geografia	45
iii. Demografia	50
iv. A contextualização regional e internacional do Cáucaso Sul	54
<i>c) Debates sobre a instabilidade e a segurança na região</i>	<i>58</i>
<b>2.Atores “residentes” no Cáucaso do Sul</b>	<b>63</b>
<i>a) A Geórgia, o Azerbaijão e a Arménia: Sociedades, Economia e Defesa.</i>	<i>63</i>
i. A Geórgia	64
ii. Azerbaijão	77
iii. Arménia	89
<i>b) Atores Não Estatais : Organizações religiosas, sociedade civil, ONG, multinacionais energéticas</i>	<i>100</i>
<b>3. A Presença de grandes atores : OTAN, UE, EUA, Rússia, Turquia e Irão</b>	<b>106</b>
<i>a) Os EUA</i>	<i>106</i>
<i>b) A UE</i>	<i>108</i>
<i>c) A OTAN</i>	<i>110</i>
<i>d) A Rússia</i>	<i>114</i>
<i>e) A Turquia</i>	<i>116</i>
<i>f) O Irão</i>	<i>118</i>
<b>4. Fatores de instabilidade e de insegurança na Transcaucásia</b>	<b>121</b>
<i>a) Heterogeneidade étnico-religiosa</i>	<i>121</i>
<i>b) Localização geográfica</i>	<i>128</i>
<i>c) Desconfianças e rivalidades históricas</i>	<i>129</i>
<i>d) Desorganização e fragmentação político-administrativa</i>	<i>131</i>
<i>e) Debilidade das estruturas democráticas e económicas</i>	<i>135</i>
<i>f) Conflitos e disputas territoriais e de soberania</i>	<i>144</i>
<i>g) As disputas e os diferendos – o caso da Geórgia</i>	<i>146</i>
<i>h) Os frozen conflicts</i>	<i>150</i>
<i>i) Crime organizado</i>	<i>153</i>
<i>j) A disputa pelos recursos energéticos</i>	<i>155</i>
<b>5.Tendências e cenários na geopolítica do Cáucaso do Sul</b>	<b>158</b>
<i>a) A situação na Geórgia e o seu relacionamento com a Rússia e o Ocidente</i>	<i>160</i>
i. A Mais provável : A manutenção do status quo – “no peace, no war”	162
ii. A Mais perigosa: O reacender dos conflitos na Abecásia e na Ossétia do Sul	165
iii. A Menos provável: A estabilização da região	166
<i>b) Relacionamento Azerbaijão-Arménia e respetivas interações externas</i>	<i>167</i>

i. A Mais provável : A manutenção do status quo – “ <i>no peace, no war</i> ”	169
ii. A Mais perigosa: O reacender dos conflitos de Nagorno-Karabakh	172
iii. A Menos provável: A estabilização da região	173
<b>Conclusões</b>	174
<b>Referências bibliográficas</b>	182
<b>LISTA DE ANEXOS</b>	214
<i>Anexo A -Trajeto do oleoduto Baku-Tblisi-Ceyhan e do gasoduto Baku-Tbilis-Erzurum</i>	215
<i>Anexo B - Evolução do PIB da Geórgia, do Azerbaijão e da Arménia</i>	216
<i>Anexo C – Evolução da % de PIB gasto com defesa nos Estados do Cáucaso do Sul</i>	217
<i>Anexo D – Evolução da taxa de mortalidade infantil no Cáucaso do Sul</i>	218
<i>Anexo E - Distribuição mundial da despesa com defesa em 2011</i>	219
<i>Anexo F - Linhas condutoras da Cimeira da OTAN em Chicago 2012</i>	221
<i>Anexo G - Príncípais parceiros comerciais da Geórgia</i>	232
<i>Anexo H - Príncípais parceiros comerciais do Azerbaijão</i>	233
<i>Anexo I - Príncípais parceiros comerciais da Arménia</i>	234
<i>Anexo J - O impacte da corrupção nas funções do Estado</i>	235
<i>Anexo K – Relação de Questões Dirigidas</i>	236

## ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 – A REGIÃO DO CÁUCASO DO SUL.....	38
FIGURA 2-A FIOGRAFIA DO CÁUCASO DO SUL .....	39
FIGURA 3-A TEMPERATURA MÉDIA ANUAL NO CÁUCASO DO SUL .....	40
FIGURA 4-A PRECIPITAÇÃO MÉDIA ANUAL NO CÁUCASO DO SUL .....	41
FIGURA 5-MIGRAÇÕES NO CÁUCASO DO SUL ENTRE 1988 E 2004.....	42
FIGURA 6 -O MAPA DA GEÓRGIA .....	65
FIGURA 7- O MAPA ÉTNICO DA GEÓRGIA .....	66
FIGURA 8 -A PIRÂMIDE POPULACIONAL DA GEÓRGIA .....	67
FIGURA 9 -ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DA GEÓRGIA ENTRE 1980 E 2010.....	69
FIGURA 10 - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO GEORGIANO POR ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO .....	60
FIGURA 11-PRINCIPAIS PARCEIROS COMERCIAIS GEORGIANOS - IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES .....	71
FIGURA 12-PRINCIPAIS IMPORTAÇÕES GEORGIANAS.....	63
FIGURA 13-EVOLUÇÃO DO PIB GEORGIANO ENTRE 1995 E 2012 .....	74
FIGURA 14-EVOLUÇÃO DO PIB <i>PER CAPITA</i> GEORGIANO ENTRE 2005 E 2012.....	64
FIGURA 15-EVOLUÇÃO DA % DO PIB GEORGIANO GASTO COM A DEFESA .....	65
FIGURA 16-INVESTIMENTO ESTRANGEIRO NA GEÓRGIA EM 2012.....	66
FIGURA 17-MAPA DO AZERBAIJÃO .....	68
FIGURA 18-OROGRAFIA DO AZERBAIJÃO.....	69
FIGURA 19-PIRÂMIDE POPULACIONAL DO AZERBAIJÃO.....	70
FIGURA 20-ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO AZERI ENTRE 1980 E 2010 .....	71
FIGURA 21- ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO AZERI POR ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO .....	72
FIGURA 22-EVOLUÇÃO DA % DO PIB AZERI GASTO COM DEFESA ENTRE 1992 E 2011.....	73
FIGURA 23-EVOLUÇÃO DO PIB AZERI ENTRE 1993 E 2012 .....	74
FIGURA 24-EVOLUÇÃO DO PIB <i>PER CAPITA</i> AZERI ENTRE 1993 E 2012 .....	75
FIGURA 25-EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES PETROLÍFERAS AZERI ENTRE 1989 E 2010 .....	75
FIGURA 26-COORELAÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO DE PETRÓLEO AZERI E O CRESCIMENTO DO PIB .....	76
FIGURA 27-PRINCIPAIS PARCEIROS COMERCIAIS DO AZERBAIJÃO-IMPORTAÇÕES .....	77
FIGURA 28-PRINCIPAIS PARCEIROS COMERCIAIS DO AZERBAIJÃO-EXPORTAÇÕES.....	77
FIGURA 29-PRINCIPAIS PRODUTOS IMPORTADOS PELO AZERBAIJÃO.....	78
FIGURA 30-MAPA DA ARMÊNIA.....	79
FIGURA 31-PIRÂMIDE POPULACIONAL DA ARMÊNIA.....	81
FIGURA 32-ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO ARMÊNIO ENTRE 1980 E 2011 .....	83
FIGURA 33-ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO ARMÊNIO POR ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO.....	84
FIGURA 34-PRINCIPAIS PARCEIROS COMERCIAIS DA ARMÊNIA-EXPORTAÇÕES.....	85
FIGURA 35-PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS PELA ARMÊNIA .....	85
FIGURA 36-EVOLUÇÃO DO PIB ARMÊNIO ENTRE 1993 E 2012.....	88
FIGURA 37-EVOLUÇÃO DO PIB <i>PER CAPITA</i> ARMÊNIO ENTRE 1993 E 2012 .....	88
FIGURA 38-EVOLUÇÃO DO PIB ARMÊNIO GASTO COM DEFESA ENTRE 1992 E 2011 .....	89
FIGURA 39-CONFIANÇA NAS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS .....	100
FIGURA 40-DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL DE RESERVAS PETROLÍFERAS.....	92
FIGURA 41- DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL DAS RESERVAS DE GÁS NATURAL .....	93
FIGURA 42-A EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA NO CÁUCASO DO SUL .....	112
FIGURA 43-A DISTRIBUIÇÃO POPULACIONAL NO CÁUCASO DO SUL .....	113
FIGURA 44-A DISTRIBUIÇÃO POPULACIONAL NO CÁUCASO DO SUL POR MEIO RURAL E URBANO .....	113
FIGURA 45-A DISTRIBUIÇÃO POPULACIONAL NO CÁUCASO DO SUL POR ESCALÃO ETÁRIO.....	114
FIGURA 46-A DISTRIBUIÇÃO ÉTNOLINGÜÍSTICA DO CÁUCASO DO SUL .....	115
FIGURA 47-A DISTRIBUIÇÃO ÉTNICA NO CÁUCASO DO SUL .....	115
FIGURA 48-A DISTRIBUIÇÃO RELIGIOSA NO CÁUCASO DO SUL .....	116
TABELA 1-GASTOS DO PIB COM A SAÚDE, A EDUCAÇÃO E A DEFESA NO CÁUCASO DO SUL.....	132
TABELA 2- CLASSIFICAÇÃO DOS TRÊS ESTADOS DO CÁUCASO DO SUL SEGUNDO O ESTUDO DO <i>GLOBAL INTEGRITY REPORT 2011</i> .....	134
FIGURA 49-SONDAGEM RELATIVA A PAGAMENTO DE SUBORNOS NO ANO DE 2011.....	127
FIGURA 50-EVOLUÇÃO DO PIB NO CÁUCASO DO SUL ENTRE 1991 E 2011 .....	128
FIGURA 51-LOCALIZAÇÃO DOS RECURSOS PETROLÍFEROS E PRINCIPAIS EXPLORADORES .....	133
FIGURA 52-ÁREAS EM DISPUTA NO MAR CÁSPIO.....	136
FIGURA 53-EVOLUÇÃO DE GASTOS COM A DEFESA DOS ESTADOS DO CÁUCASO DO SUL.....	140
FIGURA 54-INVESTIMENTO EM DEFESA DOS ESTADOS DO CÁUCASO DO SUL EM RELAÇÃO À % DO PIB.....	140
FIGURA 55-MAPA DA GEÓRGIA INDICANDO AS REGIÕES DA ABECÁSIA E DA OSSÉTIA DO SUL.....	141





---

## Introdução

“O Estado-nação persiste e entende-se como uma nova série de atores que são, ao mesmo tempo, fonte de reforço a fim de o ajudar a melhor gerir a interdependência e fonte de ameaça quando eles diminuem a sua autoridade e a sua legitimidade”

Charles-Philippe David (2000)

A desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) originou o aparecimento de Novos Estados Independentes (NEI) repartidos entre a Ásia Central, a Europa Oriental e a região do Cáucaso do Sul.

Nesta nova organização do sistema internacional, a bipolaridade do mundo pós-Guerra Fria deu lugar à multipolaridade do poder global. A internacionalização dos fluxos de capitais e das economias nacionais atingiu a sua plenitude<sup>1</sup>, sem que contudo se obtivesse uma nova ordem mundial, mais estável ou segura do que a existente no período da Guerra-Fria (Barata, 2006:7). Em vez disso, assistiu-se ao aparecimento de novas ameaças de cariz não militar, alterando a abordagem do conceito de segurança militar para o conceito de segurança multidimensional.

Geograficamente contíguos, e oriundos de um sistema centralizado em Moscovo, os NEI resultantes da desagregação da URSS, caracterizados pela sua diversidade étnica, linguística, cultural, religiosa e geopolítica transformaram a região num puzzle de difícil solução. No caso concreto do Cáucaso do Sul, em concreto na Geórgia, no Azerbaijão e na Arménia, as diferenças fazem-se igualmente sentir ao nível da quantidade de recursos naturais existentes, das condições socioeconómicas, bem como da orientação política (Freire, 2013:1). Esta heterogeneidade é de particular importância quando se analisam as dinâmicas de segurança regional, quer ao nível intraestatal, quer ao nível interestatal e regional, e na forma como estes três estados do Cáucaso do Sul se relacionam com os diversos atores presentes na região.

Estes NEI iniciaram desde logo um processo de transição para as democratizações, no entanto, tomando diferentes rumos: no caso dos Estados pertencentes à região da Ásia Central - exceção feita ao Tajiquistão, procuraram manter-se alinhados com as políticas dos regimes da era soviética; quanto aos Estados do Báltico preferiram alinhar com o Ocidente, leia-se

---

<sup>1</sup> Na América do Norte, assiste-se à formação da *North Atlantic Free Trade Agreement* (NAFTA) liderada pelos Estados Unidos; na Europa, a Alemanha unificada estabelece a ligação entre o leste e o oeste; no Pacífico, o Japão centraliza uma vasta área de influência (*Office of the United States Trade Representative*, S/D).

com a Organização para o Tratado do Atlântico Norte (OTAN)<sup>2</sup> e com a União Europeia (UE), já os Estados do Cáucaso do Sul – em especial a Geórgia e o Azerbaijão - procuraram desde início “descolar” do antigo regime soviético, se bem que no caso azeri de uma forma menos frontal do que a Geórgia. A Arménia manteve a proximidade com a Rússia nas suas opções políticas.

A Geórgia, dos três Estados o mais pró-ocidental, decidiu a partir de 2003 e da Revolução das Rosas com Mikhail Sakashvili na presidência orientar a sua política externa para a admissão à OTAN e à UE num claro afastamento do jugo da Rússia, constituindo-se como uma ameaça ao interesse russo na região, e contribuindo para relações marcadamente tensas entre as partes (Feire, 2011:92). Este atrito, teve o seu ponto alto em agosto de 2008 quando a Geórgia procurou, através do uso da força, a recuperação dos territórios da Abecásia e da Ossétia do Sul, com clara desvantagem para a parte Georgiana, resultando no reconhecimento internacional da autonomia deste territórios separatistas por parte da Rússia, da Nicarágua, da Venezuela, do Nauru, do Vanuatu, e do Tuvalu (UNPO, 2012)<sup>3</sup>. Com isto, assistiu-se ao congelamento da resolução dos conflitos, a um agravamento no relacionamento da Geórgia com a Rússia, e a um adiamento da entrada georgiana nas estruturas Euro-atlânticas.

O Azerbaijão, pela mão do Presidente Aliyev, e assente no seu potencial económico dos recursos energéticos do Mar Cáspio, optou por um outro rumo de maior independência da Rússia, e direcionado para outros mercados, como a China, e o Ocidente. Desta forma, o Azerbaijão tem-se afirmado como um Estado preponderante na economia energética do Cáucaso do Sul, no entanto mantendo relações com a Rússia, nomeadamente em termos militares, contudo sem querer demonstrar subordinação (Freire, 2013:4).

A Arménia, uma vez que se encontra isolada face ao conflito de Nagorno-Karabakh, não tem relações diplomáticas com a Turquia, nem com o Azerbaijão, e os principais oleodutos e gasodutos contornam o seu território manteve fortes relações de dependência com a Rússia, quer a nível económico, quer militar. Parca em recursos, vê a sua economia sustentar-se, em muito, nas receitas provenientes da sua Diáspora, em especial da norte americana.

Nesta dinâmica de relacionamentos de cooperação e de competição, a Geórgia, o Azerbaijão e a Arménia procuraram de imediato encontrar os alinhamentos mais convenientes à prossecução dos seus interesses nacionais. No entanto, estes novos alinhamentos, não

<sup>2</sup> Ou *North Atlantic Treaty Organization* (NATO).

<sup>3</sup> *Unrepresented Nations and Peoples Organization*

significaram, *de per se*, a integração, tão pouco a estabilidade e a segurança na região. Em vez disso, reavivaram-se os nacionalismos e as disputas, porventura ignorados durante a era soviética, e dos quais resultaram movimentos separatistas de autodeterminação, e conflitos, como é o caso de Nagorno-Karabakh, opondo a Arménia ao Azerbaijão, ou da Abecásia e da Ossétia do Sul, opondo a Rússia e a Geórgia.

Surgiu assim na cena internacional um novo espaço geopolítico, onde se insere o Cáucaso do Sul, onde estão presentes diversos fatores de instabilidade: a atenção e a cobiça por parte de diversos atores - estatais e não estatais - globais - como a OTAN, a UE e os Estados Unidos da América (EUA), regionais - como a Rússia, o Irão e a Turquia, as redes de crime organizado<sup>4</sup>, as multinacionais energéticas, ou os clãs, as instituições religiosas, e as sociedades civis, reavivando disputas, em especial pela exploração e transporte dos recursos energéticos, em particular do gás natural e do petróleo, introduzindo um novo capítulo naquilo que ficou conhecido em tempos como “o Grande Jogo” pelo controlo da Eurásia.

Se por um lado a abertura à democratização dos três Estados do Cáucaso do Sul constituiu uma oportunidade de desenvolvimento, por outro lado, a persistência dos diferendos nos territórios em conflito, como a Abecásia, a Ossétia do Sul e Nagorno-Karabakh, a dificuldade na consolidação da soberania, a proliferação da corrupção, do crime organizado, e o conflito de interesses entre os diversos atores presentes na região - estatais e não estatais - introduziram uma série de desafios à segurança, à estabilidade regional, e por consequência, ao desenvolvimento.

### **Objeto e objetivos de estudo**

Ao longo desta dissertação para mestrado procuraremos compreender o quadro de segurança na região do Cáucaso do Sul, bem como as respetivas dinâmicas, analisando para isso, o contexto geohistórico regional, as diferentes perspetivas e políticas dos atores regionais e extra regionais presentes, bem como os fatores de instabilidade e de insegurança na região. Por fim, fazemos uma cenarização, a curto prazo - 3 a 5 anos - tendo como base as hipóteses mais provável, mais perigosa e menos provável.

Fá-lo-emos, não segundo o conceito realista de segurança, assente em ameaças militares, e tendo os Estados como objeto principal de segurança, mas segundo o conceito de

---

<sup>4</sup> *The United Nations Convention against Transnational Organized Crime (UNCATOC) was adopted by the UN General Assembly on 15 November 2000.2 Article 1 of the UNCATOC defines an “organized criminal group” as a “structured group of three or more persons, existing for a period of time and acting in concert with the aim of committing one or more serious crimes or offences established in accordance with this Convention (the UNCATOC), in order to obtain directly or indirectly a financial or other material benefit.”(Soderblom, 2005)*

---

segurança multidimensional, assente num outro tipo de ameaças – as não militares – trazendo à liça outras dimensões da segurança como a política, a económica, a humana, a societal, a energética, ou a ambiental.

A complexidade das relações entre os Estados do Cáucaso do Sul e os seus diferentes interesses, por um lado, e a presença de outros atores, donde se destacam, a nível extra regional a OTAN, a UE, e os EUA, e a nível regional a Rússia o Irão ou a Turquia, ou atores não estatais, como as grandes multinacionais, em especial as energéticas, as próprias sociedades civis e que jogam os seus interesses nacionais na região, por outro, constituem focos de instabilidade na região e, conseqüentemente, um constante desafio à segurança no Cáucaso do Sul.

Para a elaboração deste trabalho de investigação considerou-se como base a construção dum modelo teórico<sup>5</sup> que permitisse encontrar resposta para a questão formulada: *Em que medida as dinâmicas de segurança na região do Cáucaso do Sul poderão ser explicadas à luz do conceito de complexo de segurança?*

Iremos ao longo do trabalho sustentar a nossa argumentação de que a complexidade de relacionamentos e de interventores no Cáucaso do Sul tornam-na um complexo regional de segurança, moldando as dinâmicas de segurança regional. Este conceito de complexo de segurança regional de Barry Buzan tem por base considerar que os Estados têm tendência a preocupar-se, *prima facie*, com os seus vizinhos - ou seja com as ameaças que lhe estão mais próximas - do que com outros Estados mais afastados. Por outro lado, dentro desta região a interdependência securitária é forte, e são vários os fatores de instabilidade - desde o legado histórico, à diversidade étnica, religiosa, cultural, linguística, à presença de atores regionais e extra regionais, estatais ou não estatais - dificultando uma abordagem realista do conceito de segurança centrada nos Estados, e obrigando os Estados do Cáucaso do Sul a fazê-lo de uma forma integrada, segundo as diversas dimensões da segurança.

Como delimitação do estudo no espaço e no tempo, optámos por contextualizar a região do Cáucaso do Sul no período que se seguiu à desagregação da URSS, sem que contudo, deixassem de ser feitas referências ao legado histórico da região.

---

<sup>5</sup> O método hipotético-dedutivo constrói conceitos sistémicos, hipóteses deduzidas e um modelo teórico no verdadeiro sentido do termo (Quivy, Campenhoudt, 2005: 138). Este método não é induzido pela experiência; é construído por raciocínio abstrato – dedução, analogia, oposição, implicação – ainda que se inspire forçosamente no comportamento dos objetos reais e nos conhecimentos anteriormente adquiridos acerca desses objetos (Quivy, Campenhoudt, 2005: 125).

---

## **Metodologia de investigação e estrutura geral**

A metodologia de investigação utilizada teve como base um modelo dedutivo, recorrendo à consulta bibliográfica de autores nacionais e internacionais, assim como ao estudo de diversos relatórios publicados por organizações internacionais sobre a problemática que envolve este tema, estudo de documentos e discursos oficiais, estudo de dados e estatísticas; preferencialmente foram considerados a análise de monografias, de publicações em série e de relatórios institucionais.

Recorremos ainda à realização de entrevistas dirigidas a duas personalidades de reconhecido renome nos estudos da segurança, a nível nacional e internacional, e com profundo conhecimento da região: a Professora Doutora Licínia Simão, da Universidade de Coimbra, e o General Carlos Branco, atualmente a prestar serviço no Quartel-general da OTAN, em Bruxelas. Estas entrevistas, materializadas num conjunto de cinco questões que se encontram no anexo K visaram trazer o conhecimento prático de quem conhece a realidade dos três Estados do Cáucaso do Sul, tentando assim, testar as nossas ideias, e enriquecer o nosso estudo.

O trabalho está organizado e estruturado em cinco capítulos. Após a introdução e apresentação do tema, ir-se-á procurar efetuar um breve enquadramento concetual e geohistórico da região, para posteriormente, no segundo capítulo, caracterizar o espaço geopolítico do Cáucaso do Sul no período pós-soviético - a sua contextualização regional e internacional, efetuar uma caracterização dos Estados residentes - Geórgia, Azerbaijão e Arménia e dos atores não estatais. No terceiro capítulo focaremos a nossa atenção nos atores extrarregionais presentes na região, estatais e não estatais, - a OTAN, a UE os EUA - e regionais - a Rússia, o Irão e a Turquia - e a forma como jogam os seus interesses na região, mormente através das diversas alianças, alinhamentos e relacionamentos<sup>6</sup> que estabelecem com os Estados residentes do Cáucaso do Sul. No quarto capítulo analisaremos os fatores de instabilidade e de insegurança na Transcaucásia, nomeadamente: a heterogeneidade étnico-religiosa, a localização geográfica, as desconfianças e rivalidades históricas, a desorganização político-administrativa, a debilidade das estruturas democráticas e económicas, os conflitos e as disputas territoriais e de soberania, o crime organizado, a disputa pelos recursos energéticos e os grandes atores. No quinto capítulo, efetuaremos uma análise das tendências da geopolítica da região, e apresentaremos três cenarizações para a mesma, tendo como

---

<sup>6</sup> Trata-se de relacionamentos múltiplos, vividos à escala global, regional, local, que atravessam fronteiras, envolvendo diversos atores da cena internacional.

---

referência o curto prazo, três a cinco anos. Por fim, encerraremos com conclusões e futuras linhas de investigação.

---

## 1. Os Debates teórico-conceituais e a delimitação geopolítica

*“Não podemos entrar em alianças até conhecermos os desígnios dos nossos vizinhos”*  
Sun Tzu em “A Arte da Guerra”

Com o final da Guerra-Fria cessou a capacidade por parte dos Estados em identificar e priorizar a perigosidade das ameaças, até então, mais facilmente caracterizadas, por serem de natureza militar e tendo como seus autores os outros Estados (David, 2000:78). Hoje em dia estas ameaças foram substituídas por riscos e perigos, novos ou não, mas que obrigaram os Estados a alterar a sua hierarquia de preocupações. Consequentemente, o conceito de segurança também se alterou, sendo hoje um conceito direcionado para ameaças difusas, quer na forma, quer nas suas origens, e também nos seus atores, onde predominam fatores como a imprevisibilidade e a transnacionalidade, obrigando, tal como Barry Buzan<sup>7</sup> afirma, a adotar uma visão ampliada, multidimensional de segurança, envolvendo os aspetos humanos, económicos, sociais, ambientais, políticos, militares e energéticos.

Por força da globalização, a permeabilidade das fronteiras ampliou-se, flexibilizou-se, obrigando os Estados soberanos a um novo entendimento no que respeita à sua inserção na comunidade internacional, e à forma como devem planear e executar as suas políticas de resposta face a estes novos desafios de segurança - o Estado já não pode ser o único responsável pela segurança. Citando o Professor Adriano Moreira:” Ou procedemos a numerosas mudanças para enfrentar hoje as novas ameaças, ou aquilo que conhecemos como mundo moderno poderá perder o sentido da segurança e viver em perpétuo medo”(Garcia, 2006:343).

Nesta sociedade global, caracterizada pela multipolarização, com forte interdependência do poder global, *i.e.*, um sistema multipolar interligado, com fortes relações de interdependência e em constante mutação, também o conceito realista de segurança, onde o Estado é o principal ator, o uso da força militar é o instrumento por excelência, e a segurança o objectivo atingir, se alterou. Este processo de integração global, no qual os

---

<sup>7</sup> Para Buzan segurança militar diz respeito às capacidades defensivas e ofensivas de um Estado, bem como a maneira como percebe as intenções dos outros Estados; segurança política diz respeito à organização do Estado, ao sistema de governação e às ideologias que os legitimam; a segurança económica diz respeito ao acesso aos recursos materiais, financeiros necessários ao bem-estar da sua população; a segurança societal diz respeito à identidade da sociedade - tradições, costumes, religiões, língua – a segurança humana (Buzan *et al* 1991:433).

Estados estão cada vez mais interligados<sup>8</sup>, enfraqueceu o poder dos Estados na forma como estes planeiam e executam as suas políticas, internas e externas. Com as novas tecnologias de informação, o poder ficou enfraquecido, fazendo com que os governos já não sejam os detentores do controlo da informação, nem da capacidade de exercer influência sobre os mercados globais, ou de se constituírem como forças de oposição aos grandes grupos económicos transnacionais, nem tão pouco, de responder de forma isolada às novas ameaças, entretanto surgidas. Acresce ainda, que a interdependência dos Estados, bem como a permeabilidade das fronteiras, têm sido aproveitada por Atores Não Estatais (ANE)<sup>9</sup>, como forma destes chegarem às populações, influenciando-as.

Desta forma, a liberdade de circulação e as tecnologias de informação, que se constituem como facilitadoras das ligação entre Estados, bem como de grandes grupos económicos, potenciam a comunicação entre redes de crime organizado, e de um sem número de atividades ilícitas – o terrorismo, o branqueamento de capitais, e as novas formas de terrorismo<sup>10</sup>, caracterizado por ser global, difuso, transnacional, polimorfo, de destruição por destruição, mais violento e letal, que sabe explorar de forma exemplar as tecnologias e os sistemas globais de informação. Assim, torna-se uma tarefa hercúlea para os Estados assegurarem a sua segurança, e a dos seus Estados vizinhos, afastando o conceito de segurança das áreas da geopolítica e dos aspetos estritamente militares, e trazendo-a para o plano global, segundo dimensões, como sejam: a pobreza, o tráfico de droga, as diferentes formas de terrorismo, a poluição, a proliferação de armas de destruição em massa ou os problemas ambientais. Assiste-se à emergência de nacionalismos, aos conflitos de origem étnica e religiosa, ao ressurgimento dos fenómenos de racismo e de xenofobia, bem como à proliferação de conflitos localizados, trazendo a lume a instabilidade provocada pela decadência das velhas superpotências, como é o caso dos conflitos em Nagorno-Karabakh, ou na Abecásia e na Ossétia do Sul. Perante este cenário torna-se mais difícil definir a ameaça, que tal como defendia Sun Tzu é fundamental.

---

<sup>8</sup> Esta integração global dos mercados é largamente explorada pelas grandes corporações internacionais, as quais jogam igualmente o seu papel no sistema internacional.

<sup>9</sup> Segundo Sara Peralta, consideram-se ANE: Organizações Não-Governamentais, nacionais e transnacionais, as grandes multinacionais, organizações criminosas e grupos terroristas e demais organizações pertencentes à sociedade civil, independentemente do ramo de atividade e propósito de agregação. (Peralta,2009:46)

<sup>10</sup> O fato de se estar a assistir à globalização das ameaças, tendo como base a intervenção de novos atores, a aparente perda de protagonismo dos Estados, o crescendo de importância dos valores humanos e identidade dos Estados, a permeabilização das fronteiras, a multipolaridade, bem como a redefinição da arquitetura de funcionamento da comunidade internacional, provocaram uma indefinição na probabilidade de ocorrência, do seu grau de perigosidade, bem como da sua localização (Barata, 2006:9).



---

Este cenário pode observar-se no Cáucaso do Sul. Localizado na encruzilhada entre a Europa, a Ásia e o Médio Oriente, caracterizado pelas diversidades étnica, linguística e cultural, e muito por força da disputa de fronteiras, da existência de economias frágeis, das diferenças de potencialidades em termos de recursos naturais e das rotas energéticas, (Freire, 2011a:92), de problemas sociais, de instituições governamentais débeis ou quase inexistentes, incapazes de implementar reformas que possibilitem a aproximação da região às democracias ocidentais, de diferendos étnicos, e de conflitos intra e interestatais latentes, que teimam em resolver-se, como é o caso dos separatismos da Abecásia, da Ossétia do Sul ou de Nagorno-Karabakh constitui-se como a região mais instável da ex-União Soviética.

Paralelamente, os recursos energéticos existentes na região, e a localização geoestratégica face à proximidade do Afeganistão e do Médio Oriente, bem como a ameaça do terrorismo e do tráfico, têm despertado a atenção dos mais diversos atores estatais e não estatais, globais e regionais. Assim, neste novo “Grande Jogo”, EUA, OTAN e UE - ao nível extra regional - disputam entre si a presença na região, da mesma forma que, ao nível regional, a Rússia, o Irão e a Turquia, e as multinacionais energéticas, as sociedades civis e outros ANE o fazem.

Os EUA tentam estender a sua ação a leste, na perspetiva de encontrar alternativas às suas reservas energéticas, e a estancar a ação da Rússia; esta, por sua vez, evita perder a sua influência naquilo que considera ser o seu *near abroad*; a UE através das suas políticas *softpower*, procura alternativas energéticas ao fornecimento russo; a Turquia, procura a entrada na UE e a sua afirmação como potência regional, o Irão, após a saída do Ocidente do Iraque, procura ocupar o vazio de poder, e contrabalançar a influência russa na região, fazendo de tampão à penetração do Ocidente, em especial dos EUA, e por fim, a OTAN procura o alargamento a leste com o intuito de conter a Rússia, manter-se próximo do Médio Oriente, e manter sob vigilância o nuclear iraniano. É pois neste enredo complexo que, a Geórgia, o Azerbaijão e a Arménia se tentam afirmar, cortando com o seu passado de satélite russo.

Perante este cenário, e numa percepção porventura exagerada das suas ameaças, a Geórgia, o Azerbaijão e a Arménia escudam-se em alianças, alinhamentos e relacionamentos com as grandes potências, mais parecidos com “pactos com o diabo”.<sup>11</sup>

É possível então afirmar, que o Cáucaso do Sul ganhou um peso estratégico incomensurável, não descurando com certeza as suas fragilidades, e os perigos que daí podem advir.

---

<sup>11</sup> A Geórgia em agosto de 2008 durante a “Guerra dos Cinco Dias” com a Rússia ansiava pelo apoio dos EUA, apoio esse que não veio a concretizar-se, e daí a designação de pacto com o diabo.

---

### a) Conceitos e perspectivas

Não é tarefa fácil analisar à luz dos diversos paradigmas da teoria das relações internacionais - realismo, liberalismo e construtivismo - e dos estudos de segurança a região do Cáucaso do Sul<sup>12</sup>. De fato os diversos fatores de instabilidade aí presentes tornam difícil escolher um só paradigma, *de per se*, para explicar a complexidade das dinâmicas de segurança presentes na região<sup>13</sup>. Desta forma, optamos por fazê-lo através de uma abordagem multidimensional do conceito de segurança, onde estão presentes ameaças internas e externas, modelo característico da Escola de Copenhague<sup>14</sup>, encabeçado por Barry Buzan e Ole Weaver.

O conceito de segurança desde sempre se constituiu como uma preocupação para os investigadores das relações internacionais, precisamente pela dificuldade que existe em encontrar uma definição consensual – quais os objetos, os sujeitos e a natureza da segurança?

O conceito realista de segurança, porventura mais visível no período da polarização que se seguiu à Segunda Guerra Mundial e durante o período da Guerra-fria<sup>15</sup>, centrava-se nos Estados, na luta pelo poder, como que secundarizando a segurança para um conceito derivado do poder – a segurança como o resultado do domínio de um determinado ator das relações internacionais – ou como consequência de uma paz duradoura, uma vez que, segundo esta abordagem esta significaria a segurança de todos (Buzan, 1983:2). Aliás, em “*People, States and Fear*”<sup>16</sup> Barry Buzan argumentou que neste fundamento realista os Estados estão obcecados na luta pelo poder, olhando para a segurança como uma forma de medir até que

---

<sup>12</sup> Segundo Luís Tomé, os estudos de segurança incidem sobre a segurança nas relações internacionais, enquanto os estudos estratégicos incidem sobre a dimensão militar das relações internacionais (Tomé, 2010a:19)

<sup>13</sup> Para Barry Buzan uma “região” terá de ser formada por Estados com alguma afinidade, definindo-a em termos de segurança como: “*a distinct and significant subsystem of security relations exists among a set of states whose fate is that they have lock into geographical proximity with each other*”. (Buzan, , 2004:6).

<sup>14</sup> Segundo Barry Buzan e Lene Hansen em *The Evolution of International Security Studies* a Escola de Copenhaga olha para as ameaças e para os objetos da segurança, em especial da segurança societal, e com particular atenção ao nível regional, com especial enfoque na securitização, ou seja, nos processos sociais através dos quais grupos de pessoas constroem algo como sendo uma ameaça, e desta forma ampliando a agenda de segurança uma vez que aumentam os objetos de segurança (Buzan, B., Hansen, L., 2009:36).

<sup>15</sup> Em *New Patterns of Global Security in the Twenty First Century* Buzan defende que durante a Guerra-fria a segurança internacional era dominada pela confrontação política e altamente militarizada entre as duas superpotências, o perigo era real e os assuntos/preocupações político-militares dominavam a agenda securitária (Buzan, 1991:433).

<sup>16</sup> Em *People, State and Fear. National security problem in international relations* Barry Buzan argumenta que ao longo dos anos o conceito de segurança tem sido menosprezado, e que portanto torna-se necessário olhar para o conceito de segurança de uma forma holística, incorporando novos conceitos que até à altura não eram analisados, tais como: a segurança regional ou os setores sociais e ambientais da segurança (Buzan, 1983:11). A razão prende-se com o fato de para falarmos em segurança devemos definir o objeto da segurança, bem como que condições deveremos reunir para alcançar a segurança. Responder que o estado é o objeto da segurança é, segundo o autor, redutor, dado que existem diversos Estados, e as condições de segurança a atingir para uns não serão necessariamente as mesmas para outros. Por outro lado, quando dentro do Estado baixamos até ao nível do indivíduo, ou subimos ao nível do sistema internacional como um todo, verificamos que a segurança não pode ser atingida de forma isolada, pois a segurança de um é condição necessária para a segurança de todos (*Ibid*:13).

ponto é que um Estado em particular, ou um grupo de Estados aliados estarão a atingir os seus objetivos na luta pelo poder, ou mesmo, até que ponto é que o equilíbrio de poderes está efetivamente estável (*Ibid*:7). Ou seja, instalou-se a ideia de que o recurso à tecnologia militar e a superioridade que daí poderia advir seriam o garante da segurança do Estado. Com o fim da contenda entre as superpotências, os aspetos económicos, sociais e ambientais ganharam importância nas prioridades da agenda securitária internacional (Buzan, 1991:433).

A grande questão que se coloca é perceber se o Estado se mantém como “O Sujeito” da segurança. Numa abordagem clássica (realista) diríamos que sim, uma vez que o Estado, em nossa opinião, se mantém como o principal ator das relações internacionais e, sobretudo, o detentor do monopólio do uso da força, onde as chamadas *high politics* – assuntos de guerra e paz entre os Estados, controlo de armamentos, defesa dos interesses nacionais são vistos sempre em função do primado do Estado, em detrimento das *low politics* – o ambiente, os fluxos migratórios, ou a energia, raramente vistas como ameaças à segurança nacional, regional, ou internacional (Tomé, 2010a:25). Já para Stephen Walt, neorealista, no seu trabalho “*The Renaissance of Security Studies*” assumiu que “os estudos de segurança têm o seu enfoque no fenómeno da guerra, na perspetiva de que o conflito entre os Estados é sempre uma possibilidade e que o uso do instrumento militar tem impacto nos Estados e nas sociedades”<sup>17</sup> e, assim sendo, estudar a segurança é fazê-lo através da análise da ameaça, do uso e do controlo da força, explorando as condições que tornam o uso da força mais provável, de que forma o uso dessa força afeta o indivíduo, os Estados, as sociedades, bem como quais as políticas adotadas pelos Estados por forma a prepararem-se para a guerra, para a prevenir ou para a fazer (Walt, 1991:3)<sup>18</sup>. Contudo, e parafraseando James Rosenau<sup>19</sup> “o mundo atual é multicentrado, ou seja, o espaço político é ao mesmo tempo contestado pelo Estado e pelos ANE.” (*Ibid*), os quais muitas vezes ocupam o lugar dos Estados, usurpam o seu poder, e deterioram as suas capacidades.

Numa outra abordagem, como a de Keith Krause e Michael Williams em *Critical Security Studies: Concepts and Cases*, a humanização e a segurança societal são o foco de

<sup>17</sup> Tradução livre do autor.

<sup>18</sup> Citado in *Critical Security Studies. Concepts and Cases* (Krause, K., Williams, M., 1997:38).

<sup>19</sup> Em *Turbulence in World politics* James Rosenau argumenta que na era atual a política internacional foi alterada pelo impacto das novas tecnologias e pelo desenvolvimento de grandes interdependências obrigando a uma bifurcação da política internacional - *the two worlds of world politics* – um mundo caracterizado pelos Estados e pelas suas interações em competição e interação com um mundo multicentrado composto por atores não estatais. Afirma ainda, que estes atores não estatais são determinantes pois têm a capacidade de iniciar e manter ações muito para além do seu estatuto legal ou da sua soberania (Rosenau, 1990:253). Argumenta ainda que, embora muitos destes atores não estatais estejam juridicamente sob a alçada dos Estados, eles são capazes de se livrar dos constrangimentos impostos pelos Estados e seguir as suas metas, sendo o cumprimento da legislação um mero proforma (*Ibid*:249).

---

análise, e o Estado é a raiz do problema da segurança, e não a sua solução (Krause, K., Williams, M., 1997: 44-45). Importa pois olhar para o objeto da segurança de uma forma mais abrangente, onde o Estado porventura já não ocupa o papel principal, da mesma forma que as dimensões interna e externa da segurança deverão ser repensadas, uma vez que a interdependência que se vive nos dias de hoje faz com que acontecimentos no interior de um Estado tenham, ou possam vir a ter, repercussões no exterior, e vice-versa (Tomé, 2010a:27), ou seja a inclusão de ameaças internas e externas à segurança na política dos Estados. Surge assim, na década dos anos noventa a expansão do conceito de segurança a outras dimensões que se interligam: militar, política, económica, societal, energética, ambiental e humana.

É nossa opinião, que no mundo globalizado de hoje o conceito de segurança deixou de estar diretamente correlacionado com as tradicionais ameaças aos Estados de cariz militar, no que concerne à sua soberania, à sua integridade territorial, e dependente da sua componente militar. Muito embora não possamos afirmar que as ameaças de natureza militar deixaram de estar presentes, para a maioria das pessoas a sua insegurança está no dia-a-dia, nas suas preocupações com o emprego, com a saúde, com as questões ambientais, com o crime, com o terrorismo transnacional, ou seja, a segurança humanizou-se.

A noção de segurança está hoje associada, não só à existência de um território delimitado por fronteiras e à existência de um espaço de identidade integrando uma dada comunidade, possuidora de valores comuns - individuais e estatais - como também à existência de um governo, que conduz a comunidade, de forma a garantir os meios necessários e suficientes de resposta a ameaças (de diferente índole) e agressões, respeitando as redes normativas estabelecidas. Aliás, Barry Buzan em *“New Patterns of Global Security in the Twenty-First Century”* refere: “...*The bottom line of security is survival, but it also reasonably includes a substantial range of concerns about conditions of existence. Quite where this range of concerns ceases merit the urgency of the “security” label (which identifies threats as significant enough to warrant emergency action and exceptional measures, including the use of force) and becomes part of the everyday uncertainties of life is one of the difficulties of the concept*” (Buzan, 1991:432-433). De fato, do Estado os cidadãos esperam uma proteção eficaz, bem como zelo pelo seu bem-estar (Silva, 2009).

O conceito de segurança tem subjacente a identificação de uma ameaça, de um risco, provocado por um outro Estado, por um grupo étnico, ou terrorista, ou por causas ambientais. O que está em causa é a existência de uma ameaça e a forma como somos capazes, ou não, de a perceber, e aí reside o desafio. Segundo Kirsten Ainley e Chris Brown, “...*a capacidade*

---

*de alguém se defender é de igual modo uma capacidade de agir ofensivamente”* (Ainley, *et al*, 2012:180), quer isto dizer, que os sujeitos de segurança - Estados ou outros - mesmo quando com intenções defensivas, por exemplo aumentam as capacidades das suas forças armadas facilmente podem provocar interpretações de hostilidade - política e militar - por parte de outros, precisamente, porque esta intenção defensiva é difícil de provar, desencadeando uma espiral de ação-reação (*Ibid*) - o chamado dilema da segurança. Perante este desafio de percepção de ameaça, há mesmo quem defenda, como é o caso de Patrick Morgan, que se torna fundamental restringir o conceito de segurança à segurança física infligida por algo ou alguém através das fronteiras (Krause, *et al*, 1997:23).

Vejamos agora a natureza da segurança.

As ameaças à segurança e à estabilidade no século XXI são consideradas fatores desestabilizadores da democracia, dos direitos humanos e liberdades, do primado da Lei, dos elementos socioeconómicos e do ambiente. As ameaças são transfronteiriças e o terrorismo está acompanhado doutros males como o crime organizado, a imigração ilegal, as desigualdades económicas e sociais, a discriminação e a intolerância, fatores que são geradores de violência, muitas vezes culminando com ameaças político-militares. Segundo Charles Phillippe David, a segurança dos Estados, deixando de ser global, depende mais da segurança das regiões onde estão inseridos (David, 2000:70) e, como tal, estamos perante diferentes complexos de segurança em virtude da diversidade das características regionais, como sejam, por exemplo, a região do Cáucaso do Sul.

Paralelamente, este processo tem sido acompanhado por uma revolução técnico-científica, fazendo com que, em virtude do alcance mundial e da crescente popularização de ferramentas, como os canais privados de televisão e da Internet, e da proximidade que provocam, as fontes de informação se uniformizem. Esta globalização, mais do que potenciar as relações entre os demais atores do sistema internacional induziu uma crescente magnitude de fluxos globais, aumentando o grau de interdependência entre os Estados – uma interdependência complexa, como classificou Joseph Nye Jr<sup>20</sup>. Neste quadro, a delimitação da política interna e externa dos Estados, torna-se muito ténue e permeável. Vejamos: a revolução técnico-científica potenciou as relações entre os diversos agentes do sistema internacional nas diversas áreas, desde a comercial, à investigação científica, e outras áreas de interesse, mas da mesma forma, serviu de catalisador ao estabelecimento de redes terroristas.

---

<sup>20</sup> Aquilo que Joseph Nye Jr definiu como « Interdependência Complexa » e onde a soberania dos Estados se exerce com a assistência de outros atores do sistema internacional, como sejam as organizações colectivas de defesa (Nye, 2002:236).

Segundo Luís Moita, a globalização, apesar de se repercutir numa ideia de bem acrescido para a Humanidade, quase como uma panaceia para todos os males, tornou-se “facilitadora” do crime organizado, enquanto mal público global (Moita, 2009). De fato hoje em dia, acontecimentos que ocorrem num local distante repercutem-se, de imediato, ao nível global. Este fato deve-se à visualização maciça e aos seus efeitos nos diversos órgãos de comunicação social, induzindo nas pessoas um sentimento de insegurança generalizado, ou seja a globalização desterritorializou a segurança (Barata, 2010:6)<sup>21</sup>.

Neste novo ambiente, como referido por Myriam Dunn Cavelty e Victor Mauer, um olhar mais aprofundado para os sujeitos e objetos da segurança leva-nos a tomar em maior consideração as questões locais, em detrimento das globais, assim como as rotineiras em vez das excepcionais (Cavelty, *et al*, 2010:4). Existem ainda investigadores, como Kristian Kristensen para quem no ambiente volátil de hoje, a segurança absoluta é um estado inatingível e onde a única coisa que podemos almejar é a gestão dos riscos e das ameaças: ao nível, local, regional e global (Kristensen, 2008)<sup>22</sup>. Quer isto dizer, que o conceito de segurança deixou de ser – ter ou não segurança – para passar a ser abordado segundo a gestão de riscos e ameaças, bem como da análise de vulnerabilidades e na forma como as mitigar, em detrimento de ameaças e guerras contra um inimigo claramente identificado – um outro Estado.

O Estado vê-se hoje confrontado com uma série de ANE que o obrigaram a reformular o seu papel, a repensar a sua capacidade de resposta, e esta deve passar pela intervenção de diversos organismos, quer ao nível interno, quer ao nível externo, bem como de integrar diversas dimensões, ou seja, que seja transversal aos diversos setores da sociedade.

Partindo deste pressuposto, Barry Buzan construiu um modelo holístico de segurança envolvendo vários níveis - macro e micro: indivíduos, Estados e sistema internacional - e setores - político, militar, económico, societal e ambiental. O argumento utilizado por Buzan na construção deste modelo assentou no fato de considerar míope o ponto de vista realista, uma vez que, segundo ele, analisar a segurança como se de uma luta pelo poder se tratasse é insuficiente, pois para os Estados compreenderem a sua segurança nacional necessitam de o fazer de uma forma interligada, olhando para o intrincado de ligações entre os diversos setores e níveis envolvidos (Buzan, 1991:433). Importa pois analisar as ameaças presentes nos diversos setores.

<sup>21</sup> Trabalho realizado pelo autor no âmbito da disciplina de Estudos Estratégicos durante o Curso de Estado-Maior Conjunto 2009/2010, Instituto de Estudos Superiores Militares.

<sup>22</sup> *In The Routledge Handbook of Security Studies* (Cavelty, *et al*, 2010:4)



---

Ao nível do setor político, Barry Buzan considera que as ameaças políticas são uma ameaça constante ao Estado, e que são as mais difíceis de identificar – mais do que, por exemplo, as ameaças de origem militar. Entre elas identificam-se a competição pelas diferentes ideologias ou os ataques à Nação, sendo que Buzan distingue entre as ameaças políticas de forma intencional e aquelas que surgem estruturalmente, resultantes do impacto de alternativas externas à liberdade dos Estados (Buzan, 1991:120). A segurança política centra-se no sistema de governação, no grau de coesão política, nos níveis de legitimidade e na presença de ideias de estarmos perante um Estado. O desenvolvimento e a coesão sociopolítica constituem-se como fator determinante da segurança política de um Estado e da região onde este se insere, e é frequente assistirmos a intervenções externas como resposta a situações de insegurança política provocadas por fraca coesão sociopolítica, as quais poderão desencadear outras questões securitárias, como por exemplo: migrações em massa, regionalismos, ameaças à identidade nacional dos Estados (Roehrs, 2005:7), muito embora Barry Buzan e Ole Weaver argumentem em *“Region and Powers-the Structure of International Security”* que algumas destas ameaças ao Estado tenham sido transferidas para o setor societal como questões de identidade, ou seja, constituindo-se como uma ameaça à identidade nacional (Buzan, B., Weaver, O., 2003:357-358) e dificultar o desenvolvimento do Estado<sup>23</sup>. Exemplo disso será a crescente oposição do Islão como oposição à hegemonia cristã ocidental, resultante do fim da Guerra-Fria, papel até então desempenhado pelas ideologias comunistas, com origem em rivalidades históricas ou em ressentimentos do domínio do Ocidente no Médio Oriente pós-colonialismo (Buzan, 1991:448).

A segurança económica de um Estado prende-se com a possibilidade de aceder aos recursos materiais, financeiros e aos diferentes mercados de forma a assegurar o crescimento económico capaz de garantir o financiamento das atividades do Estado, e por conseguinte, do bem-estar da sua população (*Ibid*:445). Atrasos no desenvolvimento e a dependência financeira de instituições, como por exemplo o FMI ou o BM, para os orçamentos de funcionamento dos Estados - caso do Bangladesh - podem conduzir à incapacidade de assegurar as condições básicas de vida das populações, como é o caso do Sudão, da Etiópia, da Somália, e de tantos outros Estados (Buzan, 1991:446). Neste capítulo importa referir que, pela própria natureza da economia as ameaças à segurança económica são de difícil definição. Como Barry Buzan referiu *“the normal condition of actors in a market economy is one of risk, aggressive competition and uncertainty”* (Buzan, 1991:120), fazendo com que, virtude

---

<sup>23</sup> *In some countries the opposition to EU integration is articulated primarily with reference to national identity (societal security), in others to state sovereignty (political security)* (Buzan, B., Weaver, O., 2003:357-358).

---

da sua subjetividade, cada ator tenha a sua percepção dos mercados e das ameaças que daí podem advir.

O setor económico é um exemplo claro da ligação entre os diversos sectores, uma vez que, por exemplo a segurança militar está altamente dependente dos orçamentos dos Estados para o necessário desenvolvimento tecnológico capaz de garantir essa mesma segurança, assim como o financiamento das atividades do Estado são fundamentais à sobrevivência e bem-estar das suas populações.

No que concerne à segurança ambiental, Barry Buzan definiu-a como: “...a preservação das condições ecológicas que suportam o desenvolvimento da atividade humana.” (Burgess, 2008:94), ou seja, pretende-se a ausência de ameaças que ponham em causa as condições necessárias e suficientes à manutenção ou à obtenção das condições básicas de vida. Ora nesta dimensão, inserem-se, *prima facie*, as questões das alterações climáticas, tão em voga nas nossas sociedades, mas igualmente as catástrofes de origem natural, os terremotos, ou os furacões, quaisquer deles difíceis de controlar<sup>24</sup>. Independentemente da veracidade do princípio causa-efeito, podemos afirmar que, de alguma forma, as alterações climáticas e as catástrofes naturais a elas associadas têm, *de per se*, contribuído para o aumento de conflitos, nomeadamente das guerras civis, dos conflitos intergrupais, e outros – veja-se as consequências do terremoto ocorrido no Haiti em 12 de Janeiro de 2010 (Burgess, 2008:67). Contudo, quaisquer iniciativas que possam ser tomadas estarão sempre dependentes da segurança política e económica para abraçar estes projetos, uma vez que se tratam de ameaças globais e não a um dado Estado.

Peter Burgess refere ainda a interligação entre a escassez de recursos, a degradação de condições de vida e a existência de conflitos (*Ibid*). Assim, verificamos que existe nexo de causalidade entre a capacidade que ao nível económico, social e político as sociedades (comunidades) têm para resistir a catástrofes naturais, e a maior ou menor probabilidade de ocorrência de conflitos. Mas esta dimensão desce ainda ao nível do indivíduo, na medida em que a destruição de lares, de culturas agrícolas e de infraestruturas essenciais, ou seja do grau de estruturação do Estado condicionam a vida das populações, deixando à dimensão militar um papel irrelevante (Barata, 2010:10-11).

Embora a energia não esteja inserida na abordagem multidimensional de Barry Buzan, e pelo fato de ser um aspeto que interfere com todos níveis e setores anteriormente referidos –

---

<sup>24</sup> Em 1997, e sob os auspícios das Nações Unidas, cinquenta e cinco Estados assinaram o Protocolo de Quioto, do qual resultaram recomendações para a redução de emissões de gases como o dióxido de carbono, e outros gases nocivos.



---

militar, político, económico, societal e ambiental - importa fazer uma referência à segurança energética.

Este conceito de segurança energética visa prevenir a rutura de fornecimento energético por parte dos países produtores<sup>25</sup> (Silva, 2008:1), mas não só, uma vez que ele depende do que os Estados pretendam obter com esta segurança, *i.e.*, qual é o seu estado final desejado: por exemplo, para a Rússia segurança energética significa dominar o Cáucaso e os corredores energéticos para a Europa, e evitar a penetração norte americana na região. Para os Estados Unidos da América significa manter-se na Europa, perto da Rússia, e assegurar fontes energéticas alternativas às suas reservas energéticas – motivo pelo qual a Ásia Central constitui uma das prioridades no seu quadro estratégia de segurança nacional.<sup>26</sup>

Todavia, a segurança energética não diz somente respeito às ameaças de eventuais rupturas de fornecimento por questões políticas, como foi o caso acima descrito. As novas ameaças do século XXI contemplam a possibilidade de atentados terroristas contra as infraestruturas produtoras e distribuidoras, os cortes no fornecimento provocados pelas catástrofes naturais, como foi o caso do furacão Katrina no Outono de 2005, os conflitos armados, ou a pirataria (Yegin, 2006:70). Esta nova realidade, de grande interdependência energética, leva os Estados a olhar para a segurança energética como uma relação biunívoca entre produtores e consumidores, numa tentativa de manter a cadeia de fornecimento, e mais, obriga-os a pensarem as suas relações, quer bilateralmente, quer multilateralmente (Barata, 2010:11-12).

Paralelamente, a energia representa para os Estados o garante da vitalidade da sua economia, e por consequência, do seu desenvolvimento, permitindo aos Estados utilizá-la como instrumento político. A este título relembrar as palavras de Barry Buzan e de Ole Weaver em *“Region and Powers: the Structure of International Security”* *“The main prize in the geopolitics of Central Asia and the Caucasus is control of the transportation of oil and*

---

<sup>25</sup> Recordemos que “Até à Revolução Laranja de 2004, a Ucrânia beneficiava de tarifas especiais sobre o preço do gás, na altura cerca de 50 dólares norte americanos por 1000 metros cúbicos. No dia 1 de janeiro de 2009, a empresa russa Gazprom, depois do fracasso das negociações sobre os preços e das condições a aplicar em 2009 interrompeu o fornecimento de gás à Ucrânia.” (Parlamento Europeu, 2009).

<sup>26</sup> Os Estados Unidos da América definiram na sua Estratégia de Segurança Nacional em 2002, que constituía um objetivo nacional articular as suas ações com os seus aliados, parceiros comerciais e produtores de energia no sentido de diversificarem as fontes energéticas e desenvolverem tecnologias mais eficientes para que se alcance um aumento da segurança energética, em particular na Ásia Central, na região do Cáspio e em África. De acordo com a estratégia americana de segurança e mantendo o idioma original: *...“Enhance energy security. We will strengthen our own energy security and the shared prosperity of the global economy by working with our allies, trading partners, and energy producers to expand the sources and types of global energy supplied, especially in the Western Hemisphere, Africa, Central Asia, and the Caspian region. We will also continue to work with our partners to develop cleaner and more energy efficient technologies.”* (National Security Strategy, 2002:19).

---

gas. *For some is about energy, for others mostly about the economic implications, to others again it is mainly a way to gain influence and/or preventing others from doing so*” (Buzan,B., Weaver, O., 2003:422). Para além disso, as diversas questões que envolvem o mercado energético, desde as reservas disponíveis, às exigências por parte de grandes atores, como os EUA ou a China, à dependência energética por parte de alguns atores, como por exemplo a UE, ao aumento dos preços, à instabilidade política em regiões produtoras e que utilizam a energia como arma política contra outros Estados (como foi o caso da Rússia face à Ucrânia) catapultaram a energia para a agenda internacional.

Segundo Gina Soares, o consumo energético tem vindo a aumentar desde o início da década de noventa do século XX (Soares,2008:1). A Agência Internacional de Energia (AIE), afirma que o forte crescimento económico da China e da Índia provocarão um aumento na procura de energia a nível mundial de mais de 50% até 2030 (*International Energy Agency*, 2007). Assim, verificando-se o aumento de consumidores e a diminuição dos recursos, a segurança energética passou a dominar a agenda da maioria dos Estados, servindo de catalisador para a exploração de novas fontes energéticas, bem como para a construção de novos corredores de transporte. Segundo este contexto, compreende-se que a competição pela energia e pela segurança energética possa conduzir ao agravamento de tensões já existentes (Barata, 2010:11-12). Estas constituem um entrave ao desenvolvimento e uma ameaça á soberania dos Estados. Como referiu Durão Barroso, em Roma, durante o Congresso Mundial da Energia realizado a 12 de novembro de 2007:” *Energy is not an issue in itself, it has impact on other sectors: If I am asked today what is the most important issue for global security and development, the issue with the highest potential for solutions but also for serious problems if we do not act in the right way, it is energy and climate change. Energy today is not only considered as a major challenge from an economic point of view but precisely for its implications for environment and climate. Because of increased competition for scarce resources, it poses serious concerns for global security*” (Barroso, 2007).

A segurança energética pode ser vista segundo três perspetivas: a do produtor, a do consumidor e do transporte. No que diz respeito aos produtores, a segurança da produção é fundamental, e neste capítulo os combustíveis fósseis dominam, fazendo com que as grandes companhias petrolíferas usem a produção energética como instrumento para os seus interesses políticos. Quanto aos consumidores, procuram através do instrumento político e militar assegurar o fornecimento energético o mais barato e seguro possível, e sobretudo diversificado, para evitar grandes dependências. Contudo, o aumento do consumo global, e o

aumento dos preços pode por em risco o fornecimento a alguns Estados incapazes de acompanhar a subida de preços, levando a uma dependência entre produtores e consumidores, e criando situações de desconfiança entre eles. Veja-se por exemplo as disputas de gás entre a Rússia e a Ucrânia em 2006 e em 2009, e que levaram a questão da segurança energética para as primeiras páginas dos meios de comunicação social. Por fim um olhar para o transporte energético. Neste capítulo a segurança do transporte e do fornecimento tem vindo a ganhar importância para as economias dos Estados por onde passam os oleodutos e gasodutos, mas não somente na sua dimensão económica, uma vez que colhem benefícios para o desenvolvimento das suas economias, como também política, uma vez que eles jogam este seu papel na cena internacional.

Face ao descrito podemos afirmar que atualmente a energia passou a ocupar a agenda de *high politics* dos Estados numa perspectiva de ameaça existente, capaz de colocar em risco os Estados, e que é transversal aos diversos setores de segurança defendidos por Buzan, e até agora por nós referidos. Quer isto dizer que uma definição de segurança energética poderia ser um tipo de segurança que abrangesse os diversos setores - político, militar, económico, societal e ambiental - a diferentes níveis - internacional, regional, nacional e individual - e através de diversos atores - Estados, companhias, ONG, OI, indivíduos - de forma a garantir a segurança e a sustentação da procura/fornecimento energético a preços

Neste mundo global e interdependente, onde reina a influência crescente dos ANE, a segurança alarga-se a outras dimensões que não somente a militar, apelando aos direitos por melhores condições de vida das populações, muitas vezes ligadas a outras dimensões de segurança, que não militares, consideradas por Johan Galtung<sup>27</sup> como superiores ao direito de soberania e à integridade territorial dos Estados, ou seja, a segurança humana deve ter prioridade em relação à do Estado. É a humanização da segurança.

---

<sup>27</sup> Johan Galtung é considerado o pai desta abordagem (David, 2000:21). Ao estudar o conceito de paz, Galtung fê-lo de uma forma abrangente incluindo na sua definição um novo conceito de violência. Nos seus estudos de paz definiu-a como a ausência de violência em vez de ausência de guerra, definindo violência como: “*violence is present when human beings are being influenced so that their actual somatic and mental realizations are below their potential realizations*”, ou seja a violência é algo que produz um entrave entre as capacidades físicas e psíquicas dos seres humanos e as suas condições de vida (Galtung, 1969:168). Segundo este modelo, considera três níveis de violência: a pessoal, a cultural e a estrutural - a violência que resulta em danos para o ser humano mas sem ser possível identificar o autor da violência. Assim, nesta perspectiva, a pobreza, o subdesenvolvimento, a opressão e outras maleitas sociais que diariamente afetam milhões de pessoas podem ser vistas como manifestações de violência, e a sua eliminação uma condição para o garante da paz. Podemos pois afirmar que Galtung, um pouco à semelhança do que Barry Buzan fez com o conceito multidimensional de segurança, através de uma nova definição de violência, introduziu um conceito de paz abrangente com enfoque no ser humano.

---

Segundo Charles-Philippe David, o termo segurança humana foi utilizado pela primeira vez num relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) em 1994<sup>28</sup> quando se pretendeu chamar à atenção para a necessidade e, conceitualmente, efetuar uma transição da segurança militar para a segurança humana, avaliado que foi o fato do sentimento de segurança das pessoas estar diretamente interligado com o seu dia-a-dia, ou seja, contemplando a segurança pessoal, política, coletiva, económica, alimentar, ambiental e de condições de saúde - “*The world can never be at peace unless people have security in their lives*” (*Human Development Report*, 1994:1). A segurança humana, marca a vontade internacional de ingerência humanitária nos Estados nos casos de populações em dificuldade ou em perigo, devido ou não, a problemas militares de segurança - são exemplo, o caso do genocídio no Ruanda em 1994, acompanhado dos direitos fundamentais universais da pessoa humana plasmados na Carta das Nações Unidas de 1948 (David, 2000: 83).

Em junho de 1999, após a intervenção da OTAN contra a Sérvia, o conceito de segurança humana foi reforçado pelo então Secretário-geral das Nações Unidas Kofi Annan, quando este declarou: “ ... o ser humano está no centro de tudo. O próprio conceito de soberania nacional foi concebido para proteger o indivíduo, que é a razão de ser do Estado, e não o inverso. Já não é aceitável ver governos a trapacear os direitos dos seus cidadãos sob o pretexto de soberania” (*Ibid*: 80). Mais tarde, em dezembro de 2001 no relatório “*The Responsibility to Protect: the 2001 report by the International Commission on Intervention and State Sovereignty*” surgiu o enquadramento legal para o direito de intervenção humanitária e reforçou-se a necessidade de olhar para a segurança humana como: “*Human security means the security of people – their physical safety, their economic and social well-being, respect for their dignity and worth as human beings, and the protection of their human rights and fundamental freedoms*” (ICISS, 2001:15), marcando uma mudança da segurança do estado, através do instrumento militar, para a segurança do desenvolvimento humano através do acesso à alimentação e ao emprego e da segurança ambiental (*Ibid*:21-22). Em 2003 o Secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, solicitou ao *High-level Panel on Threats, Challenges and Change* que revisse a forma como a ONU iria abordar as novas ameaças do século XXI, e o painel fê-lo apresentando o relatório “*A More Secure World: Our Shared Responsibility*”, onde podem ser observadas diversas referências à segurança humana, das quais se ressalva a decisão do Conselho de Segurança da ONU apenas autorizar

---

<sup>28</sup> *The 1994 Report introduces a new concept of human security, which equates security with people rather than territories, with development rather than arms. It examines both the national and the global concerns of human security (Human Development Report, 1994)*

---

uma atuação militar segundo uma série de critérios, sendo um deles a gravidade de uma dada ameaça:” *Is the threatened harm to State or human security of a kind, and sufficiently clear and serious, to justify prima facie the use of military force? In the case of internal threats, does it involve genocide and other large -scale killing, ethnic cleansing or serious violations of international humanitarian law, actual or imminently apprehended?* (United Nations General Assembly, 2004:57-58). Por fim, na sequência da 59ª Cimeira Mundial da ONU, realizada de junho de 2005 a Assembleia Geral da ONU reforçou a importância das pessoas viverem em liberdade e com dignidade, livres da pobreza e do desespero e instou os Estados a encontrar uma definição de segurança humana (United Nations General Assembly, 2005:32).

A segurança humana marca pois uma separação entre a segurança do Estado e a do indivíduo. É suposto que os cidadãos sejam protegidos pelo Estado, pelo que, se isso não acontece, este não está a cumprir uma das funções para a qual foi criado. Neste aspeto, Barry Buzan afirma que, na sua maioria, os cidadãos , enfrentam ameaças emanadas pelo Estado, direta ou indiretamente – surgindo assim o conceito de segurança societal (*Ibid*: 83). Barry Buzan definiu esta dimensão em 1998 no que concerne à sobrevivência identitária dos Estados, e daqueles que ao nível infra ou supra dos Estados contribuem para alterar a sua identidade (*Ibid*:92). Quer isto dizer, que questões como a soberania, as etnias, a Nação, ou a religião se tornaram um fator a ter em consideração nos estudos da segurança. Nesta dimensão, procura-se que exista uma sintonia entre o Estado e a Nação, de outra forma, poderemos assistir a confrontos étnicos, religiosos, uma vez que estes fatores irão ser geradores de tensões inter e intraestados. A título de exemplo pensemos nos campos de refugiados, ou nos fluxos migratórios que frequentemente reconfiguram as distribuições étnicas (*Ibid*:93). Aliás, muitas vezes este tipo de problemas extravasa as fronteiras do Estado, envolvendo outros agentes que não os Estados, como sejam as organizações internacionais OI e as ONG, internacionalizando, desta feita, os fenómenos.

A Escola de Copenhague introduziu ainda um outro conceito que julgamos deverá ser trazido à liça, uma vez que serve de enquadramento às dinâmicas de segurança regional do Cáucaso do Sul – o complexo de segurança regional.

Antes de abordar o conceito de complexo de segurança regional importa encontrar uma definição de região. Barry Buzan e Ole Weaver definem região como o nível onde os extremos da segurança nacional e global interagem, e onde a maior parte da ação ocorre – interação dos atores globais ao nível do sistema internacional e *clusters*<sup>29</sup> de interdependência

---

<sup>29</sup> Entenda-se um cluster como uma concentração de um grupo de elementos iguais ou semelhantes

---

securitária ao nível regional (Buzan,B., Weaver, O., 2003:43). Em relação ao complexo de segurança regional os referidos autores definem-no como: “*a set of units whose major processes of securitisation, desecuritisation, or both are so interlinked that their security problems cannot reasonably be analysed or resolved apart from one another*”(Buzan,B., Weaver, O., 2003:44). Exemplo disso são a forma como a segurança do Médio Oriente está dependente das relações Israel-Palestina, ou o Cáucaso do Sul, e os relacionamentos entre os três Estados residentes - Geórgia, Arménia e Azerbaijão - como veremos mais adiante.

Segundo Barry Buzan e Ole Weaver “*The central idea in regional security complex theory is that, since most threats travel more easily over short distances than over long ones, security interdependence is normally patterned into regionally based clusters: security complexes*” (Buzan,B., Weaver, O., 2003:4). Quer isto dizer que, historicamente, os Estados preocupam-se mais com as capacidades e com as intenções dos Estados vizinhos do que em relação a Estados mais distantes, ou seja, a interdependência securitária é mais forte entre atores dentro destes complexos do que entre atores dentro dos complexos e aqueles que se encontram fora deles (*Ibid*). Dentro de cada complexo de segurança regional existem Estados que internamente possuem os seus medos e as suas aspirações - dependentes das suas características e dos seus elementos fraturantes - fazendo com que a sua segurança de forma isolada tenha de ser analisada dentro das dinâmicas de segurança da região onde se inserem (*Ibid*:43).

Barry Buzan e Ole Weaver definiram ainda quatro níveis de análise que devem ser observados nos estudos de segurança dos complexos de segurança regional: ao nível interno, em especial as suas vulnerabilidades - *statebuilding* -; as relações interestatais - as quais estão na origem da região -; a interação entre a região e as regiões vizinhas - embora com menos peso, uma vez que a definição de complexo refere-se a relações dentro da região -; e por fim, o papel dos atores globais na região - em particular as relações entre as estruturas globais e regionais.

Ao longo deste trabalho procuraremos analisar as dinâmicas de segurança no complexo de segurança regional do Cáucaso do Sul, tendo como base para essa análise o conceito multidimensional de segurança introduzido por Barry Buzan.

### **b) Delimitação e caracterização geral do Cáucaso do Sul**

A região do Cáucaso tem estado intimamente ligada às alterações na ordem internacional. É assim desde o tempo dos czares russos, desde Pedro I, o Grande, à ameaça



---

que os Eslavos infligiram a Constantinopla através do Mar Negro, ao Cerco de Sebastopol durante a Guerra da Crimeia.

Quando no final do século XVII a Rússia Czarista pensou em alargar a sua influência na região, fê-lo com o objetivo de contrabalançar as potências regionais - o Império Otomano e o Império Persa. Ciente do potencial geopolítico da região, quer em termos energéticos, quer em termos agrícolas, esta região situada entre o Mar Negro e o Mar Cáspio passou, a partir do século XIX, a fazer parte do Império Russo.

Desde cedo que a Geórgia, a Arménia e o Azerbaijão lutaram para se afastar do jugo imperial russo. Aproveitando a fragilidade russa provocada pela revolução bolchevique de 1917, proclamaram a sua independência em maio de 1918 (Petrosyan *et al*, 2009:60). Mais tarde, em 1920, a região voltou a ser ocupada pelo autoritarismo russo, e assim permaneceu até 1991.

Após a desintegração das repúblicas da URSS, quinze novos Estados emergiram na cena internacional, repartidos entre a Ásia Central, a Europa Oriental e o Cáucaso, embora a bom rigor tenham sido somente doze, uma vez que em 2004 os Estados do Báltico – Estónia, Letónia e Lituânia ingressaram na UE e na OTAN. Se no caso da Ásia Central - exceção feita ao Tajiquistão - a maioria dos novos Estados mantiveram uma política assente na continuidade dos regimes da era soviética, mantendo grande parte das instituições, o monopólio do poder - no Cáucaso do Sul o caso foi distinto. Aí, através da criação das suas próprias instituições governamentais segundo o modelo europeu de Estado-Nação, houve uma tentativa de “descolar” do antigo regime soviético totalitário e monopartidário e dominado por uma única ideologia, fazendo a transição para regimes democráticos e assentes em economias de mercado (Nodia, 2003:25), mas por outro lado, a diversidade étnica e religiosa, os aspetos culturais, as influências externas na disputa pelos recursos energéticos - em particular do petróleo e do gás natural - o aparecimento de diversos investimentos na região, competindo entre si, fizeram com que proliferassem as guerras civis e os conflitos étnicos (Guedes, 2008). Outro fator que importa trazer à liça foi o desejo da Ucrânia e da Geórgia, após as suas revoluções coloridas, de aderirem à OTAN. Este ensejo redirecionou-os política, económica e militarmente para outro espaço geopolítico, a região Euro-atlântica, dando-lhes a perceção de que se constituíam como a fronteira leste da Europa, e não como

---

Estados periféricos do espaço pós-soviético<sup>30</sup>, numa postura percecionada pela Rússia como anti-pós-soviética (Nikitin, 2007:3-4).

Como consequência deste novo ordenamento mundial surgiu um novo *playground* geopolítico - encerrando em si razões geoestratégicas de importância, bem como de segurança regional - caracterizado pela instabilidade política, pelos conflitos intra e interestatais, numa competição política e comercial pelo controlo dos inúmeros recursos energéticos dos recém-formados Estados, em particular do Azerbaijão, do Turquemenistão e do Cazaquistão, os quais dispõem de grande parte dos recursos na região (Arvanitopoulos, 1998:1), e que constituem o *near abroad* russo - um espaço onde ainda hoje vigoram os interesses da Rússia<sup>31</sup>. Isto ajuda a compreender o porquê da região ser vista como um sub-complexo regional de segurança incluído na CEI e numa região de domínio russo (Buzan, B., Weaver, O., 2003:397).

Neste espaço e neste novo ordenamento do sistema internacional surgiram novos atores extra regionais: falamos dos EUA, da OTAN, da UE, e até da China, com interesses diversos, e nem sempre complementares<sup>32</sup>.

No caso dos EUA e da OTAN a região surgiu como uma oportunidade, mas de igual forma, como uma ameaça, pelo que desencadeou uma maior atenção e envolvimento (Lynch, 2003:16). Esta presença surgiu de uma forma mais marcada na sequência dos atentados de 11 de Setembro de 2001 - os quais conduziram ao início da guerra contra o terrorismo no Afeganistão, materializando-se através da utilização de bases militares no Quirguistão, medida profundamente apoiada pela Rússia, o que aliás se pode considerar como uma das poucas parcerias entre os EUA e a Rússia do período pós-Guerra Fria. No que respeita à

---

<sup>30</sup> Entenda-se o espaço pós-soviético como o resultante da implosão da URSS, etnicamente, linguisticamente, religiosamente e culturalmente heterogéneo, onde podemos englobar diversas regiões, bem como espaços geopolíticos.

<sup>31</sup> “Dizemos há muito que não temos um monopólio sobre as relações com estes países depois de se terem tornado independentes. Respeitámo-los plenamente, tratamo-los como estados soberanos que têm o direito de escolher seus parceiros” - *Serguei Lavrov numa entrevista à Voz da Rússia* (Voz da Rússia, 2011).

<sup>32</sup> Por força da delimitação no espaço do trabalho, a China não foi alvo de análise. Contudo uma breve referencia à sua presença no espaço pós-soviético. Esta faz sentir-se, *inter alia* através da diplomacia de charme com diversos Estados como os EUA, a Tailândia, a Índia, com o intuito de estabelecer diálogos bilaterais sobre a segurança, ou através da participação em diversos exercícios militares, ou na participação cada vez mais marcada em organizações multilaterais, como a Organização para a Cooperação de Xangai (OCX) (Tomé, 2006:25-27). Criada em 15 de junho de 2001, congregando a China, o Cazaquistão, o Quirguistão, a Rússia, o Tajiquistão e o Uzbequistão, a OCX visa fomentar a criação da cooperação ao nível económico entre os seus parceiros, com especial incidência na Ásia Central. Esta cooperação, tendo a China como *lead nation*, encontra-se alicerçada em acordos bilaterais que esta tem desenvolvido com os diversos intervenientes da organização, maioritariamente centrados nos recursos energéticos da região. São exemplo disso, os acordos celebrados com o Azerbaijão em 1998 para o fornecimento de petróleo e de gás natural (Svante, *et al*, 2002:61), ou a estabelecida com a Rússia em 1996, com o objetivo de assegurar o fornecimento de armamento, petróleo e gás natural, bem como de forma a servir de tampão aos EUA (Tomé, 2006:25-27).



OTAN, uma referência aos processos de participação da Geórgia e do Azerbaijão no *Partnership for Peace (PfP)* desde meados dos anos noventa. No caso da UE, esta presença fez-se sentir através da sua Política de Vizinhança Comum – veja-se por exemplo, o apoio demonstrado aquando das revoluções coloridas, ou mais recentemente em 2008, como mediador da guerra entre a Rússia e a Geórgia.

Para além dos atores extra regionais, também atores regionais, como a Rússia, a Turquia ou o Irão têm marcado presença na região do Cáucaso. No caso russo, através de relações bilaterais, onde procura manter a influência na região, como as que vai mantendo com a Arménia ou o Azerbaijão, da mesma forma que procura fazer valer o fato de se constituir como principal fornecedor energético para a Europa, e ao mesmo tempo tentando fazer de tampão à penetração do Ocidente no seu *near abroad*.

No caso da Turquia, ressalva-se o apoio ao Azerbaijão na resolução do conflito de Nagorno-Karabakh, quer ao nível militar, quer ao nível diplomático. Porquanto ao Irão diz respeito, dizer que o espaço pós-soviético regressou à agenda iraniana com a implosão da URSS e com o aumento da presença de potências ocidentais na região. Procura acima de tudo manter a sua segurança a nível regional, contendo a penetração dos EUA e contrabalançando o poder russo e turco, amigos de longa data dos longínquos séculos XVII e XVIII (Sharashenidze, 2011:2) e regressar a um palco outrora de sua influência, sobretudo no Cáucaso do Sul. Aí, ressalvam-se as relações de proximidade com a Arménia, na perspetiva de contrariar o apoio e a influência turca ao Azerbaijão no que respeita ao conflito de Nagorno-Karabakh<sup>33</sup> (*Ibid*:3).

Fruto do clima de instabilidade, em larga medida provocado pelos *frozen conflicts* que persistem no tempo, esta região do globo tem-se constituído como potencial base de atividades terroristas, das mais diversas formas de crime organizado, de tráfico de droga, motivo pelo qual a região têm sido catapultada para o centro da política internacional (Sobral, 2005:3). Todavia, não tem sido este o único motivo, pois a disputa pelos recursos energéticos - o petróleo e gás natural - em muito têm contribuído para a sua discussão na agenda política internacional. Neste aspeto, podemos identificar, por um lado, o desejo de diversos atores pelo controlo da produção, e por outro, o controlo do fornecimento e transporte através dos oleodutos que servirão de ligação aos mercados ocidentais.

Mas desde sempre que o Cáucaso foi o foco das atenções da política internacional, senão vejamos: durante o período do Império Russo, a capital azeri - Baku - representava

---

<sup>33</sup> Em 2007 o gasoduto que liga o Irão à Arménia ficou terminado tendo levado o presidente arménio a afirmar que a partir desse momento o bloqueio à Arménia tinha terminado.

---

cerca de 50% da produção mundial de petróleo; mais tarde Hitler nas suas campanhas contra a Rússia, e como estratégia para a sua expansão mundial, tentou controlar os poços existentes na região do Cáucaso; no período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, a Rússia manteve esta região como reserva energética, voltando-se para outras regiões do seu território, como a Sibéria (Arvanitopoulos, 1998:1)

A par com os aspetos económicos e políticos, a questão da identidade das populações dos novos Estados é outra parte da equação. Aquilo que se caracterizava por uma identificação com o seu clã, com a sua tribo, com a sua família, local e religião, deu lugar a fronteiras rígidas, dividindo as populações e impondo outras identidades, aquilo a que alguns autores designam de “*engenharia da nacionalidade*” (Aydin, 1999:6). Como resultado, obtiveram-se misturas explosivas entre diversos grupos, tribos ou etnias. A título de exemplo, e segundo Mustafa Aydin, no Cazaquistão e no Quirguistão a questão da língua já foi motivo de várias tensões - com a tentativa por parte de alguns grupos em impor a sua língua como sendo a principal (*Ibid*), e por consequência, conduzindo à instabilidade regional.

Outro aspeto a considerar na caracterização no espaço pós-soviético é a heterogeneidade religiosa. Segundo João Barradas, as guerras dos anos noventa na Chechénia, e o instaurar do regime do presidente Ramzan Kadirov, cujo objetivo passa por apostar na islamização da Chechénia, e contando com o apoio sufi de Kadiria e Nakshbandia contra os wahhabis provocaram um alastrar do separatismo em todo o Cáucaso (Barradas, 2010). Da mesma forma, desde a independência da URSS que o Islão se manteve como uma parte importante da vida cultural e social das populações da região do Cáucaso, mas de igual forma, foi entendido por diversos líderes que poderia ser utilizado como ferramenta política, através do culto de tradições e de símbolos, legitimando assim a sua atuação, e de igual forma, ganhando os *hearts and minds* das populações. Posteriormente, o relacionamento externo com países como a Arábia Saudita e o Irão constituiriam o apoio ao regime instituído (*Ibid*).

A instabilidade regional presente no Cáucaso do Sul, provocada pelos conflitos armados latentes - os quais potencialmente podem extravasar a região - pelo radicalismo islâmico, pelo crime organizado, e pela disputa pelos recursos energéticos existentes, têm feito desta região o pomo da discórdia entre os grandes atores, regionais e extra regionais.

Segundo Dov Lynch, em “*South Caucasus a challenge for EU*”, os três Estados do Cáucaso do Sul têm estado mais preocupados em encontrar apoios extra regionais do que em promover a cooperação regional ou com os seus vizinhos. A região é pobre em diálogo e reina

---

a desconfiança, e isto são tudo fatores que contribuem para a insegurança regional (Lynch, 2003:12).

Estamos pois perante um sub-complexo de segurança regional onde estão presentes os quatro níveis de interação, tal como Barry Buzan e Ole Weaver os definiram, sendo que neste caso particular observa-se uma forte presença russa: secessionistas na Geórgia, o conflito Arménia-Azerbaijão em Nagorno-Karabakh, as escaramuças entre o Cáucaso do Norte e do Sul, e por fim, a energia e os *pipelines* (Buzan, B., Weaver, O., 2003:423).

### **i. História**

A região do Cáucaso tem persistido ao longo dos tempos como um foco de atenções da política internacional.

Desde Pedro I, o Grande, até Catarina II, que os czares russos tudo fizeram para assegurar uma ligação ao Mar Negro, podendo assim alcançar o Mar Mediterrâneo. No período de 1854-1855, trazemos à liça o cerco a Sebastopol, contrapondo ingleses, franceses e turcos às tropas russas naquilo que ficou conhecido como a Guerra da Crimeia<sup>34</sup>.

Em novembro de 1914, após a entrada do Império Otomano na Grande Guerra, esta estendeu-se ao Cáucaso, e mais tarde, em 1916, assistiu-se à entrada russa em território otomano – no leste da Anatólia. O exército russo integrava nas suas fileiras desertores arménios - russos e otomanos - que tinham o intuito de recuperar posições chave onde viviam arménios e que se encontravam tomadas pelo exército otomano. Do lado russo, o objetivo era avançar em direção à Anatólia, lado a lado com estas milícias arménias, onde se iriam juntar aos exércitos arménios. Pelo caminho, estas milícias foram destruindo cidades e vilas turcas, massacrando os seus habitantes, e dando origem a um sentimento de inimizade entre turcos e arménios (*Center for Strategic Research*, 2007:14). Na sequência da Revolução Bolchevique, em outubro de 1917, nacionalistas georgianos, arménios e azeris tomaram o poder nos respetivos países, para em abril de 1918 se materializar o afastamento da Rússia e formar-se a República Democrática Federal da Transcaucásia, a qual, motivada pela diferença existente entre os seus povos, nomeadamente a orientação turca do Azerbaijão, se fragmentou e originou o

---

<sup>34</sup> A Guerra da Crimeia foi um conflito que decorreu entre 1853 e 1856, na península da Crimeia - no Mar Negro, no sul da Rússia e nos Balcãs. Dum lado o Império Russo e, do outro, uma coligação constituída pelo Reino Unido, pela França, pelo Piemonte-Sardenha (na atual Itália) - Aliança Anglo-Franco-Sarda - e o Império Turco-Otomano. Em causa estava a disputa entre a Rússia e a França em relação aos privilégios dados às Igrejas Russas Ortodoxas e Católicas Romanas pelos locais sagrados na Palestina. Esta coligação, contou ainda com o apoio do Império Austríaco, e tinha como objetivo reagir às pretensões expansionistas russas no Médio Oriente (*Encyclopaedia Britannica*, 2013)

nascimento de três repúblicas separadas – a Geórgia, a Arménia e o Azerbaijão. Posteriormente em 1920 voltariam a cair no jugo russo, e mais tarde, em 1936, foram integradas na então, URSS.

Em junho de 1941, e já em plena Segunda Guerra Mundial, a Alemanha invadiu a URSS, no verão do ano seguinte chegou a ocupar grande parte do norte do Cáucaso, e retirou no inverno de 1943 (Overy, 2011). Na sequência dessa retirada, chechenos e inguchétios foram perseguidos, sob a acusação de terem colaborado com os alemães, e parte da Inguchétia foi entregue à Ossétia do Norte (BBC, 2011).

De igual forma marcante para o xadrez da região foi a Conferência de Ialta (Crimeia). Realizada em 1945, e contando com a presença dos três chefes de Estado das Nações vencedoras, Franklin Roosevelt, Winston Churchill e Joseph Stalin, definiu as zonas de influência no período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial (Guedes, 2009, 23).

Embora a Turquia se tivesse mantido neutra durante largo período da Segunda Guerra Mundial, em fevereiro de 1945 entrou em guerra com a Alemanha, abriu os estreitos do Mar Negro, o que foi considerado tardio pela URSS que, já em 1946, e de forma a recuperar a devolução de zonas que tinham sido perdidas depois da Grande Guerra solicitou uma revisão dos estatutos dos Estreitos do Mar Negro (Picak, 2011:180). Em 1952, os EUA através da Doutrina Truman<sup>35</sup> integraram a Turquia na OTAN e em 1955 o Irão na *Central Treaty Organization*<sup>36</sup> (CENTO), transformando a região do Cáucaso numa das fronteiras da Guerra Fria.

Desde a desagregação da URSS em 1989, e por diversas razões, o Cáucaso tem mantido a sua característica de foco de instabilidade e de motivo de conflito: pela incapacidade dos novos Estados em transitarem dos regimes autocráticos, mono partidários para as democracias; pela dificuldade em efetuarem a transição duma economia centralizada e planificada para uma economia de mercado; pela dificuldade em edificarem as estruturas basilares do Estado, como são os sistemas políticos, judiciais, fiscais, militares, e outros - até

---

<sup>35</sup> A Doutrina Truman (Harry Truman, Presidente norte americano) e a elaboração do Plano Marshall em março de 1947, passava pela concessão de créditos à Grécia e à Turquia, com o objetivo de prestar auxílio a governos pró-ocidentais nestes países. Desta forma, Truman procurava conter o comunismo, impedindo o expansionismo da União Soviética, criando alianças militares como a OTAN (Munson IV, 2012). O Plano Marshall complementou a Doutrina Truman. Esse plano, consolidou as economias da Europa Ocidental, além de travar a influência comunista; e ainda tinha como objetivo recuperar mercados para produtos e capitais norte americanos (Central Intelligence Agency, 2011).

<sup>36</sup> A CENTO, originalmente designada como *Middle East Treaty Organization* (METO) ou Pacto de Bagdad foi assinado em 1955 entre o Irão, o Iraque, a Turquia, o Paquistão, e a Inglaterra, constituía a intenção de proteção mútua e não-agressão, com o objetivo de conter a incursão da URSS no Médio Oriente e tinha a sua sede em Bagdad. Mais tarde, em 1959 o Iraque retirou-se, os EUA ingressaram e a sede mudou para Ankara. Em 1979 com a queda do Cha do Irão a CENTO dissolveu-se (Encyclopaedia Britannica, 2013),

então comuns. Pelo fato desta região ser uma miscelânea étnica, linguística, religiosa e cultural começaram por ser divididas. Aliás, acerca do tema do paradigma da transição Dov Lynch faz referência ao trabalho de Thomas Carothers em “*The End of the Transition Paradigm*” onde este sublinha que os três Estados do Cáucaso do Sul poderão não ter entrado numa transição para a democracia, mas sim numa zona política cinzenta, onde estão patentes algumas características de regimes democráticos, mas sofrendo simultaneamente de alguns *deficits* democráticos: deficiente representação dos cidadãos no processo político, frequentes abusos de poder por parte de governantes e de outros agentes da administração pública, pouca confiança nas instituições do Estado, ou seja, uma democracia de fachada (Lynch, 2003:11). De acordo com Jack Snyder<sup>37</sup> a desintegração da URSS provocou três desafios à segurança: em primeiro lugar a desintegração das estruturas coercivas e a criação de milícias privadas trouxeram desafios à segurança do indivíduo; em segundo lugar, o alargamento da participação política a larga escala levou à mobilização social sem qualquer tipo de mediação: e por fim, o colapso da economia soviética, centralizada, terminou com os subsídios, levando as populações a procurar alternativas de sobrevivência (*Ibid*:13).

Estes elementos contribuíram para o eclodir dos chamados *frozen conflicts* na Abecásia, na Ossétia do Sul e no enclave de Nagorno-Karabakh, a resistência secessionista na Chechénia, a Revolução das Rosas na Geórgia, ou o radicalismo islâmico<sup>38</sup>, que serão alvo de uma análise mais profunda no próximo capítulo. Todavia, nem só de querelas étnicas, culturais e religiosas vive o Cáucaso do Sul. A disputa pelos recursos energéticos - reservas de petróleo e de gás natural da Bacia do Cáspio - por parte dos diferentes atores presentes na região, bem como por parte dos diferentes atores externos, tem igualmente sido o motivo pelo qual a região do Cáucaso do Sul permanece como uma das preocupações das agendas políticas da atualidade.

Atualmente, o Cáucaso do Sul mantém-se como uma região complexa, lutando regionalmente contra o jugo da Rússia, da Turquia e do Irão, bem como contra outros atores externos, estatais e não estatais, como a OTAN, a UE, os EUA, as multinacionais energéticas, ou as redes de crime organizado.

Mas na verdade, não é propriamente uma situação nova, e a história tem-se encarregado de nos demonstrar isso: arménios, azeris e georgianos tem persistentemente lutado por manter a sua integridade e soberania, muito embora, por vezes à custa daquilo a que Thomas De Wall (Wall, 2010) designou como “*os pactos com o diabo*” estabelecidos

<sup>37</sup> Citado por Dov Lynch in *The South Caucasus: a Challenge for EU*.

<sup>38</sup> Não esqueçamos ainda a “Guerra dos Cinco Dias” em agosto de 2008.

com as grandes potências (regionais e globais) - azeris com a Turquia e com a Grã-Bretanha, georgianos com a Alemanha e Grã-Bretanha, e armênios, abecases e ossetas com a Rússia (Wall, 2010). Todavia, a Rússia tem sido o grande ator a determinar os destinos da região - abecases e ossetas quando se sentiram ameaçados pela ameaça nacionalista georgiana procuraram o escudo russo - e por sua vez, a Geórgia, de forma a proteger-se contra a ameaça russa virou-se para os seus novos aliados a Ocidente<sup>39</sup>.

## **ii. Geografia**

A geografia é determinante para a sobrevivência dos indivíduos e dos Estados. Contudo, enquanto o indivíduo consegue fugir à geografia, os Estados não. A geografia determina as condições de vida através da localização dos Estados no globo, da sua topografia, do seu clima, do tamanho do Estado, dos seus vizinhos, do acesso ao mar, das condições para a sua agricultura, bem como da existência de recursos naturais. Neste contexto, a diversidade existente na região do Cáucaso do Sul faz com que, até ao momento, não existam evidências de uma identidade regional (Aydin, 2005:59). Contudo, e citando Thomas De Wall” ...a geografia é um elemento agregador e que faz do Cáucaso do Sul uma região” (Wall, 2012:1710).

A região do Cáucaso ocupa uma área de cerca de 440.000 quilómetros quadrados (Encyclopaedia Britannica, 2010) e encontra-se geograficamente limitada a norte pelas províncias russas de Krasnodar e de Stavropol, a sul pelo Rio Araxes e pelas fronteiras do Irão e da Turquia, a oeste e a leste, respetivamente, pelos Mares Negro e Cáspio (Ver figura 1). Todavia, é frequente dividir a região no Cáucaso do Norte ou Grande Cáucaso (Ciscaucásia) e no Sul ou Pequeno Cáucaso (Transcaucásia)<sup>40</sup>, estes separados pela Cordilheira do Cáucaso. Esta cordilheira estende-se por cerca de 1200 quilómetros, com altitudes compreendidas entre os 2000 metros e os 5642 no Monte Elbrus, na Rússia, e os 5047 metros do Monte Kazbek, na Geórgia (Encyclopaedia Britannica, 2013b).

<sup>39</sup> Vide a “Guerra dos Cinco Dias” em agosto de 2008, porventura o último grande confronto entre os EUA e a Rússia no período pós-Guerra Fria.

<sup>40</sup> “Cis” e “Trans” são os prefixos designativos de “deste lado de” e “do outro lado de”.





Figura 1 – A região do Cáucaso do Sul

Fonte: Encyclopaedia Britannica [Em linha] [Consultado em 3 de janeiro de 2013].  
Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/100270/Caucasus>

O Cáucaso do Norte estende-se ao longo de cerca de 1200 km, no sentido noroeste-sueste, desde Sochi, nas margens nordeste do Mar Negro em direção à Península de Abseron, ao Mar Cáspio, junto a Bacu, no Azerbaijão, constituindo uma fronteira natural entre a Rússia, a Geórgia e o Azerbaijão. Paralelamente ao Cáucaso do Norte, a oeste da planície de de Kura-Aras, no sueste do Azerbaijão, ao longo da Cordilheira de Dzhavakhet e através do planalto arménio em direção ao sudoeste do Azerbaijão, estende-se o Cáucaso do Sul, onde correm as fronteiras da Geórgia, do Azerbaijão e da Arménia (Encyclopaedia Britannica, 2012).

A região do Cáucaso é maioritariamente montanhosa, e foi essa barreira que permitiu que o norte e o sul do Cáucaso tivessem histórias diferentes – o Cáucaso do Norte mais sujeito e subjugado ao colonialismo dos czares russos, em parte porque existia a percepção que as suas gentes eram menos civilizadas, mas também por uma questão de racionalização dos recursos de que o império russo dispunha para colocar em cada região. Por outro lado, para

sul as florestas eram densas, existiam poucas estradas, e eram demasiado estreitas, o que levou o império russo a ter que confiar nas elites que governavam a região (Wall, 2012:1710). Este processo fez com que as populações do norte tivessem passado, por exemplo, por um processo de coletivização, pela conquista nazi, e pela reconquista russa e deportações em massa, enquanto que as do sul foram deixadas à mercê dos seus destinos (*Ibid*:1711). De igual forma possui zonas de planície, fundamentalmente localizadas entre o Cáucaso do Norte e o do Sul (ver figura 2) as quais, ao longo dos tempos, têm sido utilizadas como importantes corredores comerciais, servindo hoje em dia de base às rotas energéticas (Lewis, 2012).

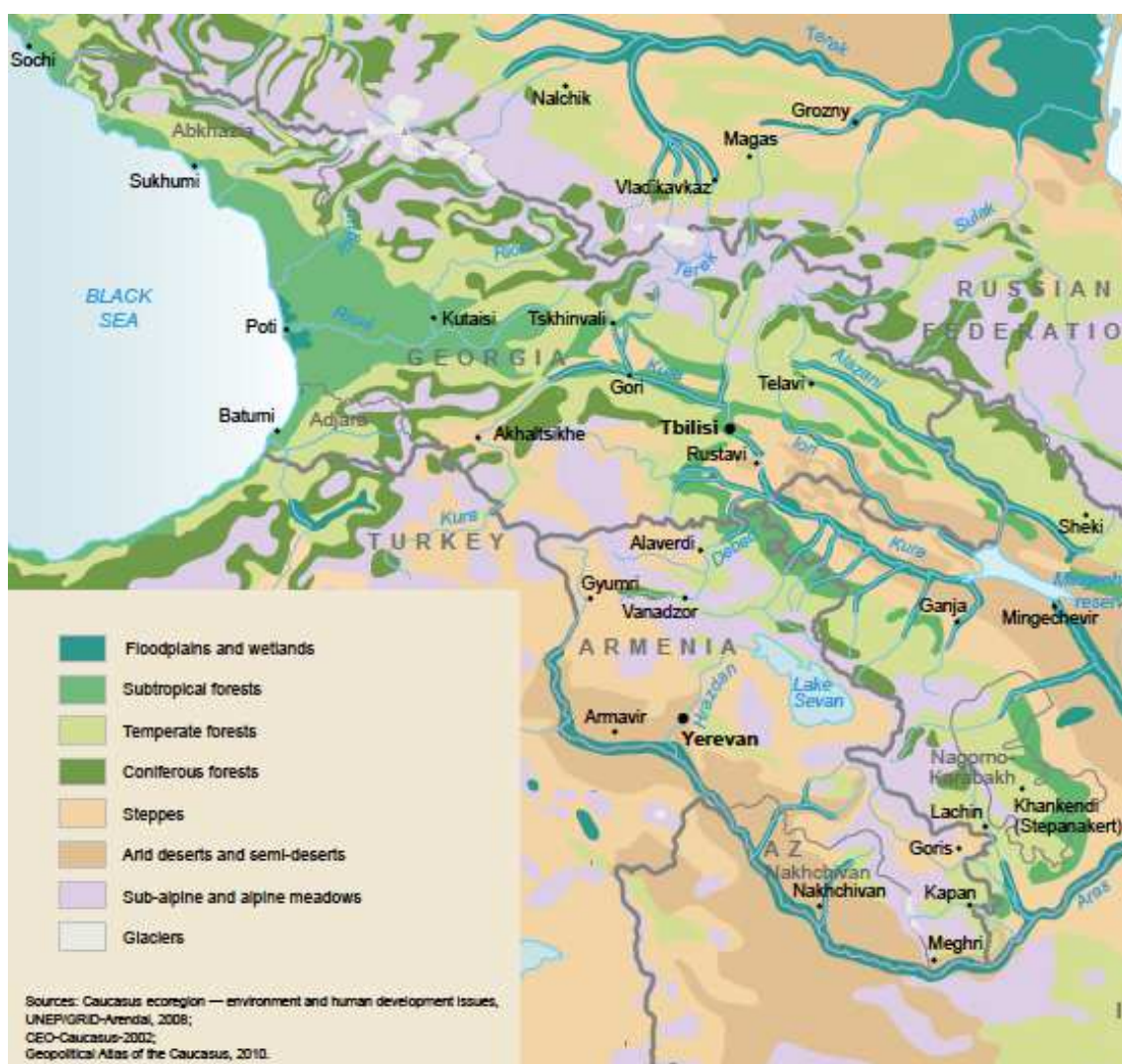


Figura 2-A fisiografia do Cáucaso do Sul

Fonte: ZOI.Environment. Climate change in South Caucasus [Em linha][Consultado em 6 de janeiro de 2013]  
Disponível em: <http://www.zoinet.org/web/sites/default/files/publications/Climate-change-South-Caucasus.pdf>

Neste capítulo da caracterização geohistórica da região, e porque à semelhança do que



acontece com outras regiões do globo também no Cáucaso do Sul existem evidências de alterações climáticas, importa compreender a climatologia da região. Esta importância prende-se com o fato das alterações climáticas interferirem com o acesso e com a qualidade dos recursos naturais disponíveis para a sustentação das populações, constituindo-se assim como sérias ameaças à segurança humana (Barnett, J., Adger, W., 2007:639)<sup>41</sup>, e desta forma potenciarem ou agravarem a conflitualidade. Entre elas incluem-se as cheias, as secas ou as ondas de calor.

Em termos climáticos, o Cáucaso está na fronteira entre os ventos húmidos do Atlântico e do Mar Mediterrâneo e as correntes de ar continental vindas de leste. Assim, no verão, todo o Cáucaso é dominado a oeste por sistemas de altas pressões subtropicais e por depressões asiáticas a leste; e no inverno dominam as altas pressões asiáticas. A estes fatores acrescem a proximidade dos Mares Negro e Cáspio, fazendo com que no inverno as depressões sejam potenciadas pela humidade adquirida sobre estas superfícies, com maior pendor para o Mar Negro, dado que os fenómenos meteorológicos se deslocam de oeste para leste. As temperaturas diminuem à medida que aumenta a altitude, pelo que as zonas mais elevadas do Cáucaso Pequeno na Geórgia, no Azerbaijão e na Arménia são as que apresentam maior amplitude térmica entre o verão e o inverno (ZOI, 2011:10). Na Arménia a temperatura média anual é de 5.5° C, e a média mais elevada entre 12-14° C, sendo que nas regiões de maior altitude - superior a 2500 m - a média anual é inferior a zero graus centígrados. Já durante o verão, a média ronda os 17° C podendo, em algumas regiões, atingir os 24 a 26° C. Na costa do Mar Negro a média é de 14-15°, com máximos que oscilam entre os 45° C e os - 15° C (*Ibid*:11).

No que respeita às planícies no leste da Geórgia, e na maior parte do Azerbaijão, o clima é basicamente seco: subtropical nas regiões mais baixas, e alpinas na montanha. A média anual de temperaturas nas planícies varia entre os 11° C e os 13° C, e na montanha entre os 2° C e os 7° C. Dependendo da distância ao Mar Cáspio e da altitude, o clima no Azerbaijão pode variar entre árido subtropical nas regiões mais baixas, até temperado e frio nas regiões mais altas (*Ibid*). Na figura 3 podem observar-se as médias anuais de temperatura no Cáucaso do Sul.

---

<sup>41</sup> Segundo Jon Barnett e Neil Adger existe ainda alguma controvérsia quanto à correlação entre as alterações climáticas e o aumento da conflitualidade (Barnett, J., Adger, W., 2007:639).

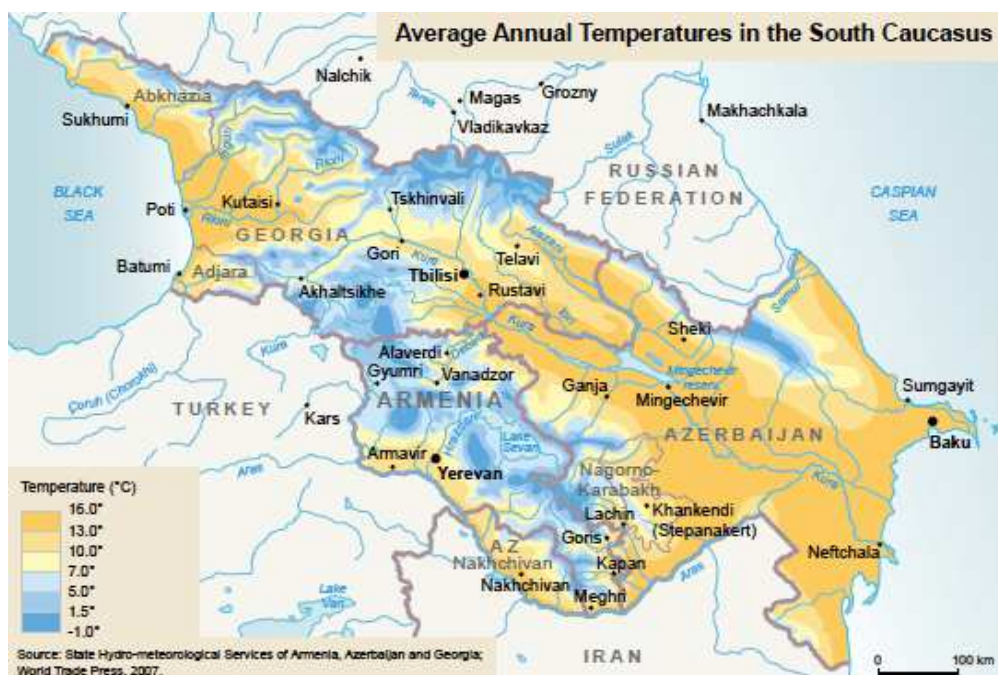


Figura 3-A temperatura média anual no Cáucaso do Sul

Fonte:ZOI.Environment. Climate change in South Caucasus [Em linha][Consultado em 6 de janeiro de 2013] Disponível em: <http://www.zoinet.org/web/sites/default/files/publications/Climate-change-South-Caucasus.pdf>

Em termos de precipitação, como podemos observar na figura 4, a diferença entre o leste e o oeste é grande, sendo que a parte montanhosa recebe grande parte da precipitação média anual,

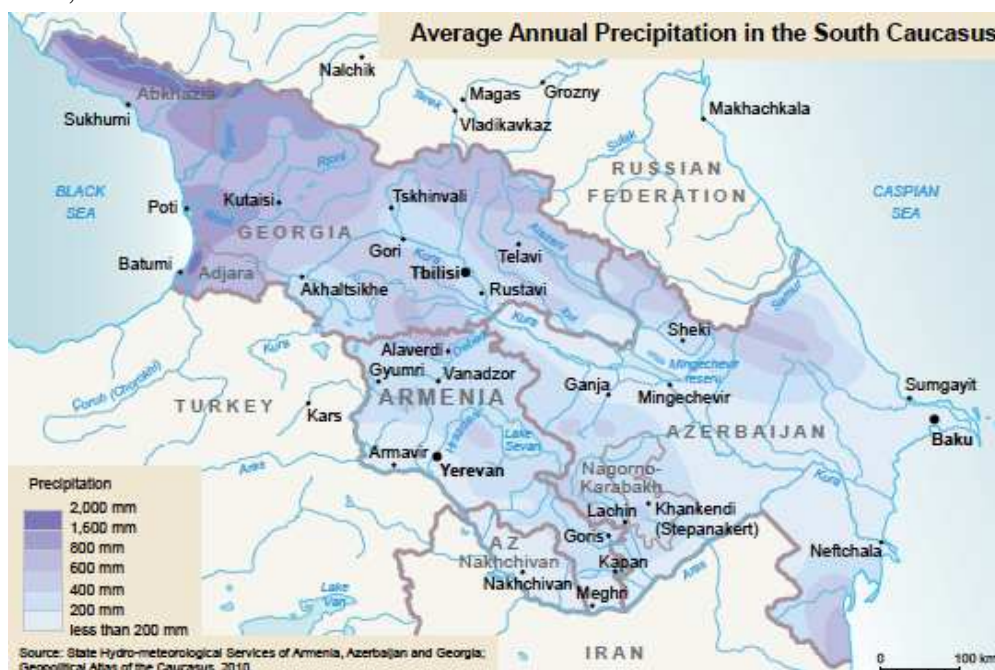


Figura 4-A precipitação média anual no Cáucaso do Sul

Fonte:ZOI.Environment. Climate change in South Caucasus [Em linha][Consultado em 6 de janeiro de 2013] Disponível em: <http://www.zoinet.org/web/sites/default/files/publications/Climate-change-South-Caucasus.pdf>

---

De acordo com o Relatório do WWF “*Climate Change in Southern Caucasus: Impacts on nature, people and society*” o clima no Cáucaso do Sul tem estado a mudar: o aumento de temperatura, a diminuição dos glaciares, a subida do nível médio do mar, a redução e redistribuição dos cursos dos rios, a diminuição da queda de neve, os deslizamentos de terras, os incêndios e a erosão costeira são algumas das evidências desta mudança, e que têm provocado perdas de vidas humanas, bem como impacte ao nível económico (Sylvén *et al*, 2008:4).

Os três Estados do Cáucaso do Sul sofrem do mesmo mal, a degradação e a utilização não sustentável dos recursos naturais. Por outro lado, no caso arménio e azeri, a desflorestação e a desertificação são uma ameaça, sendo que a degradação dos solos – poluição e erosão – é um fator comum aos três Estados. O Azerbaijão tem falta de água, e a Geórgia e a Arménia, em algumas das suas regiões têm falta de água potável (*Ibid*:6). Nesta questão, importa referir que a Bacia do Rio Kura-Aras/Araks, cobrindo cerca de 65% do Cáucaso do Sul, incluindo o norte do Irão, é de particular importância estratégica, uma vez que alimenta a agricultura, a indústria, a produção energética e o uso doméstico de cerca de 15 milhões de pessoas, ou seja, trata-se de uma região extremamente dependente economicamente deste sistema aquífero (*Ibid*:31).

Podemos pois afirmar que existindo evidências de que o clima está a mudar no Cáucaso do Sul, impõe-se que sejam tomadas medidas ao nível político capazes de promover a gestão da água, o uso dos solos, a produção alimentar, a gestão costeira e a saúde através da prevenção de riscos, e assim, assegurar um desenvolvimento sustentável, considerando as três dimensões – económica, ecológica e social. Parafraseando Jon Barnett e Neil Adger em “*Climate Change, human Security and Violent Conflict*”: “...the more people are dependent on climate sensitive forms of natural capital, and the less they rely on economic or social forms of capital, the more risk they are from climate change”. De outra forma, as ameaças resultantes da mudança climática contribuirão para o aumento da conflitualidade e para a consequente deterioração da segurança nas suas diversas dimensões na região.

### **iii. Demografia**

A demografia refere-se à distribuição física e à composição étnica e religiosa de uma população (Burns:2009:4).

Embora possamos dizer que o Cáucaso do Sul tem uma dimensão reduzida - pelo menos quando comparado com a região onde se insere, pois é formada por pequenos países mas está rodeada por potências regionais - apresenta uma heterogeneidade resultante da sua



diversidade étnica, linguística e religiosa - dividida entre cristãos e muçulmanos - resultante da permanência de diversos impérios na região ao longo dos séculos, e da sua própria geografia - as montanhas, os vales, as planícies - que condicionaram a fixação das populações ao longo dos diversos territórios. Embora segundo Nathan Burns a demografia não seja, *de per se*, um fator que justifique a conflitualidade, constitui-se como um catalisador, pois numa região onde um grupo étnico predomina sobre os restantes existe uma maior probabilidade de ocorrência de conflito, do que em regiões de maior homogeneidade (*Ibid*:19).

No caso do Cáucaso do Sul, a conflitualidade separatista que persiste desde o fim da URSS teve como origem a diversidade étnica e religiosa, e conforme podemos observar na figura seguinte, originou uma série de fenómenos migratórios, os quais moldaram a região.

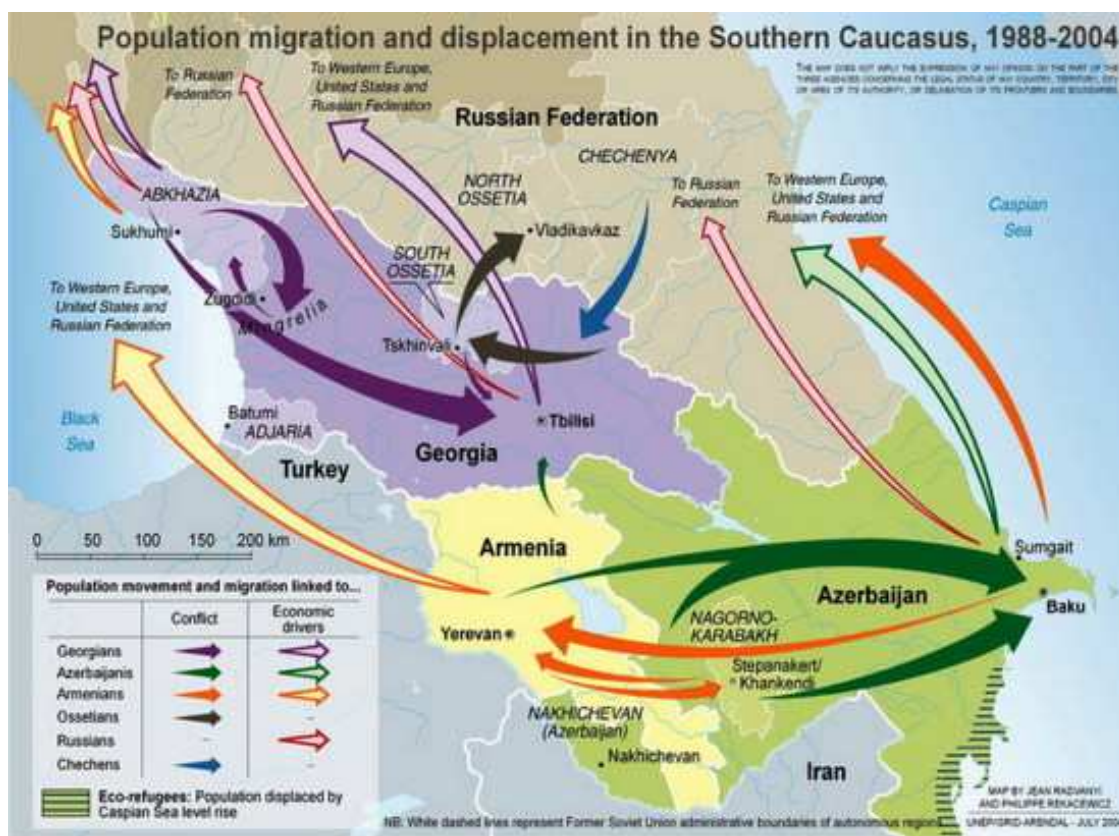


Figura 5-Migrações no Cáucaso do Sul entre 1988 e 2004

Fonte: United Nations Environment Programme [Em linha][Consultado em 22 de abril de 2013] Disponível em: [http://www.grida.no/graphicslib/detail/population-migration-and-displacement-in-the-southern-caucasus-1988-2004\\_82dc](http://www.grida.no/graphicslib/detail/population-migration-and-displacement-in-the-southern-caucasus-1988-2004_82dc)

Estas migrações vieram confundir a já complicada definição das fronteiras que não refletiram, na altura da sua definição, ainda que Estaline tivesse feito esse esforço (O’Loughlin *et al*, 2007:139), a distribuição demográfica da região.

Segundo Guia Nodia em “*Political Transformation and Nation-Building in the Post*

---

*Soviet South Caucasus*” “...o processo de transformação dos três Estados do Cáucaso do Sul teve início com o aparecimento de movimentos contra o regime comunista, liderados por grupos de intelectuais e que traçaram o destino dos três Estados do Cáucaso do Sul. Em cada um dos Estados estes movimentos tinham dois grandes objetivos: o anticomunismo e o nacionalismo étnico. A agenda nacionalista visava a aproximação aos valores ocidentais e impedir, ao nível interno, e/ou em países vizinhos, a proliferação de nichos de minorias, os quais eram vistos como ameaças e obstáculos à construção do Estado-Nação idealizado por estas elites nacionalistas “(Nodia, 2003:26-27).

A questão das minorias étnicas veio a revelar-se de difícil resolução, uma vez que as elites nacionalistas as olhavam com suspeição, e porque tomaram consciência que estas minorias tinham as suas próprias regiões autónomas dentro da estrutura administrativa soviética ”...*Ethnic nationalists viewed almost all ethnic minorities with some suspicion, but it soon became clear that real problems were related to minorities that had their “own” ethnic autonomous regions within the Soviet administrative structure. These units whose bureaucratic structures were dominated by respective ethnic groups provided strong institutional platforms for raising nationalists agendas in their own right. There were three such regions in Georgia: Abkhazia, Ajaria and South Ossetia, and one in Azerbaijan: Nagorno Karabakh, with its ethnic Armenian population. All of them, save for Ajaria, became arenas of armed conflict*”(Nodia, 2003:27).

O período que se seguiu à desintegração da URSS foi o de transformação de liderança política dos três Estados – do comunismo às forças democráticas nacionalistas (*Ibid*:28).

No caso da Geórgia, a diversidade étnica obrigou a que tivesse que lidar com a situação mais complexa da região. Segundo Bert Middel, no censo de 2002 as minorias étnicas constituíam cerca de 16 % da população na Geórgia (Middel, 2005). Segundo o mesmo autor, persiste uma cultura política de hostilidade perante as minorias, como que culpando-as do conflito no território, afastando-as dos lugares de decisão, e, inclusive, a própria constituição georgiana, embora permita que as minorias falem a sua língua em público, só reconhece o abecaz e o georgiano como línguas oficiais da Abecásia (*Ibid*). Importa ainda acrescentar, que a cultura política e as atitudes das elites governamentais face às minorias tem sido acompanhada de um elevado nacionalismo, dando a perceção de que serão elas o principal foco de conflito no país, e muitas vezes esta retórica é apoiada pela Igreja Georgiana Ortodoxa desencadeando a revolta nacionalista entre os grupos minoritários (*Ibid*). Segundo Bruno Coppieters, na estrutura da sociedade georgiana só existe algo que

---

supera a família, a etnia. Grande parte dos georgianos, bem como as minorias nacionalistas revem-se mais na etnia do que na cidadania, ou que na sua convicção religiosa, reavivando o lema do século XIX – *Language, Land and Faith* (Coppieters, 2003:115).

No caso do Azerbaijão 90% da população é muçulmana - de maioria xiita. Na URSS de Estaline a engenharia que conduziu ao delinear das fronteiras, influiu com a vida das suas populações, havendo relatos de que teriam sido obrigados a aprender russo e sido reprimido o culto da religião (Burns, 2009:30). Para os azeris Nagorno-Karabakh é um dos berços da cultura turca do Azerbaijão, e acreditam que alguns dos seus poetas, cientistas, e artistas são provenientes dessa mesma região. Todas estas questões que se arrastam há séculos quanto à propriedade do território de Nagorno-Karabakh e que envolvem, porventura, mitos e convicções nacionalistas têm contribuído para o exacerbar da conflitualidade étnica na região (Kuburas, 2011:46-47).

Com o desencadear do conflito de Nagorno-Karabakh em 1994, ressurgiu o culto do islamismo, não propriamente como um culto religioso, mas no sentido da sua politização, o que segundo Nathan Burns se constituiu como o afastamento do Ocidente e a aproximação e o reforço com outras nações islâmicas, de que é exemplo a Turquia (Burns, 2009:38-39).

No caso da Arménia a situação é diferente. Etnicamente homogénea, a guerra e a fraca economia levaram a que, aquando do fim da URSS se assistisse a fenómenos de emigração em massa – segundo Nathan Burns, entre 1991 e 2009, cerca de 25 % da população arménia terá emigrado (*Ibid*:73), fazendo com que originasse uma Diáspora de cerca de 7 a 8 milhões de arménios espalhados pelo mundo, maioritariamente nos EUA, em França e na Rússia, um número largamente superior à sua população de cerca de 3.5 a 4 milhões de pessoas. Esta Diáspora é capaz de influenciar as políticas externas dos seus países de origem, tem alimentado o conflito dos arménios em Nagorno-Karabakh, bem como a sua resistência para encontrar uma solução para a conflitualidade na região (*Ibid*:74). Em relação a Nagorno-Karabakh, para os arménios conhecida como Artsakh, é considerada como o berço da nação arménia, onde terá sido erguida a primeira escola arménia - atualmente no distrito de Martuni de Nagorno-Karabakh - criado o alfabeto arménio, originada a Igreja Arménia e as origens linguísticas do arménio (Kuburas, 2011:46).

Compreende-se pois que o sentimento de pertença territorial de ambas as partes em relação a Nagorno-Karabakh seja a justificação para o aumento do sentimento de nacionalismo, e constitui-se, não o único, mas como um dos focos de instabilidade e condicionante de uma solução para o conflito.

---

#### iv. A contextualização regional e internacional do Cáucaso Sul

O Cáucaso<sup>42</sup>, ou a franja geoestratégica do “Grande Jogo”<sup>43</sup> como designada por Armando Marques Guedes, é um espaço geopolítico localizado no comumente designado espaço pós-soviético (Guedes, 2008).

Aparentemente este espaço geopolítico detinha alguma uniformidade, consubstanciada nos seguintes fatores: após a desintegração da URSS diversas minorias, em especial as russas, ficaram como que reféns em alguns destes territórios; pelo fato de terem a necessidade em transitar dum sistema político mono partidário, autocrático para um sistema democrático; pelo fato de terem a necessidade de transitar duma economia centralizada para uma de mercado, bem como pela necessidade de criar novas estruturas base do Estado - sistema judicial, sistema político, sistemas social, e outros - e a ligação ao nível económico, com relações mais fortes entre si do que com o exterior. Contudo, estes elementos não foram suficientes para manter a integridade política, legal e socioeconómica destes NEI. Como consequência, novos vetores políticos originaram diversos agrupamentos geográficos e espaços geopolíticos.

Muito por força das associações e organizações<sup>44</sup> criadas na região surgiu uma outra diversidade na região, a geopolítica, senão vejamos: como forma de amenizar os impactes do desmembrar da URSS foi criada em dezembro de 1991 a CEI<sup>45</sup>, tendo os três Estados bálticos ficado de fora desta organização, uma vez que prontamente procuraram o “abrigo” do Ocidente (Tomé, 2007:5). Devemos ainda acrescentar os Estados que já pertencem à OTAN e à UE (os três Estados do Báltico) e os que almejam ser (a Geórgia, o Azerbaijão, a Ucrânia e a Moldávia) e por fim, aqueles que estarão mais distantes de o atingir (os oito que restam). Desta forma, facilmente se compreende que existem diferentes abordagens no relacionamento

---

<sup>42</sup> Segundo Aydin, os estrategistas e geopolíticos definem a região do Cáucaso como a região que se estende a oeste desde as Montanhas do Cáucaso ao Mar Negro, a sul entre o Irão, o Paquistão e o Afeganistão, a leste até à China, e no *Hinterland* da Rússia (Aydin, 1999:1).

<sup>43</sup> O “Grande Jogo” (*Great Game*) no século XIX designava a rivalidade estratégica na luta pela Ásia Central, zona geográfica fulcral entre o Império Britânico e o Império Russo (Martins, 2010).

<sup>44</sup> Organização do Tratado de Segurança Coletiva da CEI (CSTO), Organização de Cooperação da Ásia Central (OCAC), Comunidade Económica da Eurásia (EURASEC), Organização para a Democracia e Desenvolvimento Económico (GUAM), Organização da Cooperação de Xangai (OCX), OTAN, UE, Organização sobre Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) e Conselho da Europa são algumas das organizações presentes na região do Cáucaso.

<sup>45</sup> A CEI é uma [organização regional](#) que foi criada em 8 de dezembro de 1991 sob a batuta da Rússia, envolvendo repúblicas que pertenciam à antiga União Soviética, a Bielorrússia, a Ucrânia e a própria Federação Russa. Mais tarde, a 21 de dezembro do mesmo ano juntaram-se a Armênia, o Azerbaijão, o Cazaquistão, o Quirguistão, a Moldávia, o Tajiquistão, o Turquemenistão, e o Uzbequistão, e em 1993 a Geórgia. A CEI tinha o intuito de se constituir como um fórum de discussão e catalisador de cooperação ao nível comercial, económico, de segurança. Atualmente a CEI é composta por onze Estados dado que o Turquemenistão em 2005 passou a ter o estatuto de observador em vez de membro e em 2009 foi a vez da Geórgia retirar da CEI. (*Ministry of foreign Affairs of Georgia*, 2011).

com o Ocidente, em concreto com a OTAN e com a UE, bem como na forma como alinham ou não com o *pivot* russo, corporizando a heterogeneidade da região. Todavia, isto não significa que a influência russa na região tenha terminado, assistimos sim, a uma mudança de comportamentos ao nível político, económico e social, procurando, *de per se*, os alinhamentos e relacionamentos mais convenientes.

Com isto assistiu-se ao ressurgimento de alguns fatores que viriam a constituir-se como elementos agregadores: a criação dum sistema integrado de órgãos – Conselho de Chefes de Estado, o Conselho de Chefes de Governo, o Conselho do Ministério da Defesa, o Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros, entre outros (Nikitin, 2007:2). Paralelamente, foram estabelecidas diversas agências para a cooperação política e económica, e houve a tentativa de criar um espaço legal comum através da criação da Assembleia Interparlamentar e a adoção duma série de quadros legais e campanhas de harmonização de legislação (*Ibid*:3). Convém ainda referir que foram efetuados diversos esforços de forma a criar uma política de segurança e política externa coordenada para o resto do mundo, bem como através da realização de uma série de reuniões a nível presidencial com o intuito de criar uma coordenação política dentro da CEI (Tomé, 2007:6).

A verdade é que, embora a CEI se constituísse como o grande fórum político no espaço pós-soviético, o aparecimento de outras organizações intraestatais, porventura em clara competição, como foi o caso da GUAM<sup>46</sup> - Organização para a Democracia e o Desenvolvimento e a Comunidade da Escolha Democrática (CED)<sup>47</sup>, que vieram a revelar a existência de rivalidades dentro da comunidade e a constituírem-se como elementos de desgaste da CEI (*Ibid*).

Os três Estados do Cáucaso do Sul procuraram ultrapassar o legado da URSS, e efetuar os seus processos de transição, percecionando a sua segurança num ambiente securitário geograficamente rodeados por vizinhos maiores e mais fortes. Em particular, no

---

<sup>46</sup> Trata-se duma aliança estratégica, criada em 10 de Outubro de 1997, formada pela Geórgia, Ucrânia, Azerbaijão e Moldávia, com o intuito de se constituir como um fórum de discussão nas questões relacionadas com a promoção da estabilidade e segurança e com o desenvolvimento económico regional. Segundo Mykola Kapitonenko a grande prioridade é mesmo a segurança energética, através da promoção do desenvolvimento dos campos de petróleo e de gás na região, bem como da segurança das principais energéticas para a Europa (Kapitonenko, 2009:41). Posteriormente, em 1999 o Uzbequistão resolveu aderir, e a designação passou a ser GUUAM. Contudo, em maio de 2005, resolveu abandonar a organização mantendo-se a designação GUAM com o propósito de fortalecer a independência dos então novos Estados independentes.

<sup>47</sup> Criada em dezembro de 2005, sob a batuta do Ocidente e com o objetivo de contrariar a influência russa e projetar o Ocidente para a região, inclui a Estónia, Letónia, Lituânia, Geórgia, Macedónia, Moldávia, Roménia, Eslovénia e Ucrânia; são ainda observadores o Azerbaijão, a Bulgária, a República Checa, a Hungria, a Polónia, os EUA, a UE e a OSCE (Tomé, 2007).



---

caso da Geórgia e do Azerbaijão, falamos da Rússia, do Irão e da Turquia, sendo a sua luta a conquista da integridade territorial e da independência; no caso da Arménia, a Turquia é percebida como um antagonista de há longos anos. Quer isto dizer que a Geórgia, o Azerbaijão e a Arménia têm diferentes percepções das ameaças que as potências que os rodeiam lhes colocam, e a forma como lidam com estas é limitada. Nesta região, como refere Barry Buzan “...a sua segurança depende do padrão de segurança dos Estados mais fortes e do impacto que os alinhamentos estabelecidos com esses Estados têm” (Yukselen, 2004:7).

Por força da sua posição geoestratégica, a região do Cáucaso do Sul constitui-se como uma ligação natural ao trânsito do comércio entre a Europa, o Médio Oriente e a Ásia, cuja importância tem sido notória ao longo dos séculos. Mas de igual forma, encerra em si uma encruzilhada de culturas, etnias e religiões (Santos, 2008:15).

Neste complexo tabuleiro de xadrez, onde atores estatais, não estatais, regionais e extra regionais se movimentam, predominam fatores chave, os quais desafiam frequentemente o “complexo securitário” da região: as rivalidades históricas, as disputas de fronteiras, algumas delas desenhadas arbitrariamente durante o período soviético, os refugiados e deslocados resultantes dos diversos conflitos, o controlo de territórios de elevado valor geoestratégico, o crime transnacional e, mais recentemente, a disputa pelos recursos energéticos (Ribeiro: 2001:2).

No seguimento destas linhas fraturantes surgem os conflitos, os quais trazem instabilidade e insegurança à região, pondo em risco a edificação das estruturas basilares do Estado, e por consequência, o seu desenvolvimento. Evidência disso são os conflitos existentes na Geórgia - Abecásia e Ossétia do sul - e o do Enclave de Nagorno-Karabach, opondo o Azerbaijão e a Arménia. Estes fatores têm trazido para a região na defesa dos seus interesses atores externos como a OTAN, a UE, os EUA, e despertado interesse redobrado de atores regionais, como a Rússia, a Turquia e o Irão, mas de igual forma de atores não estatais, como as próprias sociedades civis, as organizações religiosas, as ONG, as redes de crime organizado, ou as multinacionais energéticas.

Perante este novo *playground* geopolítico, onde a Rússia pretende manter a sua influência, assistimos a relações de tensão e cooperação entre os diversos atores estatais - regionais e extra regionais - numa toada de competição, com os seguintes objetivos:

- a OTAN após a Cimeira de Praga em 2002, a qual teve enfoque na luta contra o terrorismo, aumentou a sua presença na região (Lynch, 2003:175), e dentro da moldura da *PfP* procura manter os seus programas de cooperação com cada

---

um dos três Estados do Cáucaso do Sul, e continuar a cooperação com a Rússia em temas como o crime organizado, a luta contra o terrorismo, ou as armas de destruição em massa;

- a UE olha para a região como uma área de oportunidade de reforço da sua segurança energética, face à sua posição geográfica, e através da sua política de *softpower*, procura continuar a cooperação ao nível político, económico e de segurança no caminho da boa governação, de uma economia de mercado, do desenvolvimento sustentável e da segurança;
- os EUA procuram prosseguir a sua influência para leste, de forma a conter a Rússia, sem contudo descurar as questões económicas, como sejam: a obtenção de redundância energética das suas próprias reservas, a exploração de petróleo e de gás natural no Ártico<sup>48</sup>, mas de igual forma cooperar com a Rússia em questões de interesse mútuo, como o programa nuclear do Irão, a luta contra o terrorismo transnacional ou a proliferação das armas de destruição em massa (*National Security Strategy*, 2012:3);
- a Rússia mantém a sua presença estratégica militar no Cáucaso do Sul – veja-se a aliança militar e económica com a Arménia (Lynch, 2003:17) e desta forma pretende manter a influência no seu *near abroad* e evitar a expansão do Ocidente – OTAN e UE, para leste, mantendo-se como principal ator no que diz respeito ao fornecimento energético, em especial para a Europa;
- a Turquia procura assumir-se como potência regional, tornando-se um *hub* energético para os mercados ocidentais e;
- o Irão procura alinhar com a Rússia na contenção do Ocidente para leste.

Os atentados de 11 de setembro de 2001, e a consequente resposta dos EUA alteraram a geopolítica ao nível global e regional. Nesse momento, a Rússia do Presidente Vladimir Putin adaptou-se a esta nova realidade e alinou com os EUA na cruzada contra o islamismo radical – os talibã e a Al-Qaida são suspeitas de apoiarem os rebeldes chechenos (Tomé, *et al*, 2003:4) e portanto, constituem uma das maiores ameaças para a Rússia (Santos, 2008:16) - e

---

<sup>48</sup> Exxon Mobil Corp. and Russian partner Rosneft have signed an agreement that will give the U.S. company exploration access to an additional 234,000 square miles in the Russian Arctic. A separate agreement will give Rosneft the opportunity to acquire a 25 percent interest in the Point Thompson unit on Alaska's North Slope. The companies also said Wednesday they will study a potential liquid natural gas project in the Russian Far East. "The agreements signed today bring the already unprecedented scale of the Rosneft and ExxonMobil partnership up to a completely new level," Sechin said in the announcement. "The acreage in the Russian Arctic subject to geological exploration and subsequent development increased nearly sixfold." (Joling, 2013).

---

pactua com a colocação de forças americanas em bases militares estratégicas, no seu antigo espaço vital, bem no centro da Ásia Central – Uzbequistão e Quirguistão – de forma a assegurar um apoio logístico constante às tropas em operações no Afeganistão, na luta contra um inimigo comum - a *Global War On Terrorism* (GWOT)<sup>49</sup>.

Ao mesmo tempo, mantém-se preocupada com o alargamento da OTAN a leste, encontrando no Irão um aliado de peso na região, donde se ressalva o fornecimento de armamento e de tecnologia nuclear, numa altura em que cada vez mais o regime dos “Ayatollahs” é posto em causa.

Vinte anos volvidos após a implosão da URSS, os Estados do Cáucaso do Sul continuam o seu processo de transição para a democracia, o qual, muito embora contando com a ajuda dos fundos provenientes dos diversos programas de *PfP* da OTAN e dos decorrentes da Política de Vizinhança Comum da UE em áreas como a reconstrução do Estado, a boa governação, a economia, tem sido moroso, e continua a constituir-se como um foco de instabilidade à segurança regional.

### **c) Debates sobre a instabilidade e a segurança na região**

Este novo enquadramento geopolítico no Cáucaso do Sul desencadeou novos alinhamentos políticos, permitido assim a aproximação da OTAN e da UE a leste, que se traduz num reforço do Ocidente e da sua presença, política e estratégica, numa região com forte pendor Russo. No primeiro caso, o Ocidente procura estancar o domínio russo na região, manter o apoio logístico às operações em curso no Afeganistão, assegurar a continuidade na luta contra o terrorismo e contra a proliferação das armas de destruição em massa; no caso da UE, procura aumentar os fluxos comerciais na região e promover as relações de cooperação que conduzam à implementação de Estados democráticos e prósperos e, consequentemente, a uma estabilização da região, como único garante para a segurança da mesma. No que diz respeito à Rússia, pretende controlar a expansão do Ocidente para o seu espaço de influência, afirmar-se como potência global e superpotência regional, e manter o monopólio no controlo de produção e de distribuição de energia para a Europa.

Em termos de atores regionais, o Irão tem mantido uma postura de aproximação às antigas repúblicas soviéticas de influência islâmica, não descurando a contenção da penetração do Ocidente na região, nem tão pouco, o ascendente da Turquia, aliás alinhando com a Rússia para o efeito. Em termos energéticos, continua a desenvolver o seu programa

---

<sup>49</sup> Campanha ao nível global de combate ao terrorismo transnacional na sequência do atentado de 11 de setembro de 2001.

---

nuclear, alegadamente para consumo interno, e por força do isolamento a que tem sido sujeito - fruto das sanções económicas impostas pela comunidade internacional - tem procurado olhar para a Arménia e para a Ásia Central como potenciais mercados de consumo.

Por sua vez a Turquia, aproveitando a desintegração da URSS procurou a aproximação à Geórgia e ao Azerbaijão, já que com a Arménia as relações são de tensão – persiste a negação turca face à acusação arménia de genocídio em 1915, e pelo apoio turco ao Azerbaijão no conflito de Nagorno-Karabakh. Sendo a sua segurança um dos pilares da política externa, e perseguindo a sua política de “*zero problems with neighbors*”, procura minimizar, ou mesmo eliminar, as questões em aberto, nomeadamente com a Arménia como garante da estabilização da região, e consequentemente da segurança regional, ao mesmo tempo que procura ocupar uma posição de realce, em contraponto à posição russa.

Por fim uma palavra para os Estados do Cáucaso do Sul. Neste caso, têm procurado os alinhamentos mais convenientes com os principais atores extra regionais e regionais como garante para o seu desenvolvimento e para a sua segurança, nomeadamente para a resolução dos *frozen conflicts* que teimam em perpetuar no tempo, e que colocam em causa, a segurança regional.

Nesta altura, importa analisar o estado da arte no que concerne à segurança e à instabilidade na região, das quais, os atores estatais - regionais e extrarregionais - são uma pequena parte.

De acordo com Svante Cornell a região do Cáucaso do Sul enferma de uma longa lista de ameaças à segurança, das quais se destacam: os conflitos em Nagorno-Karabakh, na Abecásia e na Ossétia do Sul; a natureza complicada das relações entre os três Estados da região e os seus vizinhos, com relevo para aquelas entre a Geórgia e a Rússia, a Arménia e a Turquia, e o Azerbaijão e o Irão; e a instabilidade política, sendo que a crise económica mundial de 2008 e que se prolonga no tempo veio única e exclusivamente agravar este conjunto de ameaças (Cornell, 2003:23).

Segundo Plamen Pantev, o Cáucaso do Sul enferma de diversas ameaças à segurança que se podem dividir em três grupos: um primeiro que designa de instabilidades de longa duração, um segundo grupo que inclui as questões sociais, étnicas, religiosas, institucionais e ecológicas, e por fim, um terceiro, onde se incluem as ameaças à segurança regional, mais atuais e intensas. No que às instabilidades de longa duração diz respeito, identificam-se as resultantes dos processos de transição dos Estados do Cáucaso de um regime autoritário centrado na URSS para regimes democráticos, mais ou menos alinhados com o Ocidente, com

---

os Estados residentes a definirem linhas de orientação política, económicas e sociais distintas, ao mesmo tempo que diferem quanto à orientação e à cooperação regional como instrumento estabilizador. Por outro lado, a dificuldade em estabilizar os processos de transição de regimes totalitários para democráticos assentes em economias de mercado, tem potenciado, ao nível interno, os elevados níveis de corrupção (Pantev, 2005:3).

Seguem-se as ameaças relacionadas com a morosidade em assegurar a modernização económica, de infraestruturas e tecnológica, e que têm dificultado individualmente cada um dos Estados, *de per se*, a adaptar-se a uma economia global, bem como às dinâmicas de cooperação e de competição, nomeadamente no que diz respeito aos recursos energéticos. Aliás, o Cáucaso do Sul constitui-se como um campo de batalha pela exploração, controlo e distribuição dos recursos energéticos, e desta forma, potenciando a instabilidade na região. Em termos étnicos e religiosos, as diferenças existentes têm sido aproveitadas e exacerbadas por políticos e famílias autocráticas, fomentando a clivagem entre as partes.

Por fim um terceiro grupo de ameaças com características regionais, mas com natureza transnacional: falamos do terrorismo e do radicalismo islâmico, da imigração ilegal, do tráfico de droga, de seres humanos, e do crime organizado. Em sociedades frágeis, com elevados níveis de corrupção, e onde as instituições governamentais têm dificuldade em afirmar-se, as atividades criminosas em geral, tendem a proliferar, constituindo-se como verdadeiro entrave à segurança e à estabilidade regional (*Ibid*:3-7). Neste capítulo, Svante Cornell refere que o crescendo de crime transnacional constitui uma séria ameaça à segurança societal, económica e política da região. Este crime envolve ameaças à economia - o contrabando de álcool, cigarros e combustíveis - mas tem ainda implicações mais graves como sejam o tráfico de droga, de seres humanos, de armas ou de componentes de armas de destruição em massa. Este intrincado de redes criminosas infiltram-se e influenciam as elites económicas e políticas dos Estados da região, tornando-os atores mais poderosos, constituindo-se como fatores destabilizadores destas sociedades (Cornell, 2003:23).

Licinia Simão reforça que a emergência de novos atores na região do Cáucaso do Sul, estatais e não estatais, a globalização e a abertura às novas economias de mercado, catapultaram a região para a competição. O papel desempenhado por estes atores, ao que acresce a instabilidade provocada pelos *frozen conflicts* existentes, têm dificultado a transição para os regimes democráticos e para as economias de mercado, ou seja, se por um lado Geórgia, Azerbaijão e Arménia viram a porta aberta para se aproximarem dos valores do Ocidente, numa perspetiva de desenvolvimento futuro, por outro, a persistência do conflito e a

---

competição dos diversos atores na região têm-se constituído como principal entrave à segurança e estabilidade da região (Simão, 2012:14).

Maria Raquel Freire, acentua a importância da resolução da conflitualidade no Cáucaso do Sul como peça-chave na estabilização regional e de redefinição das relações e dos mecanismos de cooperação e desenvolvimento entre os três Estados residentes. Para isso, sublinha a participação de organizações como as Nações Unidas, a OSCE, mormente através do Grupo de Minsk e a UE, com especial enfoque no papel desta última, em especial através da sua presença no terreno com a *European Union Monitoring Mission*<sup>50</sup> (EUMM,2012) e da figura do *Special Representative* como forma de contribuição para um clima apaziguador entre as partes em conflito, e potenciador de futuras negociações, aliás como ficou patente durante a mediação da “Guerra dos Cinco Dias” em agosto de 2008, opondo a Rússia à Geórgia (Freire, 2013:11-12).

Há ainda quem, como Narek Galstyan reforce a ideia que durante o confronto entre a Rússia e a Geórgia em 2008 o potencial de conflito nesta região, uma espécie de “*no peace, no war*”, não diminuiu, bem pelo contrário, ficou patente que os conflitos regionais podem trazer repercussões imprevisíveis; que o fato da Arménia não ter relações diplomáticas e económicas com a Turquia e estar dependente em termos de trocas comerciais do escoamento da sua economia através da Geórgia - interrompidas durante o conflito Rússia-Geórgia - foi como um choque para a já débil economia Arménia; o que constitui uma prova viva que a instabilidade na região pode pôr em causa os projetos energéticos e de comunicações, e assim, assumir-se como uma série ameaça ao desenvolvimento regional. Em particular, ficou claro para o Ocidente, que os seus projetos dificilmente serão protegidos se persistirem os conflitos e o encerramento das fronteiras (Galstyan, 2013:1).

Por fim uma referência a Bruno Coppieters. Segundo ele “Se uma região é inicialmente definida em termos securitários não faz sentido falar nos três Estados do Cáucaso do Sul como uma região...mas sim como parte de uma região mais alargada que compreende

---

<sup>50</sup> *The EU Monitoring Mission in Georgia (EUMM) is an unarmed civilian monitoring mission. It was established by the European Union on 15 September 2008. Over 200 civilian monitors were sent by EU Member States to contribute to the stabilisation of the situation on the ground following the August 2008 conflict. They monitor compliance by all sides with the EU brokered Six-Point Agreement of 12 August, signed by both Georgia and Russia, and the Agreement on Implementing Measures of 8 September 2008.*

*The Mission started its monitoring activities on 1 October 2008, beginning with oversight of the withdrawal of Russian armed forces from the areas adjacent to South Ossetia and Abkhazia. Ever since, the Mission has been patrolling day and night, particularly in the areas adjacent to the South Ossetian and Abkhazian Administrative Boundary Lines. The Mission's efforts have been primarily directed at observing the situation on the ground, reporting on incidents, and, generally, through its presence in the relevant areas, contributing to improving the security situation (EUMM,2012).*

---

o Cáucaso do Norte e o Cáucaso do Sul, moldados que são pelas suas relações com a Turquia e com o Irão” (Coppieters, 2003:160). Quer isto dizer que em termos securitários o Cáucaso do Sul deverá ser analisado como uma grande região que engloba o Cáucaso do Norte e do Sul, mas onde a Rússia, o Irão e a Turquia têm interesses que muitas vezes se sobrepõe (*Ibid*:163).

No meio desta discussão, podemos concluir que o debate teórico atual de segurança na região do Cáucaso do Sul aponta para a necessidade de encontrar um entendimento entre as partes envolvidas em conflito, de forma a assegurar uma paz duradoura capaz de trazer a estabilidade, e por consequência, a prosperidade e o desenvolvimento. Ao nível interno passa por consolidar os regimes, assegurar a soberania dos territórios, consolidar as democracias e desenvolver as economias, e ao nível externo, os diversos atores - estatais e não estatais - ter-se-ão que constituir como parte da solução, numa perspetiva holística – solução integrada por parte da comunidade internacional através da reconstrução das estruturas do Estado e do desenvolvimento duma boa governação, como forma de debelar as constantes ameaças à segurança, nas suas diversas dimensões.



---

## 2. Atores “residentes” no Cáucaso do Sul

*"The South Caucasus is not only a region in the immediate neighborhood of the European Union - Romania and Bulgaria have a sea border with it, but a region of great strategic importance for the union in the political, economic, and security aspects."*<sup>51</sup>

O sistema que tinha vigorado durante grande parte do Século XX, e que se caracterizava pelo equilíbrio de poderes entre a URSS e os EUA<sup>52</sup> - até então julgado perene – olhava para a região compreendida entre a Cordilheira do Cáucaso e o Mar Negro, a oeste, o Irão, o Paquistão e o Afeganistão, a Sul, e a China a leste, como o *hinterland* soviético, onde os EUA, através dos mais variados alinhamentos políticos, como por exemplo com o Irão, com a Turquia ou com o Paquistão, se preocupavam em assegurar a contenção desta influência.

A dissolução da URSS, e a consequente mudança da balança de poderes neste espaço pós-soviético trouxe consigo uma nova ordem geopolítica na região do Cáucaso do Sul . Esta nova realidade fez reemergir velhas disputas, étnicas, religiosas, territoriais, até então controladas pelo autoritarismo soviético. Este fato, acrescido das retóricas belicistas das elites governantes, das fracas economias e fortemente dependentes do investimento estrangeiro, e da corrupção, têm dificultado os processos de criação das instituições do Estado e a consolidação dos novos regimes, transformando a região do Cáucaso do Sul numa das mais instáveis e inseguras do globo.

Compreende-se assim que esta mudança no equilíbrio de poderes na região tenha atraído a atenção e o interesse de outros atores – estatais e não estatais, extra regionais e regionais – embora sem se compreender se as suas políticas, para além de servirem os seus interesses, contribuem para estabilizar a região ou, pelo contrário, servirem de catalisadores de instabilidade.

### **a) A Geórgia, o Azerbaijão e a Arménia: Sociedades, Economia e Defesa.**

A Geórgia, o Azerbaijão e a Arménia, três NEI resultantes da desintegração da URSS partilham a região do Cáucaso do Sul, mas diferem na dimensão da sua área geográfica, na quantidade de recursos existentes, nas condições socioeconómicas, em termos étnicos, culturais e religiosos, bem como nas orientações das suas políticas internas e externas, ou

---

<sup>51</sup> Evgeni Kirilov In *EURASIANET*.

<sup>52</sup> *The balance of power*



---

seja, estamos perante um mosaico de diversidade. Esta configuração influencia, não só as suas políticas - económica, de segurança, e externa - como a forma como se relacionam com atores estatais e não estatais que disputam a sua presença na região (Freire, 2011:1). Para melhor compreendermos esta dinâmica existente no Cáucaso do Sul, importa caracterizarmos os seus Estados.

### **i. A Geórgia**

A independência da Geórgia, um pouco à semelhança dos outros Estados do Cáucaso do Sul surgiu, numa primeira fase, logo após o colapso do Império Russo, na sequência da Revolução Bolchevique num período entre maio de 1918 e fevereiro de 1921. Mas ao mesmo tempo que procurava fugir do jugo da Rússia, ocorreram uma série de disputas internas por parte de rebeldes ossetas, apoiando os bolcheviques russos, os quais procuravam a independência da Abecásia, parcela de território georgiano. Na sequência da invasão dos bolcheviques a Tbilisi em março de 1921, a Abecásia foi declarada independente como República Socialista Soviética, e isolada da Geórgia. Em dezembro do mesmo ano, após a assinatura do Tratado de União<sup>53</sup> a Abecásia e a Geórgia uniram-se, e assim permaneceram até dezembro de 1931, altura em que a Abecásia foi incluída na Geórgia como uma república autónoma, naquela que foi considerada pelas elites abecases como “*a georgianização da Abecásia*”, originando migrações maciças de georgianos para a Abecásia. O resultado foi um crescendo de resistência abecaz que, repetidamente, pedia ao governo central para se separar da Geórgia e integrar a federação russa (Burns, 2008:30).

Esta integração, à semelhança da integração da Adjária e da Ossétia do Sul congregou três etnias, religiões e políticas. No caso da Adjária, trata-se de uma antiga província do Império Otomano, com pendor muçulmano, mas com maioria étnica georgiana. Já a Ossétia do Sul, originária do Império Persa, resulta da miscigenação de georgianos, russos, chechenos e circassianos (etnia oriunda da Circássia no norte do Cáucaso), os quais se distribuíram ao longo das montanhas do Cáucaso, a norte e a sul.

Hoje, a Geórgia é um pequeno Estado independente desde 9 de abril de 1991. Situada na região do Cáucaso do Sul, é o único dos três Estados com ligação ao Mar Negro ao longo dos cerca 310 Km de costa, estando limitada nas suas fronteiras terrestres a norte pela Rússia, ao longo dos seus 1461 Km, a sul pela Turquia e pela Arménia, e a leste pelo Azerbaijão, tem a sua capital em Tbilisi, num território com uma área de cerca de 69.700 Km<sup>2</sup> e com uma

---

<sup>53</sup> Tratado celebrado em 16 de dezembro de 1921 entre as duas repúblicas soviéticas com o objetivo de assegurar o interesse das duas partes ao nível político, económico e militar (Abkhaz World, 2012).

população de aproximadamente 4,6 milhões (CIA *World FactBook Georgia*, 2012), e uma densidade populacional de 62,4 por Km<sup>2.54</sup>



Figura 6 -O mapa da Geórgia

Fonte: *Maps of the World* [Em linha][Consultado em 15 de janeiro de 2013] Disponível em: <http://www.mapsofworld.com/georgia/>

Integradas na sua organização administrativa encontram-se as repúblicas autónomas da Abecásia e da Adjária, bem como a região autónoma da Ossétia do Sul. Na sua fronteira a norte encontra-se separada da Rússia através da cordilheira do Grande Cáucaso, cujo pico com cerca de 5.201 m de altura se encontra no Mt'a Shkhara e a sul pela cordilheira do Pequeno do Cáucaso. O rio Mtkvari nasce na Turquia, estende-se para leste ao longo de cerca de 1364 Km, e depois de ter atravessado o Azerbaijão desagua no Mar Cáspio. O Rioni é o principal rio e estende-se para oeste ao longo dos seus 327 Km em direção ao Mar Negro. Embora possua diversos rios, existem problemas com a distribuição de água potável, uma vez que o rio Mtkvari se encontra bastante poluído (CIA *World Factbook - Georgia*, 2012). Em

<sup>54</sup> UN *Pocketbook* 2011.

resumo, a Geórgia dispõe duma localização geográfica que lhe permite assegurar controlo sobre as cordilheiras do Cáucaso, concretamente sobre a passagem de oleodutos e gasodutos, motivo pelo qual se mostra ser um território tão apetecível para a segurança energética russa.

No que diz respeito à caracterização do fator humano, e de acordo com o último censos de 2002, predominam os georgianos (a beije - 83.9%), e a restante população é composta por azeris (a verde - 6.5%), arménios (a amarelo - 5.7%), russos (a azul - 1.5%) e outros (2,5%) (*Ibid*).



Figura 7- O mapa étnico da Geórgia

Fonte: *European Centre for Minority Issues Georgia* [Em linha][Consultado em 15 de janeiro de 2013]  
Disponível em: [http://www.ecmicaucasus.org/menu/info\\_maps.html](http://www.ecmicaucasus.org/menu/info_maps.html)

Já no que diz respeito à composição da população, podemos observar a sua estrutura em termos etários e de género na figura seguinte.

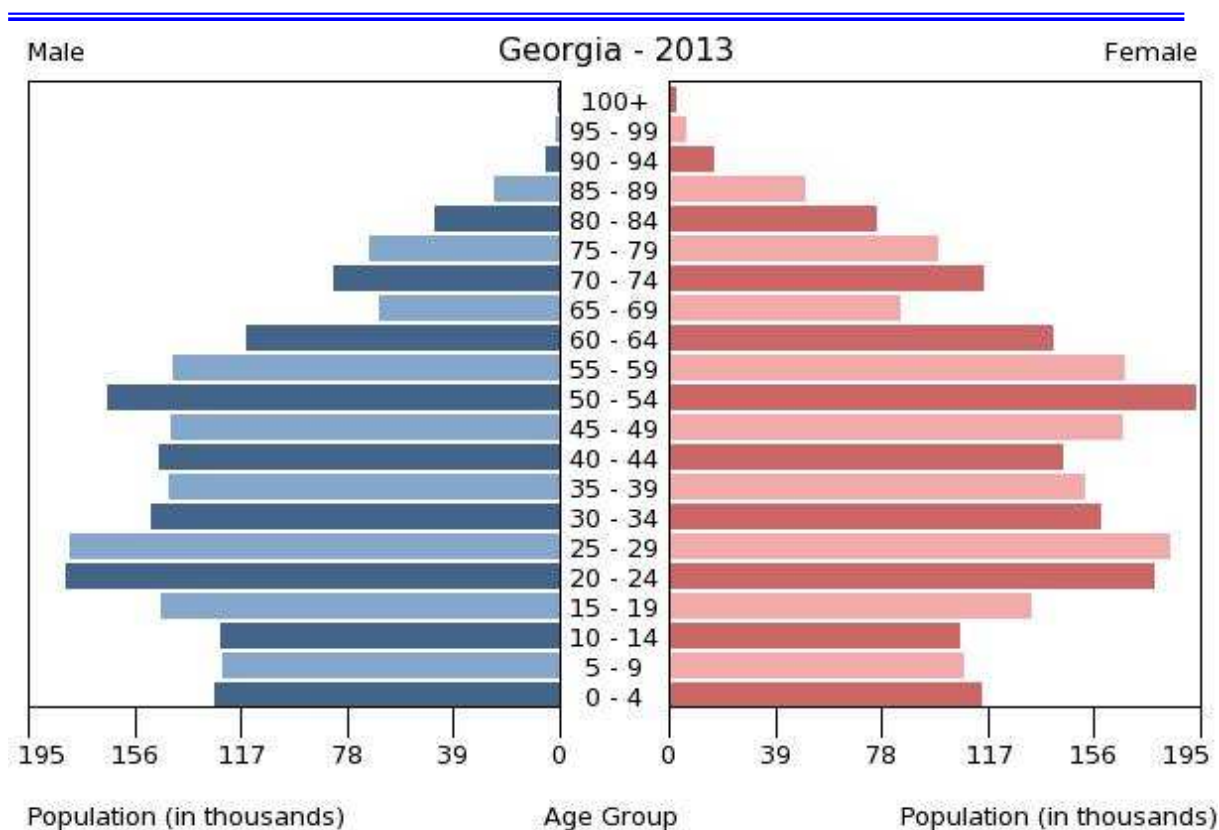


Figura 8 -A pirâmide populacional da Geórgia

Fonte: *CIA World factbook - Georgia* [Em linha][Consultado em 15 de janeiro de 2013] Disponível em: [https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/population/populationtemplate\\_GG.html](https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/population/populationtemplate_GG.html)

No que diz respeito aos níveis de escolaridade, 99.7% das pessoas acima dos 15 anos de idade consegue ler e escrever, correspondendo a 99.8% dos homens e 99.7% das mulheres, e o Estado gastou em 2011 cerca de 2.7% do PIB com a educação (*World Bank, 2013a*).

A população tem uma distribuição maioritariamente urbana - 53% - e os restantes 47% distribuem-se pelo meio rural, com uma esperança de vida de 68 anos para os homens e de 75 anos para as mulheres e uma taxa de mortalidade infantil de 35% (ver anexo D).<sup>55</sup>

Quanto a religiões, e de acordo com o *CIA World Factbook – Georgia*, predominam os Cristão Ortodoxos (83.9%), os Muçulmanos (9.9%), os Gregorianos (3.9%), os Católicos (0.8%), outros (0.8%) e 0.7% admitem não ter religião.

<sup>55</sup> De acordo com a *UN Statistics Division* (2010)



---

### **a) A evolução interna e política externa**

A Revolução das Rosas em 2003 foi o marco na política interna da Geórgia, e surgiu como resultado de onze anos de Eduard Shevardnadze no poder e da sua incapacidade em controlar os separatismos, a dependência económica da Rússia, a corrupção e a influência das elites. Assim, a contestação foi aumentando, e aquando da realização das eleições em 2003, e da suspeita de manipulação dos resultados das mesmas, a revolta popular foi desencadeada sob a forma de diversas manifestações espalhadas um pouco por toda a Geórgia. A resposta de Shevardnadze não se fez esperar, com o envio de tropas para as ruas na tentativa de deter o mau estar que se fazia sentir. Nessa altura, os soldados terão sido recebidos com rosas, tendo muitos deles pousado as armas e terminado os protestos. Fruto destes desenvolvimentos, a 23 de novembro de 2003 Shevardnadze demitiu-se (Burns, 2009:102), tendo Mikheil Saakashvili, o qual terá liderado a revolta popular, em janeiro de 2004, sido eleito presidente com 96% dos votos (Gegeshidze, 2011:32).

O início da implementação de um regime democrático na Geórgia, cujos valores assentam nas democracias ocidentais, bem como a intenção em integrar organizações internacionais como o OTAN e a UE foi de imediato percecionado pela Rússia como uma ingerência - ameaça - do Ocidente naquilo que ainda hoje considera ser o seu *near abroad*, ou seja, segundo o conceito de Walt e do *balance of threat* de que a perceção da ameaça aumenta com a proximidade. Durante o período que mediou entre 2006 e 2007 assistiu-se a um exacerbar dos conflitos internos com a Abecásia e com a Ossétia do Sul, e à utilização dessa situação para que a Rússia e os líderes separatistas, recorrendo ao estatuto do Kosovo, invocassem o mesmo estatuto para as duas regiões. Os meses seguintes contaram com um crescendo de crispação entre a Rússia e a Geórgia – desde cortes energéticos por parte da Rússia, a embargos à importação de vinho em setembro de 2006, e a diversas violações do espaço aéreo georgiano durante o ano de 2007.

O ano de 2008 revelou uma nova tentativa da Abecásia, junto da ONU para obter o reconhecimento da sua independência, contando para isso com a pressão da Duma Russa em reconhecer as duas regiões, a Abecásia e a Ossétia do Sul (Burns, 2009:115). O culminar desta crispação deu-se no dia 7 de agosto, com a intervenção militar, ao jeito do realismo ofensivo, de tropas georgianas a posições de tropas russas na Ossétia do Sul. A resposta russa foi imediata. A primeira invasão dos russos desde o Afeganistão em 1979 fez com que em dez dias os russos garantissem a segurança da Abecásia e abrissem uma segunda frente na Ossétia

do Sul colocando inúmeras questões à Geórgia se alguma vez irá recuperar estas duas regiões (*Ibid*:116).

Como consequência da “Guerra dos Cinco Dias”, a política interna da Geórgia foi direcionada para a recuperação e o desenvolvimento socioeconómico<sup>56</sup>, embora fique a percepção de que esta orientação visava fundamentalmente aumentar a cooperação com organizações internacionais como a UE, o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM) e acelerar o processo de entrada na OTAN (Tatum, 2009:168), querendo dizer que a preocupação foi mais a política externa do que propriamente a resolução de questões internas. Nas figuras seguintes podemos observar a evolução do Índice de Desenvolvimento Humano georgiano, quando comparado com o resto do mundo, da Europa e da Ásia Central, entre 1985 e 2012, e o índice de desenvolvimento humano georgiano em áreas básicas de desenvolvimento humano: a saúde, a educação e o rendimento (UNDP, 2013).<sup>57</sup>

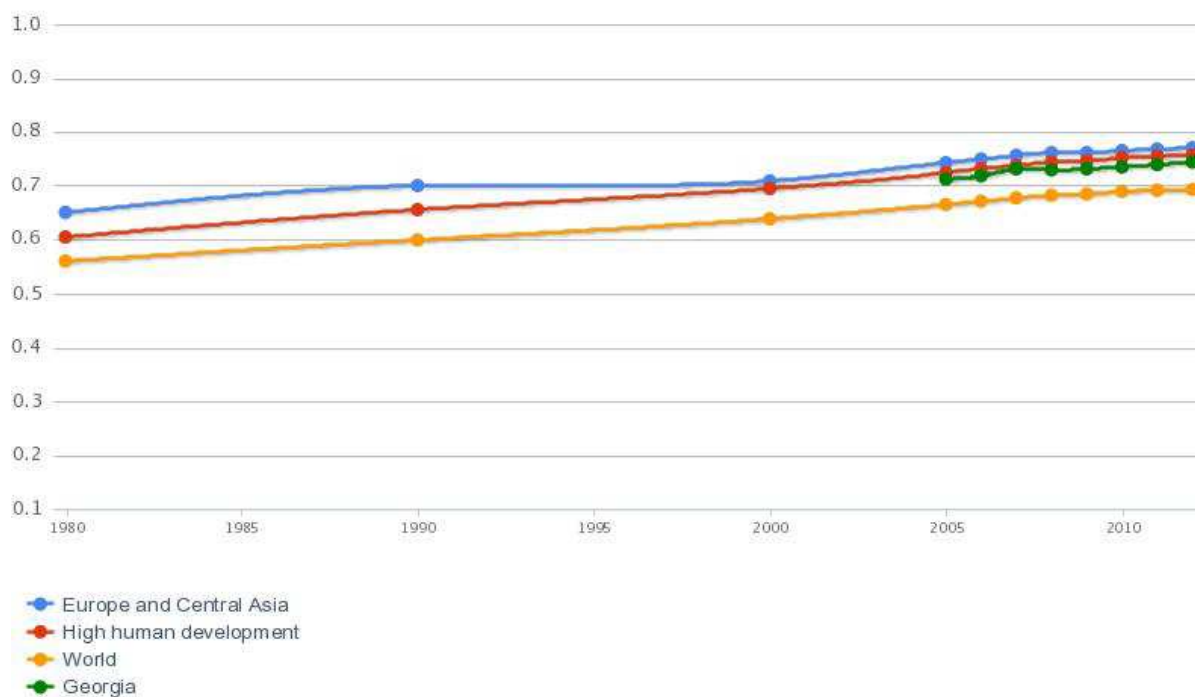


Figura 9 -Índice de desenvolvimento humano da Geórgia entre 1980 e 2010

Fonte: UNDP. *International Human Development Indicators* [Em linha][Consultado em 15 de março de 2013]  
Disponível em: <http://hdrstats.undp.org/en/countries/profiles/GEO.html>

<sup>56</sup>The generous 4.5 billion USD received from 38 countries and fifteen international organisations over three years to help post-war recovery guaranteed economic stability.(Gegeshidze, 2011:35)

<sup>57</sup> United Nations Development Programme. De acordo com esta entidade o Índice de Desenvolvimento Humano georgiano é de 0.745, colocando-o na posição 72 do ranking dos 187 países com dados disponíveis.O Índice europeu e da Ásia Central aumentou de 0.651 em 1980 para 0.771 na atualidade, colocando a Geórgia abaixo da média regional (UPND, 2013)

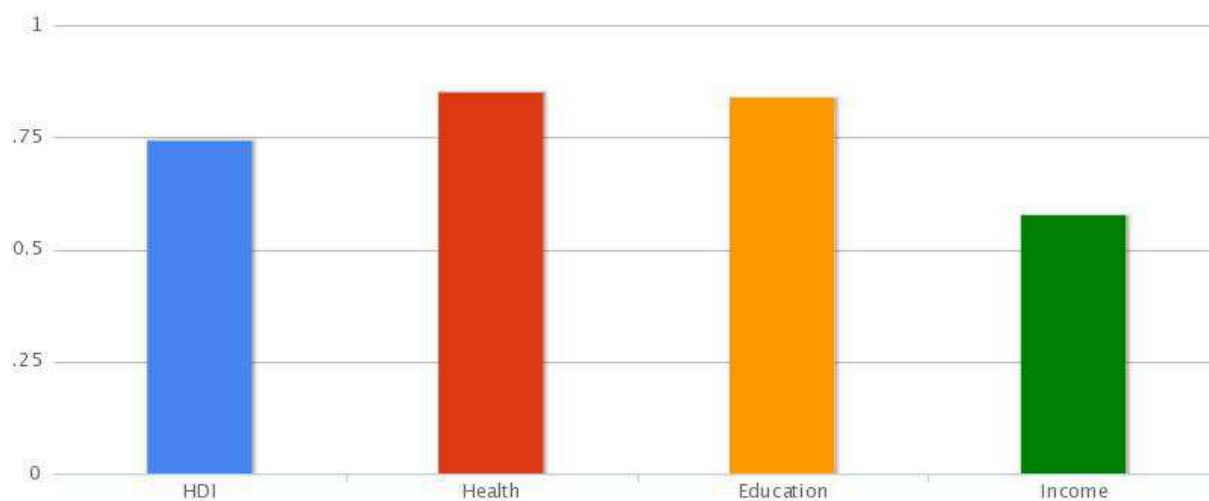


Figura 10 - Índice de desenvolvimento humano georgiano por áreas de desenvolvimento

Fonte: UNDP. *International Human Development Indicators* [Em linha][Consultado em 15 de março de 2013]  
Disponível em: <http://hdrstats.undp.org/en/countries/profiles/GEO.html>

Em termos de política externa, os principais vetores do governo georgiano são a recuperação da sua integridade territorial nos territórios da Abecásia e da Ossétia do Sul, a localização geoestratégica da Geórgia e o corredor energético que liga a Europa ao Mar Cáspio, a perspectiva de adesão à UE e à OTAN, a resolução dos *frozen conflicts* com a retirada das tropas russas da Abecásia e da Ossétia do Sul em violação do cessar-fogo de 2008, a promoção da cooperação com o Azerbaijão e com a Arménia, na perspectiva de criar um espaço económico e de segurança comum como instrumento fundamental para a estabilidade regional.

Outro aspeto importante na política externa georgiana é a Turquia, uma vez que, ao nível das importações, se trata do principal parceiro comercial na região (Geostat, 2013), mas de igual forma, pelo fato da Turquia ser membro da OTAN e da proteção natural que daí advém. Importa ainda recordar que ambos têm inúmeros projetos energéticos em comum - os oleoduto de Baku-Tbilisi-Ceyhan<sup>58</sup>, o gasoduto de Baku - Tbilisi- Erzurum, o projeto Nabucco

<sup>58</sup> The pipeline was officially inaugurated at the Sangachal terminal, near Baku, by President Ilham Aliyev of the Azerbaijan Republic, President Mikhail Saakashvili of Georgia and President Ahmet Sezer of Turkey, joined by President Nursaltan Nazarbayev of Kazakhstan on 25 May 2005. BP holds a 30% stake in the consortium running the pipeline. Other consortium members include Azerbaijan's state oil company SOCAR (25%), Amerada Hess (2.36%), ConocoPhillips (2.5%), Eni (5%), Inpex (2.5%), Itochu (3.4%), Statoil (8.71%), Total-

em curso<sup>59</sup>, e a linha de caminho-de-ferro de Baku-Tbilisi-Kars (ver anexo A). Na figura seguinte podemos observar os principais parceiros comerciais georgianos no que respeita o total de importações e de exportações. Esta mesma relação pode ser encontrada de forma mais detalhada no anexo G.

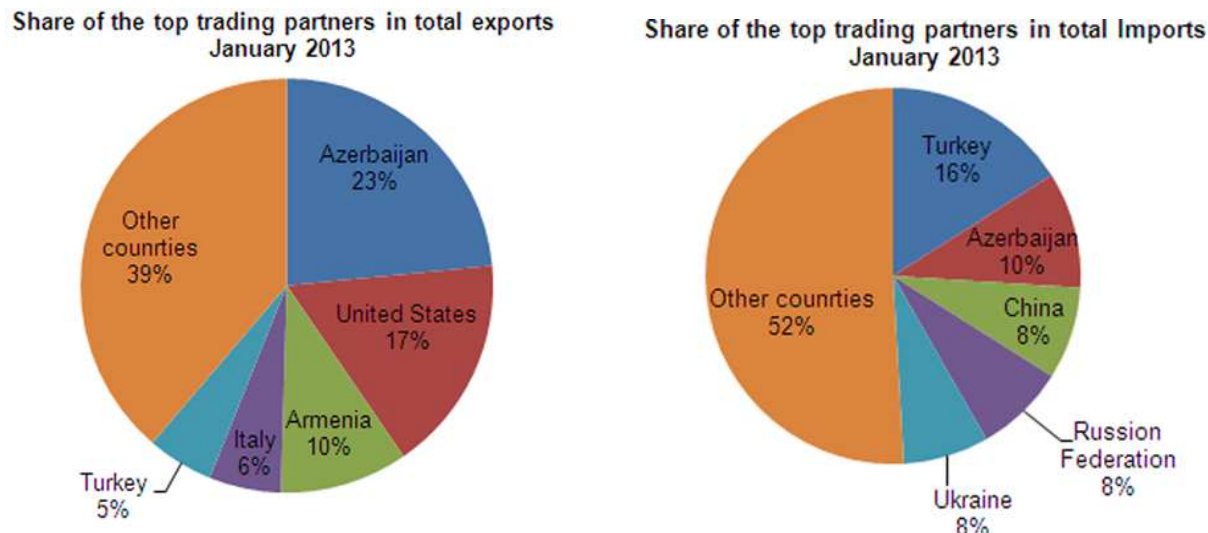


Figura 11-Principais parceiros comerciais georgianos - Importações e Exportações

Fonte: GEOSTAT. *National Statistics Office of Georgia* [Em linha][Consultado em 22 de março de 2013]  
Disponível em: [http://www.geostat.ge/index.php?action=page&p\\_id=137&lang=eng](http://www.geostat.ge/index.php?action=page&p_id=137&lang=eng)

Também a cooperação multilateral constitui uma prioridade para a Geórgia, como por exemplo, através da ONU e de quão importante seria recuperar a missão de observadores da ONU como elemento estabilizador da conflitualidade interna, da OCSE, ausente do território desde 2008 por exigência Russa, ou do Conselho da Europa, com a perspectiva da implementação do normativo e dos princípios europeus (*Ministry of Foreign Affairs of Geórgia*, 2011).

Para além disso, a dependência energética da Europa e a procura de novas reservas por parte dos EUA, e a GWOT - proximidade do Afeganistão - fez com que o Ocidente passasse a olhar para a Geórgia como um importante parceiro na segurança regional, em particular da segurança energética - a produção, o transporte e o fornecimento<sup>60</sup>. No entanto, esta aproximação aos EUA sofreu um revês aquando da “Guerra dos Cinco Dias”, uma vez que

*FINA-ELF (5%), TPAO (6.53%) and Unocal (8.9%). The pipeline was constructed by, and is managed by, the consortium company Baku-Tbilisi-Ceyhan Pipeline Company (BTC Co) (hydrocarbons-technology, 2012).*

<sup>59</sup> O Nabucco é um projeto de gasoduto que levará o gás natural proveniente do Mar Cáspio da Turquia até à Austria, passando pela Bulgária, pela Roménia e pela Hungria, numa perspectiva de diversificação de abastecimento deste recurso aos mercados europeus, diminuindo assim a dependência dos mercados russos. (*Nabucco Pipeline*, S/D).

<sup>60</sup> As relações entre os EUA e a Geórgia foram retomadas em 23 de abril de 1992 (*Ministry of foreign Affairs of Georgia*, 2011),



estes optaram por se manter afastados da resolução do conflito, não querendo confrontar a Rússia, posição essa ocupada pela UE, na pessoa do seu presidente, na altura Nikolas Sarkozy. A visita de Saakashvili à Casa Branca em janeiro de 2012 veio reforçar a cooperação bilateral entre os dois Estados, mormente na área da segurança e defesa, sublinhando a contribuição da Geórgia na ISAF<sup>61</sup>, tendo o presidente Obama reconhecido que continuará a fazer todos os esforço para que a Geórgia veja a sua admissão na OTAN concretizada (*Ministry of foreign Affairs of Geórgia*, 2011).

#### **b) A situação económica, política e social**

A economia da Geórgia, fruto da desintegração da URSS - de quem estava bastante dependente - e que assentava fundamentalmente no turismo e no cultivo de citrinos, chá, uvas e minério, sofreu um abalo significativo no período pós-1991, tendo o seu Produto Interno Bruto (PIB) decrescido cerca de 80% entre 1992 e 1993 (Burns, 2009:99)<sup>62</sup>. Com a chegada ao poder de Eduard Shevardnadze, o país estabilizou, e gradualmente a economia começou a mostrar sinais de alguma vitalidade, mas ao mesmo tempo, as economias paralelas resultantes do crime organizado minavam a essência do Estado (*Ibid*). As reformas continuaram com o presidente Mikhail Saakashvili, com especial enfoque na reformulação do código aduaneiro e da simplificação do código tributário como ferramentas para combater a corrupção – tolerância zero à corrupção (Corso, 2009:20) - permitindo a chegada do investimento estrangeiro. Contudo, de acordo com o Ministério da Justiça georgiano, e apesar do esforço para combater a corrupção entre 2003 e 2010, somente mil funcionários públicos foram indiciados por práticas de corrupção – incluindo 6 polícias militares, 15 deputados e 31 funcionários da administração pública (Kupatadze, 2011:2). Ainda no âmbito da transformação do Estado, e com o objetivo primordial de atrair o investimento, interno e externo, ocorreu uma redução do IVA e de cerca de 50 % dos funcionários públicos - embora esta tenha sido acompanhada de um aumento de 15 vezes dos vencimentos dos mesmos - e ainda segundo Alexander Kupatadze, o índice de corrupção nos diversos setores que intervêm mais frequentemente com os cidadãos diminuiu consideravelmente<sup>63</sup>. Com esta política, Mikhail Saakashvili pretendeu, em primeiro lugar, fortalecer o sistema político, em segundo, ciente da falta de recursos existentes no país, cativar o investimento estrangeiro a fim de

<sup>61</sup> O maior contribuinte de tropas para a ISAF fora do âmbito da OTAN – 1500 militares.(NATO, 2013).

<sup>62</sup> Para uma visão integrada da evolução do PIB no Cáucaso do Sul consultar o anexo B.

<sup>63</sup> De acordo com o relatório do *World Bank's Doing Business Report 2011*, a Geórgia foi o “melhor aluno” a nível mundial de entre os 183 estados que são anualmente foco de análise. Em relação ao ranking global, a Geórgia ocupou o 17º lugar em 2011 e o 16º em 2012 (*World Bank and the International Finance Corporation, 2011*).

desenvolver a economia georgiana, e por fim, aproximar-se dos valores democráticos do Ocidente para num segundo momento assegurar a sua entrada na UE e na OTAN (Kupatadze, 2011:3-4).

Atualmente a economia da Geórgia assenta na agricultura, na extração de minério - como o ouro, o manganésio ou o cobre - na ténue indústria de bebidas alcoólicas e não alcoólicas, na indústria metalúrgica e química. Em termos energéticos, a Geórgia importa a quase totalidade de petróleo e de gás natural, em particular do Azerbaijão, e tem apostado na renovação de algumas das suas barragens como fonte de energia alternativa (ver figura 12).

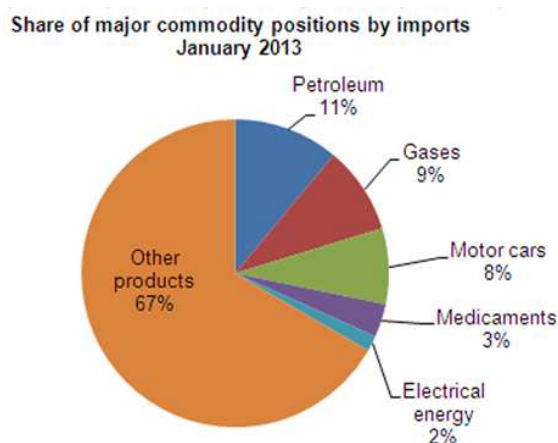


Figura 12-Principais importações georgianas

Fonte: GEOSTAT. *National Statistics Office of Georgia* [Em linha][Consultado em 22 de março de 2013]  
Disponível em: [http://www.geostat.ge/index.php?action=page&p\\_id=137&lang=eng](http://www.geostat.ge/index.php?action=page&p_id=137&lang=eng)

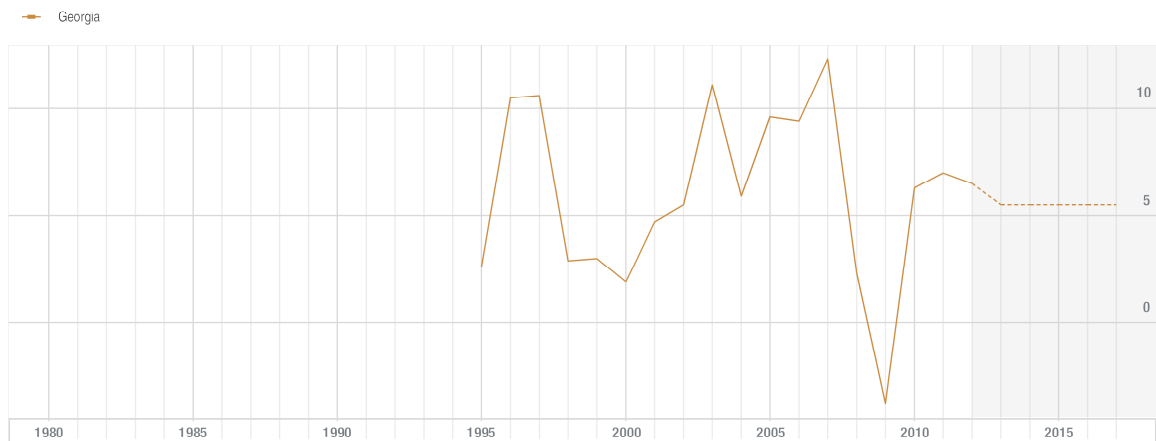
Muito embora a região do Cáucaso do Sul seja, porventura, uma das regiões mais instáveis do planeta, e apesar da crise financeira mundial, o PIB da Geórgia cresceu cerca de 10% entre 2006 e 2007<sup>64</sup>, tendo abrandado para valores na ordem dos 2% como consequência da guerra que opôs a Geórgia à Rússia, e mesmo sido negativo com o instalar da crise financeira nos mercados internacionais em 2009 (Sakevarishvili, 2010:18). Durante o ano de 2010 o PIB voltou a crescer, mas desta vez para valores na ordem dos 3.5% (*Ibid*). Já em 2011, e de acordo com o FMI, o cenário macroeconómico georgiano foi positivo, tendo apresentado um crescimento de 7%, muito assente na construção civil, nos transportes, no turismo - em especial no Mar Negro - e no sector financeiro (IMF, 2012)<sup>65</sup>. Nas figuras que se seguem podemos observar a evolução do PIB georgiano, nominal e *Per Capita*.

<sup>64</sup> Muito por força do forte investimento estrangeiro.

<sup>65</sup> *International Monetary Fund Program Note on Georgia*.

IMF Data Mapper ®

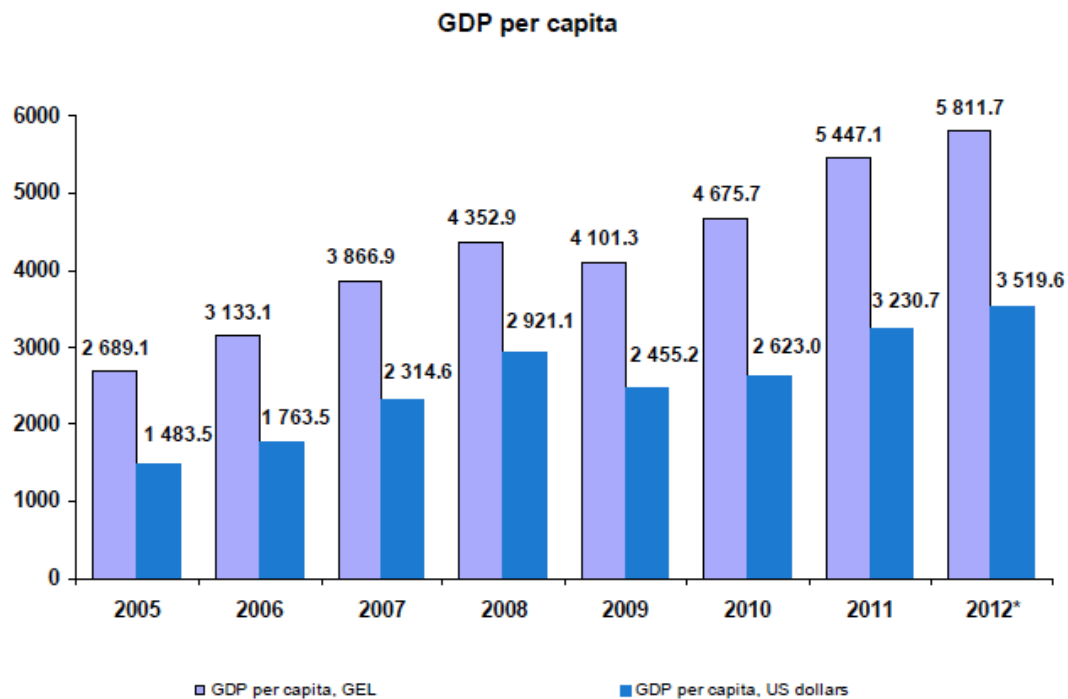
Real GDP growth (Annual percent change)



©IMF, 2012, Source: World Economic Outlook (October 2012)

Figura 13-Evolução do PIB nominal georgiano entre 1995 e 2012

Fonte: Fundo Monetário Internacional. *IMF Data Mapper*[Em linha][Consultado em 15 de março de 2013]  
Disponível em: <http://www.imf.org/external/datamapper/index.php>



\* Preliminary data.

Figura 14-Evolução do PIB *Per Capita* georgiano entre 2005 e 2012

Fonte: GEOSTAT. *National Statistics Office of Georgia* [Em linha][Consultado em 22 de março de 2013]  
Disponível em: [http://geostat.ge/cms/site\\_images/\\_files/english/nad/GDP\\_2012\\_\\_press-release\\_\\_Eng.pdf](http://geostat.ge/cms/site_images/_files/english/nad/GDP_2012__press-release__Eng.pdf)

O crescimento tem sido aproveitado para a Geórgia para aumentar o seu orçamento na área militar. De acordo com o *Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI)*, entre 1999 e 2008 o orçamento passou de 39.8 milhões de dólares para 651 milhões de dólares, numa alegada necessidade de reformulação das suas forças armadas, mas a que as disputas internas não serão, com certeza, alheias<sup>66</sup>(Kucera, 2010). Na figura 15 podemos observar a evolução da % de PIB gasto com a defesa (SIPRI, 2012), e para uma visão integrada sobre a região do Cáucaso do Sul podemos consultar o anexo C.

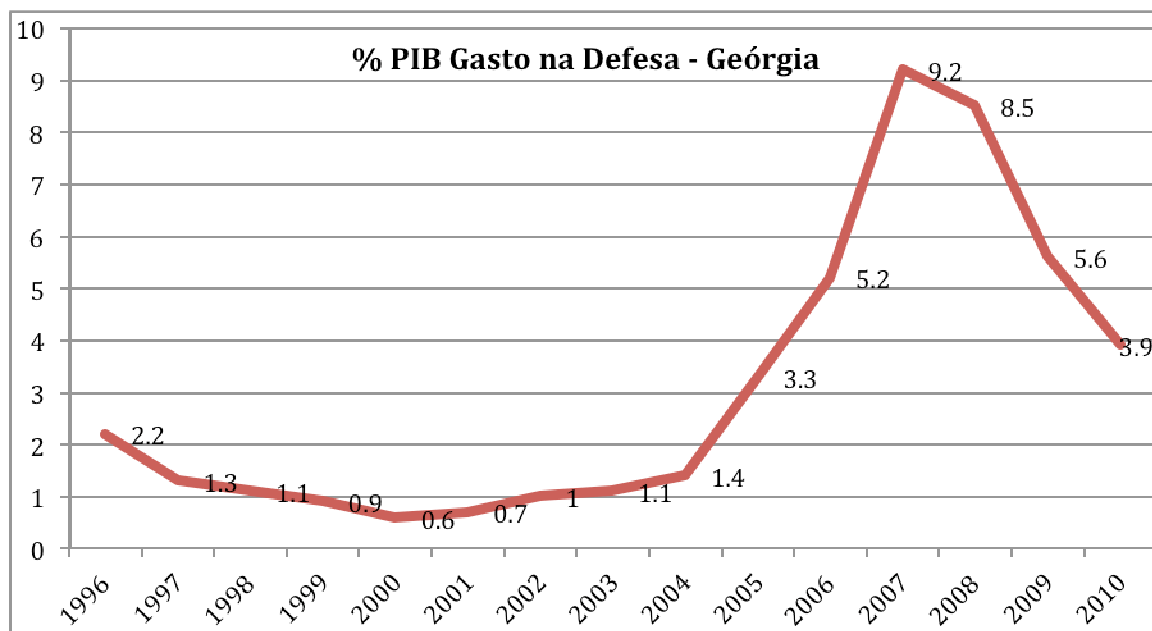


Figura 15-Evolução da % do PIB georgiano gasto com a defesa

Fonte: *The SIPRI Militar Expenditure Database* [Em linha][Consultado em 17 de março de 2013] Disponível em: <http://milexdata.sipri.org/result.php4>

Embora se reconheça a existência de alguma indústria, turismo e agricultura na base do desenvolvimento da economia georgiana, é na existência dos recursos naturais do Mar Cáspio que reside o fator condicionante da sua *performance* - a Geórgia é preponderante para a passagem de petróleo e de gás natural do Azerbaijão para o ocidente - Turquia e Mediterrâneo, mas de igual forma no transporte de minerais, grãos e fertilizantes do Azerbaijão - Baku para os principais portos georgianos do Mar Negro (Mamuka,2008:8-9), da mesma forma que se constitui como peça-chave no comércio entre a Arménia e os seus vizinhos a norte.

<sup>66</sup> “Georgia has made similar purchases to Azerbaijan, including several land-vehicle buys in 2009, including 70 Ejder armored personnel carriers from Turkey and 32 tanks from Ukraine, 20 T-72s and 12 T-84s.” (Kucera, 2010).

O início de 2012 ficou marcado por mais um passo rumo à integração da economia georgiana (e arménia) no mercado Europeu através do programa *Deep Comprehensive Free Trade Area* (DCFTA), o qual permitirá alicerçar a transição de uma economia centralizada da época da URSS para uma economia de mercado, ampliar os acordos ora existentes, numa perspetiva de atração de novos investidores, da diminuição de taxas, e do acesso a novos mercados (Cossoul, 2011). Para já o Azerbaijão ficou de fora desta iniciativa, uma vez que não faz parte da Organização Mundial de Comércio, que foi a condição imposta pela UE para a adesão a este programa. Nas figuras seguintes podemos observar os principais investidores presentes na Geórgia e os setores de investimento referente ao ano de 2012 (Geostat, 2013).

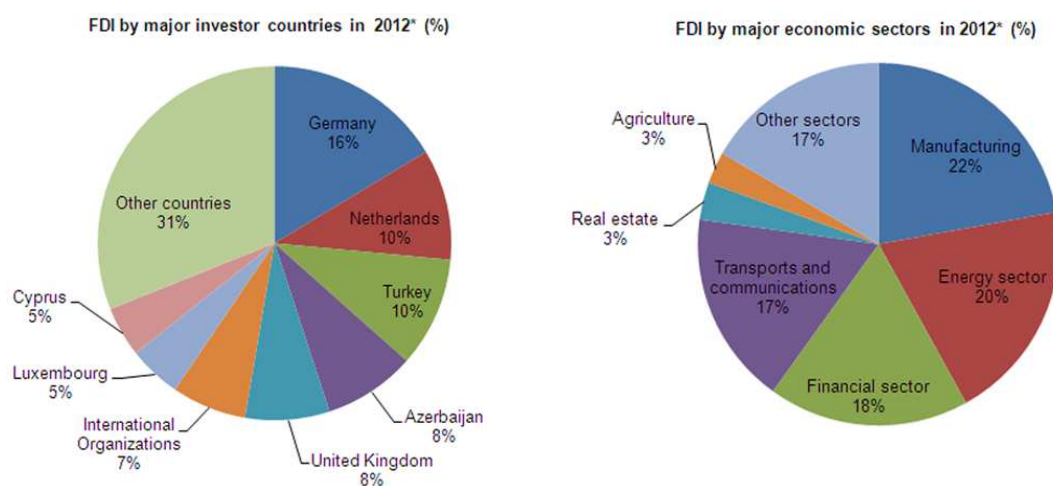


Figura 16-Investimento estrangeiro na Geórgia em 2012

Fonte: GEOSTAT. *National Statistics Office of Georgia* [Em linha][Consultado em 22 de março de 2013]  
Disponível em: [http://www.geostat.ge/index.php?action=page&p\\_id=137&lang=eng](http://www.geostat.ge/index.php?action=page&p_id=137&lang=eng)

Ao nível político, o período que se seguiu à guerra com a Rússia em 2008 foi de transformação, desde o nível judicial, até aos media. Ao nível judicial, a desconfiança relativa à independência do poder executivo ainda persiste, e ao nível dos media a influência do governo ainda se faz sentir (*International Crisis Group*, 2010). As eleições parlamentares de outubro de 2012, e a consequente revisão constitucional com o aumento dos poderes do Primeiro-Ministro em detrimento do presidente da república constituíram, seguramente, um desafio para a Geórgia, dado que foram as primeiras realizadas de forma pacífica, exprimindo os seus direitos democraticamente. O resultado foi a vitória do partido de oposição a Sakashvili - Plataforma Sonho Georgiano - liderada pelo milionário Bidzina Ivanishvili. Importará observar se esta transformação permitirá uma estabilidade económica de longo

---

prazo - o financiamento estrangeiro na Geórgia não durará para sempre - bem como do primado da lei, ou seja, a garantia da proibição do exercício arbitrário do poder, a exigência de normas públicas claras e consistentes e a exigência de tribunais acessíveis e estruturados para ouvir e determinar as reivindicações legais (Rabenhorst, S/D), pois só assim será possível continuar a alimentar a esperança georgiana de adesão às estruturas Euro-atlânticas.

## **ii. Azerbaijão**

A queda do Império Russo na sequência da revolução Bolchevique levou à integração do Azerbaijão em 1918 - à semelhança da Geórgia e da Arménia - na República Democrática Federativa da Transcaucásia (RDFT), a qual, ainda durante o mesmo ano, e motivado pelo desejo de independência de cada uma das partes, se desintegrou. Corria o mês de maio quando o Azerbaijão declarou a sua independência como República Democrática do Azerbaijão (Burns, 2009:29). Contudo, foi uma independência de curta duração, já que volvidos dois anos, em 1920, o exército vermelho recuperou o Cáucaso do Sul e, a agora República Socialista Soviética do Azerbaijão, à semelhança da Geórgia e da Arménia, foi integrada na República Federal Socialista Soviética da Transcaucásia (*Ibid*:30). Mais tarde, também esta foi dissolvida, e surgiram três repúblicas socialistas soviéticas no Cáucaso do Sul. O enclave de Nakhichevan, entre a Arménia e o noroeste do Irão, foi considerado uma república socialista soviética, e um referendo popular realizado em 1921 revelou a vontade de permanecer integrado no Azerbaijão; no caso do enclave de Nagorno-Karabakh, foi igualmente integrado como uma república socialista soviética, mas o fato de ter população arménia a habitar dentro de território do Azerbaijão constituiu-se como fator fraturante entre as duas etnias. Este desenhar artificial de fronteiras, o fato das populações no Cáucaso terem sido obrigadas por Estaline a aprender russo, e a reorientação das rotas de exportação dos recursos petrolíferos do Azerbaijão para norte, fez crescer um ascendente russo sobre o Azerbaijão (*Ibid*:31). Ainda durante a influência soviética, e na sequência do alinhamento do Irão com a Alemanha nazi, os soviéticos invadiram o Irão azeri, e convenceram os azeris do norte a revoltarem-se, criando um atrito com o Irão que se veio a agravar após uma segunda invasão em 1946, quando se esperava exatamente o contrário, que os soviéticos retirassem e o Irão recuperasse a sua integridade territorial. No entanto, os soviéticos pressionados pela ONU, e a troca de ações em petróleo iraniano, acabaram por retirar.

Em agosto de 1991, tendo ao leme dos seus destinos o presidente Ayaz Mutalibov, antigo líder do partido comunista na era de Gorbachev, o Azerbaijão declarou a sua independência. Em 1992 ocorreram as primeiras eleições, tendo Mutalibov permanecido no



poder e a oposição, a Frente Popular Azeri, boicotado as eleições. Com isto, a situação política tornou-se instável, e irrompeu o conflito no território de Nagorno-Karabakh, com os Armênios a requererem a independência do enclave.

Geograficamente localizado à beira do Mar Cáspio e ao longo de 825 km, o Azerbaijão encontra-se limitado a norte pela Rússia, ao longo de uma fronteira de 390 km, a sul pelo Irão , ao longo de 765 km, a noroeste pela Geórgia ao longo de 480 km, a oeste pela Arménia , ao longo de 1007 km, e a sudoeste pela Turquia , ao longo de 15 km (Azerbaijan, 2013).<sup>67</sup>



Figura 17-Mapa do Azerbaijão

Fonte: *One World – Nations online* [Em linha][Consultado em 17 de março de 2013] Disponível em: <http://www.nationsonline.org/oneworld/map/azerbaijan-political-map.htm>

Contando com uma área geográfica de 86600 Km<sup>2</sup> e uma população de aproximadamente 9,5 milhões de habitantes, o Azerbaijão tem a sua capital em Baku, na Península do Abesheron, bem junto ao Mar Cáspio (*CIA World Fact Book-Azerbaijan*, 2012).

O território azeri caracteriza-se por ser maioritariamente montanhoso (cerca de 50%), com a cordilheira do Grande Cáucaso a norte e do Cáucaso Menor a sul, sendo o restante montes e planícies.

<sup>67</sup> Página oficial do Azerbaijão.



O pico mais alto, com aproximadamente 4.466 m é o Monte Bazarduzu, a meio do território encontram-se as planícies de Kura e Mugan e no sudoeste a planície de Salyan (Azerbaijan, 2010).

Os seus rios desagüam todos no Mar Cáspio, sendo que a maioria estão relacionados com a Bacia do Rio Kura, o maior rio do Cáucaso com cerca de 515 Km<sup>68</sup>.

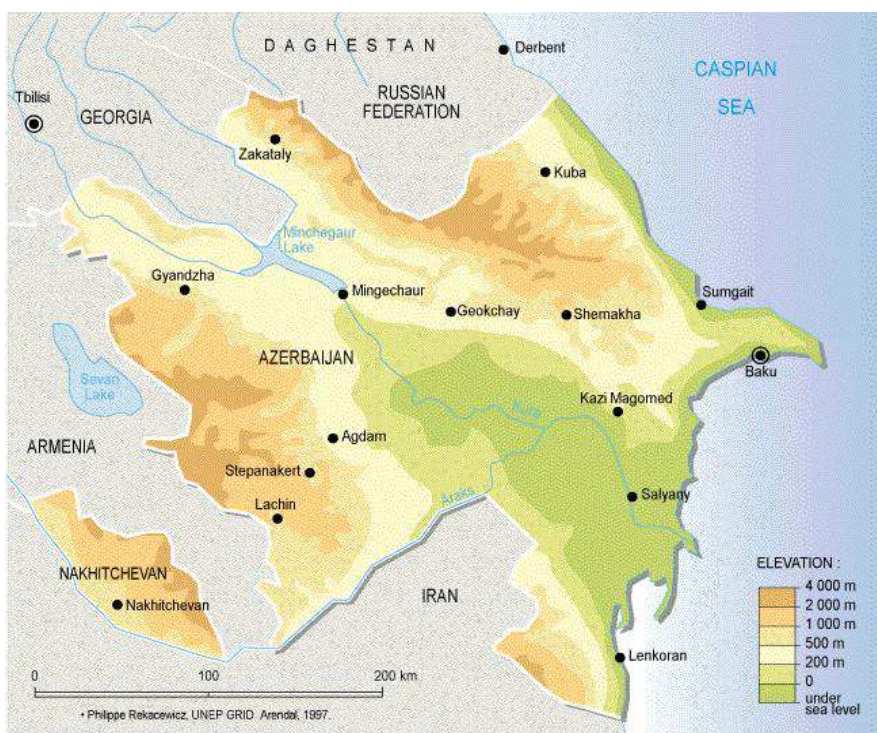


Figura 18-Orografia do Azerbaijão

Fonte: CIA World factbook - Georgia [Em linha][Consultado em 22 de março de 2013] Disponível em: [https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/population/populationtemplate\\_AJ.html](https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/population/populationtemplate_AJ.html)

De acordo com o último censo realizado em 1999, a distribuição étnica, é a seguinte: azeris (90.6%), daguestãos (2.2%), russos (1.8%), arménios (1.5%), a sua maioria no enclave de Nagorno-Karabakh, e outros (3.3%) (CIA World Fact Book-Azerbaijan, 2012).

A sua distribuição populacional é maioritariamente urbana - 52% - e os restantes 48% distribuem-se pelo meio rural, com uma distribuição em idade e em género conforme podemos observar na figura 19.

A esperança média de vida é de 71 anos - 67.6 para o caso dos homens, e de 73.5 para as mulheres - e apresenta uma taxa de mortalidade infantil de 45 mortos por cada 1000 nascimentos (ver anexo D) (World Bank, 2013b).

<sup>68</sup> A estação hidroelétrica de Mingechaur está localizada no Rio Kura.

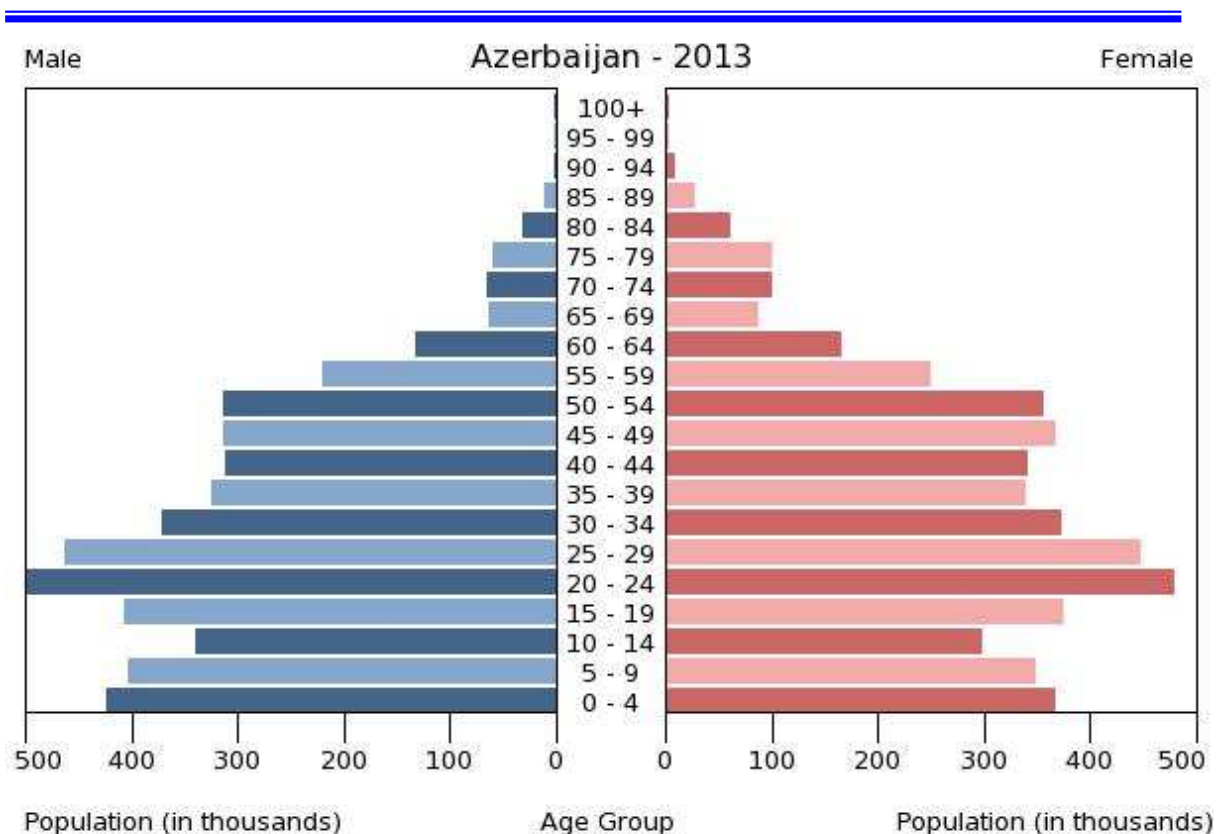


Figura 19-Pirâmide populacional do Azerbaijão

Fonte: CIA *World factbook* – Azerbaijan [Em linha][Consultado em 22 de março de 2013] Disponível em: [https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/population/populationtemplate\\_AJ.html](https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/population/populationtemplate_AJ.html)

Em relação ao índice de escolaridade, 99.5% das pessoas acima dos 15 anos de idade conseguem ler e escrever, correspondendo a 99.9% dos homens e 99.7% das mulheres, sendo que em 2010 o Estado gastou com a educação cerca de 2.8% do PIB (*World Bank, 2013a*). Quanto à distribuição religiosa, os muçulmanos predominam com 93.4%, os russos ortodoxos com 2.5%, os armênios ortodoxos com 2.3% e outras religiões com 1.8% (*CIA World Fact Book - Azerbaijan, 2012*)

#### a) A evolução interna e política externa;

Desde a sua independência da URSS que a política interna do Azerbaijão se tem pautado pela procura da estabilidade no território de forma a cativar o investimento estrangeiro. Esta estabilidade tem sido obtida através da aproximação aos valores do ocidente, ou seja, da procura pela democracia, pela boa governação, pelo desenvolvimento económico, pelo combate à corrupção, pela diminuição dos índices de pobreza e pelas reformas

económicas para o desenvolvimento dos setores dos transportes e energéticos<sup>69</sup>, e desta forma assegurar o seu objetivo estratégico - a sua integração em instituições como a OTAN ou a UE.

Estas reformas de cariz estrutural - políticas e económicas - incluíram, no primeiro caso, a alteração da lei eleitoral, votada no ano 2000, por forma a permitir a realização de eleições livres, e a preparação da candidatura a Membro do Conselho da Europa, a ratificação da Convenção dos Direitos Humanos e a criação do Ministério para o Desenvolvimento Económico para potenciar o desenvolvimento em áreas para além dos recursos energéticos (Cornell, 2002:20). Ao nível económico, o Azerbaijão procurou promover os setores bancários, alfandegário e tributário<sup>70</sup>, de forma a estimular os pequenos e médios investidores (*Ibid*).

Nas figuras que se seguem podemos observar a tendência do Índice de Desenvolvimento Humano azeri entre os anos de 1980 e de 2012, quando comparado com as regiões da Europa, da Ásia Central e do resto do mundo, bem como a sua distribuição em três dimensões: a saúde, a educação e o rendimento (UNDP, 2013)<sup>71</sup>.

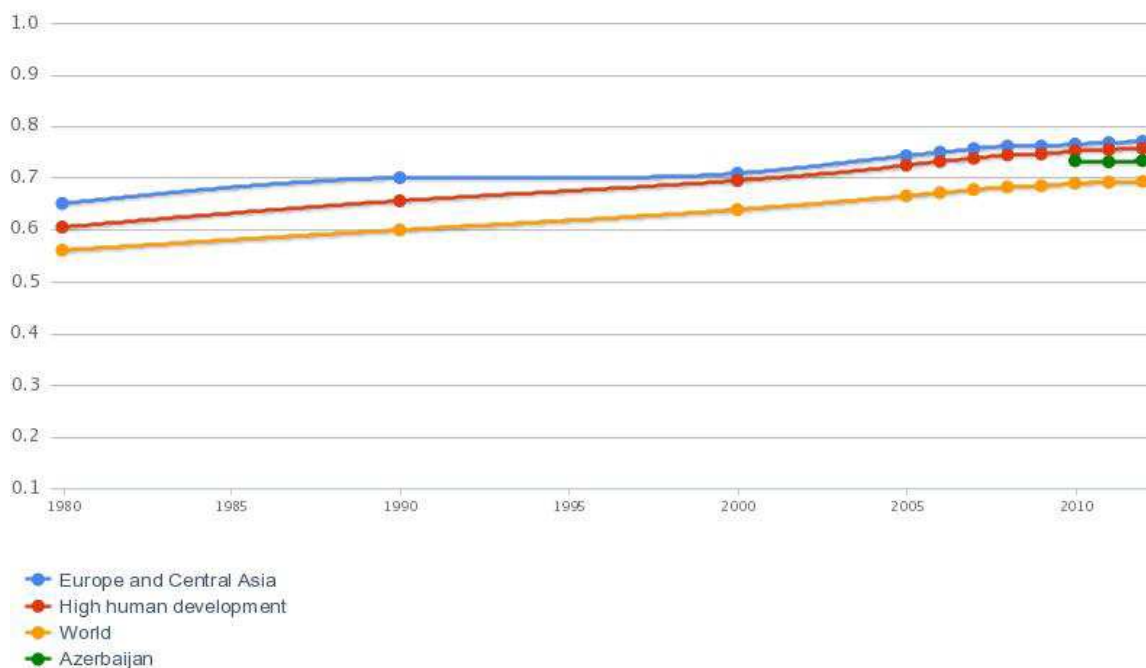


Figura 20-Índice de desenvolvimento humano azeri entre 1980 e 2010

Fonte: UNDP. *International Human Development Indicators* [Em linha][Consultado em 15 de março de 2013]  
Disponível em: <http://hdrstats.undp.org/en/countries/profiles/AZE.html>

<sup>69</sup> In *European Neighbourhood and Partnership Instrument Azerbaijan Country Strategy Paper 2007-2013*.

<sup>70</sup> Segundo Svante Cornell o código tributário foi implementado em janeiro de 2001 (Cornell, 2002:20)

<sup>71</sup> De acordo com esta entidade o Índice de Desenvolvimento Humano azeri é de 0.734, colocando-o na posição 82 do ranking dos 187 países com dados disponíveis. O Índice europeu e da Ásia Central aumentou de 0.651 em 1980 para 0.771 na atualidade, colocando o Azerbaijão abaixo da média regional (UPND, 2013)

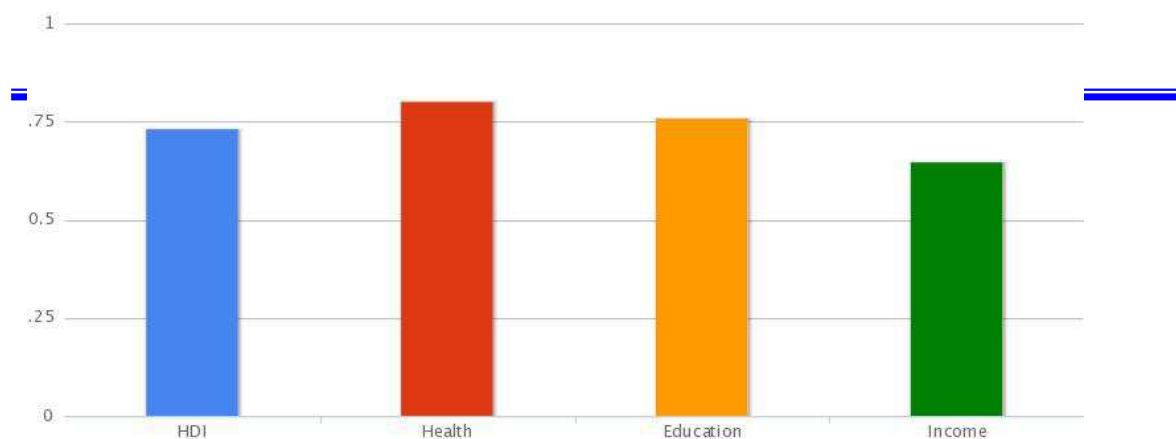


Figura 21- Índice de desenvolvimento humano azeri por áreas de desenvolvimento

Fonte: UNDP. *International Human Development Indicators* [Em linha][Consultado em 15 de março de 2013]  
Disponível em: <http://hdrstats.undp.org/en/countries/profiles/AZE.html>

A situação política interna e de segurança do Azerbaijão estão profundamente influenciadas, quer pela sua posição geográfica na vizinhança da Rússia, do Irão e da Turquia, quer pelo conflito com a Arménia no enclave de Nagorno-Karabakh, o qual tem tido repercussões ao nível humanitário, ao nível energético, criando condições na região para a presença do terrorismo transnacional e de outras atividades ilegais, aquilo a que Jale Sultani designa de “*o fator Arménia*” (Sultani, 2012). A anexação por parte da Arménia de cerca de 15 % de território azeri, com aproximadamente 15000 mortos e milhares de refugiados, teria necessariamente de condicionar politicamente o Azerbaijão, e enquanto não for resolvida constituirá um entrave ao desenvolvimento económico, social, e político.

No que respeita à política externa, e ciente da importância geopolítica que o Azerbaijão tem na região, tem adotado uma postura de equilíbrio com os Estados regionais, mantendo no horizonte os interesses nacionais. Os seus principais vetores são: na área da segurança, restaurar a integridade territorial, através de um acordo com a Arménia para a resolução de Nagorno-Karabakh mas que seja capaz de assegurar uma paz duradoura entre os povos, e para isso, fazê-lo contando com a mediação do Grupo de Minsk<sup>72</sup> e sob a égide da OSCE, da ONU e do Conselho da Europa; integrar as estruturas europeias e Euro-atlânticas, através da participação nos programas de desenvolvimento das diversas parcerias com a OTAN -

<sup>72</sup> Foi criado pela então CSCE (hoje OSCE) em 1992 em Helsínquia para encorajar a negociação entre o Azerbaijão e a Arménia no sentido de resolverem pacificamente o conflito de Nagorno-Karabakh . Em 1994, na Cimeira de Budapeste, foi decidido que o Grupo de Minsk seria liderado num regime de co-Presidência entre os EUA, a Rússia e a França. São membros permanentes do grupo o Azerbaijão, a Arménia, a Bielorrússia, a Alemanha, a Itália, a Suécia e a Turquia, e numa base de rotatividade, uma Troika de Estados da OSCE (OSCE, 2013).

*Individual Partnership Action Plan*<sup>73</sup> (IPAP), bem como com a UE, através da integração na Política de Vizinhança Comum, como é o caso do programa TRACECA - *Transport Corridor Europe Caucasus Asia* - e o Memorando de Entendimento “*Strategic Partnership in the Field of Energy*” assinado em 2006, este com a perspectiva de assegurar alternativas energéticas à UE; e por outro lado, desenvolver e modernizar as infraestruturas energéticas azeris e as energias renováveis<sup>74</sup>. Constitui ainda prioridade no capítulo da segurança internacional a cooperação com a OTAN no apoio às operações no Afeganistão, assim como fomentar as relações de cooperação com os seus vizinhos em áreas como a luta contra o terrorismo, contra o tráfico de armas de destruição em massa, e a segurança energética. Importa ainda referir o esforço na modernização ao nível militar, como instrumento de garante da sua defesa. Para isso, o Azerbaijão tem vindo a canalizar o investimento dos dividendos provenientes da exploração petrolífera para a área da defesa - modernização e desenvolvimento - de onde se destaca, segundo as palavras do Presidente Aliyev o aumento em 13 vezes do orçamento de defesa durante o período de 2003 e 2010 (*European Dialogue*, 2010). Na figura 22 podemos observar a evolução de gastos na defesa em função da percentagem do PIB azeri.

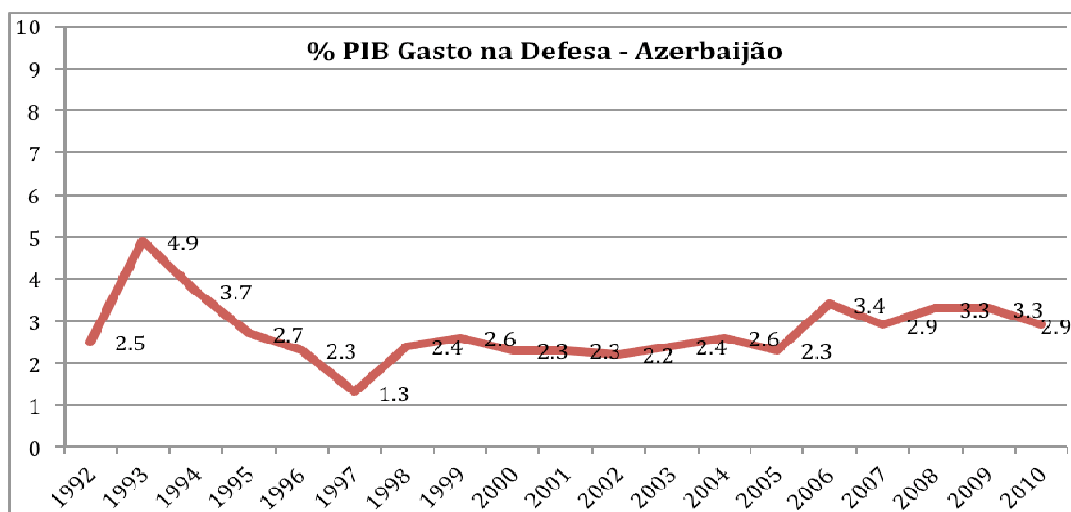


Figura 22-Evolução da % do PIB azeri gasto com defesa entre 1992 e 2011

Fonte: *The SIPRI Militar Expenditure Database* [Em linha][Consultado em 17 de março de 2013] Disponível em: <http://milexdata.sipri.org/result.php4>

<sup>73</sup> *The Individual Partnership Action Plan, which Azerbaijan joined in 2004, enables to hold regular political dialogue, systematize bilateral cooperation as overarching tool and agree on new cooperation activities of mutual interest in a more flexible manner. Azerbaijan has successfully completed the first cycle (2005-2007) of its IPAP and is currently working on the second cycle (2008-2010) (Mission of the Republic of Azerbaijan to NATO, 2009). De acordo com a OTAN os IPAP do Azerbaijão incidem: “Key areas of cooperation include good governance and democratic control of the defence and security sector, defence planning and budgeting and the reorganization of the armed forces structure using NATO standards.” (NATO, 2012).*

<sup>74</sup> O Azerbaijão ocupou a presidência do Conselho de Segurança da ONU durante o mês de maio de 2012 (UNSC, 2013).



## b) A situação económica, política e social

Face às suas reservas energéticas, ao investimento estrangeiro,<sup>75</sup> e ao aumento das exportações que o oleoduto de Baku-Tbilisi-Ceyhan lhe proporciona - em especial para a Rússia, para a Itália, para a Turquia e para a Alemanha - assim como, das reformas internas que sustentaram o crescimento da agricultura, da construção, do ramo imobiliário e da área financeira, de entre os três Estados do Cáucaso, o Azerbaijão tem sido aquele que tem apresentado um crescimento económico maior - entre 2005 e 2009 o crescimento económico médio foi de 21%, e em 2006 registou o maior crescimento a nível mundial - 34.5% (Burns, 2009:35).

Nas figuras que se seguem podemos observar a evolução do PIB nominal e *Per Capita* azeri entre 1993 e 2012 (IMF, 2012).

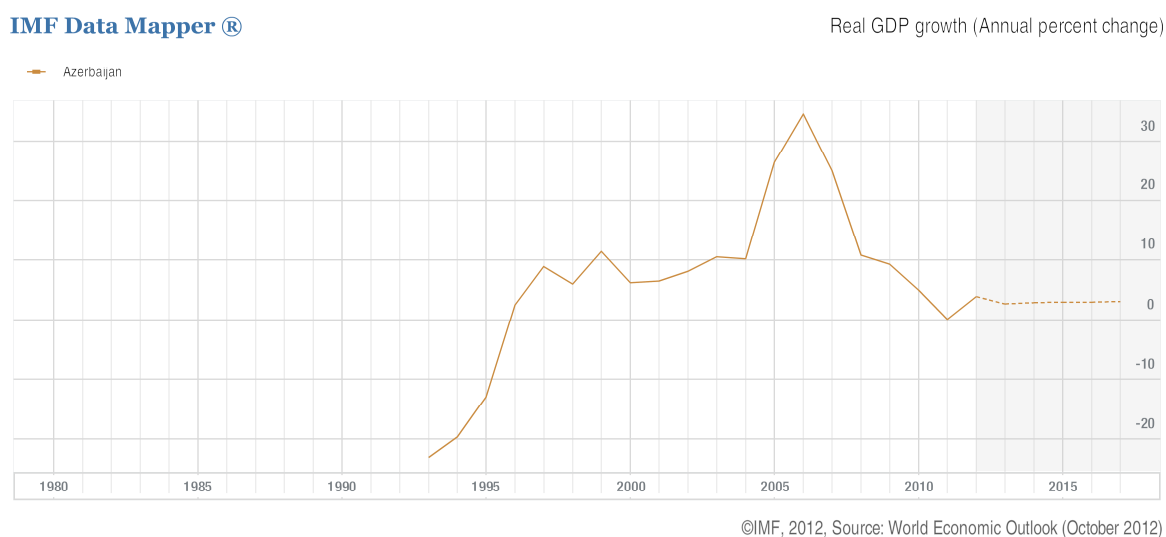


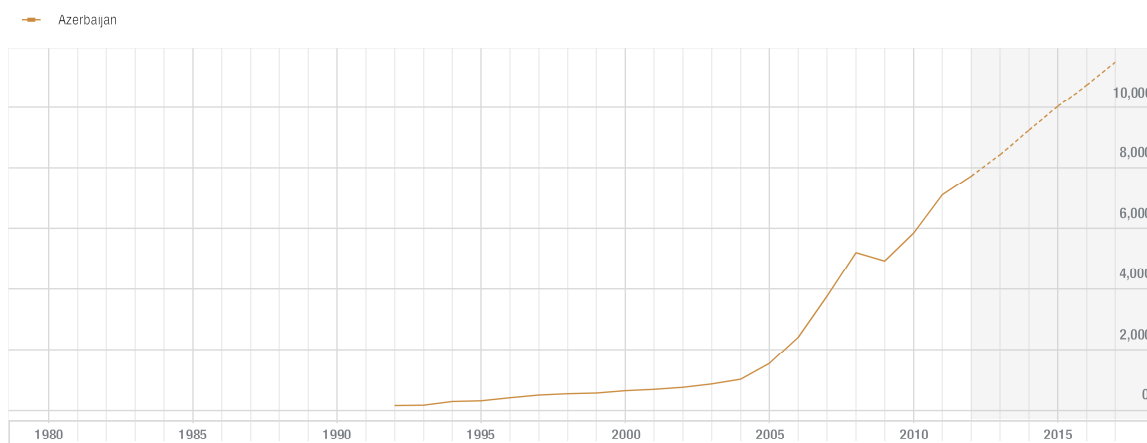
Figura 23-Evolução do PIB nominal azeri entre 1993 e 2012

Fonte: Fundo Monetário Internacional. *IMF Data Mapper* [Em linha][Consultado em 22 de março de 2013]  
Disponível em: <http://www.imf.org/external/datamapper/index.php>

<sup>75</sup> Segundo Nathan Burns, atualmente encontram-se cerca de 30 empresas petrolíferas no Azerbaijão, representando cerca de 15 países (Burns, 2009:36).

IMF Data Mapper ®

Nominal GDP per capita (U.S. dollars per capita)



©IMF, 2012, Source: World Economic Outlook (October 2012)

Figura 24-Evolução do PIB *Per Capita* azeri entre 1993 e 2012

Fonte: Fundo Monetário Internacional. *IMF Data Mapper* [Em linha][Consultado em 22 de março de 2013] 1: Disponível em: <http://www.imf.org/external/datamapper/index.php>

Muito do crescimento azeri tem sido resultado da exploração petrolífera e do investimento estrangeiro, em especial a partir de 2006, ano de início de funcionamento do oleoduto BTC. Nas figuras seguintes podemos observar a evolução da exportação petrolífera azeri entre 1989 e 2010, bem como a dependência do PIB em relação à produção de petróleo (*International School of Economics at TSU -ISET*, 2010:6).

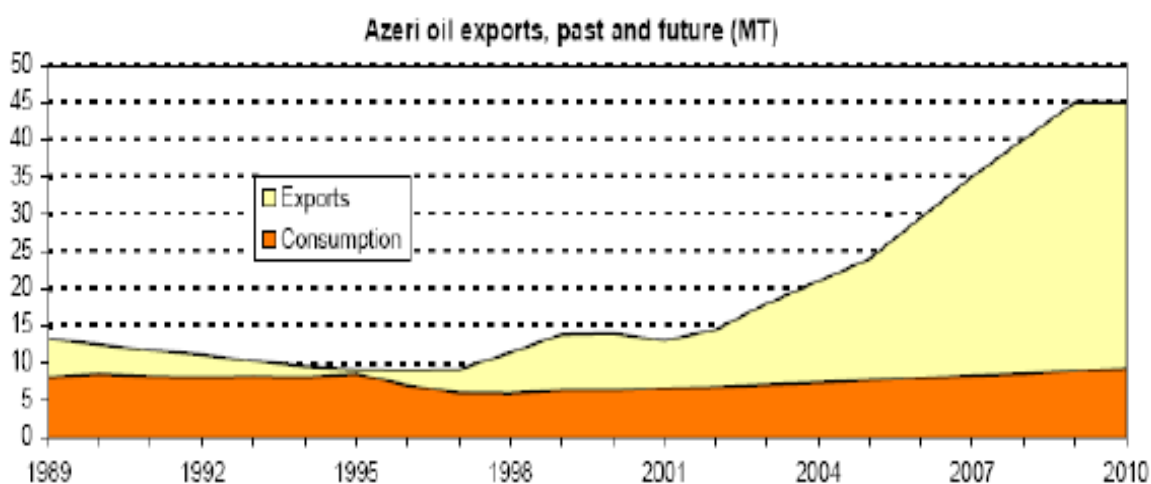


Figura 25-Evolução das exportações petrolíferas azeri entre 1989 e 2010

Fonte: *International School of Economics at TSU.* “Comparative analysis of Gross Domestic Product of Trans Caucasian Republics”. [Em linha] [Consultado em 31 de dezembro de 2012]. Disponível em: [http://www.iset.ge/files/submission\\_aghayev\\_\\_shabanov\\_\\_hasanguluyev.pdf](http://www.iset.ge/files/submission_aghayev__shabanov__hasanguluyev.pdf)



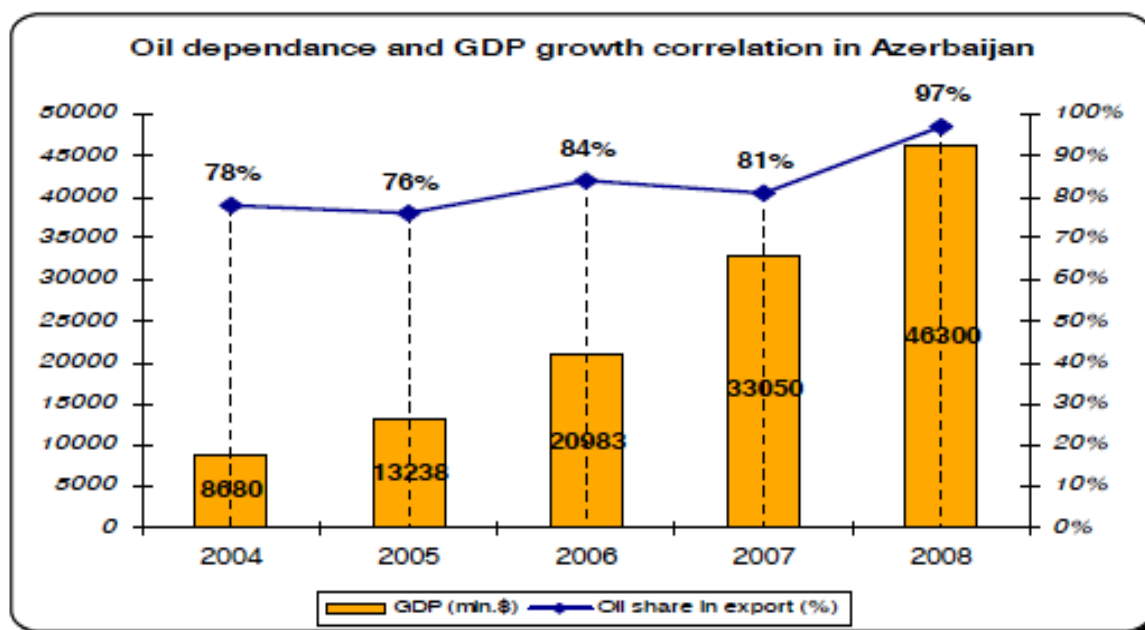


Figura 26-Coorelação entre a produção de petróleo azeri e o crescimento do PIB

Fonte: *International School of Economics at TSU..“Comparative analysis of Gross Domestic Product of Trans Caucasian Republics”*. [Em linha] [Consultado em 31 de dezembro de 2012]. Disponível em: [http://www.iset.ge/files/submission\\_aghayev\\_\\_shabanov\\_\\_hasanguluyev.pdf](http://www.iset.ge/files/submission_aghayev__shabanov__hasanguluyev.pdf)

De acordo com o BM, na primeira metade de 2011 a taxa de crescimento azeri diminuiu cerca de 0.1%, tendo recuperado no segundo semestre à custa de outros setores que não os energéticos. Por seu turno, no primeiro semestre de 2012 a produção petrolífera baixou cerca de 6,4% devido a problemas de manutenção nos campos petrolíferos de Azeri- Chirag-Guneshli (*World Bank*, 2012)<sup>76</sup>.

Este crescimento médio azeri permitiu-lhe ao longo dos anos reduzir o índice de pobreza de 50% em 2001 para 7.6% em 2011- o salário mínimo aumentou 10% em janeiro de 2012, e redirecionou o Azerbaijão para uma política económica de mercado, na procura da diversificação - segundo o FMI, as expectativas de crescimento destas economias para o ano de 2012 eram de 6% de crescimento - e no fortalecimento social do país, que lhe permitirá, a longo prazo, constituir alternativas ao setor energético e continuar a reforçar a estrutura social da sua sociedade, nomeadamente através do desenvolvimento da educação, da modernização do sistema judicial, dos transportes, e das infraestruturas de saneamento básico (*Ibid*).

<sup>76</sup> “World Bank - Azerbaijan Partnership Programme Snapshot”,.

Numa altura em que o comércio com a Rússia está em declínio - embora sendo um parceiro de relevo - e a aumentar com a Turquia e com a UE, o grande desafio do Azerbaijão será ver terminado o conflito no enclave de Nagorno-Karabakh, e definir estratégias que lhe permitam, através dos lucros das exportações energéticas, promover o desenvolvimento sustentado noutros setores da sua economia. Nas figuras seguintes podemos observar os principais parceiros comerciais do Azerbaijão, no que respeita às importações e exportações.<sup>77</sup>

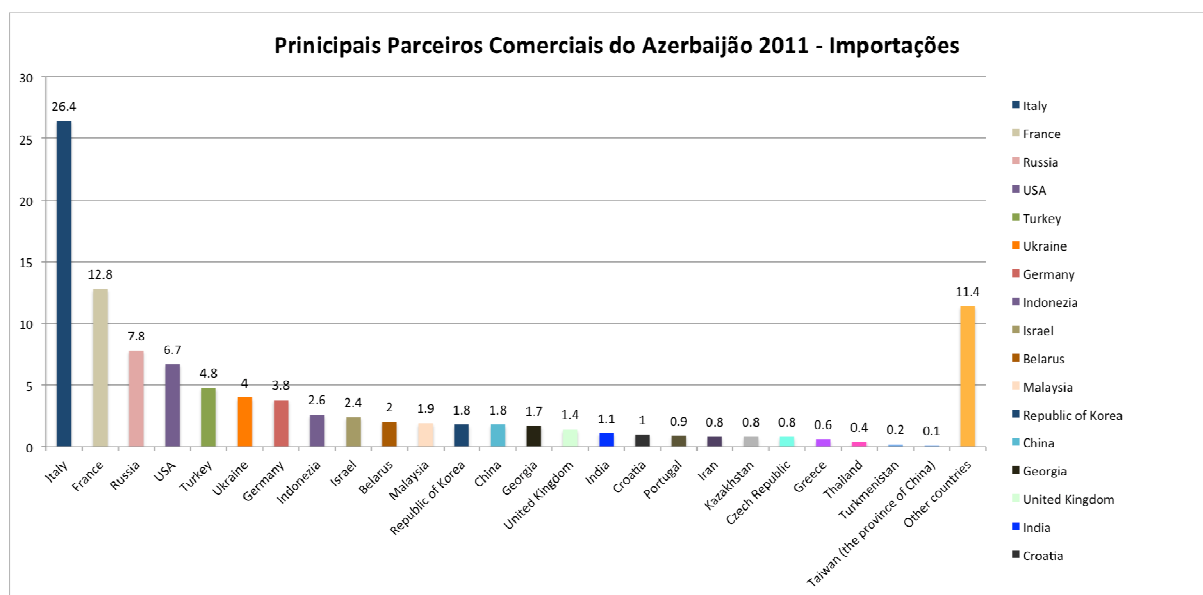


Figura 27-Principais parceiros comerciais do Azerbaijão-Importações

Fonte: *The State Statistical Committee of the Republic of Azerbaijan* [Em linha][Consultado em 15 de março de 2013] Disponível em: <http://www.azstat.org/publications/azfigures/2012/en/018en.shtml>

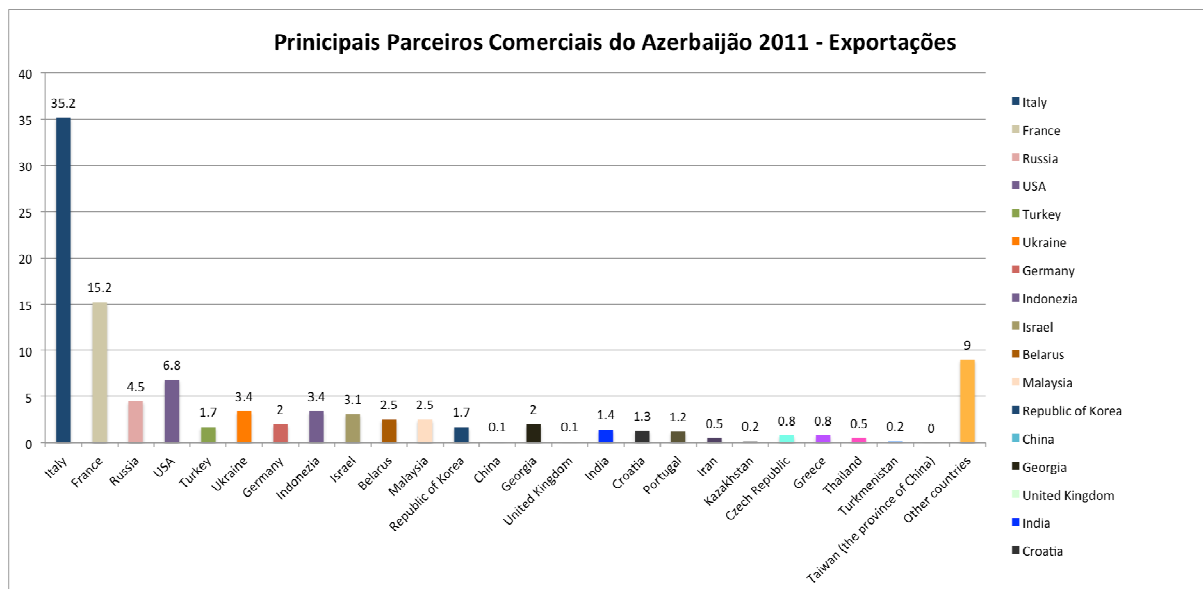


Figura 28-Principais parceiros comerciais do Azerbaijão-Exportações

Fonte: *The State Statistical Committee of the Republic of Azerbaijan* [Em linha][Consultado em 15 de março de 2013] Disponível em: <http://www.azstat.org/publications/azfigures/2012/en/018en.shtml>

<sup>77</sup> No anexo H podemos observar mais em pormenor os principais parceiros comerciais azeris.

No capítulo das importações, e conforme podemos verificar na figura abaixo indicada, a maior fatia cabe aos produtos de origem metal, maquinaria e equipamento elétrico para aplicação tecnológica e em veículos. No que respeita às exportações, e de acordo com o *The State Statistical Committee of the Republic of Azerbaijan*, no ano de 2011, 94.5% foram produtos de origem mineral.

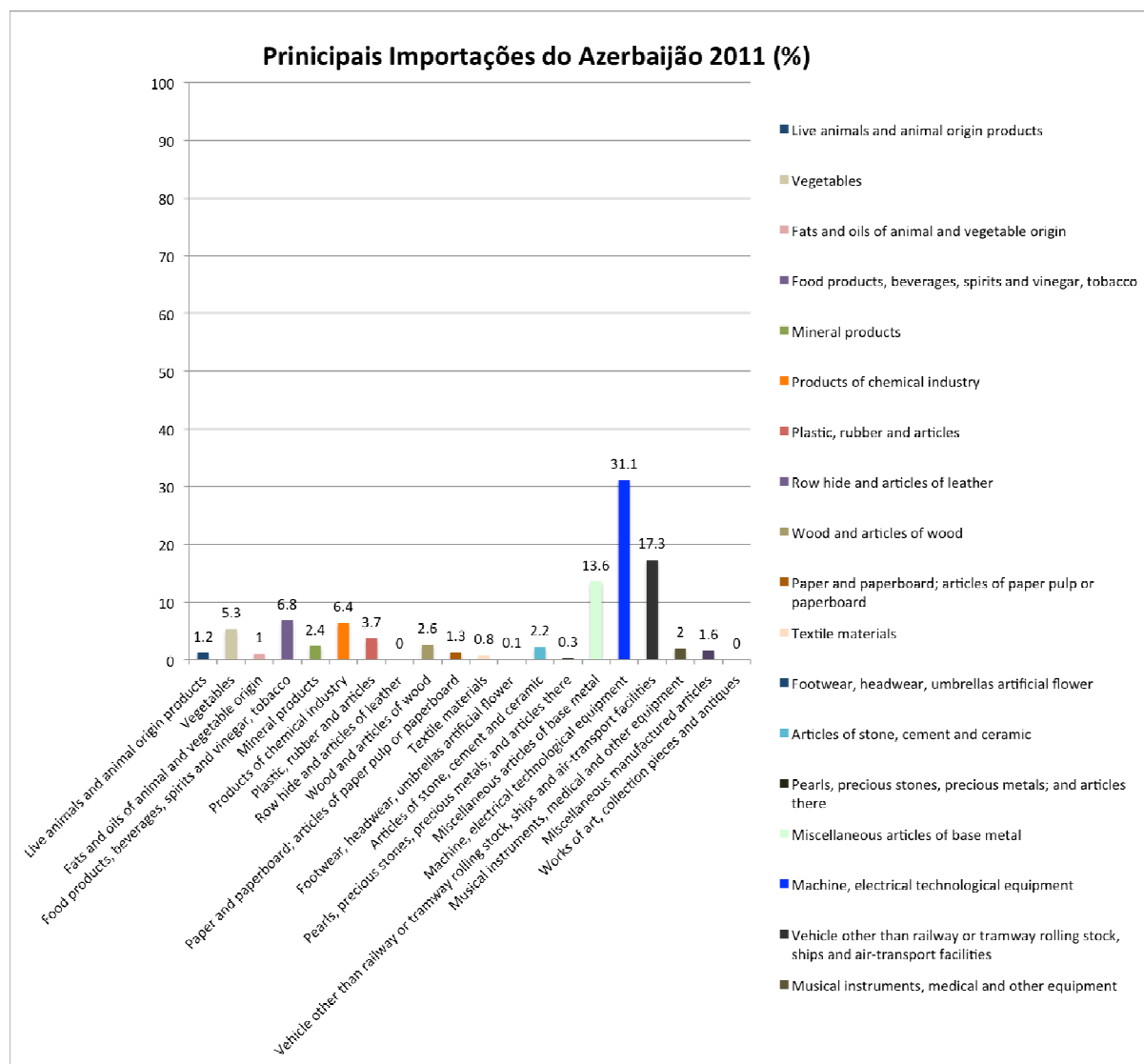


Figura 29-Principais produtos importados pelo Azerbaijão

Fonte: The State Statistical Committee of the Republic of Azerbaijan [Em linha][Consultado em 15 de março de 2013] Disponível em: <http://www.azstat.org/publications/azfigures/2012/en/018en.shtml>

### iii. Arménia

Oficialmente considerado o mais pequeno Estado do Cáucaso do Sul, geograficamente situada no coração do Cáucaso, e sem acesso ao Mar Cáspio, a Arménia faz fronteira a leste com o Azerbaijão, a oeste com a Turquia, a norte com a Geórgia e a sul com o Irão.



Figura 30-Mapa da Arménia

Fonte: *History of Armenia* [Em linha][Consultado em 23 de março de 2013] Disponível em: <http://www.armenica.org/cgi-bin/armenica.cgi?l=1&m=3& Armenia>

Ao longo dos tempos foram vários os impérios que dominaram a região: o Romano, o Bizantino, o Árabe, o Persa, e o Otomano. No ano de 1828, e na sequência da guerra entre o Império Russo e o Império Persa (1826-1828), foi celebrado o Tratado de Turkmenchay,<sup>78</sup> segundo o qual resultou o controlo russo de partes do território leste da Arménia. Esta aproximação russa terá suscitado a emigração de cerca de 180000 arménios para o Cáucaso do Sul, sendo que cerca de 18000 ter-se-ão instalado em Karabakh, desencadeando tensões religiosas e étnicas, as quais estão na origem do conflito vivido na atualidade (*Ibid*); a Arménia declarou a sua independência em 1918, a qual foi perdida novamente para o Exército Vermelho em 1920, ficando então a funcionar como um protetorado. No entanto, uma grande

<sup>78</sup> O Tratado de Turkmenchay foi um tratado negociado em Turkmenchay no final da guerra entre os impérios Persa e Russo no período de 1826 a 1828, e onde o Império Persa reconhece formalmente a soberania do Império Russo sobre as regiões de Bacu, Shirvan, Ganja, Nakhichevan e Yerevan. Desde essa altura que os turcos azeris do Cáucaso do Sul se encontram separados da sua maioria. (Encyclopaedia Britannica, 2012).

---

quantidade de armênios permaneceu a oeste em área Otomana (Burns, 2009:65). Embora pressionados pelos russos, os armênios sentiam os otomanos como a sua verdadeira ameaça, tendo desencadeado ainda durante o século XIX diversas revoltas, que se propagaram no tempo, até à altura da Primeira Grande Guerra, onde existem relatos do genocídio de cerca de um milhão e meio de armênios (*Ibid*:66). Com a revolução bolchevique, as tropas russas retiraram, deixando o leste da arménia à mercê dos otomanos, e como se não bastasse, o fim da República Federal Democrática da Transcaucásia em maio de 1918 originou disputas com a Geórgia e com o Azerbaijão sobre territórios com largas populações arménias, sendo de realçar os mais intensos os que opuseram armênios a azeris nos territórios de Nakhichevan, de Zangenur, e de Karabakh. Segundo Nathan Burns, no conflito de Zangenur as tropas arménias terão destruído 115 povoações, morto 7000 azeris e provocado 50000 deslocados (*Ibid*).

Após a Grande Guerra assistiu-se à disputa entre os turcos de Mustafa Kemal Atatürk e os russos, e nessa altura a Arménia escolheu o mal menor - ser integrada na URSS. Para além disso, e muito embora a grande maioria da população fosse arménia, o enclave de Nagorno-Karabakh foi inserido no Azerbaijão, constituindo um fator de instabilidade adicional aos já existentes.

Em 21 de setembro de 1991 a Arménia declarou a sua independência, e em novembro desse mesmo ano, elegeu o seu primeiro presidente, Levon Ter-Petrossian, o qual, entre 1992 e 1994 encetou uma guerra com o Azerbaijão, da qual resultou a anexação das Montanhas de Karabakh e a criação dum corredor para a Arménia (Cornell, 2002: 48) e de outras seis províncias azeris nos arredores de Karabakh, numa operação de limpeza étnica de 700000 deslocados (*Ibid*). Em 1998, por força do isolamento da Arménia e do afastamento dos grandes projetos de desenvolvimento regionais, Levon Ter-Petrossian enfrentou uma forte contestação e acabou por se demitir, dando lugar a Robert Kocharian, herói da guerra com o Azerbaijão, e que governou os destinos do país até 2008 (Nation, 2007:20). O conflito de Nagorno-Karabakh, e o isolamento a que tem sido sujeita a Arménia, têm sido os principais entraves ao seu desenvolvimento.

Geograficamente a Arménia ocupa uma área de 29743 Km<sup>2</sup> e encontra-se localizada entre o Azerbaijão - fronteira a leste com 566 Km, a Turquia - fronteira a oeste ao longo de 268 Km, a Geórgia - fronteira a norte ao longo de 164 Km e com o Irão - fronteira a sul ao longo de 35 Km (CIA *World Fact Book*, 2012). Com a sua capital em Yerevan, a Arménia tem uma população de cerca de 3 milhões de habitantes, sendo 97.7%, Armênios 1% Yezidi, 0.9% Russos, e 0.4% outros (*Ibid*).

Segundo o *National Statistical Service of the Republic of Armenia*, a distribuição da população faz-se 64% em meio urbano e 36% em meio rural <sup>79</sup>e em 2011a mortalidade infantil foi de 11.6 por cada 1000 nascimentos (ver anexo D).

No que respeita a esperança média de vida, foi de 74.2 em 2011, sendo de 77.5 no caso das mulheres e de 70.7 no caso dos homens (*The Demographic Handbook of Armenia*, 2012:105). Em relação ao índice de escolaridade, 100% das pessoas acima dos 15 anos de idade consegue ler e escrever, correspondendo a 100% dos homens e 100% das mulheres, e o Estado gastou cerca de 3,2% do PIB com a educação em 2010 (*World Bank*, 2013a).

A distribuição da população em género é a que podemos observar na figura que se segue. Em termos religiosos a sua distribuição é a seguinte: 94.7% Arménios Apostólicos, 4% de outros Cristãos, e 1.3% de Yezidis.

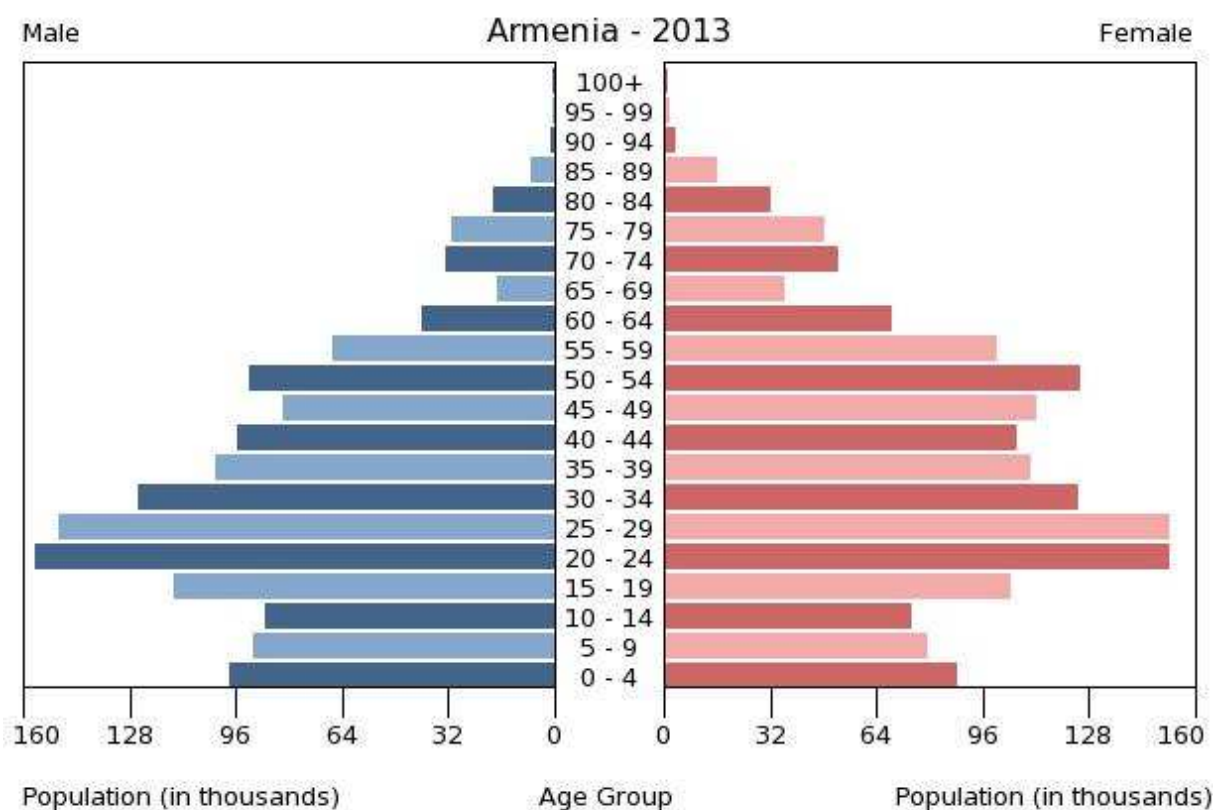


Figura 31-Pirâmide populacional da Arménia

Fonte: CIA World factbook – Armenia [Em linha][Consultado em 22 de março de 2013] Disponível em:  
[https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/population/populationtemplate\\_AM.html](https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/population/populationtemplate_AM.html)

<sup>79</sup> In *The Demographic Handbook of Armenia*, 2012

---

O território arménio caracteriza-se por ser montanhoso, e tem no Monte Aragats o seu ponto mais elevado com cerca de 4090 m, sendo a altitude média acima do nível médio do mar de 1800 m (*The Government of the Republic of Armenia*, 2012).

Os rios de maior importância são o Kura, no norte, e o Araks, no sul, e o Lago Sevan, situado a 2000 metros de altitude, é o maior lago existente no país (*Armenian Tourism Development Agency*, 2013).

#### **a) A evolução interna e política externa**

Contrariamente ao que aconteceu com outros casos semelhantes de independências de ex-repúblicas soviéticas, na Arménia a transição de regime fez-se entre 1988 e 1991 de uma forma tranquila, sem grandes tumultos, culminando com eleições livres a 16 de outubro de 1991, as quais permitiram a Levon Ter-Petrossian ter sido eleito como primeiro presidente arménio desta nova era. Contrariando o que aconteceu com a Geórgia de Gamsakurdia, e o Azerbaijão de Elchibey, que em 1993 foram substituídos respetivamente por Heydan Aliyev e Eduard Shevardnadze, Petrossian manteve-se como presidente até março de 1998, representando o único presidente não comunista na região. Este fato, a existência duma oposição com representatividade, e um parlamento eleito seriam suficientes para uma transição com sucesso (Zolyan, 2011:47). Todavia, o terramoto ocorrido em 1988 - vitimando cerca de 25000 pessoas e afetando um terço da população - a escassez de recursos, a dependência económica que detinha com a URSS, o conflito de Nagorno-Karabakh conduzindo ao bloqueio das rotas de transporte por parte da Turquia e do Azerbaijão<sup>80</sup>, e a criminalidade, isolaram a Arménia do resto do mundo, fazendo com que se assistisse a um êxodo de milhares de arménios (*Ibid*). Acresce ainda o fato de até ao ano de 2001, altura em que se dá a entrada dos países do Cáucaso do Sul no Conselho da Europa, a Arménia não ter sido integrada nos programas de desenvolvimento e de transição democrática, como aconteceu por exemplo com as repúblicas do Báltico. Em março de 1998, a vinda a público de uma carta com referência à necessidade da Arménia fazer algumas concessões, a fim de poder chegar a um entendimento com o governo azeri para a resolução do conflito de Nagorno-Karabakh, provocou um mau estar na sociedade azeri e levou o presidente Petrossian a demitir-se, tendo sido substituído por Robert Kocharian, herói da guerra com o Azerbaijão, Presidente de Nagorno-Karabakh entre 1994 e 1997, e Primeiro-Ministro entre 1997 e 1998 (Nation, 2007:20). A sua governação ficou marcada pelo apoio da Diáspora Arménia, em

---

<sup>80</sup> Segundo Nathan Burns, durante os tempos da URSS 85% das rotas ferroviárias para a Arménia provinham do Azerbaijão (Burns, 2009:80).



particular da norte americana - grande devota da causa de Nagorno-Karabakh - pelo apoio das Forças Armadas, e pelo apoio do clã de Nagorno-Karabakh, de qual Kocharian faz parte. O que importa ressaltar é que, face às fortes suspeitas de manipulação dos resultados em todos os processos eleitorais, não houve legitimação popular, fazendo com que os governos ficassem manietados pelos investidores e pelos burocratas (Zolyan, 2011:56).

Contudo, e muito embora o conflito se mantenha em Nagorno-Karabakh, a Arménia tem apresentado um Índice de Desenvolvimento Humano muito semelhante aos seus vizinhos do Cáucaso do Sul – em 2012 – 0,729, sendo que o Índice de Desenvolvimento Humano ao nível da Europa e da Ásia Central era de 0,771, o da Geórgia era de 0,745 e o do Azerbaijão era de 0,734 (UNDP, 2013).<sup>81</sup>

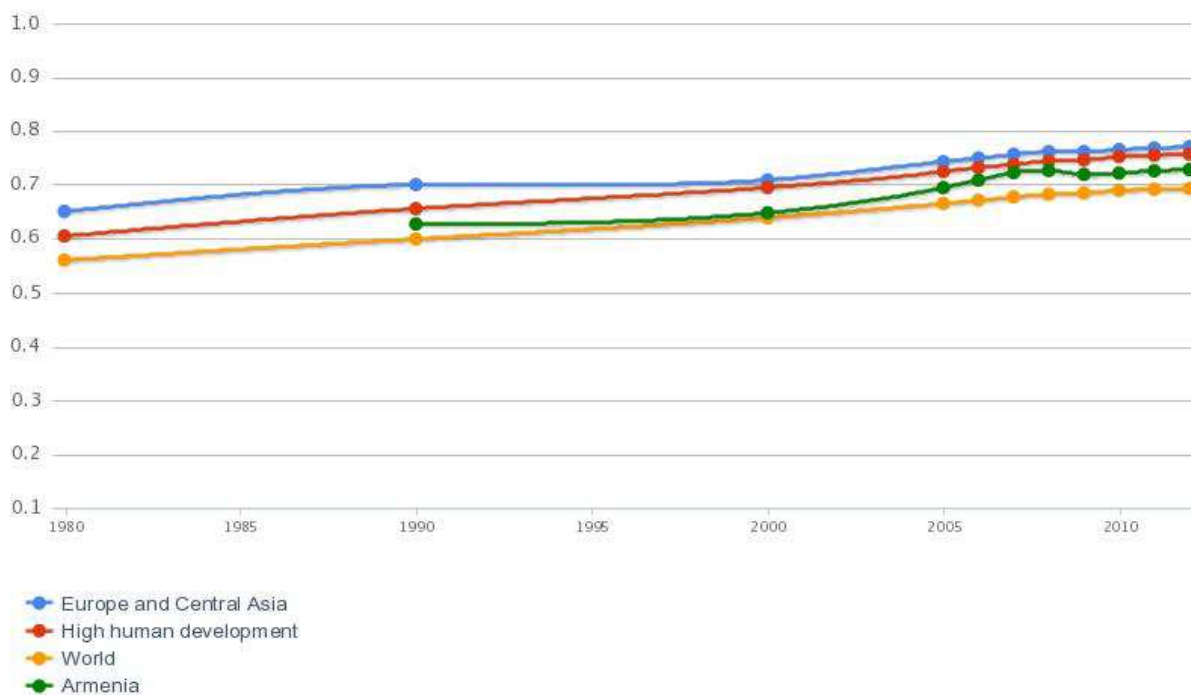


Figura 32-Índice de desenvolvimento humano arménio entre 1980 e 2011

Fonte: UNDP. *International Human Development Indicators* [Em linha][Consultado em 23 de março de 2013]  
Disponível em: <http://hdrstats.undp.org/en/countries/profiles/ARM.html>

<sup>81</sup> De acordo com esta entidade o Índice de Desenvolvimento Humano arménio é de 0.729, colocando-o na posição 87 do ranking dos 187 países com dados disponíveis. O Índice europeu e da Ásia Central aumentou de 0.651 em 1980 para 0.771 na atualidade, colocando a Arménia abaixo da média regional (UPND, 2013)

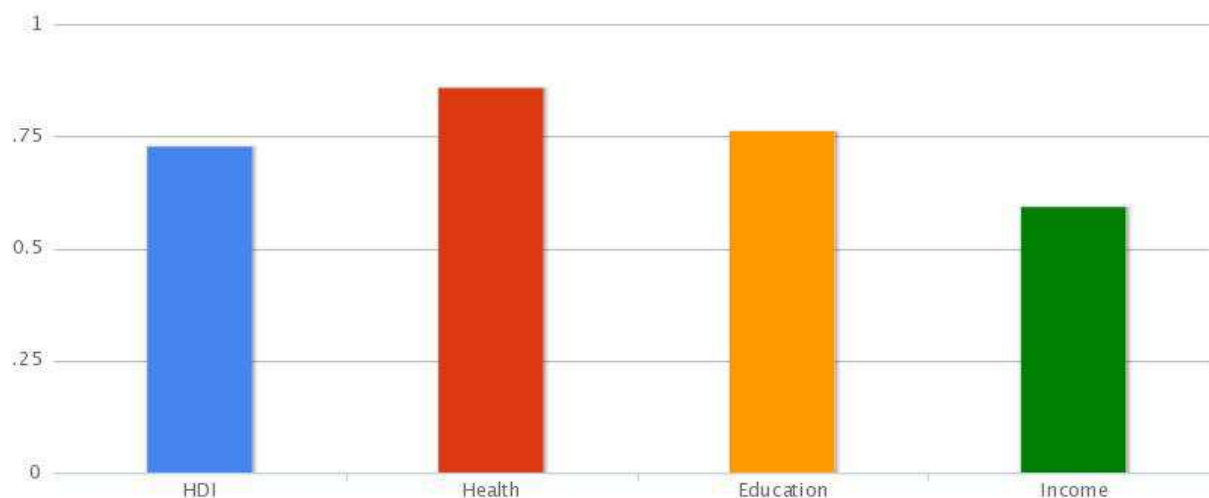


Figura 33-Índice de desenvolvimento humano arménio por áreas de desenvolvimento  
Fonte: UNDP. *International Human Development Indicators* [Em linha][Consultado em 23 de março de 2013]  
Disponível em: <http://hdrstats.undp.org/en/countries/profiles/ARM.html>

A questão de Nagorno-Karabakh norteia quer a política interna, quer a política externa da Arménia, e o governo - liderado por Serzh Sargsyan - e a oposição, mantêm posições semelhantes quanto à resolução do conflito. Paralelamente a Nagorno-Karabakh e ao seu impacto, as relações com os países vizinhos e com a Rússia constituem, de igual forma, uma prioridade na política externa do país. Enclausurada entre a Turquia e o Azerbaijão, a Arménia tem investido na aproximação ao Irão, como forma de sair da situação claustrofóbica em que se encontra<sup>82</sup>. Como exemplo importa referir o projeto conjunto de construção de um oleoduto com 365 km que no final de 2014 ligará Tabriz (Irão) e Yeraskh (Arménia), com a Arménia a financiar o troço dentro do seu território, e o Irão dentro do seu; ou o projeto de construção de uma central hidroelétrica e de uma linha de caminho-de-ferro, ambas financiadas pelo Irão. A grande questão será observar se no futuro, com a manutenção ou o aumento das sanções económicas por parte do Ocidente, o Irão manterá capacidade financeira

<sup>82</sup> Segundo Gayane Abrahamyan, em 2010 o Irão ocupava o 4º lugar como parceiro comercial com a Arménia (Abrahamyan, 2012).

para continuar com estes projetos. Todavia, não são só as questões energéticas que movem a Arménia em direção ao Irão, mas igualmente as questões de segurança. Aliás, já em dezembro de 2001, as partes assinaram um Memorando de Entendimento com vista ao estabelecimento de cooperação bilateral para a segurança e estabilidade regional (Pravda, 2013).

Na figura 34 podemos observar quais são os principais parceiros comerciais da Arménia, verificando-se que a Geórgia e o Irão aparecem no capítulo das exportações arménias, respetivamente, como 8º e 9º.

Table 4: Exports by principal countries and SITC sections in 2010 (Value in million US\$, percentages of country total)										
Country	Total	Shares by SITC sections (%)								
		0 + 1	2 + 4	3	5	6	7	8	9	Total
World.....	1 011.4	15.5	26.2	4.0	1.2	41.8	3.2	3.2	4.8	100
Russian Federation.....	159.9	68.7	2.9	...	1.2	13.8	9.8	3.7	...	100
Bulgaria.....	156.5	0.2	99.8	...	0.0	0.0	...	0.0	...	100
Germany.....	132.6	1.0	2.0	...	0.1	95.0	0.1	1.8	...	100
Netherlands.....	98.6	0.0	0.0	...	0.0	98.9	1.1	0.1	...	100
USA.....	82.3	7.5	1.6	...	1.6	85.9	0.9	2.6	0.0	100
Belgium.....	72.5	1.3	14.7	...	0.1	83.5	0.3	0.1	...	100
Georgia.....	48.2	23.4	2.8	16.6	10.8	30.9	5.7	9.8	...	100
Iran.....	39.6	1.4	16.2	66.3	0.4	10.0	5.4	0.3	...	100
Areas, nes.....	31.3	12.6	0.7	20.7	0.4	0.5	1.5	0.7	62.9	100
China.....	30.9	0.4	94.8	...	2.2	2.4	0.1	0.2	...	100

Figura 34-Principais parceiros comerciais da Arménia-Exportações

Fonte: UN *Statistics Division* [Em linha][Consultado em 23 de março de 2013] Disponível em: <http://data.un.org/CountryProfile.aspx?crName=ARMENIA>

Table 3: Top 10 export commodities 2008 to 2010 (Value in million US\$)										
HS code	4-digit heading of Harmonized System 2007	Value (million US\$)			Unit value				Unit	SITC code
		2008	2009	2010	2008	2009	2010			
All Commodities.....		1055.0	684.0	1011.4						
7202 Ferro-alloys.....		208.8	86.5	119.6						671
2603 Copper ores and concentrates.....		101.6	98.8	210.6	1.5	1.2	1.8	US\$/kg		283
2208 Alcohol of a strength by volume of less than 80 % vol.....		141.8	71.6	95.7	10.4	14.2	12.6	US\$/litre		112
7102 Diamonds, whether or not worked, but not mounted or set.....		145.6	59.8	90.3						667
7402 Unrefined copper; copper anodes for electrolytic refining.....		63.3	60.5	92.6	10.1	8.7	12.0	US\$/kg		682
7607 Aluminium foil (whether or not printed or backed with paper, paperboard.....		36.4	58.1	78.5	3.5	2.5	3.2	US\$/kg		684
7108 Gold (including gold plated with platinum).....		5.3	32.8	28.6	21.2	17.7	17.6	thsd US\$/kg		971
2523 Portland cement, aluminous cement, slag cement.....		38.4	7.9	2.4	0.1	0.1	0.1	US\$/kg		661
7113 Articles of jewellery and parts thereof, of precious metal.....		21.9	10.8	13.2	21.6	7.4	28.4	thsd US\$/kg		897
8102 Molybdenum and articles thereof, including waste and scrap.....		19.7	9.5	15.5	59.4	23.8	33.1	US\$/kg		699

Figura 35-Principais produtos exportados pela Arménia

Fonte: UN *Statistics Division* [Em linha][Consultado em 23 de março de 2013] Disponível em: <http://data.un.org/CountryProfile.aspx?crName=ARMENIA>

Na perspectiva de contribuir para a estabilidade na região, a Arménia procura de igual forma recuperar as relações diplomáticas com a Turquia, contudo, até este momento ainda não foi possível<sup>83</sup>.

No que diz respeito ao relacionamento com a Geórgia, existe por parte da Arménia a percepção de que é fundamental manter boas relações com os georgianos - como importantes parceiros comerciais - sob pena de ficarem reféns da sua aliança estratégica com a Rússia<sup>84</sup> - o seu garante de segurança - e isolados da Europa e do Mar Negro. Exemplo disso são a renovação do *leasing* de utilização da 102ª Base Militar russa em Gyumri até 2044, rubricado em 2010 e a segurança e a proteção da fronteira arménia por parte de forças militares russas (Phillips, 2012:13).<sup>85</sup> Esta postura, aliada às relações com o Irão, de quem recebe gás natural em troca de eletricidade, tem afastado a Arménia dos grandes investimentos do Ocidente na região do Cáucaso do Sul (*Ibid*:18).

Ainda inserido nas prioridades da política externa, a Arménia vê como prioritário o desenvolvimento interno e a consequente aproximação aos valores do ocidente, fomentar a cooperação com as instituições e organizações europeias, bem como com os EUA (*Ministry of Foreign Affairs of the Republic of Armenia*, 2012).

#### **b) A situação económica, política e social**

Até à altura da independência, a economia arménia baseava-se na indústria de químicos, de borracha, de têxteis, de material eletrónico, entre outras, e à semelhança dos restantes NEI, era bastante dependente do governo central da URSS, sendo que a agricultura contribuía com cerca de 20% do PIB e empregava aproximadamente 10% da população.

<sup>83</sup> Em outubro de 2010, Arménia e Turquia assinaram dois protocolos: “*Protocol on the establishment of diplomatic relations between the Republic of Armenia and the Republic of Turkey*” and “*Protocol on development of relations between of the Republic of Armenia and the Republic of Turkey*”. Contudo nenhum deles chegou a ser posto em prática. Do lado turco alega-se que a assinatura dos protocolos são condição essencial para reatar as relações entre os dois Estados, e de que foi a Arménia que, após o chumbo por parte do Tribunal Constitucional arménio suspendeu a ratificação dos protocolos (*Republic of Turkey Ministry of Foreign Affairs*, 2012). Segundo os arménios, foi a Turquia que alterou a sua posição e não quis ratificar os protocolos, sob condição de que os mesmos teriam que significar a resolução do conflito de Nagorno-Karabakh (*Ministry of Foreign Affairs of the Republic of Armenia*, 2012).

<sup>84</sup> Desde maio de 1992 que a Arménia é membro da CSTO, e desde agosto de 1997 que se encontra ligada à Rússia através do *Treaty of Friendship, Cooperation and Mutual Assistance* – prevê a intervenção da Rússia em caso de qualquer ataque contra a Arménia, a cooperação ao nível da política externa por forma a fomentar a paz e a estabilidade no Cáucaso do Sul (Tamrazian, 2012).

<sup>85</sup> Também patente no documento apresentado à imprensa antes da visita à Arménia do Ministro dos Negócios Estrangeiros Russo Sergei Lavrov, no âmbito das comemorações dos 20 anos de relacionamento diplomático entre os Estados: “*The Treaty on Friendship, Co-operation and Mutual Assistance between the Russian Federation and the Republic of Armenia of 29 August 1997 became a fundamental document, defining the principles and priorities of the strategic co-operation of our countries.*” (*Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation*, 2012.)

---

O período que se seguiu à independência trouxe o conflito com o Azerbaijão em Nagorno-Karabakh, e assistiu-se ao encerramento das fronteiras terrestres com a Turquia e com o Azerbaijão, impedindo o desenvolvimento da economia arménia. Desde essa altura, os setores da construção civil e dos serviços têm vindo a substituir a indústria e a agricultura como fonte de desenvolvimento económico arménio.

Segundo a *International Development Association*, devido a uma hiperinflação e a um défice orçamental de 55%, o PIB da Arménia terá diminuído entre 1990 e 1993 cerca de 50%, desencadeando o encerramento de fábricas, problemas no fornecimento energético, com 80% da população a ser alimentada graças à ajuda humanitária, e, consequentemente, surgiu um pico de emigração (IDA, 2012)<sup>86</sup>.

O período que se seguiu a 1993, muito por força do financiamento externo - BM, FMI, da Diáspora e de alguns outros Estados, em particular da Rússia, e da conjuntura económica global - trouxe prosperidade à economia arménia, embora esta não tenha sido propriamente aproveitada para a execução das reformas estruturais (Nranyan, 2011:195), mas direcionado para melhorar as condições de vida e criar condições para um desenvolvimento económico sustentado (IDA, 2012). Ao mesmo tempo assistiu-se a uma série de privatizações ou de concessões em áreas como a energia, as telecomunicações, os transportes, permitindo à Arménia crescimentos económicos médios de 10% ao ano, com valores na ordem dos 13 a 14% entre 2002 e 2007 (IMF, 2011), a redução do défice orçamental para valores na ordem dos 13.5% do PIB, a melhoria das condições de vida e a diminuição das emigrações (Nranyan, 2011:202). Contudo, este desenvolvimento económico teve consequências: a Arménia é profundamente dependente das importações – 40% do PIB é resultado das importações e 10% das exportações (*Ibid*).

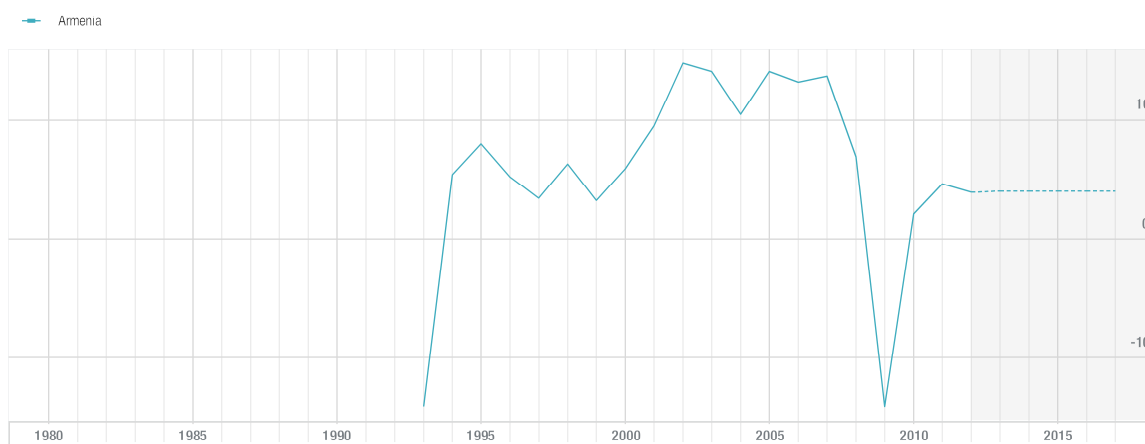
Nas figuras seguintes podemos observar a evolução do PIB arménio ao nível nominal e *Per Capita*.

---

<sup>86</sup> “The International Development Association (IDA) is the part of the World Bank that helps the world’s poorest countries. Established in 1960, IDA aims to reduce poverty by providing interest-free credits and grants for programs that boost economic growth, reduce inequalities and improve people’s living conditions.”(IDA,2012).

IMF Data Mapper ®

Real GDP growth (Annual percent change)



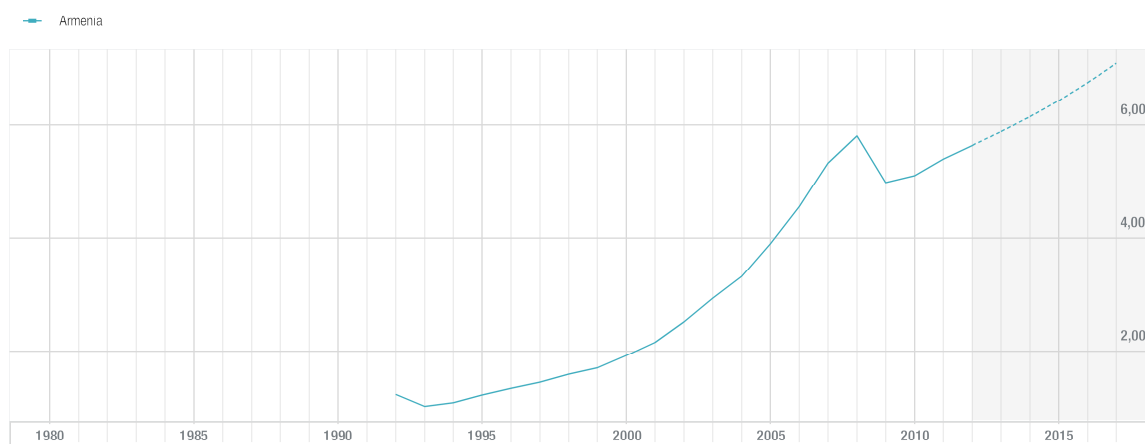
©IMF, 2012, Source: World Economic Outlook (October 2012)

Figura 36-Evolução do PIB nominal arménio entre 1993 e 2012

Fonte: Fundo Monetário Internacional. *IMF Data Mapper* [Em linha][Consultado em 22 de março de 2013]  
Disponível em: <http://www.imf.org/external/datamapper/index.php>

IMF Data Mapper ®

GDP based on PPP per capita (Current international dollars per capita)



©IMF, 2012, Source: World Economic Outlook (October 2012)

Figura 37-Evolução do PIB *Per Capita* arménio entre 1993 e 2012

Fonte: Fundo Monetário Internacional. *IMF Data Mapper* [Em linha][Consultado em 22 de março de 2013]  
Disponível em: <http://www.imf.org/external/datamapper/index.php>

À semelhança dos seus vizinhos georgianos e azeris, e embora em boa parte a sua defesa assente no apoio russo, também a Arménia investiu uma boa parcela do seu PIB na defesa (ver figura 38).

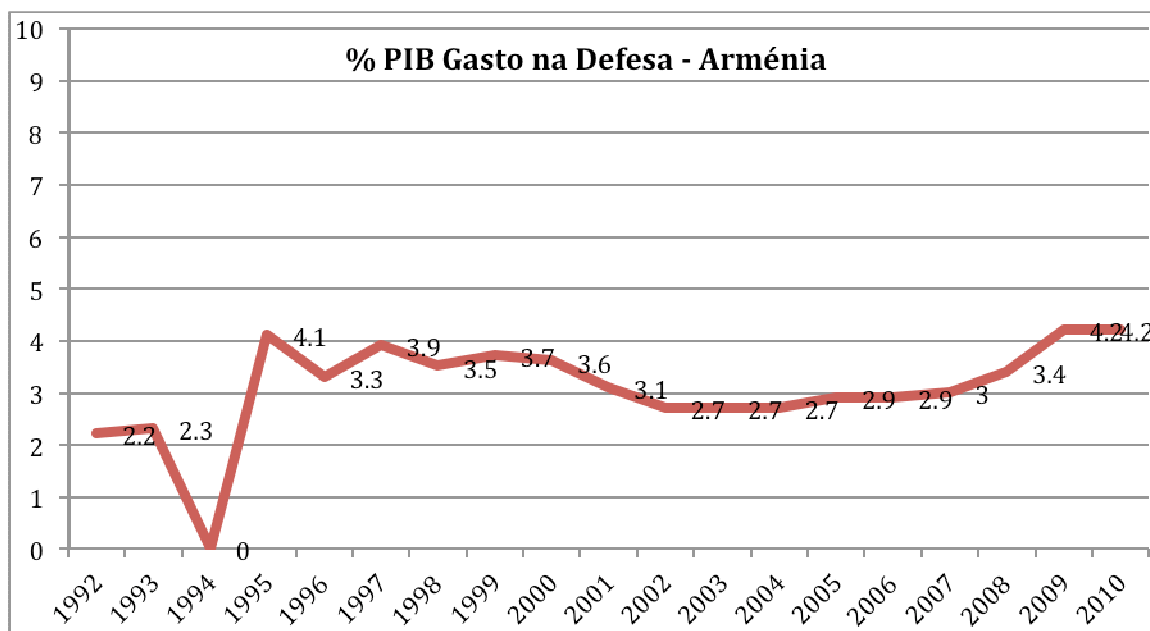


Figura 38-Evolução do PIB arménio gasto com defesa entre 1992 e 2011

Fonte: *The SIPRI Militar Expenditure Database* [Em linha][Consultado em 17 de março de 2013] Disponível em: <http://milexdata.sipri.org/result.php4>

Em 2008, o início da crise financeira global e a diminuição do investimento estrangeiro, com implicações diretas no setor da construção civil, provocou uma diminuição do crescimento arménio para valores na ordem dos 7%, e em 2009, uma recessão de 14% (IMF,2011). Como consequência, verificou-se o aumento do desemprego, e o agravamento das condições de vida<sup>87</sup> – durante os últimos 20 anos terão emigrado cerca de um milhão de arménios, sendo que em média, cerca de 100000 emigraram à procura de trabalho (Nranyan, 2011:202). Hoje, a Arménia procura prosseguir com as suas reformas estruturais capazes de operar uma redução nos níveis de corrupção, de constituir uma verdadeira economia de mercado e de desenvolvimento sustentado, de forma a mitigar os índices de pobreza e, assim, continuar a sua aproximação aos valores do ocidente.

No anexo I podemos observar um quadro resumo com os principais parceiros comerciais da Arménia.

<sup>87</sup> Segundo Ana Nranyan, atualmente na Arménia, cerca de 1 milhão de pessoas vive abaixo do limiar da pobreza.



## **b) Atores Não Estatais : organizações religiosas, sociedade civil, ONG, multinacionais energéticas**

A Geórgia, o Azerbaijão e a Arménia preveem nas suas constituições a separação de poderes entre a Igreja e o Estado. No caso da Geórgia, a Concordata de 2002, entre o governo e a Igreja Ortodoxa Cristã atribui imunidade ao patriarca, e assegura-lhe um papel de consultoria no governo. No Azerbaijão, o Estado e o Islão têm um relacionamento diferente: o *Caucasian Muslim Board* é um órgão do Estado, criado na era soviética, e responsável pelos assuntos religiosos, nomeadamente no caso da nomeação dos clérigos para as mesquitas e para as escolas Islâmicas. No caso da Arménia, a constituição reconhece que “*a Igreja Arménia, como Igreja nacional tem responsabilidade de desenvolver a cultura Arménia e na preservação da identidade nacional do povo Arménio*” (Charles, 2009:7).

Como podemos verificar na figura 39, em qualquer dos Estados existe um envolvimento evidente com a religião, existindo mesmo ministérios para os assuntos religiosos (*Ibid*:8), e segundo Robia Charles, existe um nível semelhante de confiança das instituições religiosas nos três Estados do Cáucaso do Sul, com ligeira superioridade no caso da Geórgia e da Arménia (*Ibid*:6).

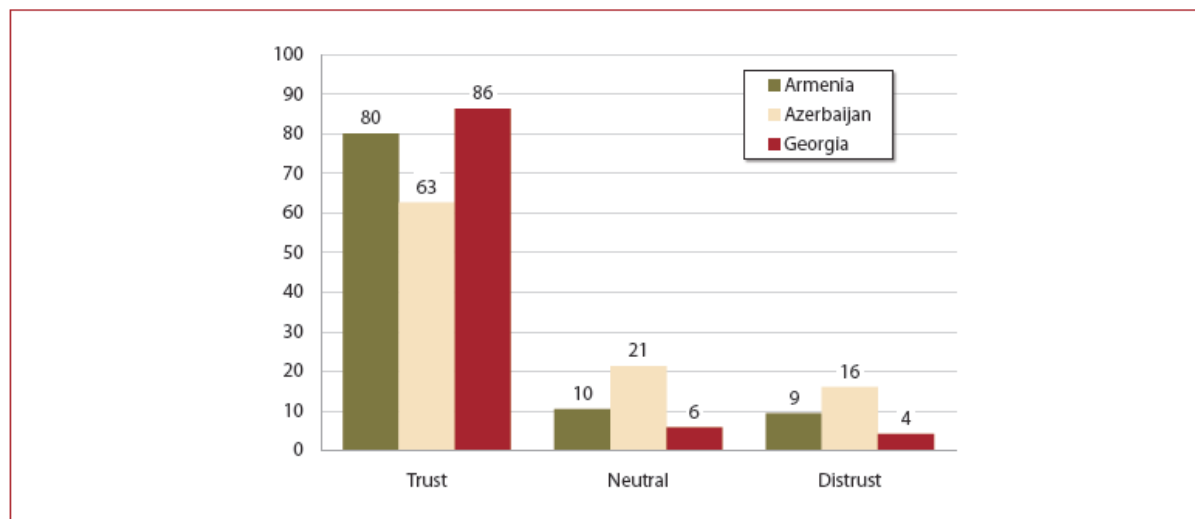


Figura 39-Confiança nas instituições religiosas

Fonte: *Religiosity in Armenia, Georgia and Azerbaijan* (Charles, 2010). *Caucasus Analytical Digest* nº20. [Em linha] [Consultado em 30 de dezembro de 2012]. Disponível em: <http://www.escholarship.org/uc/item/1b88b59g>

---

Acresce ainda referir que, segundo o mesmo autor, a confiança nas instituições religiosas se sobrepõe às instituições do Estado - parlamentos, governos, presidentes - o que segundo Sapsford e Abbott (2006), citado por Robia Charles (2009) poderá ter origem na deslegitimação do Estado durante o regime da era soviética.

Como já referido anteriormente, após o fim da URSS a prática religiosa voltou a ser uma realidade na região do Cáucaso do Sul (Simão, 2012:12), potenciando a intervenção das instituições religiosas na vida política dos três Estados residentes. Na realidade, a descrença por parte dos cidadãos nas instituições políticas, a corrupção, os conflitos intermináveis e a insegurança têm sido, interna e externamente - nas diversas Diásporas - o principal motor do reforço do poder social das instituições religiosas, com contornos políticos (*Ibid*). Ainda segundo Licínia Simão, não é evidente que esta intervenção das instituições religiosas tenha impacte direto nos aspetos securitários na região, não sendo contudo de menosprezar que as suas perspetivas no âmbito das políticas internas e externas possam conduzir para uma melhoria ou agravamento da segurança na região, em especial se pensarmos nos processos eleitorais e de resolução de conflito (*Ibid*).

No entanto, se olharmos em particular para o caso do Azerbaijão, maioritariamente muçulmano, cuja atividade religiosa tinha sido banida nos tempos da URSS, verificamos que a corrupção, a crescente contestação anti-EUA, o adiar de uma solução para o conflito em Nagorno-Karabakh têm contribuído para o exacerbar do Islão no território, ao que acrescem as influências provenientes dos vizinhos Irão e Turquia, com a construção de mesquitas e de escolas em território azeri, bem como através de proselitismo em campos de deslocados, um pouco por todo o Azerbaijão (*Ibid*:13). Importa ainda recordar que, Salafitas e Wahhabis se tornaram ativos na capital, Baku, e nas regiões a norte de Baku, muitas vezes correlacionados com atividade terrorista na Chechénia e no Daguestão (Middel, 2005) <sup>88</sup>. Ou seja, este islamismo radical constitui um desafio à segurança regional, procurando o Azerbaijão um equilíbrio entre a liberdade religiosa e o combate às atividades terroristas (Simão, 2012:14).

No período pós-URSS, a região assistiu à chegada de diversas organizações internacionais, como o BM, ou FMI para, através do investimento financeiro estimular o desenvolvimento económico na Geórgia, no Azerbaijão e na Arménia, deixando no entanto de fora, as regiões separatistas não reconhecidas da Abecásia, da Ossétia do Sul e de Nagorno-Karabakh. Assim sendo, a Rússia resolveu ocupar esse vazio, e apoiar a Abecásia e a Ossétia

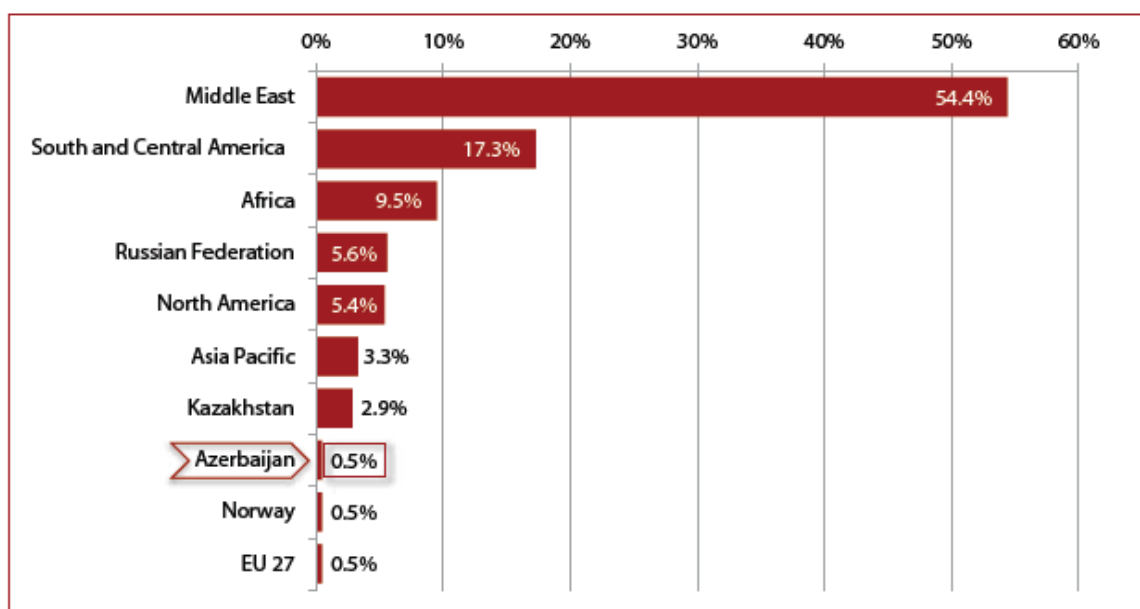
---

<sup>88</sup> Segundo Bert Middel, em 2003 já existiam cerca de 65 mesquitas controladas por salafitas, cujos missionários terão conseguido converter para a sua causa sunitas e membros de outras minorias azeris por força da sua desilusão com as políticas sociais e económicas, e da postura pró-Occidente dos seus governantes.

do Sul, e a Diáspora Arménia apoiou, e continua a apoiar Nagorno-Karabakh através de empresas privadas ao nível do setor primário, secundário e ainda terciário (Mirimanova, 2006:520).

Ao mesmo tempo, ocorreram uma série de processos de privatização, um pouco pelos três Estados, pouco transparentes, cujos lucros foram divididos por burocratas associados a grupos de máfias (*Ibid*:518). Como consequência estabeleceram-se fluxos de economia paralela, responsável por cerca de 60% da economia na região (Pleskachevskiy, 2011:3), e que estão muito para além do controlo dos Estados, envolvendo elites, e trazendo com ela um conjunto de atividades ilegais que servem de subsistência a algumas das populações (Williams, 2003:77).

Apesar de tudo, a arena dos recursos naturais parece ser a principal área de disputa internacional na região do Cáucaso do Sul, sendo que a nível regional, a Rússia não está disponível para perder o seu domínio no fornecimento de gás natural da UE, e a Turquia luta por se afirmar como *hub* regional de distribuição. Já para a UE, onde se estima que em 2030 cerca de 80% da energia seja importada (German, 2011: 10), a região representa a independência do mercado energético russo, e para os EUA a procura pela alternativa energética oriunda do Mar Cáspio, bem como o acesso às reservas da Ásia Central (*Ibid*:3). Nas figuras seguintes podemos observar a distribuição mundial de reservas de petróleo e de gás natural, sublinhando o peso do Azerbaijão (Badalyan, 2011:7).

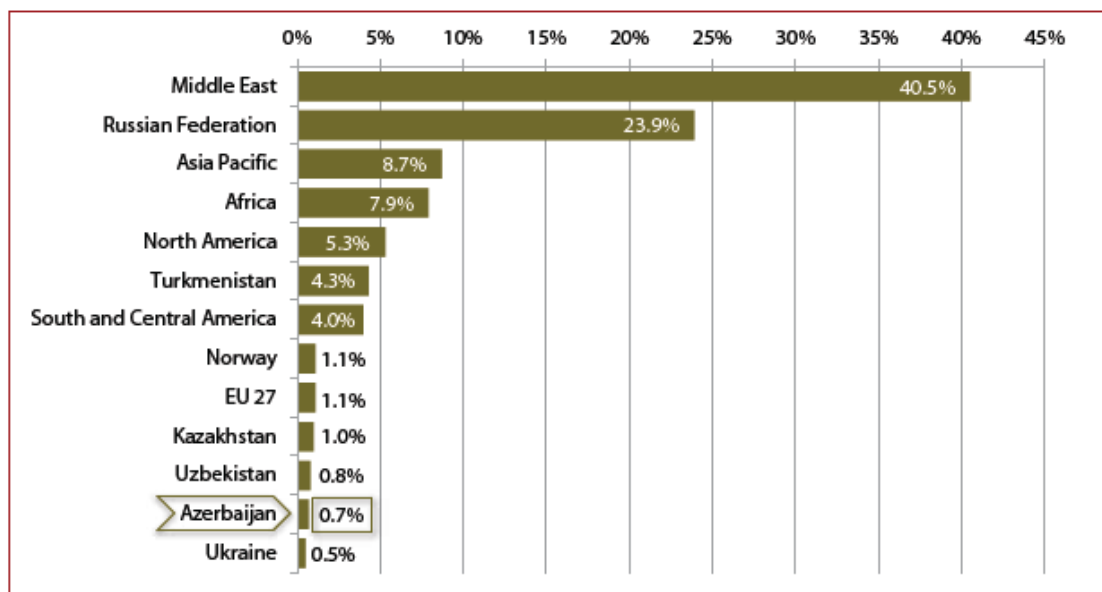


Source: BP Statistical Review of World Energy 2011, <http://www.bp.com/statisticalreview>

Figura 40-Distribuição mundial de reservas petrolíferas

Fonte: *Interlinked energy supply and security Challenges in the south Caucasus*. [Em linha] [Consultado em 17 de janeiro de 2013].Disponível em:

<http://www.laender-analysen.de/cad/pdf/CaucasusAnalyticalDigest33.pdf>



Source: BP Statistical Review of World Energy 2011, <http://www.bp.com/statisticalreview>

Figura 41- Distribuição mundial das reservas de gás natural

Fonte: *Interlinked energy supply and security Challenges in the south Caucasus*. [Em linha] [Consultado em 17 de janeiro de 2013]. Disponível em: <http://www.laender-analysen.de/cad/pdf/CaucasusAnalyticalDigest33.pdf>

Ciente da importância que podia vir a desempenhar na arena internacional, e de que forma os seus recursos energéticos poderiam contribuir para o seu desenvolvimento económico e social, o governo azeri cedo se viu rodeado de diversas multinacionais petrolíferas. Assim, foi com naturalidade que diversas multinacionais energéticas chegaram ao Cáucaso do Sul, passando a ser, de igual forma, importantes atores na segurança da região.

De fato, a 20 de setembro de 1994 o governo azéri assinou um contrato de exploração da região azeri do Mar Cáspio com um consórcio internacional, o *Azerbaijan International Operating Company* (AIOC), composto por onze empresas de sete Estados, trabalho este a ser executado pela petrolífera azéri, a *SOCAR- State Oil Company of Azerbaijan Republic* (Javadi, *et al*, 1994). Neste contrato milionário - estimado em 80 mil milhões de dólares em trinta anos - o Azerbaijão assegurou 80% dos lucros, sendo os restantes 20% distribuídos pelos elementos do consórcio<sup>89</sup> (*Ibid*):

British Petroleum - BP (Reino Unido) 17.127%

Amoco (EUA) 17.01%

Lukoil (Russia) 10%

<sup>89</sup> A BP (Reino Unido), a Chevron (EUA), a Devon Energy (EUA), a Statoil (Noruega), a Türkiye Petrolleri Anonim Ortaklığı (TPAO), a Amerada Hess (EUA), a SOCAR (Azerbaijão), a Exxon Móbil (EUA), a INpex (Japão) e a Itochu (Japão) (*British Petroleum Caspian*, 2013).

---

Pennzoil (EUA) 9.82%  
Unocal (EUA) 9.52%  
Statoil (Noruega) 8.563%  
McDermott International (EUA) 2.45%  
Ramco (Escócia) 2.08%  
Turkish State Oil Company (Turquia) 1.75%  
Delta-Nimir (Arábia Saudita) 1.68%

O primeiro transporte de petróleo do AIOC para o Mar Negro fez-se em janeiro de 1998, por exigência russa através do porto de Novorossiysk e somente em abril é que o primeiro carregamento de petróleo largou do porto georgiano de Supsa (*Ibid*). A BP possui ainda participação no oleoduto de BTC (Bishku, 2011)<sup>90</sup>, no projeto de exploração de gás natural do campo de Shah Deniz - descoberto em 1999 - que constitui um dos maiores campos de reserva de gás natural, e se encontra localizado na plataforma continental azeri, 70 Km a sueste de Baku, em profundidades da ordem dos 50 a 500 metros (*British Petroleum Caspian*, 2013a), e no oleoduto *South Caucasus* - que transporta gás natural do campo de Shah Deniz, ao longo da mesma rota que o oleoduto de BTC, através do Azerbaijão, e da Geórgia, com destino à fronteira da Geórgia com a Turquia, onde é ligado à distribuição de gás turca, juntamente com a Lukoil russa e com empresas iranianas, francesas e norueguesas (*British Petroleum Caspian*, 2013b).

Fica pois clara a importância e o impacto destas multinacionais como atores na região. Por um lado, porque as suas políticas são apoiadas pelos respetivos governos numa perspetiva dos seus interesses económicos - escolha das rotas para a construção dos oleodutos, segurança da exploração, transporte e fornecimento energético - por outro, porque influenciam as políticas internas e externas dos Estados - procuram estabilidade e segurança como garante para a sua atividade. Neste contexto, o Azerbaijão, como único produtor de petróleo e gás natural no Cáucaso do Sul, tem assegurado um papel de relevância na região, colhendo os dividendos dessa mesma estratégia. Contudo, esta relevância não tem tido repercussões ao nível das funções do Estado, tendo a SOCAR - empresa petrolífera do Estado - assumido muitas vezes esse papel, mormente no que às políticas de emprego diz respeito, ou por exemplo, no apoio social a deslocados do conflito de Nagorno-Karabakh (Simão, 2012:9).

---

<sup>90</sup> Segundo Michael Bishku, o BTC conta ainda com a presença de companhias do Reino Unido, dos EUA, da Noruega, do Japão, da Itália, da França e da Turquia.

---

## E o que dizer das ONG?

No seguimento da desagregação da URSS e das revoluções rumo à independência da Geórgia, do Azerbaijão e da Arménia, e um pouco à semelhança das grandes multinacionais energéticas e das organizações religiosas, também as ONG - muitas delas apoiadas pelo Ocidente, e porque não dizê-lo pela Rússia - procuraram ocupar o seu espaço na região. Segundo Licínia Simão, fizeram-no desempenhando um importante papel nas áreas da manutenção de paz, mas também, como instrumentos de política externa para a implementação da democracia, por parte do Ocidente, ou no caso das ONG apoiadas pelos russos, na tentativa de contrariar esta política do Ocidente e, servindo-se da sociedade civil, lograr atingir os seus interesses nacionais na região (Simão, 2013c).

As ONG, pelo fato de na generalidade terem a sua agenda e trabalharem fora da alçada dos governos, aliás muitas vezes fazendo questão de referir que não são representantes destes, conseguem mais facilmente chegar às populações, e dessa forma, tentar influenciar as partes no conflito, a ponto de facilitarem as negociações. Exemplo disso é a *Caucasus Business Development Work*, uma ONG constituída por empresários representantes da sociedade civil arménia, azéri, de Nagorno-Karabakh, turca, georgiana, abecaz e osseta, que se reúne periodicamente com vista a desenvolver a cooperação económica, e na perspetiva de construir um clima de paz, demonstrando que a estabilização da região é possível de alcançar (Maas, *et al.* 2009:20).

---

### 3. A Presença de grandes atores : OTAN, UE, EUA, Rússia, Turquia e Irão

---

Um dos fatores, porventura dos mais importantes e explicativo da instabilidade no Cáucaso do Sul é a presença dos grandes atores na região - regionais e extrarregionais - quer diretamente através das suas políticas externas resultante das estratégias nacionais, quer indiretamente, pela pressão das grandes multinacionais com interesses na região, energéticas em particular. Olhemos para a influência destes atores.

#### a) Os EUA

Ao longo dos anos os EUA têm orientado a sua política externa em torno de três grandes vetores: a energia, a democracia e a estabilidade política. O fim da Guerra Fria revelou uns EUA direcionados para a aproximação aos Estados da Europa Central, e posteriormente, a pensar em novas alianças. No entanto, a partir de 1998 os EUA começaram a direcionar a sua estratégia energética para a região do Cáucaso, tentando fazer um *bypass* à Rússia e ao Irão através de projetos de transporte de gás natural e de petróleo oriundos do Mar Cáspio e da Turquia – ou seja, quebrar o monopólio no transporte energético russo (Freire:2011: 47).

No que diz respeito à democracia e à estabilidade política, o principal objetivo passa por conter a influência do Irão no Cáucaso e na Ásia Central, e em conter a propagação do radicalismo islâmico. Os atentados de 11 de setembro de 2001 fizeram emergir na agenda norte americana os objetivos securitários, incluindo programas de cooperação com os três Estados do Cáucaso do Sul (em especial com a Geórgia e com o Azerbaijão) – a luta antiterrorismo, a proteção das fronteiras e a modernização das Forças Armadas<sup>91</sup>, bem como a tentativa da resolução pacífica dos *frozen conflicts*, em particular de Nagorno-Karabach (*Ibid*: 48)<sup>92</sup>.

Em 2002 os EUA redefiniram a sua Estratégia de Segurança Nacional, constituindo objetivo nacional o articular das suas ações com os seus aliados, parceiros comerciais e produtores de energia, com vista à diversificação das fontes energéticas e ao desenvolvimento de tecnologias mais eficientes na prossecução de um aumento da segurança energética, em particular na região da Ásia Central, na região do Cáspio e em África, estratégia esta que veio a ser reiterada nos documentos de Estratégia de Segurança Nacional de 2010 e, mais

---

<sup>91</sup> No anexo E podemos observar a evolução no investimento das Forças Armadas americanas.

<sup>92</sup> De acordo com a *National Security Strategy 2012*: “At the same time, security challenges and unresolved conflicts persist in parts of Europe and Eurasia, where the United States must continue to promote regional security and Euro-Atlantic integration (*National Security Strategy, 2012*).



---

recentemente, de 2012: “*Europe is our principal partner in seeking global and economic security, and will remain so for the foreseeable future.*”(National Security Strategy, 2012).

Ora o Cáucaso insere-se nesta estratégia já em curso, uma vez que se encontra na rota dos recursos energéticos do Cáspio para o exterior<sup>93</sup>. Paralelamente, os Estados Unidos procuram isolar a Rússia e o Irão, tornar a Turquia mais forte, e contribuir para que Estados como, o Azerbaijão, a Geórgia, o Cazaquistão, o Uzbequistão e o Turquemenistão assegurem a sua independência em relação à Rússia (Nunes, 1999:376).

Na última década os relacionamentos entre os EUA e a Rússia têm-se pautado por relações de tensão e cooperação, e este parece ser o caminho. De acordo com a *National Security Strategy 2012*: “...*In addition, our engagement with Russia remains important, and we will continue to build a closer relationship in areas of mutual interest and encourage it to be a contributor across a broad range of issues*” (National Security Strategy, 2012:3). Se por um lado as tensões tiveram início com a crise do Kosovo em 1999, materializadas com os bombardeamentos dos EUA/OTAN na Sérvia, com o conflito do Iraque em 2003, e por fim com a guerra da Geórgia em 2008<sup>94</sup>, por outro assistiu-se por parte da Rússia à venda de vinte helicópteros ao Afeganistão e à abertura de corredores que permitissem o apoio logístico da ISAF<sup>95</sup>. Todavia, embora estas ações sejam importantes, torna-se claro que a Rússia colhe dividendos por elas - a abertura dos corredores significaram encaixe financeiro - e não o faz somente porque procura manter um relacionamento com o Ocidente.

Marcante no relacionamento entre os dois Estados é, de igual forma, a manutenção da base militar da OTAN, em Manas, no Quirguistão, bem no reduto geopolítico russo (Shlapentokh, 2010), a instalação do chamado “escudo antimísseis” na República Checa<sup>96</sup>, ou a intenção russa em estabelecer cinco bases militares na Abecásia e na Ossétia do Sul, em

---

<sup>93</sup> Para os Estados Unidos, a Geórgia, juntamente com o Azerbaijão e com o Turquemenistão, em virtude da sua posição geográfica, constituem uma alternativa segura ao corredor logístico para o Afeganistão, em detrimento das rotas pelo Paquistão.(Nunes, 1999)

<sup>94</sup> Segundo Armando Marques Guedes:” A “Guerra dos Cinco Dias” marcou o ponto mais baixo no relacionamento russo-americano desde o fim da Guerra Fria” (Guedes, 2009:68)

<sup>95</sup> Em dezembro de 2001, liderada pela ONU realizou-se a Conferência de Bona, com vista encontrar uma solução para a situação de clara violação dos direitos humanos do povo afegão, bem como para restabelecer a paz e criar um ambiente seguro. Nessa conferência foi constituída a Autoridade Interina Afegã com vista, daí em diante, a representar os interesses do povo afegão (como por exemplo no que diz respeito a assuntos de política externa - assento na Assembleia Geral das Nações Unidas). Com o intuito de garantir a segurança e a ordem interna no Afeganistão foi criada a ISAF., que através da UNSCR nº1386 de 20 de dezembro de 2001,foi colocada no terreno com mandatos de seis meses, sob comando rotativo, de forma a garantir um *Safe and Secure environment* em Cabul e arredores (podendo à medida que as condições o permitissem expandir para outros pontos do território, o que veio a acontecer mais tarde a coberto da UNSCR 1510 de 13 de outubro de 2003), de forma à ONU, em articulação com a Autoridade Transitória efetuarem o seu trabalho.

<sup>96</sup> Segundo a Rússia a instalação deste escudo termina com o efeito de dissuasão mútua, a qual durante o período bipolar contribuiu para a paz tensa no mundo (Guedes, 2009:68)

---

clara violação dos acordos do final da guerra com a Geórgia em 2008. Por seu lado Moscovo tem vindo a ocupar a posição de potência euro-asiática e a jogar a sua influência nos Estados vizinhos, ora através de cortes energéticos, como foi o caso da Bielorrússia ou da Ucrânia, ora através de ameaças de novas investidas, como foi o caso da Geórgia (Lima, S/D:11).

É pois visível que estamos perante uma nova *Détente* que condiciona o relacionamento entre as partes.

A chegada do Presidente Obama ao leme dos EUA trouxe uma mudança na política externa para a região do Cáucaso: assume que os EUA e a Rússia têm interesses comuns na região e necessita dos russos para controlar a região nos aspetos securitários, para controlar a proliferação das armas de destruição em massa, para conter o Irão e para assegurar o apoio logístico no Afeganistão, numa lógica de jogo de soma positiva (Shlapentokh, 2010:12). Mas para isso torna-se necessário resolver a questão de Nagorno-Karabakh.

Embora não oficialmente, a posição dos EUA em relação ao Cáucaso do Sul e ao seu relacionamento com a Rússia obriga-os a olhar para a região como sendo instável, e constituída por Estados com graves problemas internos por resolver, como já ficou patente ao longo deste trabalho - os *frozen conflicts*, a falta de governação, a corrupção, e outros. O fato da região ser considerada pelos russos como área de interesse preferencial, a posição que a Rússia tem tido na tentativa de resolução de alguns destes problemas, como sejam as negociações para a resolução do conflito de Nagorno-Karabakh condicionam o seu relacionamento com os EUA. Assim sendo, só uma alteração na política dos EUA e o envolvimento no Azerbaijão permitirá consubstanciar os seus objetivos na região – segurança energética, conter o Irão e manter a cadeia logística para o Afeganistão (Jackson, 2010: 2).

## **b) A UE**

Até ao 11 de setembro o Cáucaso era encarado pela UE como uma região com potencial de prosperidade. Após esse malogrado dia, o entendimento da UE passou a ser outro - o Cáucaso constitui de igual forma uma fonte de ameaças (Sobral, 2005:9). Em 2003, antes do alargamento a leste, a UE alterou a definição da sua estratégia face aos seus novos vizinhos (*Commission of The European Communities*, 2003), com uma breve referência ao Cáucaso do Sul e ao fato da região ficar de fora da iniciativa. Contudo, alguns meses mais tarde, a comissão reanalisou a situação estratégica e nomeou um Representante Especial para o Cáucaso do Sul. O que é que motivou a UE a alterar a sua política em relação à região? Na verdade, um novo entendimento mais abrangente de segurança, que também a UE passou a

considerar. A UE entendeu que deveria dar atenção, não apenas à instabilidade, controlando-a onde é diretamente afetada, mas, de igual forma, ter em consideração os pontos onde esta é originada, evitando o extravasar da conflitualidade, e correndo o risco de envolver outras dimensões geopolíticas, como as relações UE-EUA e UE-Rússia.

Em maio de 2004, na sequência do alargamento a leste da UE, foi implementada a PEV permitindo a estes novos parceiros<sup>97</sup> participar em diversas atividades da UE, através de cooperação ao nível político, da segurança, económico e cultural. Os objetivos desta política estão materializados nos Planos de Ação e nos Acordos Europeus de Vizinhança estabelecidos com cada um dos vizinhos, permitindo assim, aproximar estes Estados dos valores comuns da boa governação, da economia de mercado, da boa vizinhança, do desenvolvimento sustentável e da segurança, entre outros (Tomé, 2007:20). Aliás, no que diz respeito à segurança, a UE implementou em julho de 2004, e durante o período de um ano a missão para o estado de direito na Geórgia – EUJUST Themis - e a 1 de dezembro de 2005 iniciou uma outra missão entre a fronteira da Moldávia e da Ucrânia, prova das interações entre os membros da PEV, materializando assim a presença, cada vez mais acentuada, na região do Cáucaso do Sul.

No capítulo da economia, segundo dados de 2012, a UE é o parceiro comercial mais importante para o Cáucaso do Sul: 26,1% das trocas comerciais da Geórgia, 42,5% do Azerbaijão e 32% da Arménia (*European Commission*, 2012). Por outro lado, a UE possui apenas 2% das reservas energéticas mundiais de gás natural, e a sua dependência energética já atingiu os 53,8%, sendo 60,8 % destes relativos a gás natural. Desta forma, o Azerbaijão constitui o principal fornecedor energético da UE – petróleo e gás natural. Se as tendências se mantiverem como tem acontecido desde 1990, deverá aumentar a dependência da UE de energia proveniente do exterior.

A UE tem interesse em assegurar a paz, a estabilidade e a segurança no Cáucaso do Sul - aliás bem patente durante a resolução do conflito que opôs a Rússia à Geórgia em agosto de 2008, e que contou com a mediação do então Presidente do Conselho da Europa, Nicolas Sarkozy - sem a qual a boa governação, a democratização e o desenvolvimento económico e social serão difíceis de atingir, e fá-lo no âmbito da PEV.

No princípio de 2012 iniciaram-se as conversações para a admissão da Geórgia e da Arménia ao *Deep and Comprehensive Free Trade Area* (DCFTA). Este programa, inserido na PEV, visa alargar as relações comerciais com estes Estados numa perspetiva holística, e

---

<sup>97</sup> Arménia, Azerbaijão, Bielorrússia, Geórgia, Moldávia, Ucrânia, Argélia, Autoridade Palestiniana, Egipto, Israel, Jordânia, Líbano, Marrocos, Síria e Tunísia.

---

permitir uma integração do Cáucaso do Sul no mercado da UE – facilitar os mecanismos aduaneiros, diminuir os impostos de transação, a aplicação das normas sanitárias da UE, entre outros (*European Commission*, 2012). O Azerbaijão ficou de fora, pois ainda não é membro da Organização Mundial do Comércio, condição imposta pela UE para integrar o DCFTA.

De acordo com Stefan Wolff, em janeiro de 2010 o Parlamento Europeu publicou a estratégia da UE para a região do Cáucaso. Nesse documento é notório o reconhecimento de que a UE se afirma como ator securitário na região, de que os conflitos existentes na região constituem um entrave à implementação de qualquer estratégia que vise a transformação do Cáucaso numa região estável, pacífica e próspera. Ora esses conflitos, e o perigo destes extravasarem para conflitos interestatais com os países vizinhos, representam novos desafios para a região – conflitos entre os três Estados do Cáucaso e implicações nos relacionamentos com a Rússia, a Turquia ou o Irão, e de uma perspectiva mais alargada, no relacionamento da UE com a Rússia e com os EUA (Wolff, 2010:1).

### c) A OTAN

Até ao ano 2000 o interesse da OTAN no Cáucaso era reduzido e representava pouco envolvimento (direto) mantendo-se no entanto, expectante, embora promovendo diversas ações de cooperação<sup>98</sup> ao nível regional - como sejam o caso da GUAM - ou mesmo através de relações bilaterais entre membros da aliança, com a ONU ou com a OSCE. Mas na verdade, o *Working Group on Prospects for Regional Cooperation in The Caucasus* era o fórum preferencial dentro do *Euro-Atlantic Partnership Council*<sup>99</sup> para o diálogo com os seus parceiros de cooperação (Haas, *et al*, 2006:55).

Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 mostraram ao mundo um novo conceito de ameaça, transnacional, altamente destrutiva, o qual teve como consequência o redesenhar da geopolítica mundial. No dia seguinte ao atentado, a OTAN, pela primeira vez na sua existência, evocando o Artigo 5º do Tratado, interpretou o ataque como sendo uma ataque à aliança e ao abrigo da resolução nº1368 do Conselho de Segurança da ONU, lançou uma campanha contra o terrorismo - a Operação *Active Endeavour*. Nesta altura assistiu-se a

---

<sup>98</sup> A Geórgia, a Arménia e o Azerbaijão entraram para o *Partnership For Peace Program* em 1994. Atualmente a cooperação ao nível militar está patente na participação destes Estados em exercícios e em operações da Aliança de forma a aproximar os seus *standards* dos da OTAN.

<sup>99</sup> O *Euro-Atlantic Partnership Council* teve início em 1997 e trata-se de um fórum de conselho e de diálogo multilateral ao nível político e de segurança que engloba os membros da Aliança e os seus parceiros. Tem como objetivo fornecer o enquadramento político da Aliança aos seus parceiros na área Euro-Atlântica, bem como para as relações bilaterais entre a Aliança e Estados membros de acordo como o *PfP Programme* (NATO, 2010)

---

uma aproximação entre a OTAN/EUA e a Rússia de Vladimir Putin, que desde 1999 era alvo de diversos atentados de radicais chechenos no seu território, vendo assim alguma legitimidade para intervir na Chechénia.

Contudo, a intervenção no Iraque em 2003, contra vontade russa, as revoluções coloridas na Geórgia e na Ucrânia, o seu desejo em integrarem as estruturas Euro-atlânticas e o desejo da OTAN em instalar mísseis na Polónia e na República Checa deterioraram as relações, gorando-se a oportunidade de aproximação. Acresce ainda que em junho de 2004, na Cimeira de Istambul, ficou claro para a Rússia, o interesse da aliança em intervir, onde e quando fosse necessário, na prossecução dos seus interesses, deixando a suspeição de possibilidade de continuar a sua expansão para leste, numa clara intromissão na zona de influência russa (Ross, 2010:16). O relacionamento voltou a ser restabelecido mais tarde, em novembro de 2004, aquando da nomeação de Robert Simmons como *Special Representative for South Caucasus* (Lobjakas, 2009:2).

A “Guerra dos Cinco Dias” em agosto de 2008 opondo a Rússia a um Estado parceiro da Aliança, a Geórgia, veio agravar o relacionamento entre a OTAN e a Rússia, só amenizado mais tarde com a eleição do Presidente Barak Obama, e o redirecionar da política externa dos EUA para uma postura cooperativa com a Rússia, na tentativa de encontrar uma solução securitária para a região, que vá ao encontro dos interesses das duas partes (Ross, 2010:19). Interessa pois nesta altura trazer à liça as declarações de Condoleezza Rice, em dezembro de 2008, ao dizer que os EUA não iriam durante o ano de 2009 atribuir os MAP<sup>100</sup> à Geórgia e à Ucrânia, alinhando assim com a opinião de Berlim, Londres e Paris de que nenhum dos Estados estaria suficientemente estabilizado e democratizado para se tornarem membros da OTAN – trazendo um pouco de tranquilidade à Europa pela possível confrontação que esta medida provocaria face à Rússia (*Ibid.*: 72).

No caso azeri, a sua participação nos programas *PfP* da OTAN, plasmados nos IPAP é um bom exemplo de cooperação na área da segurança e que tem trazido alguma desconfiança ao lado russo, uma vez que tem permitido ao Azerbaijão a modernização de equipamento militar, a cooperação ao nível da defesa - incluindo a participação na ISAF através da integração de militares azeris no contingente turco, e, igualmente no Kosovo, nas reformas do setor civil, económico e planeamento civil de emergência, entre outros (Burns, 2009:49).

---

<sup>100</sup> *The door to NATO membership under Article 10 of the North Atlantic Treaty remains open. The Membership Action Plan (MAP), building on the Intensified, Individual Dialogue on membership questions, is designed to reinforce that firm commitment to further enlargement by putting into place a programme of activities to assist aspiring countries in their preparations for possible future membership.* (NATO , 1999).

Importa ainda referir o papel de aconselhamento que a OTAN tem prestado, quer a azeris, quer a arménios na resolução do conflito de Nagorno-Karabakh, que como já referido anteriormente, se encontra a ser conduzido pela OSCE, no âmbito do Grupo de Minsk (NATO, 2012)<sup>101</sup>.

Já em relação à Arménia, e se bem que integrando os programas *PfP* tal como a Geórgia e o Azerbaijão, e inclusivamente tendo participado com um contingente de tropas no Kosovo, desde cedo demonstrou que não seria sua intenção a sua integração na OTAN. O último IPAP foi assinado em novembro de 2011, por um período de dois anos e vocacionado para o fortalecimento do diálogo entre a OTAN e a Arménia e para o apoio na implementação das reformas da democracia e de defesa (NATO, 2012a)<sup>102</sup>.

De acordo com o relatório “NATO 2020”<sup>103</sup> é de esperar que a Rússia continue a cooperar com o Ocidente, aliás como tem feito desde 2002, data em que foi lançado o Conselho OTAN-Rússia, em domínios como: a luta contra o terrorismo, o apoio logístico à guerra do Afeganistão (corredores de acesso) e a redução de armas nucleares, embora face à volatilidade do comportamento da Rússia, e ao fato de querer instituir uma ordem securitária na Europa, esta cooperação seja vista por parte do Ocidente com algumas reticências (Jackson, 2010b).

Em 2010, no âmbito da Cimeira de Lisboa, a OTAN reforçou o apoio à Geórgia quanto à implementação das suas reformas, em especial nas áreas da democracia, das instituições e defesa, tendo inclusivamente sido criado a figura do Oficial de Ligação da OTAN na Geórgia como supervisor da implementação das reformas conducentes à integração na Aliança (NATO, 2012b)<sup>104</sup>.

Mais recentemente, no passado dia 6 de setembro de 2012 e durante a visita oficial à Geórgia, o Secretário-geral da OTAN - Anders Fogh Rasmussen - reiterou que as portas da OTAN continuam abertas, que a Geórgia deveria continuar as suas reformas, e que as eleições de outubro de 2012 seriam um grande teste à democracia (NATO, 2012c)<sup>105</sup>.

---

<sup>101</sup> *NATO's relationship with Azerbaijan.*

<sup>102</sup> *NATO's relationship with Armenia.*

<sup>103</sup> Este relatório constitui uma análise região por região efetuado em 2009 por uma série de peritos, e que tinha como objetivo servir de apoio à elaboração do novo Conceito Estratégico da OTAN.

<sup>104</sup> *NATO's relationship with Georgia.*

<sup>105</sup> *NATO Secretary General Anders Fogh Rasmussen praised Georgia for its strong commitment to NATO and to democratic reforms during a visit to the country on Thursday. The Secretary General said Georgia's reforms are bringing the country closer to NATO. "Georgia is a special partner for NATO and a model of commitment," he said after talks with President Mikheil Saakashvili in Tbilisi.* (NATO, 2012c).



---

No âmbito da Cimeira da OTAN em Chicago realizada em maio de 2012 importa reforçar algumas das linhas condutoras da Aliança para a região do Cáucaso do Sul, sendo que o seu conteúdo pode ser consultado na íntegra no Anexo F (NATO, 2012d)<sup>106</sup>:

1. *In accordance with Article 10 of the Washington Treaty, NATO's door will remain open to all European democracies which share the values of our Alliance, which are willing and able to assume the responsibilities and obligations of membership, which are in a position to further the principles of the Treaty, and whose inclusion can contribute to security in the North Atlantic area...*
2. *At the 2008 Bucharest Summit we agreed that Georgia will become a member of NATO and we reaffirm all elements of that decision, as well as subsequent decisions.... We welcome Georgia's progress since the Bucharest Summit to meet its Euro-Atlantic aspirations through its reforms, implementation of its Annual National Programme, and active political engagement with the Alliance in the NATO-Georgia Commission. In that context, we have agreed to enhance Georgia's connectivity with the Alliance, including by further strengthening our political dialogue, practical cooperation, and interoperability with Georgia. We continue to encourage and actively support Georgia's ongoing implementation of all necessary reforms, including democratic, electoral, and judicial reforms, as well as security and defence reforms. We stress the importance of conducting free, fair, and inclusive elections in 2012 and 2013. We appreciate Georgia's substantial contribution, in particular as the second largest non-NATO troop contributing nation to ISAF, to Euro-Atlantic security.*
3. *NATO-Russia cooperation is of strategic importance as it contributes to creating a common space of peace, stability and security. We remain determined to build a lasting and inclusive peace, together with Russia, in the Euro-Atlantic area, based upon the goals, principles and commitments of the NATO-Russia Founding Act and the Rome Declaration.*

Torna-se assim necessário olhar para o papel da OTAN no Cáucaso segundo duas leituras: por um lado conter a Rússia e o Irão, por outro defender os valores e os interesses do Ocidente, onde se inserem os recursos energéticos.

---

<sup>106</sup> NATO Chicago Summit Declaration.



---

#### **d) A Rússia**

Num espaço geopolítico que designa de seu *near abroad*, e onde procura manter a sua influência, a Rússia encontra-se empenhada no combate aos rebeldes chechenos que teimam em ameaçar o Cáucaso do Norte, constituindo uma ameaça à sua segurança e à segurança regional, e por esse motivo mantém tropas estacionadas na Abecásia e na Ossétia do Sul, fomenta uma aliança militar com a Arménia e cultiva a aproximação ao Irão. Como afirmado por Salvatore Freni, um pouco da Doutrina de Yeltsin numa Rússia com responsabilidades de manutenção de paz na sua área de influência (Freni, 2011:8).

Por outro lado, os investimentos económicos, e os recursos do Mar Cáspio, a presença na região dos EUA e da UE, interpretada como uma tentativa de isolar a Rússia e de aproximação à região, são vistos como uma intrusão nos seus interesses vitais.

Assim, tem sido preocupação na sua política externa com os atores referidos anteriormente manter a sua esfera de influência no seu *near abroad*, impedir a penetração do Ocidente, como pretexto de ser um *peacekeeper* na região, lutar pelos seus interesses vitais, e combater o terrorismo secessionista (Nation, 2007:29-30). A “Guerra dos Cinco Dias” com a Geórgia em agosto de 2008 veio demonstrar até que ponto a Rússia está disposta a largar o seu espaço de influência, ficando claro que, o nível de diálogo que quer a UE, quer os EUA consigo têm desenvolvido, não é suficiente para impedir Moscovo de estender o seu braço armado na região (Alieva, 2009:195).

De acordo com Maria Raquel Freire, quer a presidência de Putin, quer a de Medvedev têm reafirmado o espaço pós-soviético como sendo de interesse vital para a Rússia, cientes no entanto, que os três Estados do Cáucaso do Sul têm vindo a desenvolver capacidades próprias, muitas delas assentes nos apoios provenientes de atores externos presentes na região, como a OTAN, a UE ou os EUA (Freire, 2013:10).

De acordo com Sophia Dimitrakopoulou, a estratégia nacional de segurança russa passa pela preocupação com a instalação de mísseis na Europa de leste - Polónia e República Checa – com os conflitos latentes no seu *near abroad*, com a proteção das suas fronteiras e com o aumento da sua proteção (Dimitrakopoulou, 2010:35-42)<sup>107</sup>. Mas a sua nova estratégia não se cinge ao seu *backyard* e estende-se ao relacionamento com os EUA, onde ficam patentes as cooperações ao nível do combate ao terrorismo, à não-proliferação do nuclear, e ao controlo de armamento, numa perspetiva semelhante à americana, ou seja, de soma

---

<sup>107</sup> Bem como a paridade com os EUA no que diz respeito às armas nucleares e o controlo das armas de destruição em massa.

positiva. Contudo, existem ameaças, e neste capítulo importa lembrar o acordo celebrado com o Irão em fevereiro de 2013 para a cooperação na área do combate ao terrorismo, ao tráfico de droga e de seres humanos, e incluindo o treino e o apetrechamento das forças de segurança iranianas, de forma a lidar com os fenómenos de agitação social, como os ocorridos no norte de África durante o ano de 2012 (Taheri, 2013). Sublinhar ainda o alinhamento entre a Rússia e o Irão na questão da vizinha Síria de Assad, em contraposição ao apoio do Ocidente aos rebeldes sírios.

A sua dependência económica na exportação de energia, e o envolvimento de atores externos na região do Cáucaso, são percecionados como ameaças efetivas aos interesses nacionais. Se no primeiro caso a Rússia tem pautado o seu comportamento através da promoção de acordos bilaterais e multilaterais, no segundo caso dificilmente permitirá a intromissão do Ocidente num espaço de sua influência - a aproximação entre a OTAN e alguns dos países da ex-URSS é olhada por Moscovo com preocupação, que vê o seu espaço estratégico de segurança encolher, e dessa forma interessa à Rússia controlar esse espaço, reforçando as alianças existentes no Cáucaso.<sup>108</sup> Assim, o seu principal apoio na região vai para a Arménia – económico e em termos de segurança, onde a CSTO<sup>109</sup> é um exemplo – incluindo, como moeda de troca, a utilização de bases militares arménias e o direcionar da sua política externa para a Rússia. Embora se assista a alguma aproximação da Arménia à UE, numa perspetiva de diversificação dos seus mercados, o mercado russo continua a prevalecer (Freire, 2013:3).

No que diz respeito à Geórgia, a sua viragem a Ocidente no período que se seguiu à Revolução Rosa em 2003 é claramente um entrave à hegemonia russa na região, e o conflito entre ambos em 2008 em nada veio contribuir para acalmar o seu relacionamento, demonstrando que a utilização do instrumento militar por parte de Moscovo não está colocada de parte. Em relação ao Azerbaijão, se bem que a sua política esteja muito virada para o Ocidente, e para outros Estados – de que a China é exemplo – também está presente na sua política externa, embora de forma mais ténue, e não numa postura de subordinação – existem alguns acordos ao nível militar entre a Rússia e o Azerbaijão.

---

<sup>108</sup> Como exemplo, citar o acordo entre a Rússia e a Bielorrússia para a unificação de sistemas de defesa aérea (Vieira, Simão, 2009: 10)

<sup>109</sup> Criado em 15 de maio de 1992 sob a égide da CEI, o então *Collective Security Treaty* tinha o intuito de assegurar a defesa dos seus participantes – a Rússia, a Bielorrússia, a Arménia, o Casaquistão, o Quirguistão e o Tajiquistão. Mais tarde, em maio de 2005, já com a designação de *Collective Security Treaty Organization* os seus participantes acordaram em focar a sua atenção na preservação da integridade territorial, e na cooperação multilateral com organizações como a ONU, a OSCE, a OTAN (Globalsecurity, 2012).

---

Por outro lado, o papel do Azerbaijão nos mercados energéticos faz com que tenha capacidade de negociação com a Rússia, coisa que não acontece com a Geórgia ou com a Armênia (*Ibid*:4). Importa ainda sublinhar que, ciente da sua importância estratégica, o Azerbaijão joga o apoio das companhias energéticas Russas como forma de tentar influenciar a política externa Russa face ao Azerbaijão. Referir ainda o papel que o Azerbaijão desempenha como tampão contra rivais históricos como o Irão e a Turquia, sem esquecer a Estação Radar de Qabala (ou Gabala)<sup>110</sup>, onde estão colocados cerca de 1000 homens russos, e cujo contrato de aluguer ainda se encontra em negociação entre ambas as partes.

Ou seja, como refere Armando Marques Guedes, a Rússia joga no palco internacional alianças, contra coligações, esferas de influência, representando uma postura de competição política e em que as organizações internacionais são jogadas como peões neste grande jogo geopolítico (Guedes, 2009:70).

#### **e) A Turquia**

Desde o Império Otomano que o Cáucaso do Sul se constitui como área de interesse e de influência turca. Depois do fim da URSS, a Turquia, por força do seu papel como Estado *pivot* no comércio e no transporte proveniente do Mar Cáspio (através da Geórgia) e com destino aos mercados europeus - oleoduto BTC - viu reforçado o seu papel como ator regional. Assim, depressa iniciou o processo de candidatura a membro da UE, e simultaneamente, aumentou as suas ambições como potência regional, porventura, com o intuito de conter o desejo de hegemonia russa, contrariando os interesses estratégicos russos na região. Ao nível interno, anseia pelo fim das lutas sectárias e terroristas iniciadas em 1984 pelos curdos do *Kurdistan's Worker's Party* (PKK), agora conhecidos como *Kurdistan People's Congress or Kongra-Gel* (KGK) (*CIA World Factbook - Turkey, 2012d*) contra o governo central.

Segundo Gayane Novikova, a política externa da Turquia não passa, numa primeira instância pelo Cáucaso do Sul, mas na resolução de questões como: a sua integração no espaço da UE; na resolução do problema com o Iraque em relação ao Curdistão; no diferendo que mantém com o Chipre; nas relações bilaterais com os EUA ou com a Rússia (Novikova, 2010: 135). Iniciado em dezembro de 1999 aquando do Conselho da Europa em Helsínquia, o

---

<sup>110</sup> Trata-se duma estação construída ainda nos tempos da URSS, colocada ao serviço em 1985, composta por radares de aviso aéreo capazes de detetar alvos a cerca de 6000 Km. Em 2002, a negociação entre Rússia e Azerbaijão previu, a troco de 7 milhões de Dólares por ano, a utilização da estação até 2012. Fontes revelam que os azeris terão exigido à Rússia como condição para estender o leasing o valor de 300 milhões de Dólares por ano e a remodelação da estação (Souleimanov, 2013).

processo de candidatura da Turquia à UE demora a concretizar-se. Considerado pelo Banco Mundial como a 16ª maior economia mundial, e a 6ª da Europa, a sua localização geográfica, assegurando a proteção do fornecimento energético à Europa, tornam-na como um aliado estratégico de peso (Bagis, *et al*: 2011). Desde 2011 que a Turquia tem vivido momentos de mudança, através de novas medidas que aproximem a sociedade turca dos valores da restante UE - liberdade, justiça social, democracia - mas até ao momento não terá sido o suficiente para garantir a sua entrada na UE (*Ibid*).

De qualquer forma, a região do Cáucaso do Sul tem vindo a captar cada vez mais a atenção da Turquia, o que fica patente nas relações bilaterais que tem vindo a desenvolver, fundamentalmente com a Geórgia e com o Azerbaijão, havendo mesmo quem defenda que o eixo sul Turquia-Azerbaijão-Geórgia se opõe hoje ao eixo formado pela Rússia-Arménia-Irão (Kucera, 2013), numa clara intenção de se afirmar como ator regional. Ciente de que o desenvolvimento e o progresso da região obrigam à sua estabilização, compreende que, para atingir esse desiderato, é fundamental a normalização das relações bilaterais entre Geórgia, Azerbaijão e Arménia, bem como entre a Turquia e estes mesmos Estados, assim como a promoção da cooperação e interdependência regional<sup>111</sup>. Dentro deste crescendo de importância, ressaltam-se as questões económicas e políticas, numa postura que a Turquia definiu como “*Zero Problems With Neighbors*”, a qual representa uma intenção de eliminar ou minimizar os problemas com os seus vizinhos (*Republic of Turkey Ministry of Foreign Affairs*, 2012).

No que diz respeito aos relacionamentos com os Estados do Cáucaso do Sul, em relação à Geórgia, a Turquia tem procurado manter e fomentar as relações comerciais, até porque existe o interesse comum em se assumirem como *hub* no transporte de recursos energéticos provenientes do Mar Cáspio para a Europa, como é o caso do oleoduto BTC e do projeto de gasoduto Nabucco, que passará pela Turquia e pela Geórgia, opondo-se aos interesses russos de continuarem a ser o principal fornecedor de energia para a Europa (ver anexo A). Também ao nível militar é notório este relacionamento através do fornecimento de armamento e da remodelação de bases militares que mantém nos dois Estados - Geórgia e

---

<sup>111</sup> Como seja o o acordo tripartido celebrado entre a Turquia, a Geórgia e o Azerbaijão no passado dia 8 de junho em Trabzon, na Turquia, o qual prevê, entre outras questões (*Republic of Turkey Ministry of Foreign Affairs*, 2012): Reforçar a cooperação entre os três Estados de forma a fomentar o desenvolvimento e contribuir para a paz, a segurança, a estabilidade e a prosperidade na região; Sublinhar a importância da troca de pontos de vista nas questões regionais e internacionais de interesse comum e a consulta de organizações relevantes como a ONU, a OSCE, a OTAN, a UE; Continuar a apoiar mutuamente as candidaturas a organizações internacionais; Apoiar mutuamente as aspirações de integração Europeia e Euro-Atlântica; Reforçar a importância de continuar com a cooperação no seio do *Euro-Atlantic Partnership Council*; Reforçar a importância de prosseguir com a cooperação no âmbito da “*Partnership for Peace*” da OTAN (Trabzon Declaration, 2012).

Azerbaijão -, assegurando uma ligação da Geórgia e do Azerbaijão à OTAN (*Ibid*), e de alguma forma, equilibrando a balança de poderes em contraposição do apoio russo à Arménia; já no caso do Azerbaijão o slogan “*Uma Nação, dois Estados*” continua a ser fator de modelação da região (Oskanian, 2011:23), e assim, a Turquia mantém uma estreita cooperação, em especial económica e militar - em termos económicos, a Turquia transporta grande parte do petróleo azeri através do oleoduto BTC, e ao nível militar, treino, armamento, logística, e um pacto de defesa em caso de ataque por um terceiro ator - a *Mutual Assistance Clause* incluída no acordo rubricado em Baku em agosto de 2010<sup>112</sup> (*Ibid*:26).

Quanto à Arménia, o caso é diferente. Com as fronteiras encerradas desde abril de 1993, e sem relações diplomáticas, a Turquia mantém três condições necessárias para o reatar das mesmas: o reconhecimento da fronteira terrestre delineada nos Tratados de Moscovo e de Kars<sup>113</sup>; o fim da acusação dos massacres de 1915 reconhecidos internacionalmente como genocídio, e por fim, o retirar das tropas arménias dos territórios azeris ocupados. Do lado arménio, só existe cedência em relação à abertura de fronteiras e das relações diplomáticas sem quaisquer pré condições. Desta forma se conclui que, a par com a possibilidade dum novo conflito entre a Rússia e a Geórgia nas regiões separatistas da Abecásia e da Ossétia do Sul, e das consequências que daí podem advir para os fluxos energéticos e económicos entre a Turquia e a Geórgia, o conflito de Nagorno-Karabakh constitui, de igual forma, uma ameaça aos interesses turcos na região, onde dificilmente a Turquia interferirá, mantendo uma política de balanceamento com a Rússia na região.

#### **f) O Irão**

Do lado do Irão, o Cáucaso do Sul no pós-URSS tem vindo a entrar na sua política externa na procura dos seus interesses nacionais - fatores económicos e a luta pelos mercados energéticos - da mesma forma que, através do aumento da sua influência na região, assente

---

<sup>112</sup> *In Turkey: background and US Relations* (Zanotti, 2013:49).

<sup>113</sup> Os diferendos entre a URSS e os nacionalistas turcos começaram por ser eliminados com a assinatura a 16 de março de 1921 do Tratado de Moscovo, também conhecido como "Tratado de Amizade e Irmandade". Do acordo resultou uma redefinição das fronteiras no Cáucaso do Sul, com a cedência dos territórios de Kars e de Ardahan à Turquia e de Batumi, na costa georgiana à Rússia, bem como o reconhecimento de Mustafa Kemal como o único governo turco (Encyclopaedia Britannica, 2012). No entanto, os problemas com a Arménia ainda estavam por resolver – sob acusação da Arménia ter invadido os territórios de Sharur e de Karabakh, o exército vermelho ocupou a Arménia. Posteriormente, em 23 de Outubro de 1921 foi assinado o Tratado de Kars (ratificado em Yerevan em setembro de 1922), e encontrada a solução para a definição das fronteiras do Cáucaso do Sul, mantendo o controlo soviético e os interesses dos nacionalistas turcos. Participaram os representantes nacionalistas turcos e os da República Socialista Soviética do Azerbaijão, da República Socialista Soviética da Arménia e da República Socialista Soviética da Geórgia (Vagnini, 2012:101).

---

em duas linhas condutoras: a sua segurança e a contenção da presença de atores externos como a Rússia ou o Ocidente, procura o equilíbrio de poder (Sharashenidze, 2011:4).

A sua visão passa por assegurar a segurança a nível regional, e em neutralizar as ameaças externas, em particular dos EUA - acordos de cooperação, financiamento de equipamento militar ao Azerbaijão; já em relação à Rússia, a presença dos EUA na região tem desencadeado o fortalecimento das ligações com a Rússia e com a Arménia (Gresh, 2006)<sup>114</sup>, e prova disso foi o acordo estabelecido em 2001 entre o Irão e a Arménia para a construção de uma barragem ao longo do Rio Araz, o qual separa os dois Estados. Esta construção terá financiamento iraniano, e será capaz de assegurar o fornecimento de energia a ambas as partes.

Em relação à Turquia, o Irão vigia-a como aliado dos EUA e membro da OTAN, ou seja, um autêntico *proxy* dos EUA na região, pelo que um eventual aumento da sua influência junto dos Estados do Cáucaso será visto pelo Irão como uma ameaça aos seus interesses. Assim, passam por ser objetivos para a região: diminuir a influência na região de potências externas, preservando a sua segurança e ganhando o seu próprio espaço de influência; acomodar os seus interesses nacionais; assegurar uma pegada através da expansão ao nível económico e cultural e neutralizar as potenciais ameaças regionais (*Ibid*:2).

Na região, o Azerbaijão ocupa um papel de destaque na agenda de política externa iraniana. Por um lado, porque é visto como uma ameaça em termos económicos, pela política agressiva que tem desenvolvido de exploração dos seus recursos energéticos, e por outro, porque teme o apoio azeri às minorias azeris no Irão (*CIA World Factbook – Iran*, 2013)<sup>115</sup>. Em relação à Arménia, a influência russa limita a presença norte americana, e portanto, o Irão limita-se a observar a Rússia e a forma como mantém os seus interesses na região (*Ibid*:4), ao mesmo tempo que tenta quebrar a dependência energética da Rússia e ocupar o seu lugar. Já em relação à Geórgia, é observada como um eventual parceiro no fornecimento energético, como forma da Geórgia escapar à dependência russa (Sadegh-Zadeh, 2008:7). Numa perspetiva estratégica, e aproveitando a nova geopolítica do Cáucaso do Sul, o Irão procura fortalecer as relações com os três Estados, numa perspetiva de fazer escoar os seus recursos energéticos para os mercados europeus, e asiáticos, bem como, de ser porta de entrada dos fluxos para o Mar Cáspio (*Ibid*). De referir ainda que, ao nível económico, o Cáucaso permite

---

<sup>114</sup> By mid-1998, Iran became Armenia's third largest trading partner after Russia and Belgium, in addition to tentatively agreeing on future accords to establish cross-border energy and transportation links between the two countries (Gresh, 2006).

<sup>115</sup> De acordo com o *CIA World Fact Book – Iran*, os azeris constituem a segunda maior etnia no Irão, com cerca de 16% da população – aproximadamente 12 milhões de pessoas – logo a seguir aos cerca de 61% de Persas.

---

ao Irão abrir uma rota comercial com a UE, em particular o fornecimento energético para a Europa Central e de Leste, aumentar as relações económicas e comerciais, mantendo a estabilidade regional, de forma a não interferir com os seus interesses securitários (Cordesman, *et al*, 2011, 28).



---

#### 4. Fatores de instabilidade e de insegurança na Transcaucásia

Ao longo deste trabalho temos vindo a falar sobre a instabilidade na região do Cáucaso do Sul. De fato, à data, os conflitos no Cáucaso do Sul persistem, assentam em divergências de parte-a-parte, de diversas índoles – de identidade, étnico-religiosas, culturais, energéticas. Como se não bastasse, a importância geoestratégica da região colocou na rota do Cáucaso do Sul diversos atores, Estatais e não Estatais, como a OTAN, a UE, os EUA, as grandes multinacionais energéticas, as ONG, aos quais se juntaram os atores regionais, como a Rússia, a Turquia ou o Irão. Certo é que todos estes atores têm as suas agendas políticas, lutam pelos seus interesses, e constituem-se como um fator adicional de instabilidade, interferindo com as dinâmicas securitárias na região.

São os fatores de instabilidade presentes na região que analisaremos de seguida.

Segundo Svante Cornell:” *The Soviet identity was instrumental in attenuating and mitigating conflicts between the peoples of the Soviet Union.*”, numa clara alusão de que a opressão de Moscovo e o sentimento de unidade soviética, de alguma forma, mantiveram a região afastada da conflitualidade (Cornell, 2011:35)

Desde a dissolução da União Soviética que a conflitualidade na região do Cáucaso do Sul tem persistido, assente na diversidade étnica, religiosa, linguística, cultural e na dificuldade existente entre os diversos atores presentes na região em lidar com estas diversidades. As regiões da Abecásia, da Ossétia do Sul deixaram de estar sobre controlo do governo da Geórgia, e Nagorno-Karabakh, do governo do Azerbaijão, e os constantes confrontos étnicos que persistem, em especial ao longo das linhas de contacto das fronteiras georgianas e de Nagorno-Karabakh, de alguma forma alinhados com as retóricas belicistas dos governantes e das elites políticas, são o sinal claro de que os diferendos se mantêm como uma ameaça à segurança – nas suas diversas dimensões – à estabilidade e ao desenvolvimento regional.

##### a) Heterogeneidade étnico-religiosa

Atualmente o Cáucaso é habitado por cerca de trinta milhões de pessoas, dos quais aproximadamente treze milhões vivem no Cáucaso do Norte, e dezassete no Cáucaso do Sul. Em resultado dos fenómenos migratórios provenientes da ex-URSS, em especial os ocorridos entre meados dos anos noventa e até ao ano 2000, estes números sofreram um aumento significativo, em especial no norte da região - cerca de cem a duzentas mil pessoas por ano -

altura a partir da qual o fluxo começou a diminuir (CEO, 2002:91)<sup>116</sup>. Este fato surge como consequência direta da existência dos *frozen conflicts*- pensemos, por exemplo, na fuga de população russa proveniente da Geórgia, do Azerbaijão e da Arménia.<sup>117</sup> Na figura que se segue podemos observar a evolução populacional dos três Estados do Cáucaso do Sul no período entre 1989 e 2011.

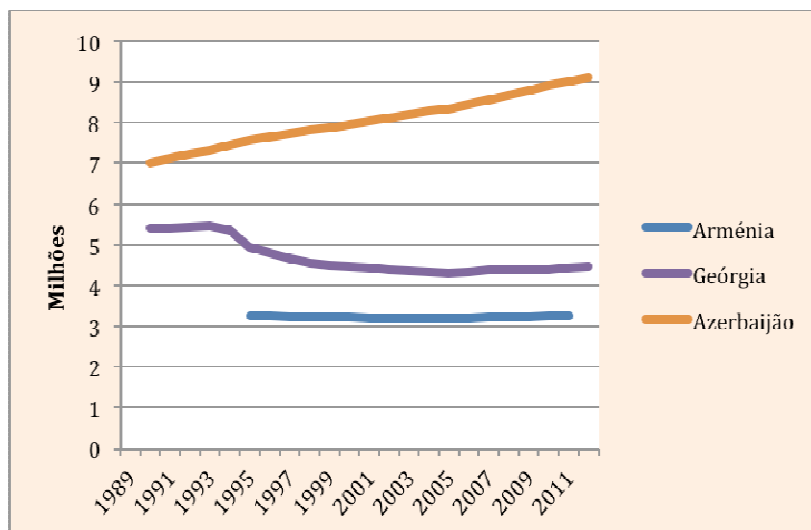


Figura 42-A evolução demográfica no Cáucaso do Sul

Fonte: *Statistical Yearbook* – Geórgia, Azerbaijão e Arménia [Em linha][Consultados em 26 de março de 2013] Disponíveis em: <http://www.azstat.org/publications/azfigures/2011/en/004.shtml>; [http://dwvg.ge/wp-content/uploads/2010/03/Yearbook\\_Geo\\_2011.pdf](http://dwvg.ge/wp-content/uploads/2010/03/Yearbook_Geo_2011.pdf) e <http://www.armstat.am/file/doc/99471433.pdf>

No caso do Azerbaijão, o aumento observado a partir dos anos de 1993-1994 deve-se ao conflito de Nagorno-Karabakh e à fuga, às centenas de milhar, de refugiados azeris provenientes da Arménia.<sup>118</sup>

No que diz respeito à distribuição populacional, e como podemos observar na figura 43, o Cáucaso do Sul tem fundamentalmente três grandes centros urbanos: Tblisi, Bacu e Yerevan, e uma distribuição da população rural junto às áreas de planícies e no litoral. Em termos de distribuição por meio rural e urbano, a situação é semelhante nos três Estados do Cáucaso do Sul - ela faz-se maioritariamente em meio urbano, como podemos verificar na figura 44.

<sup>116</sup> *Caucasian Environmental Outlook*

<sup>117</sup> De acordo com a *Caucasian Environmental Outlook* 2002 (CEO), as migrações representam cerca de 12% da população do Cáucaso.

<sup>118</sup> *Internal Displacement Monitoring Centre*.



Figura 43-A distribuição populacional no Cáucaso do Sul

Fonte: ZOI.Environment. Climate change in South Caucasus [Em linha][Consultado em 6 de janeiro de 2013] Disponível em: <http://www.zoinet.org/web/sites/default/files/publications/Climate-change-South-Caucasus.pdf>

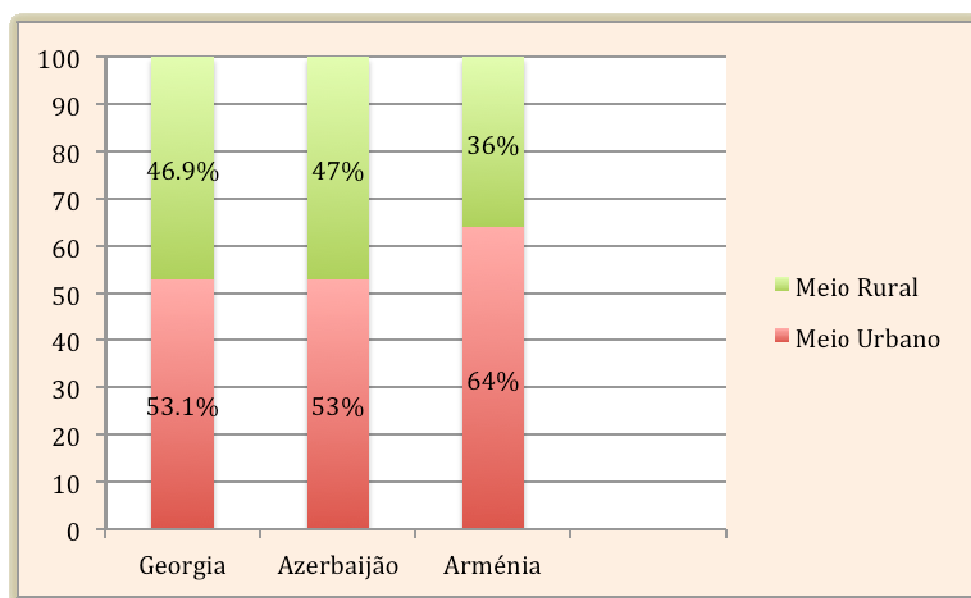


Figura 44-A distribuição populacional no Cáucaso do Sul por meio rural e urbano

Fonte: Statistical Yearbook – Geórgia, Azerbaijão e Arménia [Em linha][Consultados em 26 de março de 2013] Disponíveis em: <http://www.azstat.org/publications/azfigures/2011/en/004.shtml>; [http://dwvg.ge/wp-content/uploads/2010/03/Yearbook\\_Geo\\_2011.pdf](http://dwvg.ge/wp-content/uploads/2010/03/Yearbook_Geo_2011.pdf) e <http://www.armstat.am/file/doc/99471433.pdf>

A distribuição demográfica por escalões etários é a que pode ser observada na figura 45.

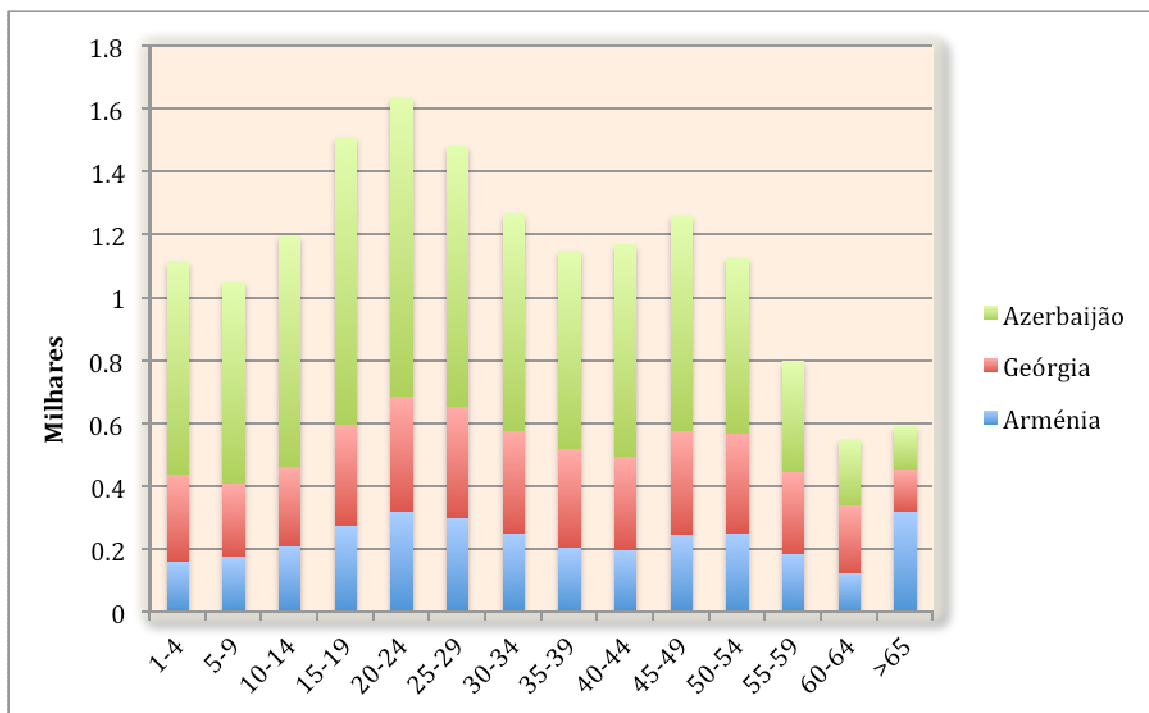


Figura 45-A distribuição populacional no Cáucaso do Sul por escalão etário

Fonte: *Statistical Yearbook* – Geórgia, Azerbaijão e Arménia [Em linha][Consultados em 26 de março de 2013] Disponíveis em: <http://www.azstat.org/publications/azfigures/2011/en/004.shtml>; [http://dwvg.ge/wp-content/uploads/2010/03/Yearbook\\_Geo\\_2011.pdf](http://dwvg.ge/wp-content/uploads/2010/03/Yearbook_Geo_2011.pdf) e <http://www.armstat.am/file/doc/99471433.pdf>

Em termos linguísticos e de etnicidade podemos observar um espectro diverso - existem três famílias de línguas<sup>119</sup>, faladas por cerca de oito milhões de pessoas, e cerca de cinquenta etnias. Em termos de distribuição, o maior número corresponde às populações cuja língua é a da família caucásica do sul, a georgiana ou kartveliana, que inclui o georgiano (4.200.000), o mingreliano, o laz e o svan, embora somente o georgiano seja escrito; a família caucásica do norte centro, o Vaynakh - que inclui o Checheno e o Inguchétio; a família caucásica do noroeste ou circasiana - que inclui o Abecáz, o Abaza, e outros; e a família caucásica do nordeste ou Daguestão. Neste capítulo, os georgianos são os únicos que efetivamente têm um Estado independente - a Geórgia. O resto da população distribui-se pelo interior da Rússia – Adyghe (Adygea), Chechenos (Chechénia), Cherkes (Karachay-Cherkessia), Kabardins (Kabardino-Balkaria), Inguches (Inguchétia), e a população do nordeste do Cáucaso vive no Daguestão. Os abecases vivem na Abecásia, independente *de fato*, mas não *de jure*, uma vez que é uma república autónoma da Geórgia.

<sup>119</sup> Não esquecendo as de origem Indo-europeias como: o Arménio, o Osseta, o Curdo, ou o Talish, ou as de origem Turquica ou Turcomana, como o Altaico do Azerbaijão (*Encyclopaedia Britannica*, 2013).

Nas figura 46 e 47 podemos observar a distribuição étnico-linguística na região do Cáucaso do Sul.

Da análise podemos concluir que a Arménia é mono étnica, o que se explica pela expulsão de milhares de azeris e de muçulmanos ocorrida durante o conflito de Nagorno-Karabakh, resistindo, no entanto, uma minoria curda (*NATO Parliamentary Assembly*,2005).



Figura 46-A distribuição étnolingüística do Cáucaso do Sul

Fonte: *Environment and Security Initiative* (ENVSEC.) Maps for Southern Caucasus. [Em linha][Consultado em 10 de janeiro de 2013].Disponível em: <http://www.envsec.org/maps/ethnic.jpg>

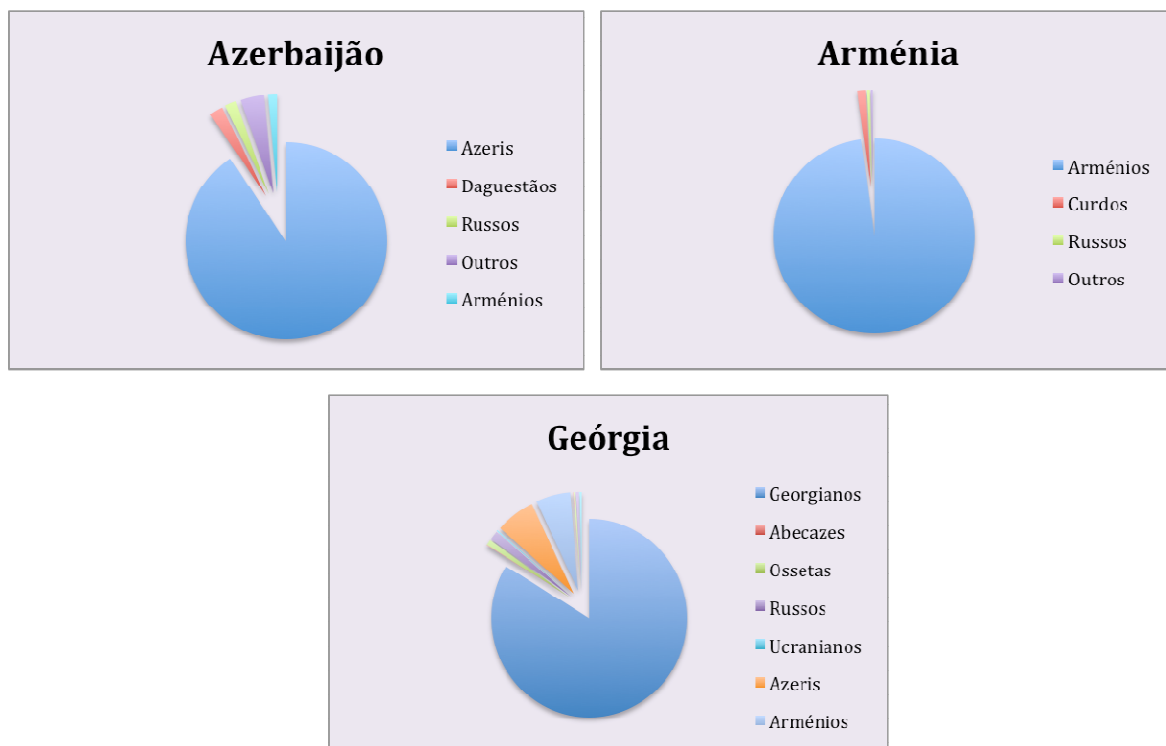


Figura 47-A distribuição étnica no Cáucaso do Sul

---

Os diferendos interétnicos na região são mais marcantes no caso dos arménios e dos azeris em Nagorno-Karabakh, sem que contudo possamos afirmar que na Geórgia a situação possa ser diferente. No caso arménio, as minorias curdas e outras constituem uma pequena franja da população (como é perceptível acima na figura 47), e portanto, estão um pouco à margem do conflito com os azeris. Do lado do Azerbaijão, as minorias constituem um quinto da sua população – 2.2% daguestãos, 1.8% de russos, 1.5% de arménios e 3.9% de outros (*State Statistical Committee of the Republic of Azerbaijan*, 2011), sendo que, à parte das tendências separatistas dos daguestãos do nordeste azeri em 1993, não existem evidências de conflitos interétnicos (Ever, 2003:9).

Já em relação à Geórgia a situação é diferente.

O país é uma manta de retalhos e as tensões interétnicas ameaçam a estabilidade desde o dia em que se tornaram independentes da União Soviética. Os abecases e os ossetas procuram afastar-se do governo georgiano e aproximar-se dos russos e dos seus refugiados do outro lado da fronteira; os chechenos constituem uma ameaça no lado nordeste da fronteira; os arménios a sul estão mais próximo de Yerevan do que de Tbilisi; os azeris a sueste mantêm relações de proximidade com os azeris (*Ibid*).

Tal como acontece ao nível linguístico, culturalmente, a região do Cáucaso do Sul também apresenta alguma heterogeneidade: segundo Robia Charles 85% dos georgianos dizem-se Cristãos Ortodoxos (10% da população é muçulmana) - sendo que os abecases, os adjars, são predominantemente Sunitas - 95% dos arménios dizem-se seguidores da Igreja Apostólica Arménia e orgulham-se de ter sido no longínquo ano de 301 AC, a primeira nação cristã (Evers, 2003:8), e 99% dos azeris são muçulmanos (cerca de 65% Xiitas e 35% Sunitas), aliás como o seu vizinho Irão, onde a maioria é Xiita (Charles, 2010:3). Na figura 48 podemos observar a distribuição religiosa no Cáucaso do Sul.

Neste quadro, a convicção islâmica e a etnia turca constituem-se como um elemento agregador do relacionamento entre a Turquia e o Azerbaijão; existe uma aproximação entre os turcos xiitas e os sunitas presentes na Geórgia, e acima de tudo com os azeri xiitas.

Outro aspeto que importa trazer à liça são as diásporas.

Segundo Bahar Baser, estima-se que a Diáspora arménia seja constituída por cerca de 7 a 8 milhões de pessoas: cerca de 800.000 Arménios vivem nos EUA, 100.000 no Canadá, na Europa a grande maioria de arménios vive em França - cerca de 300.000. Entre o Médio Oriente, o Irão e o Líbano estima-se que vivam cerca de 200.000 Arménios, enquanto na Rússia serão cerca de 1 milhão, no Azerbaijão (incluindo Nagorno-Karabakh) cerca de



160.000 (130.000 em Nagorno-Karabakh e 30.000 no resto do Azerbaijão), e na Turquia cerca de 40.000 a 70.000 (Baser, 2009:52). Importa ainda recordar que, segundo Mustafa Aydin existe uma bolsa de azeris na província nordeste iraniana – serão cerca de quinze a vinte e cinco milhões, fazendo com que pareça que se encontram divididos entre estes dois Estados (Ayidin, 1999:7-8). Na figura 48 podemos observar a distribuição religiosa no Cáucaso do Sul.

Constata-se assim, que o Cáucaso do Sul é uma verdadeira mescla de culturas e de múltiplas etnias. Estas, ao longo dos anos têm vindo a vincar o seu passado, ansiando por assegurar os seus direitos. Embora possa parecer estranho ao Ocidente, o legado histórico, as diferenças étnicas, culturais e religiosas estão presentes no dia-a-dia destas gentes em todas as esferas da sociedade: pública, privada, constituindo-se como um fator a ter em consideração no presente e no futuro desta região.

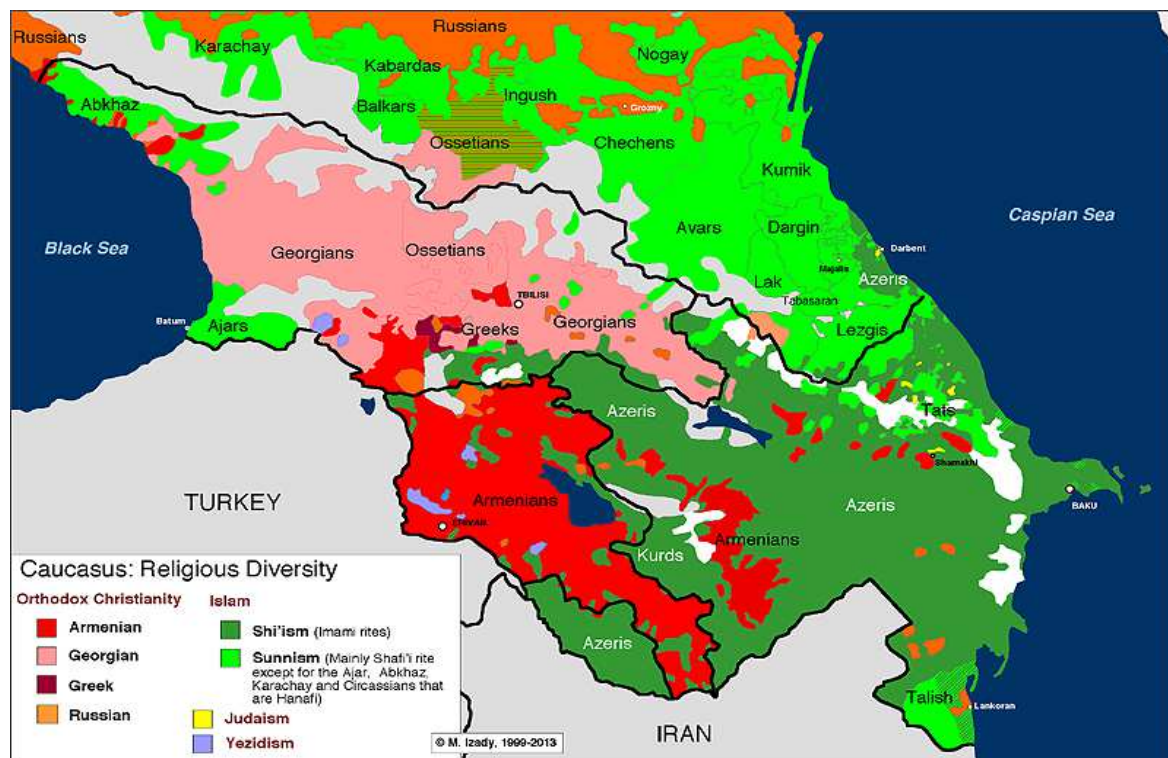


Figura 48-A distribuição religiosa no Cáucaso do Sul

Fonte: *The Gulf/2000 Project. Columbia University School of International and Public Affairs* [Em linha][Consultado em 10 de janeiro de 2013].Disponível em: <http://gulf2000.columbia.edu/maps.shtml>

As guerras que ao longo de séculos assolaram a região, as traições, as diversas alianças e as limpezas étnicas estão frequentemente a afetar as relações políticas, sociais, comerciais entre os três Estados do Cáucaso do Sul, pairando no ar a desconfiança. Como refere Frank Evers existe um provérbio na região que orienta a vida destas gentes: “*O inimigo do meu inimigo é meu amigo*”, e quaisquer mudanças bruscas de relacionamentos entre diferentes grupos



---

étnicos, ou Estados, podem provocar uma alteração radical na configuração das alianças e contra-alianças regionais (Evers, 2003:8).

### **b) Localização geográfica**

Geograficamente inserido entre os Mares Negro e Cáspio, a Rússia, a Turquia e o Irão, o Cáucaso do Sul tem sido ao longo dos tempos palco de disputas de atores regionais e extra regionais, que se digladiam com o objetivo de se impor como potências regionais ou globais. Historicamente na rota dos grandes movimentos nômadas entre o norte-sul e o leste-oeste, foi igualmente uma *buffer zone* entre as disputas do Império Russo - a norte - e o Império Otomano - a sul, assim como, alvo de disputa das pretensões expansionistas dos seus vizinhos mais próximos - a Rússia, a Turquia e o Irão.

O fim da URSS, e os desejos separatistas de algumas regiões trouxeram a conflitualidade para a região, atraindo a atenção de atores extra regionais na tentativa de aumentar a segurança, desenvolver a cooperação regional, e assim, garantirem a segurança dos seus interesses, nomeadamente energéticos. Neste capítulo, o fornecimento e o transporte energético, a luta contra o terrorismo - em especial do fundamentalismo islâmico que continua a marcar presença a norte, na Chechénia - a proliferação do nuclear, em particular do vizinho Irão, e a estabilidade regional, ganham especial importância.<sup>120</sup>

Os novos projetos de oleodutos e gasodutos vieram alterar o balanço de poderes na região, fazendo com que a Rússia deixasse de ter o monopólio energético, e que, por exemplo, o Azerbaijão, se projetasse internacionalmente, aumentando o seu PIB, e aplicando muito desse investimento no reforço do seu arsenal militar. Ao mesmo tempo, e por força do conflito de Nagorno-Karabakh, a Arménia ficou afastada destes grandes projetos energéticos, o que, aliado à sua posição geográfica, e com parte das suas fronteiras encerradas, a tornou mais isolada ainda, e totalmente dependente do fornecimento russo e iraniano.

A importância geopolítica das linhas de comunicação ao longo do Cáucaso do Sul está dependente da sua segurança, e será o foco de atenção dos diversos atores presentes na região, pois sem segurança nenhum projeto energético será sustentável. Recuperando as palavras de Artak Beglaryan:” *It’s not a coincidence that Azerbaijan and Turkey demand to surrender two liberated regions which are on the bank of Araks River and play a huge geopolitical role.*

---

<sup>120</sup> Por exemplo patente nas declarações de diversas personalidades, como as do Secretário-geral da OTAN, Yerevan, na Arménia, em maio de 2003, Lord Robertson:” *Today, the Caucasus region is seen for what it is: an area of crucial importance to our common security. In facing the threats of terrorism, proliferation, and regional instability the countries of the Caucasus are front line states. They are also important partners in finding common solutions to these deadly challenges.*”(NATO, 2003)

---

*It's undeniable that in almost all regions the most important communications pass through the valleys of big rivers and in the South Caucasus these rivers are Kura and Araks. The valley of the first one with its important communications is not under Armenian control, but Araks River with its communicational potential is. These regions near Araks can become a very important regional transit point if they are provided with long-term security guarantees. In terms of geopolitical significance of these regions we cannot forget the fact that they are neighboring with Iran. If West needs the South Caucasus as a communicational knot, it should realize that for this aim the Nagorno-Karabakh conflict needs to be solved. In the end, the superpowers don't care whether the liberated territories belong to Armenia or to Azerbaijan, they only need to solve the conflict which will guarantee the secure use of those communications.* (Beglaryan, 2013).

A região ganha igualmente importância pela localização geográfica do Azerbaijão e pela sua proximidade ao Irão. O aumento da tensão em torno do nuclear iraniano, e uma eventual intervenção militar do Ocidente com o intuito de destruir esta sua capacidade, tornam o Azerbaijão um parceiro muito apetecível. Aliás, esta sua localização desde 2001 que tem servido de apoio logístico às operações militares da OTAN no Afeganistão.

Podemos pois afirmar, que a localização geográfica do Cáucaso do Sul encerra dois aspetos importantes: as linhas de comunicação entre o Mar Cáspio e o Mar Negro, em particular dos projetos energéticos, e por outro, ao nível político-militar, onde o Ocidente, a Rússia, a Turquia e o Irão disputam a sua presença, procurando os alinhamentos que mais lhes convêm e quebrar os desejos de hegemonia de qualquer deles.

### **c) Desconfianças e rivalidades históricas**

Um dos fatores que tem estado subjacente à dificuldade de integração do Cáucaso do Sul como uma região una, é o fato de, ao longo da sua história, quer ao longo do período soviético, quer no pós-soviético, essa integração nunca ter sido possível, ou seja o legado histórico não tem permitido que haja uma consciência e uma identidade entre as gentes do Cáucaso do Sul. Alguns investigadores, por exemplo, não consideram os Arménios pertencentes ao Cáucaso, dado que viveram grande parte da sua história na chamada “*Grande Arménia*” (*Arménia Magna* em latim), e possuem uma língua pertencente ao ramo Indo-europeu, contrariamente ao que acontece com as línguas do Cáucaso do Norte e da Geórgia que têm uma origem comum, ou ao turco dos azeris. Quer isto dizer que dos três Estados da região somente um pertence efetivamente a um grupo étnico do Cáucaso, e esse é a Geórgia (Mkrtchyan, *et al*, 2009:64).

---

Outro fator que importa trazer à discussão, é a percepção de ameaça de cada um dos Estados do Cáucaso do Sul: a Arménia e o Azerbaijão olham-se como a grande ameaça na região, a Arménia vê a Turquia como a principal ameaça, a Geórgia faz o mesmo em relação à Rússia, e o Azerbaijão teme o Irão. Ao mesmo tempo, a Turquia alinha com o Azerbaijão, a Rússia e o Irão com a Arménia e por fim, a Geórgia alinha como a UE e com os EUA, ou seja, cada um dos Estados residentes alinha com outros na perspectiva de assegurar a sua segurança. Outro aspeto a ter em consideração é a perspectiva futura em termos de política interna e externa que a Geórgia, o Azerbaijão e a Arménia têm, com claras divergências, estando sujeitos à influência de atores externos, em jogos de soma nula.

No que diz respeito a uma identidade do Cáucaso do Sul, a percepção existente é que a Geórgia, o Azerbaijão, a Arménia, a Abecásia, a Ossétia do Sul e Nagorno-Karabakh não constituem uma única identidade, pois diariamente minorias étnicas lutam para assegurar o seu bem-estar - menor expressão na Arménia que é mais homogénea, mas de maior expressão na Geórgia, com as minorias azeri e arménias, ou no Azerbaijão com as minorias Lezgin e Talish (Nodia, 2002:39). Por outro lado, e parafraseando Svante Cornell, esta etnicidade tem uma componente política, naquilo que o autor designa de “*politização da etnicidade*”, ou seja, as comunidades não aceitam, e até revelam alguma hostilidade, em ser governadas por pessoas de etnias diferentes, e este sentimento tem na sua base, o medo das consequências que daí podem advir, exacerbando os nacionalismos (Cornell, 2011:40-41).

Para além das questões étnicas, também as questões religiosas contribuem para aumentar a desconfiança e a hostilidade.

Após a desintegração da URSS, onde as práticas religiosas foram banidas, assistiu-se ao reavivar desta prática como um fenómeno social, e que devido às fracas estruturas estatais procuraram ocupar alguns nichos da sociedade civil deixados em aberto. Importa recordar que a Arménia e a Geórgia são referências cristãs de valor, e entre eles disputam o estatuto de primeira Nação Cristã, aliás Thomas de Waal sublinhou a importância deste fato: “ *the Armenian catholics, Karekin II, is not just the leader of the Armenian Gregorian Church in Arménia, but of all armenians worldwide*” (Waal, 2011)<sup>121</sup>. De fato, se considerarmos a dimensão da Diáspora Arménia, cremos que não falamos de poder marginal. Já no caso da Geórgia, o líder da Igreja Ortodoxa Georgiana, o patriarca Ília II, tem visto a sua popularidade aumentar, ultrapassando mesmo a do seu presidente (Simão, 2012:11). No caso Azeri, e mesmo nos tempos da URSS, o Islão sempre foi uma prática enraizada na sociedade, tendo

---

<sup>121</sup> Citado in (Simão, 2012:11).

sido exacerbada no período pós-URSS como forma do Azerbaijão se afastar do Cáucaso do Sul Cristão, por um lado motivado pelo conflito com a sua vizinha Arménia Cristã em Nagorno-Karabakh, e pelo crescente antiamericanismo após o 11 de Setembro de 2001 (*Ibid*:13). Acresce ainda o receio que radicais islâmicos no Azerbaijão e na Geórgia, porventura influenciados por grupos radicais provenientes do Irão e da Turquia, possam estar a ser influenciados e financiados com vista ao desenrolar de atividade criminosa na região.

#### **d) Desorganização e fragmentação político-administrativa**

O período que se seguiu ao fim da URSS foi conturbado, e a necessidade de cortar com o passado de autoritarismo soviético e de iniciar a transição para regimes democráticos e de economias de mercado foi acompanhada, e acelerada, pelos conflitos étnicos e secessionistas, pondo em perigo a edificação das estruturas basilares do Estado, e a sua consolidação (Simão, 2013b:4). Foi pois neste enredo complexo que os três Estados do Cáucaso do Sul se tornaram independentes.

Contudo, e como refere Gerard Libaridian, mais do que a criação de nova legislação e da adoção de novos valores houve que vencer um conjunto de comportamentos e de mentalidades que têm sido moldados ao longo dos séculos:” *More challenging than the adoption of legislation, constitutions and the institution of institutions to implement those legislative initiatives and the constitutions – more challenging than these was the slow change in the patterns of behavior and mentalities of those who were both the promoters of the new laws and constitutions and their executors. Laws can be reshaped overnight; people cannot be.*” (Libaridian, 2011).

Perante o clima de instabilidade, e fazendo uso do peso do legado histórico, os processos de independência foram aproveitados pelos nacionalistas para potenciar a diferenciação étnica, social e para dificultar a edificação das estruturas do Estado e a definição das novas fronteiras (Simão, 2011:44). Esta mesma instabilidade trouxe o caos político, económico e social, os quais foram acompanhados por lutas políticas pelo poder central por parte das velhas e das novas elites, sendo reveladores da fragilidade deste NEI (Bachman, *et al*, 2001:9). E ainda hoje, a retórica nacionalista é o vetor base da política e da construção do Estado na região do Cáucaso do Sul (Tarkhan-mouravi, 2005).

Na ausência duma solução política para os conflitos, as sociedades georgiana, azeri e arménia – assim como as regiões separatistas – vivem o seu dia-a-dia preparados para novas escaladas de violência, e integradas num sistema de corrupção a todos os níveis: político,

institucional, económico, cultural (Mirimanova, 2006:4). Este fato fica patente na diferença de gastos em percentagem de PIB com a educação e com a saúde, comparativamente com a área da defesa, e que podemos observar na tabela 1 (dados relativos ao ano de 2010):

	% PIB gastos na defesa*	% PIB gastos na saúde**	% PIB gastos na educação**
Geórgia	3.9%	2.4%	3.2%
Azerbaijão	2.9%	1.2%	3.2%
Arménia	4.2%	1.8%	3.2%

Tabela 1-Gastos do PIB com a saúde, a educação e a defesa no Cáucaso do Sul

Fonte: \*Stockholm International Peace Research Institute 2012 (SIPRI). *The SIPRI Military Expenditure Database*. [Em linha][Consultado em 4 de abril de 2013].Disponível em: <http://milexdata.sipri.org>;

\*\*International Human Development Indicators – UNDP. [Em linha][Consultado em 4 de abril de 2013].Disponível em: <http://hdr.undp.org/en/data/profiles/>

Ainda segundo Natalia Mirimanova, embora o Cáucaso do Sul tenha implementado princípios de democracia, mais vinculados no caso da Geórgia<sup>122</sup> – eleições livres, partidos políticos, media privados - e de economias de mercado, a maioria dos governos podem ser chamados de “*clanbased bureaucracies*” e as relações económicas por eles criadas de “*imitation democracy*”, numa clara alusão ao poder das elites e dos senhores da guerra, os quais, muito à custa da corrupção dos governos centrais, continuam a controlar as grandes redes de crime organizado (*Ibid*:8), e a dificultar a construção do Estado, na verdadeira acessão da palavra: responsável por assegurar a integridade territorial e a segurança do seu povo. Aliás, segundo Licínia Simão, esta situação fez com que, somente em 1994 fosse assinado pelas autoridades azeris o primeiro grande contrato energético, e que em 2006 fosse inaugurado o primeiro

<sup>122</sup> Segundo o relatório referente a 2012 do *Freedom Press Program*: “Elections since the early 1990s have been considered neither free nor fair by international observers. As with previous votes, the 2010 parliamentary balloting featured the abuse of state administrative resources, including news media, to ensure the dominance of the YAP. The OSCE also cited voter intimidation and the improper disqualification of some opposition candidates. Corruption is widespread, and wealth from the country’s massive oil exports creates ever greater opportunities for graft. Because critical institutions, including the media and judiciary, are largely subservient to the president and ruling party, government officials are rarely held accountable for corruption. While Azerbaijan’s constitution guarantees freedom of speech and the press, the authorities severely limit press freedom in practice. Broadcast media, the main source of information for the vast majority of the population, generally reflect progovernment views. Most of Azerbaijan’s television stations are controlled by the government, which also controls approval of broadcast licenses (Freedom House Report, 2012).

---

oleoduto - BTC- revelador da dificuldade de penetração dos agentes económicos e financeiros na região (Simão, 2013b:3).

Desde o fim da URSS que as elites - governantes e de oposição - orbitam em torno do poder, provocando o que Nicola Gallina designa de “*fragmentação das elites*”, ou seja, as elites da oposição, por falta de poder político, tentam influenciar a política dos Estados através de outro tipo de atividades que lhe permitam gerar esse contrapoder (Gallina, 2010:23), colocando entraves à edificação de sistemas democráticos, e de instituições do Estado eficientes<sup>123</sup> (*Ibid*). Por exemplo na Arménia, a Lei da Liberdade de Imprensa foi promulgada mas praticamente não foi implementada, os media são manipulados pelo Estado, e os funcionários do Estado servem as elites em vez de servir o Estado (De Wall, 2013). Ainda segundo Thomas De Wall, sondagens recentes no que respeita aos índices de corrupção, abuso de poder e dos níveis de pobreza revelam um descontentamento generalizado da população (*Ibid*). No que respeita ao Azerbaijão, a oposição ao presidente Ilham Alyiev desapareceu nos últimos dez anos, e mantém-se como sendo, dos três Estados do Cáucaso do Sul, o menos democrático. Nos últimos meses têm aumentado os protestos nas ruas, foram presos dois líderes de oposição, e um reputado escritor que se atreveu a publicar um livro na Rússia onde descreve o sofrimento do povo arménio foi ameaçado, e foram-lhe retirados todos os prémios atribuídos pelo Estado azeri (*Ibid*). O caso da Geórgia é em todo semelhante. Segundo Julie George, cem dias após as eleições parlamentares e a chegada a Primeiro-Ministro de Bidzina Ivanishvili a vida política tem sido acompanhada por uma luta entre o presidente da república e o primeiro-ministro em diversas questões, como por exemplo: o poder para nomear ministros, a possibilidade do presidente dissolver o parlamento; e esta luta veio, uma vez mais, alterar o rumo georgiano para a resolução dos problemas económicos e sociais (George, 2013:2).

De acordo com o quadro que se segue, desenvolvido com base no *Global Integrity Report 2011*<sup>124</sup> (*GIR 2011*) podemos observar a classificação dos três Estados do Cáucaso do Sul em função das seguintes categorias: ONG's, informação pública e media; eleições; administração pública e profissionalismo; fiscalização e controlo governamentais; legislação anticorrupção, imparcialidade judicial e profissionalismo na implementação do primado da lei. A classificação obedece a uma escala de 0 a 100, sendo que entre 0 e 60 é considerada muito

---

<sup>123</sup> Por exemplo, a tentativa das elites nacionalistas georgianas em tomar o poder no pós 1991 desencadeou a guerra civil, numa clara demonstração de que as anteriores estruturas originários da URSS já se encontravam demasiado frágeis e as novas ainda se encontravam no início do seu processo de construção (Gallina, 2010:23).

<sup>124</sup> O GIR avalia a existência, a eficácia e o acesso por parte dos cidadãos a mecanismos anti-corrupção capazes de responsabilizar os seus governos.

fraco, entre 60 e 70 fraco, 70 e 80, moderado, entre 80 e 90 forte e entre 90 e 100 muito forte.

Categoria	Geórgia	Azerbaijão	Arménia
<b>Classificação geral (entre 142 países)</b>	<b>76</b>	<b>63</b>	<b>62</b>
<b>Enquadramento legal (1)</b>	<b>89</b>	<b>89</b>	<b>86</b>
<b>Implementação da legislação (2)</b>	<b>61</b>	<b>38</b>	<b>39</b>
<b>Intervalo de implementação (1-2)</b>	<b>28</b>	<b>51</b>	<b>47</b>
<b>ONG's, Informação pública e media</b>			
ONG's anticorrupção	54	65	74
Capacidade dos media em reportar casos de corrupção	70	58	63
Solicitações públicas relacionadas com o governo	83	73	81
<b>Eleições</b>			
Votações e formação de partidos	79	69	74
Integridade do processo eleitoral	88	65	66
Transparência do financiamento dos partidos	85	43	44
<b>Conflitos de interesses do governo</b>			
No poder executivo	78	49	57
No poder legislativo	90	53	64
No poder judicial	73	47	44
Transparência e fiscalização processo de orçamento	83	52	71
<b>Administração pública e profissionalismo</b>			
Função pública:salvaguarda do conflito de interesses e independência política	78	35	48
Contratação pública:transparência, justiça e salvaguarda do conflito de interesses	78	77	76
<b>Fiscalização e controlo do governo</b>			
Taxas e alfândegas	79	77	67
Fiscalização das empresas do Estado	85	70	57
<b>Legislação anticorrupção, imparcialidade judicial e profissionalismo na implementação do primado da lei</b>			
Legislação anticorrupção	100	100	67
Agências anticorrupção	67	65	34
Independência judicial, justiça e acesso dos cidadãos à justiça	75	64	51
Primado da lei:salvaguarda do conflito de interesses e profissionalismo	65	52	60

Tabela 2- Classificação dos três Estados do Cáucaso do Sul segundo o estudo do *Global Integrity Report 2011*



Da análise do quadro pode observar-se que a Geórgia é a que apresenta um resultado final global moderado - 73 (Intervalo de implementação<sup>125</sup> de 28), contudo, segundo o *GIR 2011*, apesar da reformulação da legislação anticorrupção e da sua implementação, o poder executivo ainda é dominante perante os restantes – legislativo e judicial – e a irresponsabilidade do poder executivo e a sua interferência nas atividades do setor privado constituem um obstáculo ao desenvolvimento das estruturas democráticas (GIR, 2011:19). Já o Azerbaijão, apresenta um resultado final fraco (Intervalo de implementação de 51), o que segundo o GIR 2011 é revelador de que existe pouca vontade do governo em reformar, espelha o monopólio do governo nos processos de decisão, ou, por exemplo, explica a interferência e a fraude nos processos eleitorais, ou a detenção de ativistas da oposição, o que ainda segundo o GRI 2011, foi verificado nas últimas eleições parlamentares (GIR, 2011:14). Já em relação à Arménia, o resultado foi igualmente fraco (Intervalo de implementação de 46), e revelador de que o poder judiciário continua a ser influenciado pela elite política e susceptível à corrupção, por exemplo, a lista de juízes para o Concelho de Justiça é aprovada pelo presidente, e somente este os pode nomear ou demitir (GIR, 2011:13).

Esta é hoje a realidade no Cáucaso do Sul, e em grande medida, a canalização de investimento do Estado para a área da defesa - como podemos observar anteriormente na tabela 1 - na procura de uma resolução para o problema da integridade territorial, em prejuízo da implementação das reformas nos setores social e da economia, explica a dificuldade em estabelecer estruturas do Estado fortes, capazes de direccionar os destinos da região para a cooperação, em detrimento do conflito.

#### **e) Debilidade das estruturas democráticas e económicas**

Iniciamos a análise deste fator de instabilidade citando Francis Fukuyama: “*insufficient domestic demand for institutions or institutional reform is the single most important obstacle for the institutional development in poor countries*” (Citado in Gogolashvili, 2011:173).

Segundo Plamen Pantev (2005), este fator de instabilidade classifica-se como estrutural de longo prazo. Referimo-nos aos processos de transição entre velhas e novas estruturas do sistema internacional, ou no caso do Cáucaso do Sul, na transição de velhas estruturas políticas, económicas e sociais, assentes num governo e numa economia central, para um governo flexível e de economias de mercado. Neste campo inserem-se o afastamento do totalitarismo da URSS por parte dos três Estados do Cáucaso do Sul, a diferente orientação

---

<sup>125</sup> O intervalo de implementação resulta da diferença entre a moldura legal e a implementação dessa moldura legal. Quanto menor for a diferença melhor será o resultado.

da política externa face aos grandes centros de poder - e consequentemente a adaptação à expansão da UE e da OTAN a leste - os diferentes alinhamentos face à cooperação regional como instrumento pacificador de conflitos, e por fim, como atores nas disputas pelos corredores energéticos.

As suas débeis economias, os elevados níveis de corrupção, a instabilidade política, e a incapacidade em manter a sua integridade territorial têm tornado a transição para governos flexíveis e descentralizados num verdadeiro problema. Resultado, os processos de democratização deram lugar a fenómenos de movimentos nacionalistas e separatistas e ao exacerbar de tensões já existentes, transformando a região numa zona ameaçadora da segurança regional. Na figura 49 podemos observar uma sondagem efectuada em 2008 respeitante ao pagamento de subornos nos três Estados do Cáucaso do Sul (*Caucasus Research Resource Centers*, 2013) e no anexo J um quadro resumo do impacte que fenómenos como a corrupção e a economia paralela têm na edificação do Estado (*Mirimanova, et al*, 2006a:47).

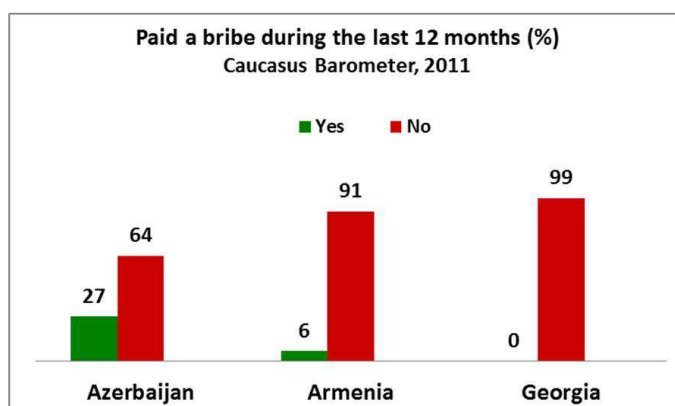


Figura 49-Sondagem relativa a pagamento de subornos no ano de 2011

Fonte: *Caucasus Research Resource Centers*. “Corruption in the South Caucasus”. [Em linha] , [Consultado em 30 de dezembro de 2012], Disponível em: <http://crrc-caucasus.blogspot.pt/2012/10/corruption-in-south-caucasus.html>

Muito embora a situação em relação à existência de recursos naturais e à origem da conflitualidade interna da Geórgia, do Azerbaijão e da Arménia seja, de alguma forma distinta, existe um denominador comum ao longo deste anos desde a desagregação da URSS: a presença das elites e a disputa pelo poder central têm dificultado a edificação das estruturas basilares do Estado.

O crescimento negativo do período pós-soviético, ao que se sucedeu o rápido crescimento do início dos anos 2000 (ver figura 50), passando pela crise financeira mundial do ano de 2008 trouxeram desafios no domínio das políticas sociais, da saúde, da educação, da agricultura, das infraestruturas, entre outras.

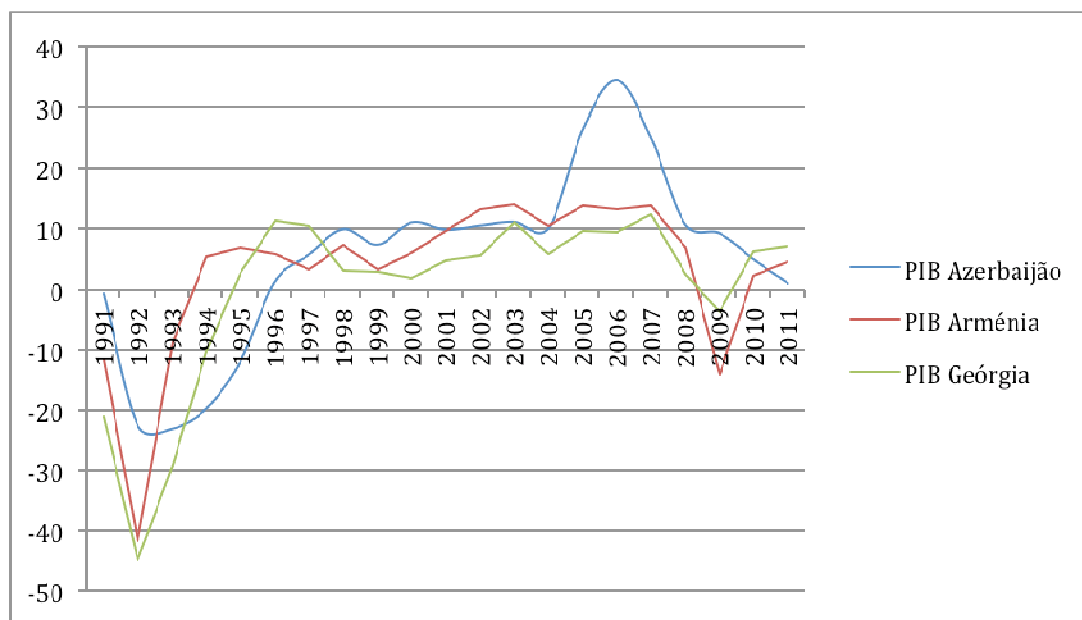


Figura 50-Evolução do PIB no Cáucaso do Sul entre 1991 e 2011

Fonte: World Bank. Data – GDP Growth Annual % [Em linha] , [Consultado em 5 de abril de 2013], Disponível em: <http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG/countries/GE-AM-AZ?display=graph>

De acordo com a OCDE, e tendo como base os Objetivos do Milénio das Nações Unidas <sup>126</sup> para a região do Cáucaso do Sul, a região enfrenta sérios problemas ao nível da saúde, da educação, da igualdade de género, do desenvolvimento e renovação das infraestruturas. Neste capítulo, observamos o seguinte: desde o ano 2000 que a VIH/SIDA tem aumentado; devido à falta investimento na educação desde os tempos da URSS os níveis de educação estão a diminuir; a igualdade de género continua a ser uma miragem, principalmente no que respeita às condições de trabalho e aos vencimentos das mulheres quando comparados com os dos homens, embora exista enquadramento legal em sentido contrário.

No Cáucaso do Sul a economia assenta no setor privado, concentrando-se nos grandes centros urbanos e englobando a larga maioria dos empregos - cerca de 90% das empresas registadas são pequenas ou médias empresas, e no caso arménio chega a atingir valores de

<sup>126</sup> No ano 2000, durante a Cimeira do Milénio, em Nova Iorque, os líderes mundiais, através daquilo que ficou conhecida como a Declaração do Milénio, comprometeram-se a adotar um conjunto de medidas com vista à diminuição da pobreza extrema através dum conjunto de objetivos a atingir até 2015, os quais ficaram conhecidos como os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (Nações Unidas, 2013).

50% do PIB. Todavia, a economia paralela impede um registo mais real do número de empresas e a verdadeira parcela do PIB (OCDE, 2011:16). As infraestruturas energéticas, de transporte e de telecomunicações, ou não existem ou estão obsoletas, dificultando, por exemplo, a ligação entre os meios urbanos e rural, ou até o acesso à água potável (*Ibid*: 17).

Começemos por analisar o caso da Geórgia e como tem evoluído a sociedade desde a sua independência.

Segundo a OCDE, a economia georgiana está muito dependente dos produtos básicos, e a balança comercial pende para o lado das importações, fazendo com que o *World Economic Forum* no seu *Global Competitiveness Report 2011-2012*<sup>127</sup> coloque a Geórgia no 88º lugar entre os 142 Estados analisados (Schwab, 2011:182). A “Guerra do Cinco Dias” em 2008, ao que se juntou a crise financeira mundial, provocaram uma queda brusca no PIB georgiano na ordem dos 23%, e o ano de 2009 manteve uma diminuição, e nem as medidas de diminuição dos impostos, nem a luta contra a corrupção foram suficientes para inverter. O investimento estrangeiro foi fundamentalmente canalizado para os projetos dos oleodutos e gasodutos, e entre 1999 e 2000 a economia paralela representava cerca de 40% do PIB, diminuindo no ano de 2005 para valores da ordem dos 36% (*Ibid*:124). Quanto ao desemprego, segundo o Banco Mundial, desde 1998 que se tem mantido com valores acima dos 9%, sendo que no ano de 2008 registou o valor mais elevado no espaço pós-soviético, 16.5% (*World Bank*, 2013c).

Outro dos aspetos revelador de que a transição para uma economia de mercado tem sido lenta é o estado da agricultura. Segundo a OCDE, o investimento georgiano na agricultura tem diminuído: em 1997 rondava os 27.5% do PIB e em 2009 não ia além dos 10%, sendo cada vez mais uma agricultura de subsistência, devendo ser objeto de particular atenção uma vez que cerca de 53% da população ativa vive da agricultura (*World Bank*, 2013d); em vez disso, o Estado georgiano tem investido nos serviços - cerca de 70% do PIB - e na construção - cerca de 20% do PIB (OCDE, 2011:125-126). Este desinvestimento é visível na percentagem da população a viver no limiar da pobreza: 28.5% em 2003, 23.4% em 2007, 22.7% em 2008 e 24.7% em 2009 (*World Bank*, 2013e). No capítulo das infraestruturas, o seu envelhecimento desde 1990 – vias de circulação, sistemas de irrigação, e outros – tem

---

<sup>127</sup> Anualmente o Fórum Económico Mundial elabora um relatório global de análise da competitividade com o objetivo de alertar os principais intervenientes nas políticas nacionais para quais as estratégias mais convenientes para mitigar as dificuldades encontradas e melhorar a competitividade. Para isso baseia a sua análise no Índice de Competitividade Global, que mede ao nível micro e macroeconómico os alicerces da competitividade de 142 Estados, definindo competitividade como o conjunto de instituições, políticas e fatores que determinam o nível de produtividade de um país (Schwab, 2011:4).

---

provocado uma diminuição na qualidade de vida no meio rural, e a tendência parece ser a mesma - em 2009 recebeu apenas de 1.5% do orçamento do Estado.

Em relação à educação, o número de alunos tem diminuído: desde o ano 2000 – 73400 e entre 2000 e 2009 baixou para 64300. Este fato ficou a dever-se à degradação da qualidade do ensino e das infraestruturas, fazendo com que, segundo o *Global Competitiveness Report 2011-2012* ocupasse o 116º lugar em 142 países analisados (Schwab, 2011:183).

No campo da saúde, com uma gasto de cerca de 10% do PIB desde 2009, a taxa de mortalidade tem vindo a subir desde 1991<sup>128</sup>, sendo que a taxa de mortalidade infantil abaixo dos 5 anos de idade em cada 1000 nascimentos tem diminuído - 45.1% em 1991, 26,8% em 2004, mas ainda se cifra nos 19,9% em 2012(ver anexo D).

Desde 2003, o setor energético tem sido o grande investimento georgiano, tendo a liberalização do mercado do gás natural ocorrido em 2006, e o da eletricidade em 2008. Este investimento permitiu melhorar as infraestruturas, aumentar a produção, ao ponto de permitir a exportação de energia elétrica para os vizinhos Arménia, Turquia e Azerbaijão, muito embora a Geórgia continue a importar grande parte da sua energia, e continuará assim, até que haja um investimento nas infraestruturas de transporte. Acresce ainda, que as grandes barragens hidroelétricas estão localizadas na Abecásia, e portanto, vulneráveis a ações terroristas, existindo por isso vulnerabilidade a quebras de fornecimento energético (OCDE, 2011:132). Já no capítulo do petróleo e do gás natural, o grande investimento estrangeiro nas infraestruturas de transporte ao longo do território georgiano tem permitido aumentar a importação, principalmente proveniente da Rússia e do Azerbaijão (segundo dados do *World Bank* 2010 a Geórgia importou em 2010 cerca de 57.9% da sua energia). A guerra de 2008 com a Rússia demonstrou quão importante é para a Geórgia diversificar os seus fornecedores (OCDE, 2011:133-134).

E o que dizer do Azerbaijão?

À semelhança dos restantes Estados do Cáucaso do Sul, o período compreendido entre 1991 e 1993 foi de igual forma de sinal negativo para o crescimento do PIB Azerbaijão (-22.6% em 1991 e -23.1% em 1993), embora, por força da riqueza dos seus recursos naturais tenha sido amenizada. À custa do contrato milionário assinado em 1994 pela companhia petrolífera estatal – SOCAR – o Azerbaijão viu serem injetados na sua economia muitos milhões de dólares de investimento estrangeiro, catapultando-o entre 1998 e 2009 para valores de crescimento do PIB sempre acima dos 10% ao ano (ver figura 50), sendo os

---

<sup>128</sup> 9,3 em 1991; 10 em 2000; 10,5 em 2005 e 11,3 em 2010 – em cada 1000 habitantes (*World Bank*, 2013e)

---

valores da economia paralela, segundo Schneider (2010) citado em (OCDE, 2011:78) na ordem dos 52% do PIB.

Contudo, este impulsionar da economia azeri não foi necessariamente sinónimo duma sociedade mais justa, de redução das taxas de desemprego, de melhoria da situação social, ou de diversificação da economia, uma vez que cerca de 90% das exportações estão relacionadas com o petróleo (OCDE, 2011:72). O investimento feito pelo governo azeri na modernização das escolas, das universidades, dos hospitais, no aumento dos salários e das pensões, permitiu diminuir os índices de pobreza de 49.6% em 2001 para 11.2% em 2009 (*Ibid*), fazendo com que o *World Economic Forum* no seu *Global Competitiveness Report 2011-2012* colocasse o Azerbaijão no 55º lugar entre os 142 Estados analisados (Schwab, 2011:182). No entanto, a situação dos inúmeros refugiados provenientes, quer da desintegração da URSS, quer do conflito de Nagorno-Karabakh é bem mais grave – cerca de 35% vive abaixo do limiar da pobreza, e desses, cerca de 10% em pobreza extrema, tornando-se necessário melhorar as infraestruturas, a disponibilidade de gás e de eletricidade, bem como o acesso à saúde e à educação (OCDE, 2011:80). As taxas de desemprego têm vindo a diminuir desde 1999, onde se registou 16.3%, para valores na ordem dos 9% em 2003 e 6% em 2008 (*World Bank*, 2013f).

Apesar do elevado crescimento económico, em especial nos anos de 2006 e 2007, dos baixos preços dos combustíveis e dos elevados subsídios do Estado para a agricultura - relembrando que constitui cerca de dois quintos da força laboral e é fonte de empregabilidade - esta não se desenvolveu na devida proporção, uma vez que o investimento na agricultura tem rondado os 2.8% do PIB, levando a que muitos procurassem trabalho noutros setores de atividade – a empregabilidade na agricultura era de 42% em 1998, e de 39% em 2010 (*World Bank*, 2013f). Segundo o Banco Mundial o índice de pobreza diminuiu dos 49% em 2001 para os 11.2% em 2009, sendo que 52.2% da pobreza está concentrada no meio rural e 48.8% no meio urbano (OCDE,2011:98). A taxa de desemprego desde 2004 tem vindo a diminuir: 2004-9%, 2005-8.1%, 2006-6.8%, 2007-6.5%, 2008-6.1% e 2009-6% (*World Bank*, 2013f).

Em termos de educação o cenário não é muito diferente: 2.4% do PIB em 2009, 3.2% do PIB em 2009 2.8% do PIB em 2010, sendo 85% gastos com salários e apenas 15% em investimento, explicando, segundo a OCDE a falta de a qualidade e a deterioração do acesso à educação, e provocando um desequilíbrio entre a pré-escola e o universitário - apenas 19% da população frequenta o ensino universitário - que restringe o desenvolvimento do país, onde apenas 60% dos alunos termina a escola (OCDE, 2011:98). Segundo o *Global*

---

*Competitiveness Report 2011-2012* o Azerbaijão ocupa o 107º lugar nos 142 países analisados (Schwab, 2011:16).

Na saúde o investimento tem sido da ordem dos 6% do PIB (7,9% em 2004, 4,4% em 2008, 5,9% em 2009 e 5,3% em 2010), a mortalidade infantil até aos cinco anos de idade, embora a decrescer desde 2003 mantém-se elevada com valores na ordem dos 35 em cada 1000 crianças nascidas, conforme podemos observar no anexo D (*World Bank f*, 2013).

No que respeita às infraestruturas, o governo azeri fez algum investimento: o acesso à água potável no meio rural passou dos 56% em 1998 para os 71% em 2010; a percentagem de população com acesso a condições sanitárias capazes de evitar a propagação de doenças melhorou de 57% em 1993 para 82% em 2010 (*World Bank*, 2013f), bem como melhorou ao nível das estradas, uma vez que estas constituem uma mais-valia na redução dos custos do transporte do comércio (OCDE, 2011:85).

Em termos energéticos, o grande desafio azeri é saber até quando as suas reservas serão suficientes para sustentar o fornecimento interno e continuar a assegurar os 90% que constituem as exportações do Azerbaijão, o que aliás já fez com que começassem a procurar alternativas ao nível regional, como foi o caso da aquisição de cerca de 50% da refinaria turca - Petkim - corria o ano de 2007 (OCDE, 2011:83). O grande investimento estrangeiro no setor energético desde 1995 tem sido o grande impulsionador da economia azeri, contudo, importa ainda referir, que a indústria petrolífera envolve apenas 1% da empregabilidade azeri (OCDE, 2011:82). Em termos de gás natural, a exploração desde 2007 dos campos de Shah Deniz tem permitido ao Azerbaijão deixar de ser importador (maioritariamente da Rússia) para passar a ser exportador, sendo o seu principal projeto o gasoduto Baku-Tbilisi-Erzurum (BTE) que corre paralelamente ao oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan (BTC). Com a segunda fase de exploração de Shah Deniz prevista com início para 2014-2015, o Azerbaijão conseguirá duplicar a sua produção e ser parte ativa no mercado energético europeu (*Ibid*). Na figura que se segue podemos observar a localização dos principais recursos petrolíferos azeris e os seus exploradores.





Figura 51-Localização dos recursos petrolíferos e principais exploradores

Fonte: SOCAR. [Em linha][Consultado em 14 de abril de 2013]. Disponível em: <http://www.eia.gov/countries/cab.cfm?fips=AJ>

Por fim olhemos para o caso da Arménia.

Em 1992, após a desintegração da URSS a economia arménia colapsou, recomeçando a sua recuperação em 1994 logo após o cessar-fogo com o Azerbaijão durante o conflito de Nagorno-Karabakh. Esta recuperação fez-se em boa parte à custa dos financiamentos da sua diáspora e de algum investimento estrangeiro, atingindo entre 2002 e 2007, inclusive, crescimentos na ordem dos dois dígitos (OCDE, 2011:20), e conduzindo a um decréscimo nos índices de pobreza de 50% em 1999 para 23% em 2008. Quando em 2008 a crise mundial atingiu a Arménia, o crescimento económico baixou para os 7%, e com tendência para a redução durante o ano de 2009, tendo o PIB diminuído cerca de 14% e registado valores de crescimento próximos dos 5% entre os anos de 2010 e 2012 (*World Bank*, 2013g).

A Arménia é pobre em recursos, e por isso, a sua balança comercial pende demasiado para o lado das importações. Segundo o Banco Mundial, a economia paralela representa cerca

---

de 30 a 40% do PIB, sendo que em setores como o comércio e os serviços pode atingir os 80%, o que, embora aumentando a empregabilidade, dificulta a receita fiscal do Estado. Na realidade, a economia paralela surge como uma resposta à fragilidade das estruturas do Estado e à fraca qualidade da administração pública, da justiça, da educação, constituindo um desafio para o Estado controlar esta atividade. Aliás, o *Global Competitiveness Report 2011-2012* reflete isso mesmo: a Arménia encontra-se no 92º lugar do ranking dos 142 países analisados, sendo de destacar o 114º lugar ao nível do ambiente macroeconómico, 83º das instituições e o 77º ao nível das infraestruturas (Schwab, 2011:100).

Em meio rural, a agricultura é o principal meio de sustentação, sendo a falta de investimento por parte do Estado na agricultura o principal entrave ao desenvolvimento para uma agricultura de maior escala (OCDE, 2011:27). De acordo com o Banco Mundial, a agricultura em 1993 contribuía com cerca de 50% para o PIB, valor que diminuiu até 2008, onde atingiu valores da ordem dos 18%, para em 2012 rondar os 20%, sendo a explicação para este registo a obsolescência das empresas, da maquinaria, dos sistemas de irrigação, ou os elevados preços dos veterinários (OCDE, 2011:31).

O índice de pobreza arménio diminuiu de 55% da população em 1999, altura correspondente ao maior investimento, para valores na ordem dos 27% em 2008, voltando a aumentar para os 34% em 2009 e para os 35% em 2010 (*World Bank*, 2013). O investimento é bastante desigual, sendo a pobreza mais acentuada no meio rural, onde cerca de 36% da população vive da agricultura de subsistência (OCDE, 2011:51).

Ao nível do desemprego, e segundo o Banco Mundial, desde 1997 que os valores têm vindo a diminuir duma taxa que se situava nos 36.4% para os 35.9% em 2001, 28.4% em 2007 e 28.6% em 2008 (*World Bank*, 2013), sendo as previsões para 2013, segundo o Relatório do FMI – *World Economic Outlook* 2012, de 18,5% (WEO, 2012:79).

Quanto à educação, a Arménia tem investido valores na ordem dos 3% do seu PIB, e no meio rural é mais frequente o número de pessoas que não conseguiram terminar a escolaridade obrigatória, e têm cerca de 50% de probabilidades de completar o ensino universitário, as escolas estão velhas, e os seus acessos são difíceis (OCDE, 2011:52), levando o *Global Competitiveness Report 2011-2012* a colocar a Arménia em 94º lugar do ranking dos 142 países analisados (Schwab, 2011:100).

A saúde tem levado a Arménia a investir cerca de 4% do seu PIB, e este investimento tem tido impacte, por exemplo na diminuição da taxa de mortalidade infantil até aos 5 anos de idade: de 43.4% em 1992 para 17.3% em 2011 (*World Bank*, 2013).

---

A arménia não dispõe de petróleo nem de gás natural, e importa grande parte da sua energia da Rússia, da Geórgia, do Irão e do Turquemenistão<sup>129</sup>, representando quase 15% das suas importações totais (OCDE, 2011:32). A restante energia, leia-se a eletricidade, é proveniente de barragens, as quais apenas garantem cerca de 20 a 35% das necessidades, e de centrais termo elétricas numa parcela de cerca de 30 a 35%, isto é, cerca 70% das suas necessidades energéticas, espelhando bem a importância que a segurança energética tem para os arménios.

#### **f) Conflitos e disputas territoriais e de soberania**

A maioria das fronteiras dos NEI do Cáucaso foram desenhadas nos anos 20 do século passado e redesenhadas no período pós-Segunda Guerra Mundial com a finalidade de criar linhas fraturantes que permitissem aos russos manipular as diferentes etnias, justificando dessa forma, a necessidade da sua intervenção como agente regulador do poder central (Ayidin, 1999:2). Contudo, estas fronteiras, não coincidindo necessariamente com as fronteiras históricas, nem com as afinidades linguísticas ou culturais, foram enraizando-se e ganhando legitimidade – o passar dos anos foi ajudando a criar uma consciência de nacionalidade. Relembrar ainda que, durante a Segunda Guerra Mundial, uma série de grupos étnicos foram deportados – em especial os do Cáucaso do Norte, e realojados na Ásia Central e na Sibéria (*Ibid*).

Aquando do colapso da URSS, apenas cerca de 16% das fronteiras das antigas repúblicas soviéticas foram delimitadas, e como consequência, dificilmente estes NEI conseguiriam exercer o controlo efetivo sobre elas, fazendo com que as mesmas tivessem sido controladas pelos russos, até que, lentamente, os Estados foram criando as suas próprias guardas e assegurando o controlo das suas fronteiras.

Importa ainda relembrar os potenciais diferendos referentes tidos entre a Rússia, o Azerbaijão e o Irão (juntamente com o Cazaquistão e Turquemenistão) em relação à delimitação das águas do Mar Cáspio. Segundo a perspetiva Iraniana, o Mar Cáspio devia ser dividido em cinco partes iguais, contemplando o fundo e a superfície, o que não é de estranhar, porque dos intervenientes, é o que possui menos recursos na área, proposta que tem sido rejeitada pelas outras partes do processo. Por sua vez, a área azeri é a que possui maior número de recursos energéticos, ao que acresce o fato de alguns campos localizados sensivelmente a meio caminho do Azerbaijão e do Turquemenistão - falamos dos campos de

---

<sup>129</sup> De acordo com o Banco Mundial as importações energéticas arménias foram as seguintes: 73% em 2008, 68% em 2009 e 64% em 2010 (*World Bank*, 2013g).

Kapaz/Serdar, Azeri/Hazar, e Chirag / Osman - serem reclamados pelos dois Estados, (Peterson, 2013). Na figura seguinte podemos observar as áreas em disputa (Karbuz, 2012).

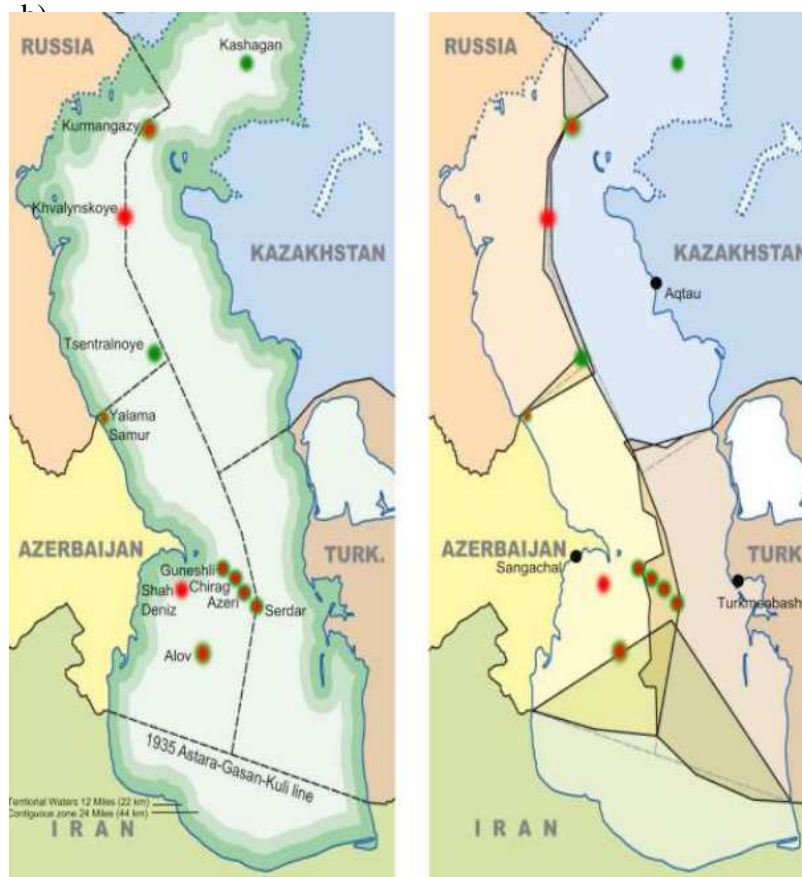


Figura 52-Áreas em disputa no Mar Cáspio

Fonte: *East mediterranean: a new energy corridor for Europe*. [Em linha] [Consultado em 12 de abril de 2013]. Disponível em:  
[http://core.theenergyexchange.co.uk/agile\\_assets/1729/03\\_Sohbet\\_Karbuz\\_OME\\_ENG.1.pdf](http://core.theenergyexchange.co.uk/agile_assets/1729/03_Sohbet_Karbuz_OME_ENG.1.pdf)

Do lado Russo, procura-se dividir o Mar Cáspio em função da linha de costa controlada por cada Estado, deixando de fora as águas superficiais, de forma a estas serem geridas numa faixa de 15 milhas em comum por todos os Estados, sendo que as questões de sobreposição seriam dirimidas com recurso a acordos bilaterais.

Desta forma, enquanto não houver um entendimento em relação à delimitação das fronteiras, os jogos de guerra continuarão, como ficou evidente em junho de 2012 com navios azeris a interporem-se a um navio de prospecção do Turquemenistão (Hammond, 2012), fazendo parecer que os projetos de exploração energética são a continuação da política por outros meios.

Olhemos agora para os casos da Geórgia, do Azerbaijão e da Arménia.

---

### **g) As disputas e os diferendos – o caso da Geórgia**

O período que se seguiu à independência trouxe a luta pelo separatismo das regiões da Abecásia e da Ossétia do Sul. Da desintegração da URSS resultou o aumento de tensões étnicas entre abecases e georgianos na procura da independência do governo central georgiano, tendo o resultado final sido a guerra durante o período de 1992 - 1993, com a perda das tropas georgianas. Em consequência assistiu-se à fuga da maioria dos georgianos e à independência *de fato* da Abecásia, ainda que sem reconhecimento da comunidade internacional, exceção feita à Rússia, à Nicarágua, à Ilha de Nauru, a Sul das Ilhas Marshall, ao Vanuatu e ao Tuvalu (Sammur, 2011:2).

A discórdia reside no fato da Rússia acusar o governo georgiano de ser um santuário de radicais islâmicos prontos para atuar na Rússia, e por isso mantém na Abecásia a 7ª Base Militar e na Ossétia do Sul a 4ª Base Militar (Kucera, 2011). Do lado georgiano, a postura russa é percebida como se de uma potência ocupante se tratasse, minando a soberania e a segurança georgiana, como a última hipótese para manter o seu *near abroad* sob controlo, violando assim o cessar-fogo assinado em 1994 com o patrocínio da CEI, ainda que sob o comando da Rússia.

Na realidade, ficou a ideia que só após cerca de 20000 mortos e 30000 deslocados é que abecases e ossetas se apaziguaram, mantendo-se a região sob supervisão de uma missão da CEI liderada pela Rússia, e da missão de observadores da ONU na Geórgia, a UNOMIG<sup>130</sup> (Sobral, 2005:2).

Para além da Abecásia e da Ossétia do Sul, também na República Autónoma da Adjária, localizada no extremo ocidental e junto à fronteira com a Turquia surgiram separatismos. Sem apoio da Rússia, a 6 de maio de 2004 Saakashvili conseguiu depor o líder separatista Aslan Abashidze, e terminar com as aspirações de independência (*New York Times*, 2004).

Após estes resultados, Saakashvili resolveu no dia 7 de agosto de 2008 avançar sobre a Ossétia do Sul, procurando acabar com os movimentos separatistas e recuperar a integridade territorial. No entanto, em virtude do alinhamento da Ossétia do Sul com a Rússia, as tropas russas entraram na Ossétia do Sul, e em 48 horas expulsaram as tropas georgianas (Friedman, 2008). Segundo Carlos Santos Pereira, o resultado do conflito são dois enclaves numa situação de *no man's land* político e totalmente dependentes da Rússia (Pereira, 2011:2.10).

---

<sup>130</sup> *United Nations Observer Mission In Georgia*, extinta em 2009 por falta de consenso entre os membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas quanto ao prolongamento a missão (*United Nations Observer Mission In Georgia*, 2013).

---

Como consequência do acordo de cessar-fogo, uma série de negociações têm sido conduzidas regularmente - Conversações de Genebra - envolvendo a Geórgia, a Rússia, as entidades abecases *de fato*, e a EUMM - e apadrinhadas pelos EUA, pela ONU, pela UE e pela OSCE. Os resultados têm sido pouco mais do que a criação de um mecanismo de resposta de prevenção de incidentes, o *Incident Prevention and Response Mechanism* (IPRM), sendo que as principais questões, como é o caso do regresso das dezenas de milhares de deslocados continuam por resolver. As duas partes negociam por intermédio de diplomatas suíços, existe uma base de cooperação para o transporte de energia, mas com pouca vontade para resolver as questões de fundo, fazendo com que as tensões se continuem a acumular e a condicionar a segurança regional (*Ibid*).

#### **i. As disputas e os diferendos – O caso do Azerbaijão**

Em relação ao Azerbaijão, recordar que a sua independência começa praticamente com o conflito com a sua vizinha Arménia na disputa pelo enclave de Nagorno-Karabakh, e apesar do acordo de cessar-fogo de maio de 1994, e das tentativas de resolução do conflito sob a égide da OSCE, o diferendo teima em persistir. Tropas arménias e azeris patrulham a linha de cessar-fogo, e são frequentes os confrontos de parte a parte; dia 5 de junho de 2012 foram mortos cinco soldados azeris na cidade de Gazakh, numa disputa junto à fronteira noroeste do Azerbaijão (Naharnet, 2012).

Por este fato facilmente se compreende que os Estados se mantenham separados política, económica e militarmente.

Perante o apoio russo à Arménia - militar, político e económico - o financiamento e o apoio da Diáspora arménia, em particular da norte americana, o Azerbaijão tem procurado refugiar-se debaixo do escudo dos EUA, da UE e da Turquia, como garante da sua segurança e do seu desenvolvimento (Nation, 2007:18-19).

#### **ii. As disputas e os diferendos - O caso da Arménia**

Encravada entre a Turquia e o Azerbaijão, Estados com os quais a Arménia mantém as fronteiras fechadas, a Arménia enfrenta a ameaça do islamismo turco, a escassez de recursos e a hostilidade dos Estados que a rodeiam, nomeadamente do Azerbaijão, por força do diferendo quanto ao enclave de Nagorno-Karabakh - fatores estes que condicionam o seu desenvolvimento económico, social, e securitário - ou da Turquia, com quem mantém de igual forma um diferendo quanto às mortes e deportações provocadas pelo Império Otomano entre 1915 e 1917, genocídio para os arménios, mas nem por isso para os turcos. Face aos fatos, torna-se preponderante para o seu progresso económico e para a sua estabilidade política



---

estabelecer boas relações com os seus vizinhos, bem como assegurar o financiamento económico do exterior. Este surge maioritariamente da Diáspora, em especial da americana, e da russa.

E o que dizer em relação à Geórgia?

O grande diferendo da Arménia com a Geórgia, e que até agora não foi resolvido através de relações bilaterais (Novikova, 2012), tem a sua génese na região de Samtskhe-Javakheti, localizada no Sul da Geórgia e junto à fronteira com a Arménia, com cerca de 100000 habitantes de maioria étnica arménia, e de minorias georgiana, russa, e grega.

Os arménios chegaram à região na altura do Império Otomano, provenientes de Erzerum, aquando da passagem desta região para as mãos da Rússia em 1829, e mais tarde, surgiram na sequência dos massacres de milhares de arménios em Abril de 1915. Os arménios não falam georgiano, e como tal não têm representação no governo, nem na restante administração pública, não conseguem ter acesso ao ensino, pretendem aumentar a sua autonomia em relação ao governo local, ver reconhecida a Igreja Arménia Apostólica e recuperar as igrejas perdidas na altura do Império Russo (Nakafov, 2006).

Importa ainda trazer à liça que o oleoduto BTC e a futura linha férrea de Kars - Akhalkalaki - Baku, que atravessam a região foram alvo de oposição arménia, uma vez que isolam a Arménia (*Ibid*).

A questão em termos securitários, mormente de segurança energética, é se poderão estas linhas ser alvo de ataques terroristas por parte de grupos separatistas que operam em Javakheti, embora realisticamente, um ataque desse género interromperia o fluxo de mercadorias do mar Negro para a Arménia, com prejuízo para a fraca economia arménia, e portanto pouco crível.

Em suma, perante a conflitualidade persistente os três Estados do Cáucaso do Sul têm apresentado um crescimento económico capaz de lhes suportar um aumento dos respetivos arsenais militares. Nas figuras 53 e 54 podemos observar, respetivamente, os gastos com a defesa dos três Estados do Cáucaso do Sul (em milhões de dólares), e ainda a correspondente percentagem do PIB aplicada (Badalyan, 2011:6).



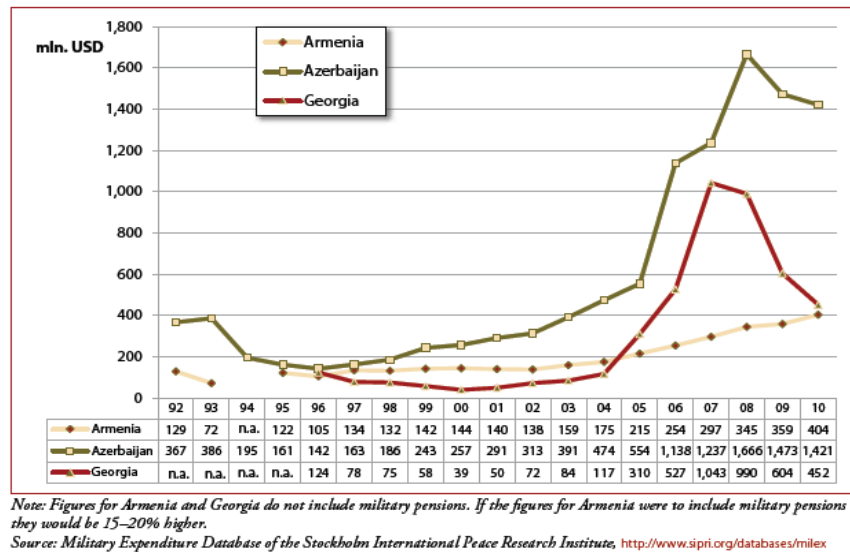


Figura 53-Evolução de gastos com a defesa dos Estados do Cáucaso do Sul

Fonte: *Interlinked energy supply and security Challenges in the south Caucasus*. [Em linha] [Consultado em 17 de janeiro de 2013].Disponível em:

<http://www.laender-analysen.de/cad/pdf/CaucasusAnalyticalDigest33.pdf>

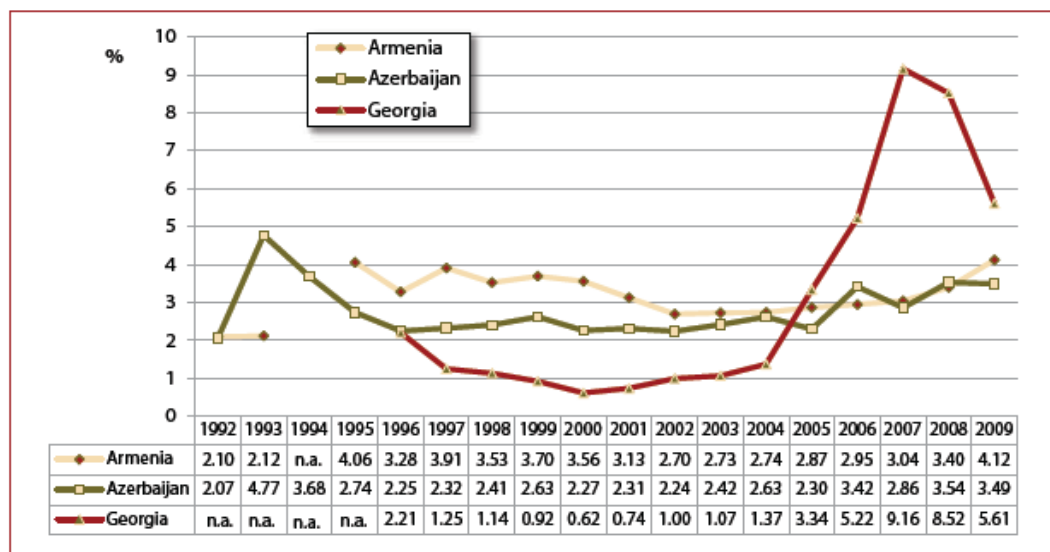


Figura 54-Investimento em defesa dos Estados do Cáucaso do Sul em relação à % do PIB

Fonte: *Interlinked energy supply and security Challenges in the south Caucasus*. [Em linha] [Consultado em 17 de janeiro de 2013].Disponível em:

<http://www.laender-analysen.de/cad/pdf/CaucasusAnalyticalDigest33.pdf>

## h) Os *frozen conflicts*

A independência dos três Estados do Cáucaso do Sul reavivou na região uma série de antigas disputas, as quais se constituem como verdadeiros desafios à segurança regional.

À semelhança do que aconteceu no início do século XX, quando as tropas do Império Russo retiraram da região, também agora cada Estado do Cáucaso do Sul procurou as soluções mais adequadas para a resolução destes problemas, quer ao nível das suas políticas internas, quer nas alianças e alinhamentos escolhidos por forma a assegurarem o garante da sua segurança. Contudo, na maioria dos casos, os resultados foram o conflito armado, as limpezas étnicas ou os *pogroms*<sup>131</sup>. Aliás, importa ressaltar que todos os conflitos no Cáucaso do Sul tiveram origem em diferendos de natureza étnica e, ou, religiosa (Burns, 2009:123), e dos quais resultaram três Estados não reconhecidos *de fato* pela comunidade internacional – Abecásia e Ossétia do Sul, no caso da Geórgia, e Nagorno-Karabakh, no caso de Arménia e Azerbaijão. Ora, estas disputas constituem-se como um foco de instabilidade na região e necessariamente para os Estados vizinhos.

Analisemos os existentes na Geórgia, o separatismo na Abecásia e na Ossétia do Sul, cuja localização podemos observar na figura 55.



Figura 55-Mapa da Geórgia indicando as regiões da Abecásia e da Ossétia do Sul

Fonte: CIA World Factbook. [Em linha][Consultado em 22 de abril de 2013]. Disponível em: [https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/maps/maptemplate\\_00.html](https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/maps/maptemplate_00.html)

<sup>131</sup> Palavra russa para designar “causar estragos, destruir violentamente com vista ao extermínio de certos grupos (Melikyan, 2010:69).

---

A Abecásia é uma república autónoma da Geórgia localizada no noroeste da Geórgia, junto ao Mar Negro e à Federação Russa.

Em julho de 1992, os abecases declararam unilateralmente a independência, e como consequência, iniciou-se uma luta sangrenta entre as tropas georgianas e abecases.

Mais tarde, em 1994 a Rússia impôs um cessar-fogo, tendo a Abecásia ficado como um Estado independente *de fato*, mas não *de jure* - dado que não existe reconhecimento internacional, sob controlo de forças russas ao abrigo da CEI e da OSCE<sup>132</sup> (Tomé, 2007:12). O ano de 2003 trouxe a Revolução Rosa, e a tensão entre a Geórgia de Sakashvili - pró-Occidente - a Rússia e a Abecásia aumentou, tendo terminado com a retirada das bases militares russas da Abecásia. Mais tarde, já em 2006, a Geórgia entra na Abecásia, e passa a controlar parte do território - a zona de Kodori (*Ibid*:13). Por fim, em agosto de 2008, após vários anos de tensões e conflitos pontuais, e já com forças de imposição de paz georgianas e russas no local, o Presidente da Geórgia, com vista a controlar as regiões separatistas da Abecásia e da Ossétia do Sul deu início a uma ofensiva militar. A Rússia, aproveitando uma oportunidade estratégica ímpar, veio em socorro dos separatistas e ajudou-os a conseguir uma independência quase definitiva. Nos dias 6,7 e na manhã de dia 8 de agosto de 2008, as Forças Armadas georgianas cercaram a capital da Ossétia do Sul, Tshkinvali, e lançaram salvas de artilharia pesada sobre esta cidade. Os militares russos reagiram com uma invasão massiva, entrando pelo túnel de Roki que une a Ossétia do Norte russa à Ossétia do Sul, georgiana. Os embates entre Tbilissi e Tshkinvali vêm desde a implosão da União Soviética, tendo as guerras anteriores ocorrido em 1991-1992 e em agosto de 2004.

Analisemos agora a situação na Ossétia do Sul (*Ibid*).

Já desde a década de 60 do século passado que a Geórgia compreendia a República Autónoma da Abecásia, a República Autónoma da Adjária e a Região Autónoma da Ossétia do Sul<sup>133</sup>. A situação da República Autónoma da Abecásia e da Região Autónoma da Ossétia do Sul está mais presente por ter estado no centro da “Guerra dos Cinco Dias” que decorreu entre a Rússia e a Geórgia em agosto de 2008.

A Ossétia do Sul localiza-se no centro do norte da Geórgia, junto à fronteira Russa e da Ossétia do Norte (russa).

---

<sup>132</sup> Ainda hoje tanto a Ossétia do Sul como a Abecásia constituem “*frozen conflicts*” sob supervisão internacional da CEI, da missão de Observação das Nações Unidas na Geórgia (UNOMIG) e da OSCE (Sobral,2005).

<sup>133</sup> Embora a situação da Adjária esteja afastada dos noticiários atuais, até 2004 sofreu sérias convulsões políticas devidas a intenções secessionistas alimentadas pela Rússia, estando o seu antigo ex-Presidente pró-russo exilado na Rússia (Figueiredo, 2009).

---

Segundo a Geórgia, a Ossétia do Sul é parte integrante do seu território. O início dos conflitos opondo ossetas - maioria na região - e os georgianos ocorreu em 1989 e, entre 1990 e 1991, assistiu-se a um oscilar entre a declaração unilateral de independência *de fato* e a integração na Rússia, em associação com a Ossétia do Norte (Tomé, 2007:14).

Entre 1991 e 1992 as relações extremaram-se e eclodiu uma guerra civil, tendo a Geórgia acusado a Rússia de apoiar milícias sul-ossetas. Em julho de 1992 foi assinado o cessar-fogo e iniciou-se uma missão de paz russa na Ossétia do Sul. Entretanto em 1995, sob os auspícios da CEI e da OSCE ocorreram negociações entre ossetas e russos no sentido de assegurar um entendimento que conduzisse à renúncia do uso da força, e à eventual criação e implementação de medidas de confiança mútua (*Ibid*). Todavia, a situação nunca se resolveu, e a Rússia permaneceu na região.

A subida ao poder do Presidente Saakashvilli, na sequência da revolução das Rosas em 2003, bem como, a construção de bases militares em 2006 - de acordo com os *standards* OTAN - constituíram um agravamento nas relações entre as partes, porquanto foi entendido como uma tentativa da Geórgia em entrar na Ossétia do Sul e apoderar-se desta.

Na sequência da “Guerra dos Cinco Dias”, a Rússia reconheceu a independência da Ossétia do Sul (*The Economist*, 2008), e já em 2009 anunciou a construção de uma base militar no porto abecaz de Ochamchire, no Mar Negro, e o reforço da cooperação política e económica com estas duas regiões. Desta forma, Moscovo demonstrou uma intenção de muscular a sua presença na região, e pretendeu manter uma vantagem competitiva em relação aos EUA e um poder de veto nos eventuais alargamentos da OTAN no Cáucaso (Vieira, Simão, 2009:9)

No que respeita ao conflito de Nagorno-Karabakh, importa dizer que é porventura, o mais devastador no período e no espaço pós-soviético. O resultado foi a ocupação por tropas arménias de cerca de 14% de território azeri, mais de 30000 mortos e de um milhão de deslocados e refugiados, para além da devastação das economia e das infraestruturas .

A fonte de conflitualidade em Nagorno-Karabakh reside no fato dos arménios considerarem a região - maioritariamente arménia - como o berço da nação arménia, inclusive como tendo sido figura de proa na cristianização da Arménia e do desenvolvimento da sua língua, nos remotos séculos IV e V AC. Segundo Kevork Oskanian, o domínio azeri de Nagorno-Karabakh, ao que se junta o desaparecimento dos arménios das regiões históricas no leste da Anatólia às mãos do Império Otomano, e de regiões na proximidade de Nagorno-

---

Karabakh às mãos dos azeris, é visto pelos arménios como o culminar de um milénio de invasão turca (Oskanian, 2010:153-154). Para os azeris, a região sempre lhes pertenceu.

Em outubro de 1987, a hipótese de nomeação de um azeri como diretor de um sovkhoz numa aldeia no noroeste do Azerbaijão - Chardakhli - predominantemente arménia desencadeou a repressão de arménios noutras aldeias com o intuito de os expulsar. As notícias chegaram rapidamente a Yerevan e iniciaram-se uma série de manifestações de reivindicação pelos territórios de Nagorno-Karabakh (Cornell, 1999:13). Ainda segundo Svante Cornell, o fato de Moscovo não ter intervindo e de Gorbachev ter vários arménios como assessores levou à especulação de um eventual regresso de Nagorno-Karabakh ao domínio arménio (*Ibid*). Na sequência do incidente de Chardakhli, os azeris na Arménia começaram a ser perseguidos, e em janeiro de 1988 foi instalado o primeiro campo de refugiados em Sumgait, nos arredores de Bacu. As manifestações multiplicaram-se, a tensão entre a Arménia e o Azerbaijão aumentou, e em fevereiro as autoridades de Nagorno-Karabakh apelaram ao governo central para que Nagorno-Karabakh fosse integrado na República Soviética Socialista da Arménia. A partir daí sucederam-se as perseguições de parte-a-parte em diversas cidades e aldeias, até que no dia 10 de março de 1988 Gorbachev afirmou que Nagorno-Karabakh não seria integrado na Arménia, acabando com o resto de esperança ainda existente até ao momento (*Ibid*:19). Seguiu-se a instalação de tropas russas em Yerevan, e nos meses seguintes observaram-se extermínios em diversas aldeias, quer de maioria azeri, quer arménia, para por fim, em maio de 1988, o governo central soviético, numa tentativa de apaziguar o conflito substituir os dois líderes das repúblicas azeri e arménia.

Daí para a frente assistiu-se à militarização do conflito e em 1992, a dissolução da URSS e o vazio de poder que se seguiu quebrou, porventura, o único instrumento que ainda continha o conflito. A Arménia que vinha a preparar-se para ocupar militarmente Nagorno-Karabakh não perdeu a oportunidade, e perante este vazio, no dia 27 de fevereiro de 1992 conquistou Karabakh e os seus arredores (*Ibid*:31).

A 16 de maio de 1994, sob mediação russa, foi assinado entre as partes um cessar-fogo, que ainda hoje vigora, muito embora ainda ocorram ações violentas ao longo da linha de cessar-fogo – segundo Mark Dietzen, em média, anualmente morrem cerca de trinta azeris e arménios (Dietzen, 2012). Atualmente ainda existem tropas arménias a controlar algumas áreas de território azeri, para além de Nagorno-Karabach (Haas, *et al*, 2006:31).

### **i) Crime organizado**

A interdependência dos Estados, bem como a permeabilidade das fronteiras tem

sido aproveitada pelos ANE como forma de chegar às populações, sensibilizando-as, manipulando-as ou desgastando-as. Através desta livre circulação, grandes grupos económicos, e outros, são também o veículo de ligação entre redes de crime organizado e de um sem número de atividades ilícitas - o terrorismo, o branqueamento de capitais e outras -, e de novas formas de terrorismo<sup>134</sup>: global, difuso, transnacional, polimorfo, de destruição por destruição, mais violento e letal, que tão bem sabe explorar as tecnologias e os sistemas globais de informação.

Face ao eclodir da conflitualidade, aquando dos processos de independência dos Estados do Cáucaso do Sul, e aproveitando a sua fraqueza, assistimos à infiltração na região de redes de crime organizado transnacional, alimentando o esforço de guerra de facções separatistas, e por força do tráfico de droga, de seres humanos, e de armas, trazendo a desgraça social, política e económica. A estas atividades acrescem o terrorismo e o fundamentalismo islâmico, de que são exemplo os ataques de 11 de setembro de 2001, os quais, recorrendo à violência gratuita, procuram com a sua atividade o enfraquecimento dos Estados e das suas instituições, semeando a agitação e por vezes negando o controlo de partes de território (Cornell, 2006:39). De acordo com Elena Sokova, William C. Potter, and Cristina Chuen do *Monterey Institute of International Studies Center for Nonproliferation Studies*, em 2007 houve relatos de apreensões de armas nucleares na Geórgia revelando a pouca eficácia no controlo deste tipo de armamento (Sokova, *et al*, 2007). Também o Azerbaijão não fica isento de ligações à atividade terrorista, uma vez que foram descobertos diversos operacionais da Al Qaida em território azeri, incluindo uma célula com ligações aos atentados ao USS Cole, no Iémen em 2000, e mais recentemente, foram interceptados na capital azeri, Baku, elementos da Jihad Islâmica Egípcia no momento em que se preparavam para executar um atentado contra a embaixada Americana. No caso da Arménia, o seu isolamento tem dificultado a penetração deste tipo de grupos, no entanto, a sua proximidade com o Irão – geográfica e política – constitui uma preocupação no que à proliferação do nuclear diz respeito. Aliás, segundo Richard Giragosian, em maio de 2002, os EUA impuseram diversas sanções a empresas Arménias, por suspeitas de fornecimento de equipamento passível de ser utilizado no fabrico de armas de destruição em massa. Ainda que o terrorismo esteja de

---

<sup>134</sup> A globalização das ameaças, encontra-se alicerçada noutros fatores, tais como: a pluralidade dos novos atores, a perda de protagonismo dos Estados, a importância crescente dos valores humanos e da cultura civilizacional, a desvalorização das fronteiras físicas, a unipolaridade dos EUA, o protagonismo de uma nova Europa supranacional e o desajustamento de toda a arquitetura de funcionamento da comunidade internacional, conduziram a uma indefinição da probabilidade de ocorrência das mesmas, da sua perigosidade, bem como da sua localização (Barata, 2006:9).

---

alguma forma afastado da Arménia, a corrupção e o crime organizado assumem um papel importante contra o desenvolvimento da Arménia (Giragosian, 2009:2).

#### **j) A disputa pelos recursos energéticos**

Em relação às questões energéticas, importa referir que a desintegração da URSS trouxe para a agenda política e económica internacional a disputa pelos recursos energéticos, em particular pelo gás natural e pelo petróleo, introduzindo um novo capítulo naquilo que ficou conhecido em tempos como o “Grande Jogo” pelo controlo da Eurásia. Tendo em consideração que os recursos energéticos desempenham cada vez mais um papel importante na disputa pelo poder dos Estados, a luta pelo seu acesso veio alterar a importância da região do Cáucaso do Sul, bem como o mapa dos recursos energéticos, e a sua configuração estratégica.

Neste contexto, compreende-se que a competição pelos recursos energéticos, e a sua segurança nesta região, são de grande importância, e constituirão o garante de um enorme encaixe financeiro para os Estados que assegurem o seu controlo, a sua obtenção, e distribuição, pautando-se como um dos fatores de maior importância geopolítica no Cáucaso.

Segundo a AIE, o forte crescimento económico da China e da Índia provocarão até 2030 um aumento de mais de 50% na procura de energia a nível mundial (*International Energy Agency*, 2007). Assim, verificando-se o aumento de consumidores e a diminuição dos recursos, a segurança energética passou a dominar a agenda da maioria dos Estados, servindo de catalisador para a exploração de novas fontes energéticas, bem como para a construção de novos corredores de transporte. Neste contexto, compreende-se que a competição pela energia e pela segurança energética possa conduzir ao agravamento de tensões já existentes entre alguns dos Estados do Cáucaso do Sul, situação que enferma de um enorme perigo.

A crise vivida entre a Rússia e a Ucrânia em janeiro de 2009 veio relembrar ao mundo o conceito de segurança energética, o qual, segundo António Costa Silva surgiu com a crise petrolífera em 1973. Este conceito visa prevenir a rutura de fornecimento energético por parte dos países produtores (Silva, 2008:1), mas não só, uma vez que ele depende do que os Estados pretendem com esta segurança, *i.e.*, o caso da Rússia, para quem a segurança energética significa dominar o Cáucaso e os corredores energéticos para a Europa e evitar a penetração Americana na região, para os Estados Unidos significa manter-se na Europa, perto da Rússia - motivo pelo qual a Ásia Central constitui uma das prioridades no seu quadro estratégia de segurança nacional - já por exemplo para a China, representa a forma mais ou



---

menos rápida de se adaptar aos mercados globais.

A UE detém somente cerca de 2% das reservas energéticas mundiais de gás natural,<sup>135</sup> tendo a sua dependência energética atingido os 53.8%, e destes 60.8 % são relativos a gás natural. De acordo com o *Statistical Pocketbook* de 2012, se as tendências se mantiverem como tem acontecido desde 1990, o nível de dependência energética do exterior deverá aumentar<sup>136</sup>. Assim sendo, a UE terá interesse em contribuir para um ambiente estável e seguro no Cáucaso e, fá-lo no âmbito da PEV<sup>137</sup>.

Em 2002, no âmbito da sua Estratégia de Segurança Nacional, os EUA definiram como objetivo nacional articular as suas ações com os seus aliados, parceiros comerciais e produtores de energia, a fim de assegurarem a diversificação das fontes energéticas, bem como de forma a desenvolverem tecnologias mais eficientes na procura do aumento da segurança energética, em particular da Ásia Central, da região do Cáspio e em África. Assim, o Cáucaso insere-se nesta estratégia já em curso, dado que se encontra na rota dos recursos energéticos do Cáspio para o exterior<sup>138</sup>.

No que diz respeito à Rússia, esta procura assegurar o controlo das jazidas e das rotas do petróleo e do gás natural, as quais têm causado alguns transtornos ao Ocidente, razão pelo qual, tanto a UE como os EUA marcaram presença como mediadores na “Guerra dos Cinco Dias”, na Geórgia, em 2008<sup>139</sup>. A Rússia pós-URSS, tenta a todo o custo manter o domínio numa região que lhes possibilita profundidade geográfica estratégica, assim como assegurar o

---

<sup>135</sup> Em 1997 foram extraídos 223.2 milhões de Toneladas Equivalentes de Petróleo (TEP, em inglês TOE), representando cerca de 12 % mundial. A maior parte destas reservas estão localizadas na Holanda e na Grã-Bretanha. (*European Commission GREEN PAPER -Towards a European strategy for the security of energy supply*, 2000:18).

<sup>136</sup> De acordo com o relatório da UE, desde o ano 2000, as importações de petróleo (em Mtep) têm sido as seguintes : 532.76 em 2000, 600,37 em 2005 e 560,98 em 2010. Em relação ao gás natural os números são os seguintes: 192.53 em 2000, 257.29 em 2005 e em 275,53 em 2010 (*Statistical Pocketbook*, 2012:115).

<sup>137</sup> A Política Europeia de\_Vizinhança foi lançada em 2003 no âmbito do alargamento da União Europeia a vinte cinco, e consubstanciou um novo enquadramento para as relações entre a UE alargada e os países vizinhos a este (Arménia, Azerbaijão, Bielorrússia, Geórgia, Moldávia e Ucrânia) e a sul (Argélia, Autoridade Palestiniana, Egipto, Israel, Jordânia, Líbano, Líbia, Marrocos, Síria e Tunísia), permitindo um grau de integração económica e de relacionamento político mais profundo. A Rússia, embora seja um país vizinho da UE, não faz parte do conjunto de países parceiros, sendo as suas relações desenvolvidas no quadro de uma Parceria Estratégica (Ministério das Finanças, 2010).

<sup>138</sup> Para os Estados Unidos, a Geórgia, juntamente com o Azerbaijão e com o Turquemenistão e em virtude da sua posição geográfica, constituem, em detrimento das rotas pelo Paquistão, uma alternativa segura ao corredor logístico para o Afeganistão. (Nunes, 1999)

<sup>139</sup> Durante o domínio soviético, a exploração e o consumo dos recursos na região do Cáspio estiveram sob a alçada de Moscovo. Após a desintegração da URSS a partir de 1991, assistiu-se à chegada das grandes companhias internacionais para a exploração dos recursos do Cáspio. Após a declaração de independência do Cazaquistão, a norte-americana Chevron foi a primeira a entrar na região. (Soares, 2008:1)

---

acesso aos portos de águas quentes<sup>140</sup>. Segundo Rui Nunes: “ A importância do Cáucaso "russo" para a Rússia é assegurar a presença no Cáucaso do Norte para pressionar a rota dos oleodutos via Azerbaijão e Geórgia, e resistir à penetração americana. Isto implica a integridade da fronteira sul da Federação Russa, ou seja, extirpar o “abcesso checheno”: uma Chechénia independente poderia, além de mau exemplo interno, excluir a Rússia do Cáucaso, ao contagiar Daguestão e Inguchétia e continuar para o Mar Negro - recorde-se que Bassaev combateu na Abecásia contra a Geórgia pelo acesso a um porto de mar.” (Nunes, 1999: 354). Importa de igual forma referir que esta região, por um lado, constitui uma zona de passagem de maior importância pois permite a ligação entre o Sul da Rússia e o Médio Oriente, e por outro, entre o Mar Negro e a Ásia Central. Desta forma, o Cáucaso encontra-se no epicentro das rotas de transporte, de telecomunicações, de comércio e de energia, com destaque para o petróleo e para o gás natural provenientes da Ásia Central.

Já em relação ao Irão tem-se assistido a uma política de aproximação aos Estados do Cáucaso do Sul - mais marcada no caso da Arménia - de forma a assegurar a passagem da rota do Mar Cáspio para o Golfo Pérsico, e assim chegar ao mercado europeu, bem como a tornar-se no principal exportador da rota do Cáspio. Dada a vontade da Rússia em manter o seu monopólio de fornecimento para a Europa, e à vontade dos EUA em estancar o interesse do Irão, novos desenvolvimentos serão de esperar. Acresce ainda referir a questão do programa nuclear do Irão, e, neste capítulo o que se tem assistido é uma postura de proteção por parte da Rússia face ao Irão, incluindo a venda de armamento (Tomé, 2010).

---

<sup>140</sup> As independências da Geórgia e da Ucrânia levaram a que o acesso da Rússia ao Mar Negro se restringisse ao porto de Novorossiysk . Por outro lado, os melhores portos estão na Geórgia - Batumi, Poti e Otchantchira, e na Ucrânia, em Odessa e Sebastopol.

---

## 5. Tendências e cenários na geopolítica do Cáucaso do Sul

Decorridos vinte anos após a desintegração da URSS, a região do Cáucaso do Sul continua a ser sinónimo de instabilidade e de insegurança, e teimam em surgir soluções capazes de pôr fim aos diversos diferendos existentes.

O exemplo da “Guerra dos Cinco Dias” em agosto de 2008, opondo a Rússia à Geórgia e a disputa pela integridade dos territórios da Abecásia e da Ossétia do Sul foi bem revelador de que, ao jeito do melhor realismo, a possibilidade do uso do instrumento militar continua presente na região, e que constitui uma ameaça à estabilidade e à segurança regional, passível de, facilmente, extravasar para Estados vizinhos, e dessa forma, atingir uma outra dimensão.

Nessa vizinhança encontram-se a Rússia, a Turquia e o Irão. Com interesses diversos neste xadrez intrincado, estes três Estados procuram desenhar relacionamentos com os Estados residentes do Cáucaso do Sul, quer ao abrigo de organizações regionais, quer de acordos bilaterais que lhes permitam alimentar os seus interesses nacionais e assumirem-se como atores regionais.

Ao mesmo tempo, num espaço geopolítico de grande importância geoestratégica, e onde proliferam projetos de infraestruturas energéticas, o Ocidente, “na pele” dos EUA, da UE e da OTAN e das grandes multinacionais, tem vindo a reforçar a sua presença na região, quer por questões de projeção de poder e de procura de exploração de novos mercados energéticos, como é o caso dos EUA, quer por questões económicas, comerciais, energéticas e de segurança, como é o caso da UE ou de contenção da Rússia, do envolvimento em conflitos - como a guerra do Afeganistão - da proximidade do Médio Oriente e do Irão nuclear, como é o caso da OTAN.

Em nossa opinião, a grande questão em termos de cenarização para o Cáucaso do Sul e de possíveis soluções para as divergências existentes é perceber perante este conjunto intrincado de atores, de vetores e de interesses, qual é verdadeira vontade, a curto prazo, dos principais atores regionais - Geórgia, Azerbaijão e Arménia incluídos - manter o *status quo* neste estado de “*no peace, no war*” ou ser parte integrante duma solução, numa perspetiva de jogo de soma positiva.

---

A cenarização que de seguida nos propomos apresentar<sup>141</sup>, foi desenvolvida segundo o Modelo “*Cone of Plausibility*”<sup>142</sup>, procurando gerar três cenários a curto prazo – 3 a 5 anos: o mais provável, o mais perigoso, e o menos provável. Para isso foram definidos *drivers* e tendências a considerar para a questão em causa, associando a cada um dos *drivers*, pelo menos uma hipótese. A primeira questão considerada prende-se com a situação na Geórgia no que respeita às regiões autónomas da Abecásia e da Ossétia do Sul e a sua relação com a Rússia e com o Ocidente, ao que se seguirá a segunda questão, relativa ao relacionamento entre o Azerbaijão e a Arménia quanto ao diferendo de Nagorno-Karabakh e às respetivas interações externas.

Em qualquer das questões, a definição dos *drivers* teve como base identificar o comportamento dos principais atores ao nível internacional, regional e interno. Assim, ao nível internacional, como é que a OTAN, a UE, e os EUA poderão jogar as suas influências, e que tipos de relacionamentos se poderão desenvolver. Ao nível regional, procurar compreender se o caminho poderá ser a cooperação política, económica e de segurança, ou pelo contrário, a perpetuação da conflitualidade e a consequente desintegração da região, olhando para o comportamento da Rússia, do Irão e da Turquia. Por fim, ao nível interno, compreender que papel quererão ter as lideranças dos três Estados do Cáucaso do Sul rumo à estabilização da segurança, tendo em conta a eleição do novo Primeiro-Ministro georgiano ocorrida em outubro de 2012, bem como as eleições presidenciais georgianas e azeris que decorreram durante o mês de outubro de 2013 - estar do lado do problema, ou, pelo contrário, do lado da solução. Ainda ao nível interno, considerámos de igual forma importante na definição dos *drivers* focar a nossa atenção em fatores, os quais julgamos que quando combinados, poderão constituir-se como catalisadores de conflitualidade e de insegurança, e dessa forma, moldarem as dinâmicas de segurança da região, como sejam: as condições socioeconómicas georgianas, com a desconfiança das estruturas basílicas do Estado, a economia paralela e a corrupção, da mesma forma que, no caso da Arménia, o designado “*fator Arménia*” com o apoio financeiro e económico da Diáspora, assim como a integração da Arménia no CSTO e o correspondente apoio militar russo que daí possa resultar num

---

<sup>141</sup> Para a elaboração desta cenarização em muito contribuíram as visões da Professora Licínia Simão, e do General Carlos Branco materializados num conjunto de respostas a sete questões colocadas pelo candidato a mestre na fase final de elaboração deste trabalho, durante o mês de janeiro de 2013.

<sup>142</sup> Segundo o *Government Office for Science*, que até há pouco tempo desenvolvia cenarização para o Reino Unido, este método é o mais adequado quando queremos efetuar cenários a curto prazo – 3 a 5 anos, e onde o número de *drivers* é limitado (Rhydderch, 2009:14).

---

eventual utilização do instrumento militar pelas partes envolvidas no diferendo de Nagorno-karabakh.

Definidos os *drivers* e as hipóteses, a cenarização foi construída a partir de um cenário base - A manutenção do *status quo* – “*no peace, no war*”. De seguida, foram alteradas algumas hipóteses de modo a gerar cenários alternativos (*Foresight Horizon Scanning Centre*, 2009:14). Começamos pelo diferendo entre a Geórgia e a Rússia em relação às regiões da Abecásia e da Ossétia do Sul.

**a) A situação na Geórgia e o seu relacionamento com a Rússia e o Ocidente**

A definição dos *drivers* e o motivo que conduziu à sua escolha foram os seguintes: por um lado, a forma como a nova liderança do Primeiro-Ministro georgiano, com poderes reforçados, e a coligação “Sonho Georgiano” se relacionarão com a Rússia e com as regiões separatistas da Abecásia e da Ossétia do Sul. Sem menos importância, o que representará o processo eleitoral para a presidência da Geórgia em outubro de 2013. Por outro lado, os aspetos do desenvolvimento socioeconómico georgiano, e a forma como a sociedade percepcionará a edificação do Estado nas suas funções principais de segurança, da integridade territorial, do desenvolvimento e da justiça dos cidadãos. Estes vetores, quando cruzados com a presença e os interesses dos diversos atores na região constituem-se como modeladores das dinâmicas de segurança regional.

***Driver n°1 – O momentum do Processo de Paz:*** A escolha deste *driver* recai sobre o fator de instabilidade que, na nossa opinião, constitui a base sólida para uma solução pacífica neste diferendo. Para isto contribuem as lideranças políticas da Rússia e da Geórgia, a forma como se percecionam, e de como pretendem assegurar os seus interesses na região, ou seja, até que ponto estarão disponíveis para ceder nas negociações, e que tipos de reações poderão provocar nas suas sociedades.

***Driver n°2 – As condições socioeconómicas na Geórgia:*** O bem-estar e a prosperidade são duas condições basilares para a segurança humana, e para o alcançarem, é fundamental que o Estado assegure um desenvolvimento sustentado, através do desenvolvimento económico, da aplicação do primado da lei, e da segurança do seu povo. A economia paralela, a corrupção, a descrença nas instituições governamentais são entrave ao desenvolvimento, e por consequência, foco de instabilidade e de insegurança nos Estados.

***Driver n°3 – O ingresso da Geórgia nas Estruturas Euro-atlânticas:*** A Geórgia compreende o seu papel na região, nomeadamente como elo de ligação entre a Europa e o Oriente, e olha para as estruturas Euro-atlânticas como o garante do seu desenvolvimento e da

---

sua segurança, aliás, bem vincado no seu documento estruturante de segurança nacional - o *National Security Concept of Georgia* (NSCG,2011:8). Este fato causa desagrado à Rússia, para quem o Cáucaso do Sul continua a ser fundamental para os seus interesses estratégicos.

**Driver nº4 – O comportamento da OTAN e da UE:**A ação destes dois atores no diferendo é de assaz importância, embora por motivos distintos. Por um lado a OTAN, para quem a Rússia olha com relutância, pois dificilmente aceitará a sua presença no seu *backyard*, e que, por essa razão, poderá ter um papel secundário como fórum de discussão entre os países europeus, a OTAN, e os EUA. Já do lado da UE, e até por força do papel desempenhado na “Guerra dos Cinco Dias” em 2008, procurará através da PEV contribuir para a integração da região, para o seu desenvolvimento e para a estabilização.

**Driver nº5 – O comportamento dos EUA, do Irão, e da Turquia:** À semelhança do *Driver nº4*, e por força dos interesses que têm na região, os quais fomos desenvolvendo ao longo deste trabalho, também o comportamento destes atores perante a resolução do diferendo na Geórgia é fator importante, bem como de que forma são percecionados pelos restantes atores regionais - Rússia, Azerbaijão e Arménia. Do lado dos EUA, a segurança da região é fundamental para a sua segurança energética, tal como o é para o apoio logístico às operações da ISAF no Afeganistão. Aliás, a Geórgia é um grande contribuinte neste capítulo, e tem contado com um apoio considerável dos EUA na preparação das suas tropas para o Afeganistão, bem como para a reformulação do setor de segurança (Branco, 2013). Para a Turquia, os projetos económicos que tem com a Geórgia, nomeadamente os pipelines Baku-Tbilisi - Ceyahn, Baku -Tbilisi - Erzerum e, por exemplo, o projeto de caminho-de-ferro Baku- Tbilisi- Kars são fundamentais. Aliás, a Geórgia é o seu grande parceiro na região. Já do lado do Irão, em concreto, preocupa-se com a entrada do Ocidente junto às suas fronteiras.

**Driver nº6 – O uso do instrumento militar:**O passado recente mostrou-nos que a utilização do instrumento militar é uma realidade neste diferendo, aliás é essa a perceção georgiana, explícita no NSCG – *Threats, Risks and Challenges to the National Security of Georgia* (NSCG, 2011:8). O crispar das relações ao nível político transmite uma ideia às populações de incapacidade de resolução do diferendo de uma forma pacífica, podendo as violações de cessar-fogo nas regiões fronteiriças, algumas delas da responsabilidade de grupos organizados e não necessariamente por parte das forças militares, extravasar e ganhar uma dimensão que desencadeie o uso da força.

Olhemos então em pormenor para a cenarização proposta.

---

**i. A Mais provável : A manutenção do *status quo* – “no peace, no war”**

---

Em relação à situação entre a Geórgia e a Rússia e às regiões da Abecásia e da Ossétia do Sul consideramos que, até à realização das eleições presidenciais na Geórgia, de outubro de 2013, as posições russa e georgiana manter-se-ão sem grandes desenvolvimentos.

Os incidentes junto da fronteira administrativa da Abecásia sucedem-se, tendo o último ocorrido a 28 de maio de 2012, e resultado três mortos - dois polícias e um civil - com acusação da parte russa de que teriam sido alvo da atuação dos serviços secretos georgianos (EUMM, 2012a).

Os fracos desenvolvimentos resultantes das conversações de Genebra, sob a égide dos representantes da OSCE, dos EUA, da UE e da ONU, envolvendo a Rússia, a Geórgia, e as autoridades de Sokhumi (Abecásia) e de Tskhinvali (Ossétia do Sul) têm sido prova disso. Desde o início das conversações, logo após a “Guerra dos Cinco Dias”, o diferendo tem sido uma constante: do lado russo, a exigência quanto ao restabelecimento das relações entre a Geórgia e a Abecásia e a Ossétia do Sul, porventura na esperança que isso seja um caminho para o reconhecimento formal; e a exigência de um embargo internacional à venda de armas à Geórgia, deixando-a no papel de Estado agressor. Do lado georgiano, as exigências são o regresso das tropas russas às posições ocupadas antes da guerra de 2008, o regresso dos deslocados e o restaurar da integridade territorial.

Resta pois aguardar para ver o que poderá trazer de novo para a mesa das negociações o recém Primeiro Ministro, eleito em outubro de 2012, o multimilionário Bidzina Ivanishvili, com uma postura moderada em relação à Rússia, em contraposição com Sakashvili que se antagonizou com Moscovo de uma forma irreversível (Branco, 2013). Para já, Medvedev congratulou-se com a recente eleição, e está disposto a reiniciar as negociações com a Geórgia, mas tendo como premissa o reconhecimento por parte georgiana da independência da Abecásia e da Ossétia do Sul. Aliás, convém recordar as suas últimas declarações em novembro de 2012 (UNPO, 2012a): “...*“I once said that the only one who I would not be sharing a table with is [Georgian President] Mikheil Saakashvili. He started a war and committed a crime. The crime first of all against Georgian people and other peoples... The new prime minister represents another generation of politicians and we will see what his real actions will be,”* e *“This is not an easy way, but Russia has been always saying that we are ready for a dialogue with new Georgian authorities. But of course, only with the account of the existing geopolitical realities and decisions to recognize Abkhazia and South*



---

*Ossetia*,”(Astafiev, 2012). Com isto a Rússia mantém a projeção de poder na região e a estratégia de contrariar a presença do Ocidente na sua área de influência.

Do lado georgiano importa ressaltar as declarações do novo Ministro para a Resolução de Conflitos, Paata Zakareishvili: *“the signing of a [peace] agreement with the Abkhaz side is possible, but only if the two sides are considered parties to the conflict, not two independent states.”* (Tarkhan-Mouravi, 2013).

Em conclusão, enquanto o clima de confrontação persistir, as tropas russas não abandonarem os territórios da Abecásia e da Ossétia do Sul, os deslocados não circulem em segurança, e que ambas as partes se comprometam a não utilizar a força para a resolução do conflito, de certo que existirão poucas probabilidades de se chegar a um acordo.

Por outro lado, a economia mantém-se frágil e muito dependente da ajuda externa, ao mesmo tempo que a corrupção continua a ser uma realidade. Mantém-se a desconfiança nas estruturas do Estado, e na capacidade do governo em transformar a Geórgia num Estado onde a justiça e o primado da lei assegurem a segurança dos seus cidadãos. Os últimos desenvolvimentos relativos à libertação de 3000 presos políticos do partido da oposição a Saakashvili, ao abrigo de uma nova lei de amnistia foram a última faísca, tendo originado uma série de protestos nas ruas de Tbilisi (*BBC News Europe*, 2013). Um novo agravamento na crise financeira internacional pode provocar o aumento do desemprego, e a revolta social, favorecendo a presença do crime organizado e transnacional.

Em relação à admissão nas estruturas Euro-atlânticas, e em concreto à UE, as conversações mantêm-se, nomeadamente quanto ao programa da DCFTA, e à participação da UE através da EUMM nos territórios da Abecásia e da Ossétia. A Geórgia mantém-se junto da UE como peça fundamental na resolução dos conflitos o regresso da missão da OSCE aos territórios. A sua admissão na UE, tal como descrito no *National Security Concept of Geórgia* constitui o garante do seu desenvolvimento político e económico (NSCG, 2011:16).

No caso da OTAN, a Geórgia mantém a intenção de prosseguir as reformas de forma a integrar a Aliança, identificada no *National Security Concept of Geórgia (NSCG)* como o garante da arquitetura de segurança Euro atlântica (NSCG, 2011:15). Será pois de prever que, dentro da *NATO-Georgia Commission*<sup>143</sup>, a Geórgia continue a pressionar a OTAN para interceder junto da Rússia em relação à ocupação da Abecásia e da Ossétia do Sul.

Em relação à OTAN, será de esperar que mantenha a sua postura dialogante, uma vez que a sua presença na região dificilmente será aceite pela Rússia, o que aliás ficou claro

---

<sup>143</sup> *The NATO-Georgia Commission (NGC) was established in September 2008 to serve as a forum for both political consultations and practical cooperation to help Georgia achieve its goal of membership in NATO.*

---

aquando da “Guerra dos Cinco Dias”. Eventualmente, é capaz de recorrer aos EUA e à Turquia, como membros da aliança, para tentar desbloquear o diferendo. A UE, mantém a sua postura *softpower*, com a sua PEV, e a Rússia, contrariamente ao que acontece com a OTAN, aceita a sua presença, aliás visível na missão da EUMM (Conselho da UE, 2012:6). A UE está ciente de que a instabilidade, e consequentemente, a insegurança na região serão obstáculo à prossecução dos seus interesses, nomeadamente os securitários e os económicos.

Para os EUA o Cáucaso do Sul é uma região de interesse estratégico – a redundância de energia, a proximidade do Médio Oriente, e do Irão nuclear – pelo que a estabilização e a segurança da região são fundamentais. Neste cenário, procura uma solução pacífica para o diferendo, sem afrontar a Rússia, com quem procura manter cooperação num jogo de soma positiva, em especial nos objetivos que são de interesse comum, como sejam: a luta contra o terrorismo, o fundamentalismo islâmico, o crime organizado. A nova liderança no governo da Geórgia, face à alegada proximidade que o novo Primeiro-Ministro tem com Moscovo, sobre o qual, segundo alguns críticos, recai a suspeita de que terá enriquecido à custa da corrupção por terras russas durante os primeiros anos da década de noventa do século passado, traz uma outra expectativa (McGuinness, 2012). Aliás, aquando da visita de Hillary Clinton ao Cáucaso do Sul em junho de 2012, ficou vincada a continuidade no apoio norte-americano ao nível militar, bem como a recusa de Bidzina Ivanishvili, na altura candidato do partido da oposição, em marcar presença numa reunião promovida pela Secretário de Estado norte-americana.

Já a Turquia deverá manter a sua postura de apoio à Geórgia, com quem tem relações comerciais importantes – oleoduto BTC, gasoduto BTE e, por exemplo, o projeto de caminho-de-ferro Bacu- Tbilisi- Kars. Aliás, a Geórgia é o seu grande parceiro na região. Para além disso, como membro da OTAN, aproveita esse fórum para pressionar a Rússia a retirar dos territórios da Abecásia e da Ossétia do Sul.

No que diz respeito ao Irão, a sua preocupação de política externa é o regime de sanções internacionais a que está sujeito, e de que forma vai manter a sua economia, mas de qualquer maneira mantém o apoio à Rússia nesta questão.

A instabilidade económica e social que se vive nas zonas fronteiriças da Abecásia e da Ossétia do Sul, fruto do número de deslocados e de refugiados, e dos diferendos étnicos, culturais e religiosos, que persistem dos dois lados da fronteira constituem-se como santuário para as práticas de terrorismo e de crime organizado, fazendo com que outros atores, que não estatais, estejam presentes nestas trocas de tiros fronteiriças. Acrescem as movimentações de

---

tropas de parte a parte, e as acusações frequentes, fomentado a instabilidade. A Rússia mantém a sua presença militar na região e a Geórgia, fruto da ajuda económica, vai reforçando o seu orçamento militar. O passado recente demonstrou que este cenário não deverá ser descartado, uma vez que a Rússia não aguardará de braços cruzados uma nova incursão georgiana nas regiões da Abecásia e da Ossétia do Sul com o objetivo de recuperar a sua integridade territorial.

ii. **A Mais perigosa: O reacender dos conflitos na Abecásia e na Ossétia do Sul**

A recusa da Rússia em retirar as suas tropas para as posições anteriores a agosto de 2008, conforme rubricado no acordo de cessar-fogo, bem como a recusa por parte da Geórgia em reconhecer a independência das regiões e considerar a presença de tropas russas como uma ocupação do seu território, aumenta a tensão entre as partes, materializada num aumento de escaramuças ao longo das regiões fronteiriças. Posteriormente, dá-se a tentativa georgiana de recuperar a integridade territorial por intermédio da força, devolvendo à região o regresso à conflitualidade. Da parte da Rússia, e à semelhança do sucedido em agosto de 2008 será de esperar uma reação militar, de forma a manter a sua esfera de influência, consequentemente, regressa a instabilidade, a insegurança das populações, e o aumento de deslocados e de refugiados.

Do lado do Ocidente, leia-se OTAN, EUA e UE, será de prever uma postura semelhante à de 2008, sem intervenção, mas pressionando diplomaticamente o cessar-fogo, a recuperação da integridade territorial da Geórgia, e a estabilização da região, vital para os interesses de qualquer destes atores. Esta postura provocará um extremar de posições entre a Rússia e o Ocidente. Aliás, como ficou patente na visita da Secretária de Estado de Defesa Americana ao Cáucaso do Sul no passado junho de 2012, Hillary Clinton ressaltou a posição Americana face ao conflito: ” *As we stated at the Chicago NATO summit, the United States and all NATO allies support Georgia’s aspirations for NATO membership, and we reaffirmed the Bucharest decision and all subsequent decisions. We continue to work closely with Georgia both bilaterally and through the NATO-Georgia Commission to support the goals that Georgia has set for itself in its annual national program. And we remain committed to supporting Georgia’s sovereignty and territorial integrity.*”, e na resposta Russa, que não se fez esperar pelo voz do porta-voz do Ministro dos Negócios Estrangeiros - Alexander Lukashevich - “*fueling the revanchist aspirations of Tbilisi,*” *demonstrating that Washington had “failed to learn lessons from the August, 2008 events in the Caucasus.”*(Rozoff, 2012).

---

Em relação à Turquia, um novo conflito na Geórgia é sinónimo de insegurança na ligação energética leste-oeste e de perturbação dos seus interesses, e por ser parte da OTAN, e aspirar a integrar a UE, será de prever o seu alinhamento com esta última numa solução política pacífica do conflito.

Porquanto ao Irão diz respeito, pautará o seu discurso entre o apoio à Geórgia na recuperação da sua integridade territorial, como fez em 2008 (Kornelly, 2011:3), não reconhecendo as regiões separatistas, contudo dificilmente condenando uma intervenção militar por parte da Rússia. Aliás, um novo conflito pode representar um revés no relacionamento económico entre o Irão e a Geórgia, para quem o Irão representa um importante parceiro comercial, nomeadamente em termos energéticos.

Do lado do Azerbaijão, um reacender do conflito entre a Rússia e a Geórgia significa uma ameaça à sua segurança, em especial, a energética. Assim, será de prever que mantenha uma postura pró-georgiana, escusando-se a reconhecer as regiões separatistas, e eventualmente, à semelhança do que fez em 2008, não entrando em confrontação com a Rússia, dado que a sua política externa tem-se pautado por um balanço: o ser pró-Occidente e, em simultâneo manter um bom relacionamento com a Rússia.

Do lado da Arménia, um novo conflito entre a Rússia e a Geórgia pode significar uma interrupção das trocas comerciais que têm vindo a decorrer com a Geórgia, e que lhe tem permitido escoar os seus produtos, em concreto para a Ucrânia e Bulgária. Em todo o caso, sendo a Rússia o garante da sua segurança - nomeadamente através do CSTO, das bases militares instaladas no seu território, e da sua economia - não será de prever grande oposição a uma intervenção russa nas regiões separatistas.

### iii. **A Menos provável: A estabilização da região**

A curto prazo, julgamos que este cenário será de difícil concretização, para não dizer utópico.

Em todo o caso projetemos uma situação de paz duradoura na região.

No que concerne à Geórgia e às regiões separatistas da Abecásia e da Ossétia, a chegada do novo Primeiro-Ministro georgiano ao poder em outubro de 2012 aproxima a Geórgia da Rússia na mesa de conversações sobre o conflito. Há um entendimento de que um novo conflito trará a instabilidade à região, onde nenhuma das partes sairá em vantagem - a Rússia precisa de um Cáucaso do Sul estável e seguro para assegurar os seus interesses – energéticos, diplomáticos, políticos - e a Geórgia percebe que um novo conflito deitará por terra o investimento feito nos últimos anos na edificação das estruturas basilares de um

Estado, embora tenhamos já visto anteriormente, com um longo caminho a percorrer. Quer isto dizer que, as perdas serão superiores aos ganhos. Desta forma, prosseguem as negociações, mostrando internamente, e internacionalmente que existe a possibilidade de uma resolução pacífica para o conflito. Em seguida, a Rússia, ciente de que é um ator fundamental na resolução do conflito, e que esta é uma região onde diversos atores jogam os seus interesses, retira as suas tropas para as posições anteriores a agosto de 2008 e integra uma força de manutenção de paz, e do lado da Geórgia, deixa de falar em ocupação do seu território, mostrando-se as partes disponíveis para conversações.

Assiste-se ao regresso da EUMM às regiões da Abecásia e da Ossétia do Sul, e é estabelecida com a UE a Zona de Comércio Livre, Abrangente e Aprofundada (ZCLAA)<sup>144</sup>.

Cessa o conflito, dá-se a aproximação das gentes georgianas e das regiões separatistas, com liberdade de movimentos e preservação do património cultural.

Concretizadas as reformas políticas, sociais, económicas e de justiça, e reunidas as condições de desenvolvimento e de estabilidade interna, a Geórgia integra as estruturas Euro-atlânticas. A resolução de forma pacífica do conflito serve de catalisador à resolução do conflito de Nagorno-Karabakh.

#### **b) Relacionamento Azerbaijão-Arménia e respetivas interações externas**

A definição dos *drivers* e o motivo que conduziu à sua escolha foram os seguintes: por um lado foram identificados vetores que se constituem como fundamentais na resolução do diferendo de Nagorno-Karabakh, como sejam as eleições arménias e azeris durante o ano de 2013, e a forma como estarão, ou não, dispostas estas lideranças a abandonar retóricas belicistas e a partirem para uma solução do conflito, e por outro, o designado “*fator Arménia*” com o apoio financeiro, político, económico da Diáspora arménia, assim como o fato desta se encontrar ao abrigo do CSTO, e, consequentemente, do apoio militar russo.

Consideramos assim, que estes vetores conjugados com a presença e os interesses dos diversos atores presentes na região são os elementos necessários à edificação da cenarização que iremos apresentar.

**Driver nº1 – O momentum do Processo de Paz:** A escolha deste *driver* recai sobre a forma como as lideranças azeri e arménia irão dirimir os seus interesses nacionais na resolução do conflito. Ocorreram em fevereiro de 2013 eleições presidenciais na Arménia, e

---

<sup>144</sup> As ZCLAA constituem-se como ferramentas da UE, no âmbito da sua PEV, que têm como objetivo aumentar as relações comerciais e, consequentemente os fluxos económicos com a UE, de forma a diminuir a dependência dos Estados do Cáucaso do Sul do financiamento externo (Nilsson, 2011),

---

em outubro de 2013 no Azerbaijão, e será interessante ver qual a evolução do processo negocial, uma vez que a postura de ambas as partes tem sido um discurso de confrontação. A maior ou menor disponibilidade negocial, de ambas as partes desencadeará uma reação das populações, mais ou menos favorável à resolução do problema. A desconfiança trará a desordem e a escalada de violência.

**Driver n°2 – O fator Arménia:**Muito embora a Arménia se encontre isolada na região devido ao conflito de Nagorno-Karabakh, tem conseguido desenvolver a sua economia. Para isso conta com os contributos da sua Diáspora - em particular da norte americana - a qual se tem feito sentir na sua política interna e externa, bem como do mercado Russo. Outro tema que importa relembrar, é que, para a Diáspora arménia, o reconhecimento do genocídio arménio por parte da Turquia é a sua *driving force*, pelo que a questão de Nagorno-Karabakh é o seu instrumento anti-Turquia.

Por outro lado, o fato de ser parte integrante do CSTO assegura-lhe por parte da Rússia a segurança regional, a qual se encontra instalada até 2044 na base militar de Gyumri. Conta ainda com o apoio do Irão, para quem a Arménia é um importante parceiro comercial. Uma qualquer intervenção militar por parte do Azerbaijão apoiada pelo Ocidente deverá ter em conta este fator.

**Driver n°3 – O comportamento da OTAN e da UE:** A OTAN é essencialmente uma aliança de segurança numa perspetiva interestatal, e não vocacionada para a conflitualidade intraestatal. Desta forma, olha para o diferendo de Nagorno-Karabakh numa perspetiva de poder colher dividendos da proximidade do Irão, de contenção da Rússia e do controlo do nuclear. De qualquer forma, e à semelhança do diferendo na Geórgia, poderá ter um papel secundário como fórum de discussão entre os países europeus, a OTAN e os EUA (Simão, 2013).

Já do lado da UE, a energia foi o catalisador do seu interesse na região, pelos recursos disponíveis, mas também pela ligação aos mercados emergentes asiáticos. Para atingir estes objetivos necessita de estabilidade e segurança, e procura fazê-lo através da PEV. Tem como desafio o fato das regiões ocupadas serem governadas por elites, que beneficiam do atual *status quo*, e dos processos de transição democrática e liberalização carecerem de tempo para maturar.

**Driver n°4 – O comportamento dos EUA, da Rússia, do Irão, e da Turquia:** Por força dos interesses que têm na região, os quais fomos desenvolvendo ao longo deste trabalho, também o comportamento destes atores perante a resolução do diferendo é fator importante.

Os EUA através das relações bilaterais que vão mantendo com o Azerbaijão; a Rússia pelo apoio económico e militar – Tratado CSTO – que garante à Arménia, e que contrabalança a presença norte-americana; a Turquia, e o interesse estratégico de se afirmar na região perante a Rússia e o Irão, e com um papel fundamental na resolução do diferendo pela proximidade que tem com o Azerbaijão; e o próprio Irão, dependente da Arménia em termos de trocas comerciais, e isolado do mundo devido às sanções económicas a que está sujeito, e com diferendos com o Azerbaijão, nomeadamente em relação aos poços energéticos do Mar Cáspio, são fatores a ter em linha de conta.

**Driver nº5 – O uso do instrumento militar:** O Azerbaijão, fruto do seu desenvolvimento económico e do apoio militar fornecido pelos EUA, tem desenvolvido as suas capacidades militares. Este serve de contrapeso ao poder militar russo. A Arménia, alicerça a sua segurança no apoio Russo. As constantes trocas de tiros ao longo da linha de contacto mostram-nos que, a possibilidade do uso da força está sempre presente. Ambas as partes reconhecem que o custo-benefício de uma nova guerra é um preço demasiado elevado a pagar. No entanto, a questão é saber se, porventura o Azerbaijão continuar a reforçar o seu arsenal militar e decidir recuperar a sua integridade territorial recorrendo ao uso do instrumento militar quais serão as consequências para a segurança regional.

Olhemos agora para a cenarização.

**i. A Mais provável : A manutenção do *status quo* – “no peace, no war”**

No caso de Nagorno-Karabakh, porventura o “*Tendão de Aquiles*” do Cáucaso do Sul, e por força do sucedâneo de acontecimentos, será de prever que as negociações se mantenham num impasse, com cada um dos lados a opor-se às iniciativas da outra parte, uma vez que a nenhuma delas interessa o conflito - A Arménia rejeita a integração de Nagorno-Karabakh no Azerbaijão, e este não aceita a independência de Nagorno-Karabakh. Em fevereiro de 2012 o presidente azeri, Ilham Aliyev , terá afirmado: “*Our main enemies are Armenians of the world, and the hypocritical and corrupt politicians under their control.*”(Kemp, 2012), e em consequência destas declarações, em maio do mesmo ano, a Arménia não participou no concurso da Eurovisão, o que poderia ter contribuído para aproximar as partes. Mais tarde, no dia 6 de julho de 2012, o Ministro da Defesa arménio, o Tenente-General Movses Hakobyan expressou publicamente a sua opinião para a resolução do conflito: “*Se o Azerbaijão está convencido que conseguirá resolver o conflito através de uma intervenção militar nós responderemos imediatamente e o nosso exército está em stand by e pronto a resistir a ataques inimigos*” (Ghazinyan, 2012).



Muito embora a OSCE, mormente através do Grupo de Minsk, venha a desenvolver esforços para que atiradores azeris sejam retirados da fronteira, o Azerbaijão não o faz, impondo como condição que as tropas arménias retirem de Karabakh. Segundo o *Global Observatory*, mais de trinta pessoas morreram ao longo da linha de contacto (Kemp, 2012). As rivalidades históricas e a desconfiança entre as partes, a insegurança da Arménia ao ver-se rodeada por azeris e turcos, e do Azerbaijão ao ver parte do seu território ocupado, a pressão popular aos seus governantes, muitas vezes usada pelas oposições ao regime, e a exigência arménia de integrar nas negociações “*as gentes*” de Nagorno-Karabakh, são obstáculos a ultrapassar, como é a capacidade de influenciar as populações, fazendo-lhes ver que é fundamental que hajam cedências para a resolução do conflito. Entretanto, os azeris continuam a aumentar o seu arsenal militar, e os arménios continuam a aumentar a sua presença no enclave (Ismailzade, 2013).

O fim do *leasing* russo da base militar de Gabbala em dezembro de 2012, a quem os azeris pediram uma verba astronómica para manter, reforça a importância do apoio russo à Arménia. Por outro lado, a inexistência de recursos e a parca economia faz com que o apoio da Diáspora se mantenha de capital importância, e que influencie a opinião pública, bem como que a Arménia fomente as relações com o Irão. O apoio russo, faz com que o seu papel nas negociações do Grupo de Minsk seja coartado, pela desconfiança que levanta – alguém que, de alguma forma toma uma parte, numa negociação a dois. Outro fator a considerar é um eventual ataque Israelita ao Irão a ser lançado a partir do Azerbaijão. Têm vindo a lume notícias da realização de operações de *surveillance* por parte de *drones* azeris (de fabrico israelita), alegadamente lançados a partir do Azerbaijão, sobre território iraniano.

No que respeita à OTAN, a Cimeira de Chicago de 2012 reforçou a preocupação da Aliança na solução do conflito<sup>145</sup>, reconhecendo que nenhuma das partes ganha com o conflito, que manterá os programas de cooperação com a Arménia e com o Azerbaijão e que insistirá numa solução pacífica dos conflitos. Todavia, sem afrontar a Rússia, a qual dificilmente permitirá a sua presença na região.

---

<sup>145</sup> “*With our vision of a Euro-Atlantic area at peace, the persistence of protracted regional conflicts in South Caucasus and the Republic of Moldova continues to be a matter of great concern for the Alliance....*” *With respect to all these conflicts, we urge all parties to engage constructively and with reinforced political will in peaceful conflict resolution, and to respect the current negotiation formats. We call on them all to avoid steps that undermine regional security and stability. We remain committed in our support of the territorial integrity, independence, and sovereignty of Armenia, Azerbaijan, Georgia, and the Republic of Moldova, and will also continue to support efforts towards a peaceful settlement of these regional conflicts, based upon these principles and the norms of international law, the United Nations Charter, and the Helsinki Final Act.*(NATO,2012d).

---

Quanto à UE, será de prever que mantenha a sua postura de *softpower* na tentativa de encontrar uma solução pacífica, nomeadamente, continuar a apoiar o Grupo de Minsk da OSCE, insistir na urgência do acesso dos seus representantes a Nagorno-Karabakh e áreas limítrofes, e continuar a trabalhar em cenários pós-conflito que permitam condições de desenvolvimento na região (*Ibid*).

Os EUA mantêm a sua continuidade no Grupo de Minsk, não abandonando com certeza uma postura pro-azeri, por força do relacionamento bilateral que vêm desenvolvendo - energético e militar - pelo interesse no controlo do Irão nuclear e da proximidade do Médio Oriente, pressionando a Rússia a ter uma papel de mediador no conflito. Em todo o caso, deverá insistir na resolução pacífica do conflito (Djafarov, 2012).

Quanto à posição Russa, é de prever que se mantenha, por um lado apoiante da Arménia, com quem mantém relações bilaterais, nomeadamente em termos militares, e a coberto do CSTO, por outro lado, como membro do Grupo de Minsk, trabalhar numa solução da resolução do conflito. Aliás, posição reafirmada pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros Russo, Sergey Lavrov, em dezembro de 2012: *“It is possible to suppose that the settlement of the conflicts in 2013 will be one of the priorities for international community. We will focus on Middle East, South Africa, Korean peninsula and Afghanistan issues. Of course we will continue exerting efforts for the settlement of conflicts in the CIS territory, first of all Nagorno-Karabakh and Transdnister conflicts”* <sup>146</sup>Uma resolução do conflito poderá significar o fim da presença militar da Rússia em território arménio, e dessa forma, um revés nos seus interesses regionais (Branco, 2013).

Já em relação ao Irão, que recentemente se voltou a oferecer para ser mediador do conflito (Djafarov, 2012) procurará ser um ator regional aliado da Rússia, prosseguindo com o seu programa nuclear e contrabalançando o Ocidente e a Turquia, mantendo uma relação de equilíbrio com a Arménia e com o Azerbaijão na resolução do conflito, uma vez que a proximidade do conflito constitui uma ameaça à sua segurança. Por um lado, um apoio ao Azerbaijão provocaria dificuldade em escoar o seu comércio através da Arménia – fundamental por força das sanções internacionais a que está sujeito – e por outro, apoiando a Arménia, corre o risco de ter a comunidade azeri que habita no nordeste do Irão em agitação, ameaçando a sua segurança interna.

O relacionamento entre a Turquia e a Arménia está muito ligado ao passado e à acusação de genocídio em 1915, e às compensações devidas, pelo que prevemos que, a curto

---

<sup>146</sup> *Armenian News*

---

prazo, continuará a não aceitar esta acusação, e convém lembrar que em 2015 passaram cem anos sobre o acontecimento. Porquanto, a Turquia deverá manter a fronteira com a Arménia encerrada, alinhando com o Azerbaijão, não ratificando os protocolos de 2009 com vista ao restabelecimento das relações, e portanto, dificilmente poderá ser um mediador de peso para a resolução do conflito.

A desconfiança popular numa solução pacífica, o aumento dos arsenais militares, mais vincado no caso do Azerbaijão, e a confiança que as populações depositam nas Forças Armadas, faz com que se mantenham as violações do cessar-fogo e o endurecer dos discursos políticos de parte a parte, mostrando-nos quão próximos estamos do uso do instrumento militar. No entanto, a relação custo-benefício por parte do Azerbaijão e da Arménia deverá deixar de fora esta opção.

## **ii. A Mais perigosa: O reacender dos conflitos de Nagorno-Karabakh**

Neste cenário, aumenta a retórica entre os governantes de ambas as partes, acresce a pressão da Diáspora arménia, na tentativa de maximizar ganhos no diferendo. Esta postura, transmite um sentimento de revolta nas sociedades azeri e arménia, desencadeando a violência nas ruas e a guerra civil, pressionando os governos a recorrerem ao uso do instrumento militar, para alcançarem os seus objetivos.

Assiste-se ao extremar das escaramuças junto à linha de contacto, e à tentativa do Azerbaijão em recuperar o território utilizando o instrumento militar. Em consequência, ao abrigo do CSTO, a Arménia pode solicitar apoio Russo, bem como ao Irão, catapultando a região para uma situação de escalada de violência, pois o Azerbaijão, provavelmente tentará encontrar abrigo a Ocidente - Turquia incluída - um pouco como aconteceu com a Geórgia em 2008, embora sem efeito, pelo menos ao nível militar.

Do Ocidente pode esperar-se uma reação um pouco semelhante a um novo conflito na Geórgia, uma pressão forte para, através do Grupo de Minsk, se chegar rapidamente a um cessar-fogo. Reside uma questão que tem a ver com a posição turca, iraniana e russa perante um reacender do conflito. O Irão é um parceiro económico forte da Arménia e na região o único vizinho com quem não tem problemas, a qual por sua vez tem questões históricas em aberto com a Turquia, a quem o Irão pretende evitar a hegemonia e a influência na região. Por outro lado, a Rússia não querará um Irão forte na região, pelo que será um forte opositor a um apoio iraniano ao conflito.

No que diz respeito à Geórgia, um reacender do conflito poderá trazer complicações ao nível energético, uma vez que depende do fornecimento azeri, e por outro lado vem

---

mantendo relações comerciais com a Arménia, pelo que deverá ter uma posição de equilíbrio na resolução do conflito.

### **iii. A Menos provável: A estabilização da região**

Seguindo o exemplo da Geórgia, cessam as acusações públicas de parte a parte, transmitindo interna, e externamente, a ideia de que o acordo de paz é possível. O Azerbaijão e a Arménia, conscientes de que um agravar do conflito terá, uma vez mais, consequências nefastas ao seu desenvolvimento, sentem que é possível avançar no processo negocial.

A Rússia percebe finalmente, que o seu papel na resolução do conflito é vital, tal como este é para os seus interesses na região, da mesma forma que os EUA percebem que a Rússia é a peça-chave para a resolução do conflito, e que o jogo de soma positiva só é possível se EUA e Rússia o assumirem. Desta forma, o Grupo de Minsk, contando com uma forte pressão Russa em encontrar uma solução para o conflito na região, e com a pressão Turca junto das autoridades azeris, conseguem que as partes cheguem a acordo em relação à assinatura da totalidade dos pontos constantes nos Princípios de Madrid, e dá-se o cessar-fogo.

A assinatura da totalidade dos pontos constantes nos Princípios de Madrid, permite a ratificação dos protocolos com a Turquia, nomeadamente o reconhecimento do genocídio arménio e a consequente reabertura das fronteiras, deixando a Arménia de estar isolada na região, sendo capaz de desenvolver alternativas económicas para além da Diáspora e da Rússia. É permitido o acesso de representantes da UE à região e zonas limítrofes e estabelecida uma ZCLAA com a UE.

Esta postura da Turquia abre-lhe as portas para a admissão à UE.

A partir desse momento, Azerbaijão e Arménia implementam as reformas políticas, económicas e sociais, e concretizam a sua admissão às estruturas Euro-atlânticas.

Por outro lado, a resolução do conflito, permite aproximar o Azerbaijão do Irão de forma a resolver o diferendo relativo à localização dos poços de gás natural no Mar Cáspio.

---

---

## Conclusões

A região do Cáucaso do Sul, local de grande diversidade étnica, linguística, cultural e religiosa, constitui-se como a região da Ex-URSS de maior instabilidade. Para isso têm contribuído diversos fatores, como: as rivalidades históricas, as disputas fronteiriças, as economias débeis, os diferendos étnicos, os separatismos na Abecásia, na Ossétia do Sul e em Nagorno-Karabakh, as disputas energéticas e a intervenção de diversos atores, regionais e extra regionais, estatais e não estatais.

O fim da URSS em 1991, e o surgimento de quinze NEI na região originou um novo puzzle geopolítico, onde diversos atores se movimentam na persecução dos seus interesses e aspirações. Destes recém-formados NEI no período que se seguiu à desintegração da União Soviética escolhemos analisar os três Estados do Cáucaso do Sul - a Geórgia, o Azerbaijão e a Armênia - as suas perspectivas e políticas, as suas relações e a forma como se relacionam com os grandes atores extra regionais – a OTAN, os EUA e a UE, e regionais – a Rússia, a Turquia e o Irão, tentando compreender o quadro de segurança existente na região, identificar quais os fatores de instabilidade que estão na base da conflitualidade e, conseqüentemente, das dinâmicas deste complexo de segurança regional.

O período que se seguiu ao fim da URSS marcou o início de um longo processo de transição dos três Estados do Cáucaso do Sul para a democratização e para a economia de mercado, processo esse, que por força da morosidade, da dificuldade na implementação das reformas necessárias - ao nível político, económico e social - pelos custos associados, e pela falta de experiência dos governantes, lentamente se aproxima do fim. Sustentados em débeis economias, largamente dependentes do investimento estrangeiro, e com forte descrença nas estruturas governamentais, rapidamente o cenário cor-de-rosa de democratização, de aproximação aos valores Ocidentais e duma eventual entrada nas estruturas Euro-atlânticas - em particular da Geórgia e do Azerbaijão - deu lugar a um cenário negro, de desigualdades sociais, de corrupção, de proliferação de crime organizado e do terrorismo, de separatismo e, conseqüentemente, de continuidade da conflitualidade na região. Com ela, uma enormidade de deslocados e de refugiados, privados da sua identidade, vagueiam por terra de ninguém, adensam as quezílias já existentes, assistindo-se ao agravamento do processo de edificação dos Estados.

Neste quadro de conflitualidade, de fragilidade governativa e extremamente volátil - como ficou patente em agosto de 2008 - proliferam ameaças de diversa natureza, colocando em risco a segurança nas suas variadas dimensões - militar, política, económica, societal,

---

humana, ambiental e energética, fazendo com que, a Geórgia, o Azerbaijão e a Arménia procurassem os diferentes alinhamentos, de forma a mitigar essas ameaças e a fazer vingar os seus interesses. A Geórgia rapidamente alinhou com o Ocidente e mantém relações tensas com a Rússia; o Azerbaijão, fruto da sua posição geoestratégica e dos seus recursos energéticos do Mar Cáspio, optou por não manter a dependência da Rússia, mas também não alinhar claramente com o Ocidente, preferindo uma postura de equilíbrio entre os dois; e a Arménia, geograficamente isolada devido ao conflito de Nagorno-Karabakh, e sem relações diplomáticas com a Turquia, manteve-se fortemente dependente da Rússia, quer em termos económicos, quer securitários. Ou seja, observamos três posturas diferentes, que oscilam entre o afastamento total e a forte dependência russa.

Neste contexto de instabilidade e de tensão, a presença na região de atores extra regionais, como a OTAN, a UE e os EUA, não é, na nossa opinião, inocente, e constitui mais um fator de instabilidade a juntar a tantos outros. No caso da OTAN, aliança vocacionada para a defesa de conflitos interestados, a sua presença no Cáucaso do Sul - mais vinculada no caso da Geórgia e do Azerbaijão - permite-lhe manter a cadeia logística das operações da ISAF no Afeganistão, a proximidade ao Irão nuclear e ao Médio Oriente, bem como conter a Rússia, não sendo de acreditar que a sua posição face à conflitualidade nos conflitos latentes, e de forma a não confrontar a Rússia, possa ir mais além do que contribuir para uma solução pacífica. No caso da UE, crê-mos que o principal interesse jaz na segurança energética, embora possa vir camuflado pelo desenvolvimento da região, o acesso a novos mercados, ou mesmo perante o receio do extravasar da violência dos *frozen conflicts* junto às fronteiras da UE. A PEV deverá ser o seu *modus operandi* rumo ao desenvolvimento da região, tirando partido dos resultados positivos obtidos aquando da sua mediação do conflito em 2008, e utilizando as suas relações com a Rússia, procurar uma resolução pacífica para a Abecásia e para a Ossétia do Sul. Da mesma forma, em articulação com o Grupo de Minsk procurar uma solução pacífica para o conflito de Nagorno-Karabakh - o Tendão de Aquiles da região - porventura acenando à Turquia com a futura integração, se esta aceder em reatar as relações diplomáticas com a Arménia. Já os EUA olham para o Cáucaso do Sul como uma alternativa energética, para conter a Rússia, controlar o Irão nuclear e manter a proximidade ao Médio Oriente. Regionalmente, a Rússia procura manter a sua influência na região, aliás bem demonstrada aquando da “Guerra dos Cinco Dias” em agosto de 2008, e dificilmente permitirá a entrada da OTAN no seu *backyard*. Neste momento, interessará ver que tipo de relacionamento se estabelecerá com a Geórgia e com o seu novo Primeiro-Ministro Bidzina

---

Ivanishvili, e que resultados advirão das eleições presidenciais georgianas do passado mês de outubro de 2013. A Turquia tem um papel importantíssimo no conflito de Nagorno-Karabakh, uma vez que mantém fortes ligações com o governo de Baku, e desse modo pode pressionar o Azerbaijão para a resolução do conflito. De qualquer forma, a reabertura das fronteiras com a Arménia, um dos Princípios Básicos de Madrid é, de igual forma, peça-chave para a resolução do conflito, uma vez que demonstraria imparcialidade por parte do governo de Ancara perante o diferendo. Aliás, a estabilização da região é a garantia da segurança dos projetos turcos na região – oleodutos Baku-Tbilisi-Ceyhan, Baku- Tbilisi- Erzerum e, por exemplo, o projeto de caminho-de-ferro Baku- Tbilisi- Kars.

Para além destes atores, as ONG, um pouco à semelhança das grandes multinacionais, em particular das energéticas, muitas delas apoiadas pelo Ocidente, e pela Rússia procuraram ocupar o seu espaço na região, de que são exemplo as ações de manutenção de paz, mas de igual forma, como instrumentos de política externa por parte do Ocidente tentam jogar um papel ativo na implementação da democracia, ou no caso das ONG apoiadas pelos russos, tentando contrariar a política do Ocidente e, através da sociedade civil, assegurar os seus interesses na região.

Este emaranhado de atores presentes na região, estatais e não estatais, regionais e extra regionais, e os diferentes alinhamentos que se foram desenvolvendo ao longo dos anos, num jogo de poder e contra poder, podem facilmente transformar conflitos intraestatais em interestatais. Ou seja, a estabilização e a consequente segurança e desenvolvimento do Cáucaso do Sul, dependerá da capacidade que os principais intervenientes nos *frozen conflicts* tenham em abandonar a ancoragem para a resolução dos mesmos no legado histórico, relegando-o para segundo plano, maximizando o desenvolvimento económico, político e social, deixando uma mensagem clara às suas populações de que é possível uma solução pacífica para a conflitualidade, e que essa estabilização, trará o desenvolvimento regional, num jogo de soma positiva.

E o que dizer dos Estados do Cáucaso do Sul? Que papéis estarão dispostos a jogar neste xadrez complexo? Facilitadores, procurando uma solução política pacífica ou, por outro lado, catalisadores de conflito?

As negociações entre as partes envolvidas nos conflitos existentes no Cáucaso do Sul, as quais têm significando muito pouco progresso para as suas gentes, e sobretudo, trazido muita insegurança e provocado milhares de deslocados e de refugiados, poucos ou nenhuns resultados produziram. Na verdade, tem sido difícil juntar à mesa das negociações as partes



---

envolvidas nos conflitos, exigindo ao mesmo tempo que as questões étnicas, as rivalidades e as disputas históricas sejam deixadas para trás. Nesta *pool* de negociações, não devemos esquecer três entidades *de fato* que se mantêm, em parte, ou no seu todo, longe do reconhecimento da comunidade internacional, nem tão pouco os refugiados, ou se quer, os deslocados. Estas atitudes, a retórica belicista recorrentemente utilizada pelos governantes, e o insucesso das negociações têm provocado um aumento de crispação, bem patente nas constantes violações de cessar-fogo ao longo das fronteiras, mostrando quão volátil a situação é, e como facilmente podem minar o complexo de segurança regional.

Todavia, os interesses dos atores regionais ou extrarregionais que orbitam em torno do Cáucaso do Sul, e que em alguns casos, como é o caso da Rússia no caso concreto das regiões da Abecásia e da Ossétia do Sul incluem o apoio militar, económico e político, e que culminaram com seu reconhecimento como regiões independentes *de jure*; a transformação de movimentos separatistas em conflitos interestatais; o caso do desenvolvimento de relações comerciais entre o Irão e a Arménia; ou o encerramento das fronteiras da Turquia com a Arménia, e o apoio político turco ao Azerbaijão em relação a Nagorno-Karabakh, desempenham, de igual forma, um papel desestabilizador na resolução dos conflitos. Em todo o caso, importa referir que não foi pela insegurança existente na região que, por exemplo, o Azerbaijão deixou de rubricar “o contrato energético do século”, permitindo ir ao encontro dos interesses dos EUA e da UE na região.

Ainda que os três Estados do Cáucaso do Sul estejam envolvidos numa rede complexa de relacionamentos, muito assente no legado histórico da região e na perceção de ameaça que têm uns dos outros, existem alguns projetos comuns, prova de que a cooperação, ainda que em ambiente de competição, constitui um cenário possível.

Por outro lado, a “Guerra dos Cinco Dias” em agosto de 2008 que veio alertar a comunidade internacional para a ameaça presente na região, demonstrou que o uso do instrumento militar não está fora das cogitações das elites governamentais, revelou o grau de insegurança que caracteriza o *status quo* regional, bem como a fragilidade dos cessar-fogos em vigor. Sobretudo, veio demonstrar que só uma postura de cedência governativa será capaz de devolver a paz, a estabilidade e o desenvolvimento à região, num jogo de soma positiva para todos os intervenientes, estatais, não estatais, regionais e extra regionais.

Chegando ao fim do nosso périplo, somos da opinião que a região do Cáucaso do Sul manter-se-á como fundamental no contexto regional de segurança, quer pelo interesse das políticas energéticas internacionais e de competição que fomentam, quer pela sua localização

---

geográfica na interceção de esferas de influência russa, quer por força dos últimos desenvolvimentos no Irão e de uma potencial intervenção do Ocidente.

De igual forma, julgamos ser importante referir que a estabilização da região carece, não só de uma vontade das lideranças e das elites georgianas, azeris e arménias para a resolução dos seus conflitos internos, como também de um empenho da comunidade internacional, numa perspetiva holística, capaz de criar estruturas do Estado e de boa governação que permitam o seu desenvolvimento. Neste capítulo, a Rússia e EUA deverão marcar presença, e a UE, através da sua postura *soft power* e no âmbito da política de vizinhança comum, poderá constituir-se como uma mais-valia na mediação dos conflitos e das ações de cooperação ao nível político, cultural e económico.

Torna-se pois vital para a segurança da região, em todas as suas dimensões, que a questão do Cáucaso do Sul se sobreponha às questões nacionais, e que desta forma, conflitos como o de Nagorno-Karabakh, da Abecásia e da Ossétia do Sul se resolvam, dando lugar à integração regional em detrimento da insegurança. Para isso, os diferentes atores presentes na região deverão decidir que papéis quererão ter neste processo de estabilização e desenvolvimento da região: facilitadores ou *spoilers*. Com a integração virá o desenvolvimento dos Estados do Cáucaso do Sul e, por consequência, a estabilização da região.

Face ao exposto, quando procuramos uma resposta à questão de partida “*Em que medida as dinâmicas de segurança na região do Cáucaso do Sul poderão ser explicadas à luz do conceito de complexo de segurança?*” somos levados a concluir que, de fato, o intrincado de relacionamentos presentes na região, explicados quer pelo legado histórico, pela diversidade étnica, religiosa, cultural, e linguística, quer pela interdependência securitária existente entre os diversos atores presentes na região, estatais e não estatais, regionais e extra regionais, molda as dinâmicas de segurança regional, obrigando a que estas sejam analisadas de uma forma integrada, segundo as diversas dimensões da segurança, em detrimento de o fazermos de uma forma isolada, realista, e centrada nos Estados.

Então, o que poderemos esperar no futuro para a região do Cáucaso?

Do lado do Ocidente, e da OTAN em particular, são de esperar a manutenção das ações de cooperação com a Rússia, na perspetiva da partilha de interesses securitários comuns, em áreas como o combate ao terrorismo, a proliferação das armas de destruição em massa, o apoio às operações no Afeganistão, numa visão da Rússia mais como parceiro do que propriamente como uma ameaça, e como peça-chave na resolução dos conflitos latentes

---

na região, numa perspetiva de soma positiva. Na sequência da Cimeira de Chicago de maio de 2012, a OTAN reiterou a intenção de manter aberta a porta para novas admissões, bem como fortalecer as relações de cooperação com a Geórgia, com vista à implementação das reformas necessárias para a sua integração na Aliança, e o seu apoio à resolução dos conflitos latentes, perturbadores da segurança e da estabilidade da região.

Do lado da UE, espera-se que, dentro da sua política de *softpower* marque a sua posição como ator securitário na região, ciente de que os conflitos existentes impedem a implementação de qualquer estratégia de transformação da região do Cáucaso do Sul numa região estável, pacífica e próspera, que a possibilidade de extravasarem para conflitos intraestatais traria implicações ao nível das relações com a Rússia, com o Irão e com a Turquia e que constituiria uma ameaça à segurança europeia. Pretende pois, assegurar a paz, a estabilidade e a segurança no Cáucaso, sem a qual a boa governação, a democratização e o desenvolvimento económico e social serão difíceis de atingir, e fá-lo-á, nomeadamente, no âmbito da Política Europeia de Vizinhança.

Do lado dos EUA, tendo como pilares da política externa a energia, a democracia e a estabilidade política, procurarão manter as relações com os seus aliados e parceiros comerciais na região - Geórgia, Azerbaijão e Turquia - com o objetivo de diversificar as fontes energéticas, e de contrariar o monopólio russo de fornecimento energético para o Ocidente. Em termos de democracia e de estabilidade política, os objetivos passarão por continuar a conter o radicalismo islâmico por parte do Irão e a proliferação do nuclear, contando com o contributo da UE para a resolução pacífica dos conflitos latentes, e acelerar o processo de integração política, económica nas estruturas Euro-atlânticas de forma a controlar o *Rimland* e a isolar a Rússia, embora mantendo com esta, em áreas de interesse mútuo, a cooperação num jogo de soma positiva. Assim, será necessário um elevado grau de cooperação política nas estratégias da região, de forma a acelerar os processos de estabilização, e consequentemente as reformas económica e militar, aproximando-se assim dos *standards* da OTAN e da UE.

Em relação à Rússia, o Cáucaso do Sul continua a ser o seu *near abroad*, e pretende manter a região sob sua influência. O seu relacionamento com os EUA dever-se-á pautar por um jogo de soma positiva em relação às questões que consideram ser de interesse comum: o combate ao terrorismo, a não proliferação do nuclear, ou o controlo de armamento. No entanto, continuarão a existir desafios ao seu relacionamento: procurará manter-se como fornecedor dominante de recursos energéticos para os mercados do Ocidente - fator chave na

---

sua economia - bem como para os mercados asiáticos, conter a penetração do Ocidente no seu espaço estratégico, nomeadamente evitando a instalação de mísseis na Polónia e na República Checa, bem como através do reforço das alianças com o Irão e com a Arménia. O seu papel nos conflitos separatistas da Abecásia, da Ossétia do Sul e de Nagorno-Karabakh deverá ser de alguma forma distinto. No caso da Abecásia e da Ossétia do Sul, considera-se que a Rússia querará manter o *status quo* como forma de evitar a integração da Geórgia nas estruturas Euro-Atlânticas. As eleições presidenciais de outubro de 2013 na Geórgia poderão ditar, ou não, novos avanços na resolução deste diferendo. Em relação a Nagorno-Karabakh, será de prever que a Rússia continue a ser parte integrante do processo de mediação do conflito no âmbito do Grupo de Minsk, mas por outro lado, ser o garante da segurança, mantendo uma pegada militar no território Arménio, ao mesmo tempo que tenta contrabalançar o apoio do Ocidente ao Azerbaijão.

Por força do papel que assumiu no pós-URSS como Estado *pivot* energético no comércio e no transporte dos recursos energéticos provenientes do Mar Cáspio através da Geórgia e com destino aos mercados europeus - o oleoduto BTC e do projeto de gasoduto Nabucco - a Turquia pretende opor-se aos interesses russos de principal fornecedor de energia para a Europa, reforçando o seu papel como ator regional, mantendo com a Rússia o equilíbrio de poderes na região. Em relação aos Estados do Cáucaso do Sul, a Turquia procurará manter e fomentar as relações comerciais com a Geórgia, e em relação ao Azerbaijão, cooperação, ao nível económico e militar. No que diz respeito à Arménia, a questão prende-se com o reatar das relações diplomáticas sem quaisquer pré condições de ambas as partes. Para isso, será fundamental, quer a vontade de ambas as partes, quer a intervenção do Grupo de Minsk na procura de uma solução que sirva os interesses de toda uma região, e não somente de um ou de outro Estado.

O Irão encontra-se isolado politicamente, muito por força das sanções internacionais a que tem sido sujeito, resultado da sua alegada insistência de utilização do programa nuclear para outros fins que não os de consumo. Desta forma, olha para o Cáucaso do Sul, em especial para a Arménia, como uma oportunidade para fazer escoar o seu comércio, onde se incluem os recursos energéticos provenientes do Mar Cáspio. Todavia, o conflito de Nagorno-Karabakh constitui uma ameaça a esses fluxos. De qualquer forma, não toma partido no conflito, uma vez que não pretende opor-se ao Azerbaijão e correr o risco de criar uma situação de separatismo em relação aos muitos azeris residentes no norte do seu território. Por outro lado, com o fim da presença ocidental no Iraque, ambiciona ser um ator regional,

---

contrabalançando com a Rússia e com a Turquia e opondo-se à penetração do Ocidente na região.

Uma última palavra para os três Estados do Cáucaso do Sul.

A aparente manutenção de um balanço de poderes na região do Cáucaso do Sul, fruto dos alinhamentos presentes, por força das relações bilaterais que são estabelecidas entre atores externos e os Estados do Cáucaso do Sul, representa uma fragilidade na segurança da região. Torna-se pois necessário encontrar soluções securitárias, capazes de acomodar as diferenças étnicas, culturais, históricas entre os diferentes atores, agregando os seus interesses e explorando as suas oportunidades, aumentando a sua interdependência, num processo holístico que permita um desenvolvimento sustentado dos três Estados do Cáucaso do Sul.

Face ao descrito, e à dimensão que a problemática da segurança do Cáucaso do Sul encerra, julgamos ser importante lançar como desafio, futuras linhas de investigação: que implicação poderá ter a instabilidade do Cáucaso do Sul na segurança da região Euro-atlântica; ou a estabilização do Cáucaso do Sul e a alteração da balança de poderes.

---

---

### Referências bibliográficas

ABKHAZ WORLD (2012). “*Union Treaty Between the SSR of Georgia and the SSR of Abkhazia - 16 December 1921.*” *Reports and Key Texts. Abkhaz World*. Disponível em: <http://abkhazworld.com/articles/reports/189-union-treaty-between-december-1921.html>.

[Consultado em 20 de março de 2012].

ABRAHAMYAN, [Gayane](#) ,(2012).”*Armenia: Yerevan Wants to Open Up to Iran*”.Artigo em Eurasianet.org..Disponível em: <http://www.eurasianet.org/node/64910>.

[Consultado em 8 de junho de 2012].

AINLEY, Kirsten, BROWN, Chris (2012). Compreender as relações internacionais. 1ªEdição março de 2012.Gradiva

ALIEVA, Leila (2009).”*Conflict in Post-Soviet Europe. The South Caucasus:Are there scenarios for resolution?*”*The 2009 Berlin Roundtable Diplomacy, 5-8 October 2009.Federal Foreign Office and University of Erfurt. Federal Foreign Office Publication.* Disponível em: [http://www.c-r.org/sites/c-r.org/files/Conflict%20in%20Post-Soviet%20Europe\\_200910\\_ENG.pdf](http://www.c-r.org/sites/c-r.org/files/Conflict%20in%20Post-Soviet%20Europe_200910_ENG.pdf). [Consultado em 30 de dezembro de 2012].

ARMENIAN STATISTICAL SERVICE OF REPUBLIC OF ARMENIA (2012).”*Publication The Demographic Handbook of Armenia, 2012*”.Disponível em: <http://www.armstat.am/en/?nid=81&id=1401>. [Consultado em 23 de março de 2013].

ARMENIAN TOURISM DEVELOPMENT AGENCY (2013). “*About Armenia. Natural Features.*” *Background da Arménia. The Armenian Tourism Development Agency.* Disponível em: <http://www.armeniainfo.am/about/?section=natural>. [Consultado em 4 de março de 2013].

ARVANITOPOULOS, Constantine (1998). “*The Geopolitics of Oil in Central Asia*”.*Thesis A Journal of Foreign Policy Issues- A quarterly publication of the Hellenic Ministry of Foreign Affairs. Winter 1998.Issue No4.* Disponível em: <http://www.hri.org/MFA/thesis/winter98/geopolitics.html>. [Consultado em 30 de setembro de 2010]

ASTAFIEV, Alexander (2012).”*Russia Ready for Dialogue with Georgia - PM Medvedev*”.Notícia RIANOVOSTI em 29 de novembro de 2012. Disponível em: <http://en.rian.ru/russia/20121129/177808418.html>. [Consultado em 10 de janeiro de 2013].

---

AYDIN, Mustafa (1999). “*New geopolitics of Central Asia and the Caucasus. Causes of instability and predicament.*” SAM Paper. Disponível em: [http://www.academia.edu/715903/New\\_Geopolitics\\_of\\_Central\\_Asia\\_and\\_the\\_Caucasus\\_Causes\\_of\\_Instability\\_and\\_Predicament](http://www.academia.edu/715903/New_Geopolitics_of_Central_Asia_and_the_Caucasus_Causes_of_Instability_and_Predicament). [Consultado em 2 de março de 2013].

AYDIN, Mustafa (2005). “*Regional Cooperation in the Black Sea and the Role of Institutions*”. *Perceptions*. Autumn 2005. Disponível em: <http://sam.gov.tr/wp-content/uploads/2012/02/MustafaAydin.pdf>. Consultado em [24 de outubro de 2013].

AZERBAIJAN (2010). *Heydar Aliyev Foundation. Azerbaijan General Information*. Disponível em: [http://azerbaijan.az/portal/General/Square/square\\_e.html](http://azerbaijan.az/portal/General/Square/square_e.html). [Consultado em 12 de maio de 2012].

BACHMANN, Carine, STAERKLÉ, Christian (2001). “*Reinventing citizenship in the Caucasus*”. *CIMERA Reserach Report*. Disponível em: [http://www.cimera.org/en/research/ind\\_citizenship.htm](http://www.cimera.org/en/research/ind_citizenship.htm). [Consultado em 30 de março de 2013].

BADALYAN, Lusine (2011). “*Interlinked energy supply and security Challenges in the south Caucasus.*” *Caucasus Analytical Digest No. 33, 12 December 2011*. Disponível em: <http://www.laender-analysen.de/cad/pdf/CaucasusAnalyticalDigest33.pdf>. [Consultado em 17 de janeiro de 2013].

BAGIS, Egemen, MICHEL, Louis (2011). “*Turkey and EU membership: a win-win situation*”. *EUObserver.Com. Opinion*. Disponível em: <http://euobserver.com/7/114603>. [Consultado em 14 de abril de 2012].

BARATA, Pedro (2006). São as Organizações Mundiais e Regionais de Defesa, tais como a ONU/OTAN/UE eficazes para uma Segurança Global? Lisboa 2007. Breve Estudo apresentado no âmbito do CPOS 2006/2007. Instituto de Estudos Superiores Militares.

BARATA, Pedro (2010). Trabalho no âmbito da disciplina de Estudos Estratégicos do Curso de Estado-Maior Conjunto 2009/2010. Instituto de Estudos Superiores Militares.

BARRADAS, João (2010). O espectro terrorista paira sobre a Rússia. Artigo de Opinião no Negócios Online. Disponível em: [http://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/detalhe/o\\_espectro\\_terrorista\\_paira\\_sobre\\_a\\_ruacutessia.html](http://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/detalhe/o_espectro_terrorista_paira_sobre_a_ruacutessia.html). [Consultado em 18 de maio de 2010].



---

BARROSO, José (2007). “*Our energy future in an interdependent world*” - *Speech by EU Commission President Barroso*. Disponível em: [http://www.eu-un.europa.eu/articles/fr/article\\_7498\\_fr.htm](http://www.eu-un.europa.eu/articles/fr/article_7498_fr.htm). [Consultado em 21 de outubro de 2013].

BASER, Bahar, SWAIN, Ashok (2009). “*Diaspora Design versus Homeland Realities: Case Study of Armenian Diaspora*”. *Caucasian Review of International Affairs* Vol 3(1) – Winter 2009. CRIA 2009. Disponível em: [http://cria-online.org/Journal/6/Done\\_Diaspora%20Design%20versus%20Homeland%20Realities\\_Bahar%20Baser.pdf](http://cria-online.org/Journal/6/Done_Diaspora%20Design%20versus%20Homeland%20Realities_Bahar%20Baser.pdf). [Consultado em 2 de março de 2013].

BBC News Europe (2013). “*Georgia parliament approves prisoner amnesty*”. Notícia. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/world-europe-21002185>. [Consultado em 12 de janeiro de 2013].

B EGLARYAN, Artak (2013). “*The attractiveness of the South Caucasus for the external powers*”. Academia.Edu. Research paper. Disponível em: [http://www.academia.edu/444646/The\\_attractiveness\\_of\\_the\\_South\\_Caucasus\\_for\\_the\\_external\\_powers\\_abstract\\_](http://www.academia.edu/444646/The_attractiveness_of_the_South_Caucasus_for_the_external_powers_abstract_). [Consultado em 30 de março de 2013].

BISHKU, Michael (2011). “*The South Caucasus republics and russia’s growing influence: balancing on a tightrope*”. GLORIA Center. *Global Research in International Affairs. The Middle East Review of International Affairs Journal Volume15. Number 01 (Mar2011)*. Disponível em: <http://www.gloria-center.org/2011/08/the-south-caucasus-republics-and-russia%E2%80%99s-growing-influence-balancing-on-a-tightrope/>. [Consultado em 19 de julho de 2012].

BRANCO, Carlos (2013). Entrevista concedida a Pedro Barata, conduzida por email: questões remetidas em 07/01/2013 e respostas enviadas em 23/02/2013.

BRITISH PETROLEUM CASPIAN (2013). “*AIOC Co-ventures*”. Portal BP Caspian. About Caspian. Disponível em: <http://www.bp.com/managedlistingsection.do?categoryId=9007997&contentId=7014999>. [Consultado em 19 de março de 2013].

BRITISH PETROLEUM CASPIAN (2013a). “*Shaz-Deniz Stage I*”. BP Caspian. About Caspian-Projects and Operations-Shah Deniz. Disponível em: <http://www.bp.com/sectiongenericarticle.do?categoryId=9048303&contentId=7015092>. [Consultado em 19 de março de 2013].

---

BRITISH PETROLEUM CASPIAN (2013b). “*South Caucasus Pipeline*”. BP Caspian. *About Caspian-Projects and Operations- South Caucasus Pipeline*. Disponível em: <http://www.bp.com/sectiongenericarticle.do?categoryId=9006670&contentId=7015095>.

[Consultado em 19 de março de 2013].

BURGESS, J. Peter (2008). “*Non-Military Security Challenges. Contemporary Security and Strategy*.” Edited by Craig Snyder. p 60-78

BURNS, Nathan (2009). “*An Uncertain Place in Uncertain Times: The South Caucasus*”. *Master of Arts Thesis. University of Central Florida*. Disponível em: [http://etd.fcla.edu/CF/CFE0002750/Burns\\_Nathan\\_L\\_200908\\_MA.pdf](http://etd.fcla.edu/CF/CFE0002750/Burns_Nathan_L_200908_MA.pdf). [Consultado em 27 de abril de 2012].

BUZAN, Barry (1991). “*New Patterns of Global Security in the Twenty-First Century*” *International Affairs (Royal Institute of International Affairs 1944-), Vol. 67, No. 3(Jul., 1991), pp. 431-451. Blakwell Publishing*. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/21842315/132824106/name/%EE%80%80BUZAN%EE%80%81-1991.pdf>. [Consultado em 22 de fevereiro de 2013].

CAVELTY, Myriam, MAUER, Victor, *et al* (2010). “*The Routledge Handbook of Security Studies*.” [eBook]. Routledge. Taylor and Francis Group. London and New York. Disponível em: [www.routledge.com/books](http://www.routledge.com/books). [Consultado em 22 de dezembro de 2012].

CAUCASION ENVIRONMENTAL OUTLOOK 2002. *United Nations Environment Programme. UNEP Regional Report*. Disponível em: [http://www.grid.unep.ch/products/3\\_Reports/Caucasus\\_Environment\\_Outlook\\_2002.pdf](http://www.grid.unep.ch/products/3_Reports/Caucasus_Environment_Outlook_2002.pdf). [Consultado em 15 de outubro de 2010].

CAUCASUS RESEARCH RESOURCE CENTERS (2013). “*Visa Liberalization Prospects in Georgia – the Way Open for Temporary Emigrants?*”. *Caucasus Research Resource Centers. Social Science in the Caucasus*. Disponível em: <http://crrc-caucasus.blogspot.pt/2012/10/corruption-in-south-caucasus.html>. [Consultado em 30 de dezembro de 2012].

CENTER FOR STRATEGIC RESEARCH (2007). “*The Armenian Genocide: Facts and Figures*”. *Republic of Turkey Ministry of Foreign Affairs Report*. Disponível em: <http://www.mfa.gov.tr/data/DISPOLITIKA/ErmeniIddialari/ArmenianGenocideFactsandFiguresRevised.pdf>. [Consultado em 2 de março de 2013].

---

*CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (2011). "The CIA and the Marshall Plan". Central Intelligence Agency. News and Information. Disponível em: <https://www.cia.gov/news-information/featured-story-archive/2011-featured-story-archive/the-cia-and-the-marshall-plan.html>. [Consultado em 2 de março de 2013].*

*CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (2012). "CIA World Factbook- Georgia". Central Intelligence Agency. The World Factbook. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gg.html>. [Consultado em 25 de abril de 2012].*

*CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (2012a). "CIA World Factbook- Azerbaijan". Central Intelligence Agency. The World Factbook. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/aj.html>. [Consultado em 12 de maio de 2012].*

*CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (2012b). "CIA World Factbook – Armenia". Central Intelligence Agency. The World Factbook. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/am.html> [Consultado em 22 de março de 2013].*

*CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (2012c). "CIA World Factbook- Turkey". Central Intelligence Agency. The World Factbook. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/tu.html>. [Consultado em 12 de abril de 2013].*

*CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (2013). "CIA World Factbook- Iran". Central Intelligence Agency. The World Factbook. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ir.html>. [Consultado em 12 de abril de 2013].*

*CHARLES, Robia (2009). "Religiosity and Trust in Religious Institutions: Tales from the South Caucasus (Armenia, Azerbaijan and Georgia)". eScholarship Paper. University of California. Berkeley Program in Soviet and Post-Soviet Studies. Disponível em: <http://www.escholarship.org/uc/item/1b88b59g>. [Consultado em 30 de dezembro de 2012].*

*CHARLES, Robia (2010). "Religiosity and Trust in Religious Institutions: Tales from the South Caucasus (Armenia, Azerbaijan and Georgia)". Religion in the South Caucasus. Caucasus Analytical Digest nr20. Disponível em: <http://www.isn.ethz.ch/isn/Digital->*

---

Library/Publications/Detail/?ots591=0c54e3b3-1e9c-be1e-2c24-

a6a8c7060233&lng=en&id=122437. [Consultado em 30 de dezembro de 2012].

GLOBAL SECURITY (2012). “*Collective security treaty organization*”. Disponível em: <http://www.globalsecurity.org/military/world/int/csto.htm>. [Consultado em 27 de abril de 2012].

COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES (2003). “*Wider europe – neighbourhood: a new framework for relations with our eastern and southern neighbours*”. Communication from the commission to the council and the european parliament.

Disponível em: [http://ec.europa.eu/world/enp/pdf/com03\\_104\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/world/enp/pdf/com03_104_en.pdf). [Consultado em 10 de setembro de 2010].

CONSELHO DA UE (2012). Conclusões do Conselho sobre o Sul do Cáucaso. Disponível em: <http://register.consilium.europa.eu/pdf/pt/12/st06/st06932.pt12.pdf>. [Consultado em 4 de janeiro de 2013].

COPPIETERS, Bruno (2003). “*The South Caucasus: a Challenge for the EU*”. Chaillot Papers nº65. December 2003. Institute for Security Studies. Disponível em: <http://www.iss.europa.eu/uploads/media/cp065e.pdf>. [Consultado em 22 de outubro de 2013].

CORDESMAN, Anthony, CHAIR, Arleigh (2011). “*The United States and Iran: Competition Involving Turkey and The South Caucasus*.” Report from the Center of Strategic and International Studies. Disponível em: <http://csis.org/publication/united-states-and-iran-competition-involving-turkey-and-south-caucasus> [Consultado em 7 de fevereiro de 2012].

CORNELL, Svante (1999). “*The Nagorno-Karabakh conflict*.” Central Asia-Caucasus Institute. Silk road Studies Program. Report no. 46, Department of East European Studies, Uppsala University, 1999. Disponível em: [http://www.silkroadstudies.org/new/inside/publications/1999\\_NK\\_Book.pdf](http://www.silkroadstudies.org/new/inside/publications/1999_NK_Book.pdf).

[Consultado em 15 de abril de 2013].

CORNELL, Svante (2002). “*The South Caucasus: Regional Overview and Conflict Assessment*”. Report prepared by Cornell Caspian Consulting under a contract for the Swedish International Development Cooperation Agency. August 2002. Disponível em: [http://www.silkroadstudies.org/new/inside/staff/staff\\_web/svante\\_cornell\\_full.html](http://www.silkroadstudies.org/new/inside/staff/staff_web/svante_cornell_full.html).

[Consultado em 17 de abril de 2012].

CORNELL, Svante (2003). “*The Growing Threat of Transnational Crime*” in “*The South Caucasus: a Challenge for the EU*”. Chaillot Papers nº65. December 2003.

---

*Institute for Security Studies.* Disponível em: <http://www.iss.europa.eu/uploads/media/cp065e.pdf>. [Consultado em 22 de outubro de 2013].

CORNELL, Svante (2006). “*The Narcotics Threat in Greater Central Asia: From Crime-Terror Nexus to State Infiltration?*”. *Institute for Security and Development Policy. China and Eurasia Forum Quarterly, Volume 4, No. 1* (2006) p. 37-67. Disponível em: [http://www.isdp.eu/publications/index.php?option=com\\_jombib&task=showbib&id=5388](http://www.isdp.eu/publications/index.php?option=com_jombib&task=showbib&id=5388). [Consultado em 21 de Julho de 2012].

CORNELL, Svante (2011). “*Small nations and great powers: a study of ethnopolitical conflict in the Caucasus.*” [eBook]. *Caucasus World. Routledge Curzon. London and New York. Edition Taylor and Francis Group 2005*. Disponível em: [https://is.muni.cz/el/1423/podzim2012/MVZ208/um/35586974/Small\\_Nations\\_and\\_Great\\_Powers\\_\\_A\\_Study\\_of\\_Ethnopolitical\\_Conflict\\_in\\_the\\_Caucasus\\_\\_.pdf](https://is.muni.cz/el/1423/podzim2012/MVZ208/um/35586974/Small_Nations_and_Great_Powers__A_Study_of_Ethnopolitical_Conflict_in_the_Caucasus__.pdf). [Consultado em 3 de abril de 2013].

CORSO, Molly (2009). “*Georgia’s Expansion Halt.*” *Caucasus Analyst Digest* n.o 6. Disponível em: <http://www.css.ethz.ch/publications/pdfs/CAD-6-20-21.pdf>. [Consultado em 1 de Maio de 2012].

COSSOUL, Virginie (2011). “*Georgia: Moving towards DCFTA.*”. *Document Drafted in september, 29th 2013 for the American Chamber of Commerce in Georgia from the Trade Officer at the European Union Delegation to Georgia*. Disponível em: [http://eeas.europa.eu/delegations/georgia/documents/news/dcfta\\_2011\\_en.pdf](http://eeas.europa.eu/delegations/georgia/documents/news/dcfta_2011_en.pdf). [Consultado em 11 de janeiro de 2013].

DAVID, Charles-Philippe (2000). *A Guerra e a Paz. Abordagens contemporâneas da segurança e estratégia*. Instituto Piaget. Lisboa

DE WALL, Thomas (2010). “*Call off the Great Game.*” *Foreign Policy*. September 2010. Disponível em: [http://www.foreignpolicy.com/articles/2010/09/13/call\\_off\\_the\\_great\\_game](http://www.foreignpolicy.com/articles/2010/09/13/call_off_the_great_game). [Consultado em 18 de Outubro de 2010].

DE WALL, Thomas (2012). “*Abroken Region: The Persisten Failure of Integration Projectis in the South Caucasus.*”. *Europe-Asia Studies*. Vol.64, No9, November 2012, 1709-1723. Disponível em: [http://carnegieendowment.org/files/Broken\\_Region.pdf](http://carnegieendowment.org/files/Broken_Region.pdf). [Consultado em 23 de outubro de 2013].

---

DE WALL, Thomas (2013).” *Political tremors in the Caucasus*”. Artigo de opinião em *Carnegie Endowment for International Peace*. Disponível em: <http://carnegieendowment.org/2013/03/08/political-tremors-in-caucasus/fplz>. [Consultado em 5 de abril de 2013].

DIETZEN. Mark (2012). “*Targeting peace:snipers threaten compromise over Nagorno-Karabakh.*” Artigo de opinião em *Center for Strategic and International Studies. Strategic insights and bipartisan policy solutions*.Disponível em: <http://csis.org/blog/targeting-peace-snipers-threaten-compromise-over-nagorno-karabakh>. [Consultado em 13 de abril de 2013].

DIMITRAKOPOULOU, Sophia, LIAROPOULOS, Andrew,(2010). *Russia’s National Security Strategy to 2020:A Great Power in Making? Caucasian Review of International Affairs. Vol.4 (1)-Winter 2010, pp 35-42*. Disponível em:[http://cria-online.org/Issue\\_10.html](http://cria-online.org/Issue_10.html). [Consultado em 23 de setembro de 2010].

DJAFAROV, Trend (2012).*Iran is interested in resolving Nagorno-Karabakh conflict*. Notícia na *Trend News Agency*. Disponível em: <http://en.trend.az/news/karabakh/1999234.html>. [Consultado em 22 de agosto de 2012].

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA (2012).”*Treaty of Turkmenchay (Russia-Iran 1828)*”.Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/610150/Treaty-of-Turkmenchay>. [Consultado em 26 de maio de 2012].

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA (2013). “*CENTRAL TREATY ORGANIZATION – CENTO*.” Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/102693/Central-Treaty-Organization-CENTO>. [Consultado em 2 de março de 2013].

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA (2013b).”*Caucasus*.Disponível em:<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/100270/Caucasus>. .” [Consultado em 14 de abril de 2013].

ENVIRONMENT AND SECURITY (2010).Disponível em:<http://envsec.grid.unep.ch/southcauc/maps/ethnic.jpg>. [Consultado em 3 de março de 2013].

EUROPEAN COMISSION (2012).”*South Caucasus. Trade. EU Trade Policy on the South Caucasus*. Disponível em: <http://ec.europa.eu/trade/creating-opportunities/bilateral-relations/regions/south-caucasus/>. [Consultado em 11 de janeiro de 2012].

EUROPEAN COMMISSION GREEN PAPER (2000).”*Towards a european strategy for the security of energy supply*”.*European Commission Green Paper adopted on 29*



---

november 2000 (COM(2000) 769 final).Disponível em: [http://ec.europa.eu/energy/green-paper-energy-supply/doc/green\\_paper\\_energy\\_supply\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/energy/green-paper-energy-supply/doc/green_paper_energy_supply_en.pdf). [Consultado em 4 de março de 2013].

EUROPEAN DIALOGUE (2010).” Aliyev: Azerbaijan’s defense spending tops Armenia budget”. Artigo em *European Dialogue. European Energy Security and Related Issues:in depth analytical coverage*. Disponível em: <http://eurodialogue.org/Aliyev-Azerbaijan-defense-spending-tops-Armenia-budget>. [Consultado em 15 de maio de 2012].

EUROPEAN NEIGHBOURHOOD AND PARTNERSHIP INSTRUMENT AZERBAIJAN COUNTRY STRATEGY PAPER 2007-2013..Disponível em: [http://ec.europa.eu/world/enp/pdf/country/enpi\\_csp\\_azerbaijan\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/world/enp/pdf/country/enpi_csp_azerbaijan_en.pdf). [Consultado em 28 de setembro de 2012].

EUROPEAN UNION MONITORING MISSION IN GEORGIA –EUMM (2012).*Background da EUMM*. Disponível em:[http://www.eumm.eu/en/about\\_eumm](http://www.eumm.eu/en/about_eumm). [Consultado em 3 de março de 2013].

EUROPEAN UNION MONITORING MISSION IN GEORGIA - EUMM (2012a).” *EUMM expresses concern about violent incident in Gali and offers assistance*”. *EUMM News Room*. Disponível em: [http://eumm.eu/en/press\\_and\\_public\\_information/press\\_releases/3158/?year=2012&month=7](http://eumm.eu/en/press_and_public_information/press_releases/3158/?year=2012&month=7). [Consultado em 22 de agosto de 2012].

EVERS, Frank (2003).”*Mission information Package South Caucasus*”.*Center for OSCE Research.Institute for Peace Reserach and Security policy at the University of Hamburg*. Artigo de opinião em *Mission Information Package South Caucasus, october 2003*.Disponível em: [http://www.core-hamburg.de/documents/CORE\\_MIP\\_South\\_Caucasus.pdf](http://www.core-hamburg.de/documents/CORE_MIP_South_Caucasus.pdf). [Consultado em 26 de março de 2013].

FIGUEIREDO, Mário (2009). O Separatismo na Geórgia. Trabalho de Aplicação individual. Curso de Estado-Maior Conjunto 2009-2010. Instituto de Estudos Superiores Militares.

FREEDOM HOUSE REPORT (2012). “*Freedom in the world 2012-Azerbaijan*”. Artigo de opinião em *Freedom in the World Publication*. Disponível em: <http://www.freedomhouse.org/report/freedom-world/2012/azerbaijan>. [Consultado em 30 de março de 2013].



---

FREIRE, Maria (2011). A Rússia 20 anos depois. JANUS 2011-2012. Anuário de Relações Exteriores nº14, janeiro 2011- Dezembro de 2012. Universidade Autónoma de Lisboa.

FREIRE, Maria (2011a).A Rússia de Putin. Vectores Estruturantes de Política Externa. Almedina

FREIRE, Maria (2013).”*South Caucasus:an analysis of the interplay of external actors in a complex setting – Russia and the European Union RA*” in TOMÉ, Luis (Coord) – *Security in South Caucasus:Players, Perspectives and Dynamics*. (Título provisório). Observatório de Relações Exteriores da UAL (OBSERVARE) e *Norwegian Peacebuilding Resource Centre* (NOREF), no prelo. Ensaio pré-editado gentilmente cedido pelo coordenador deste projeto.

FRENI, Salvatore (2011). “*Azerbaijan-Russia relations:An analysis of hegemony*”. *Paper. Centre for Russian and Eastern European Studies. University of Birmingham*. Disponível em: [http://www.academia.edu/851773/Azerbaijan-Russia\\_Relations\\_An\\_Analysis\\_of\\_Hegemony](http://www.academia.edu/851773/Azerbaijan-Russia_Relations_An_Analysis_of_Hegemony). [Consultado em 2 de janeiro de 2013].

FRIEDMAN, George (2008). “*The Russo-Georgian War and the Balance of Power-Stratfor Global Intelligence*.”*Artigo de opinião na Geopolitical Weekly*. Disponível em: [http://www.stratfor.com/weekly/russo\\_georgian\\_war\\_and\\_balance\\_power](http://www.stratfor.com/weekly/russo_georgian_war_and_balance_power). [Consultado em 18 de junho de 2012].

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (2013). “*IMF Data Mapper*” . Disponível em:<http://www.imf.org/external/datamapper/index.php>. [Consultado em 15 de março de 2013].

GALLINA, Nicole (2010). “*Puzzles of state transformation:The cases of Armenia and Georgia*”.*Caucasian Review of International Affairs. VOL.4(1)-Winter 2010*. Disponível em:[http://cria-online.org/10\\_3.html](http://cria-online.org/10_3.html). [Consultado em 3 de abril de 2013].

GALSTYAN, Narek (2013). “*The main dimensions of foreign security policy of RA*” in TOMÉ, Luis (Coord) – *Security in South Caucasus:Players, Perspectives and Dynamics*. (Título provisório). Observatório de Relações Exteriores da UAL (OBSERVARE) e *Norwegian Peacebuilding Resource Centre* (NOREF), no prelo. Ensaio pré-editado gentilmente cedido pelo coordenador deste projeto.

GALTUNG, Johan (1969). “*Violence, Peace and Peace Research*”*Journal of Peace Research*, Vol.6,No. 3 (1969), pp 168-191. Disponível em: <http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CDsQFjA>

---

B&url=http%3A%2F%2Fms.tmu.edu.tw%2Fsys%2Fread\_attach.php%3Fid%3D8192&ei=tnN2UuW6O\_PT7AbnsIHAaw&usg=AFQjCNHafV5lofDNe9AYIeRTMCTa88Qr7A&sig2=8Q54zxw17Ke9ZBae7eAgCw&bvm=bv.55819444,d.ZGU. [Consultado em 22 de outubro de 2013].

GARCIA, F. (2006). Ameaças transnacionais e a segurança dos Estados. Subsídios para o seu estudo. Revista do Ministério dos Negócios Estrangeiros, nº13, Março de 2006. p.339-374.

GEGESHIDZE, Archil (2011). “*South Caucasus – 20 Years of Independence*”. Edited by Friedrich-Ebert-Stiftungm 2011. Disponível em:[library.fes.de/pdf-files/bueros/georgien/08706.pdf](http://library.fes.de/pdf-files/bueros/georgien/08706.pdf). [Consultado 5 de maio de 2012].

GEORGE, Julie (2013). “*The first one hundred days of the Georgian Dream: opportunities seized, opportunities lost*.” *Caucasus Analytical Digest No49*. Disponível em:<http://www.css.ethz.ch/publications/pdfs/CAD-49.pdf>. [Consultado 5 de abril de 2013].

GEOSTAT (2013). “*National Statistics Office of Georgia. Main Statistics*.” Disponível em:[http://www.geostat.ge/index.php?action=page&p\\_id=137&lang=eng](http://www.geostat.ge/index.php?action=page&p_id=137&lang=eng). [Consultado 22 de março de 2013].

GERMAN Tracey (2011). “*Russia and the Competition for Influence in the South Caucasus*.” Artigo de opinião em *British International Studies Association. BISA Conference Papers Database*. Disponível em:[http://www.bisa.ac.uk/index.php?option=com\\_bisa&task=view\\_public\\_papers\\_author\\_char\\_search&char\\_search=G](http://www.bisa.ac.uk/index.php?option=com_bisa&task=view_public_papers_author_char_search&char_search=G). [Consultado em 19 de julho de 2012].

GHAZINYAN, Aris (2012). “*Mediation and Military: OSCE leader and MG co-chairs to visit the region, Karabakh reports readiness to resist possible attacks*”. *Armenia Now.com News*. Disponível em:[http://www.armenianow.com/karabakh/39186/osce\\_minsk\\_group\\_karabakh\\_settlement](http://www.armenianow.com/karabakh/39186/osce_minsk_group_karabakh_settlement). [Consultado em 22 de agosto de 2012].

GIRAGOSIAN, Richard (2009). “*Networks of Crime and Corruption in the South Caucasus*”. *Caucasus Analytical Digest* Nr9. Disponível em:<http://www.isn.ethz.ch/isn/Digital-Library/Publications/Detail/?ots591=0c54e3b3-1e9c-be1e-2c24-a6a8c7060233&lng=en&id=106085>. [Consultado em 30 de dezembro de 2012].

GOGOLASHVILI, Kakha (2011). “*South Caucasus 20 years of independence*.”

---

*Edited by Friedrich-Ebert-Stiftungm 2011.. Disponível em:*[http://www.fes.ge/index.php?option=com\\_content&view=article&id=178:south-caucasus-20-years-of-independence-&catid=3:news&Itemid=1](http://www.fes.ge/index.php?option=com_content&view=article&id=178:south-caucasus-20-years-of-independence-&catid=3:news&Itemid=1). [Consultado em 22 de dezembro de 2012].

GRESH, Geoffrey (2006). “*Coddling the Caucasus: Iran’s Startegic Relationship with Azerbaijan and Arménia*. “*Caucasian Review of International Affairs. Vol.1 (1) – Winter 2006*. Disponível em:[http://cria-online.org/1\\_1.html](http://cria-online.org/1_1.html). [Consultado em 14 de fevereiro de 2012].

GUEDES, Armando Marques (2008). Geórgia/Ossétia: "Guerra por procuração" entre Rússia e Ocidente. Expresso Online. Disponível em:<http://expresso.sapo.pt/georgiaossetia-guerra-por-procuracao-entre-russia-e-ocidente-marques-guedes=f387930>. [Consultado em 12 de setembro de 2010].

GUEDES, Armando Marques (2009). A Guerra dos Cinco Dias. A Invasão da Geórgia pela Federação Russa. Lisboa: IESM, Prefácio.

HAAS, Marcel, TIBOLD, Andrej, CILLESSEN, Vincent (2006). “*Geo-strategy in the South Caucasus. Power Play and Energy Security of States and Organisations*”. Clingendael Institute. [eBook]. Netherlands Institute of International Relations. Disponível em:<http://www.centralasia-southcaucasus.com/pdf/061100%20Clingendael%20-%20Geo-strategy%20in%20the%20South%20Caucasus.pdf>. [Consultado em 13 de Setembro de 2010].

HAMMOND, Joseph (2012).” *Caspian Tensions Reveal Turkmenistan’s Rising Confidence*”. Artigo de opinião em *Diplomatic Courier. A Global Affairs Magazine*. Disponível em: <http://www.diplomaticcourier.com/news/regions/central-asia/1282>. [Consultado em 31 de dezembro de 2012].

HYDROCARBONS-TECHNOLOGY (2012).”*Baku-Tbilisi-Ceyhan (BTC) Caspian Pipeline*”. *Hydrocarbons-technology.com. News, views and contacts from the global Hydrocarbons industry. Projects*. Disponível em:<http://www.hydrocarbons-technology.com/projects/bp/bp9.html>. [Consultado em 18 de junho de 2012].

INTERNATIONAL COMMISSION ON INTERVENTION AND STATE SOVEREIGNTY - ICISS (2001). *The responsibility to protect*. Report of the International Commission on Intervention and State Sovereignty. December

---

2001. Disponível em: <http://responsibilitytoprotect.org/ICISS%20Report.pdf>. [Consultado em 22 de outubro de 2013].

INTERNATIONAL CRISIS GROUP (2010). “*Securing a stable future*”. *Europe Briefing* N°58 13 Dec 2010. Disponível em: <http://www.crisisgroup.org/en/regions/europe/south-caucasus/georgia/B058-georgia-securing-a-stable-future.aspx>. [Consultado em 6 de maio de 2012].

INTERNATIONAL CRISIS GROUP (2011). “*Georgia-Russia: Learn to Live Like Neighbours*.” *Media Release*. Disponível em: <http://www.crisisgroup.org/en/publication-type/media-releases/2011/europe/georgia-russia-learn-to-live-like-neighbours.aspx>. [Consultado em 18 de junho de 2012].

INTERNATIONAL DEVELOPMENT ASSOCIATION - IDA (2012). “*What is IDA?*”. *International Development Association. The World Bank’s Fund for the Poorest*. Disponível em: <http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/EXTABOUTUS/IDA/0,,contentMDK:21206704~menuPK:83991~pagePK:51236175~piPK:437394~theSitePK:73154,00.html>. [Consultado em 13 de junho de 2012].

INTERNAL DISPLACEMENT MONITORING CENTRE (2010). “*Azerbaijan: after some 20 years, IDP’s still face barriers to self-reliance*”. *Country Overview*. Disponível em: <http://www.internal-displacement.org/8025708F004CE90B/%28httpCountrySummaries%29/B977802D96A7D439C12577ED00539D8F?OpenDocument&count=10000>. [Consultado em 30 de março de 2013].

INTERNATIONAL ENERGY AGENCIE. “*World Energy Outlook 2007*”. *Publications*. Disponível em: [http://www.iea.org/textbase/nppdf/free/2007/weo\\_2007.pdf](http://www.iea.org/textbase/nppdf/free/2007/weo_2007.pdf). [Consultado em 30 de dezembro de 2009].

INTERNATIONAL MONETARY FUND (2011). “*World Economic Outlook*”. Disponível em: [http://www.indexmundi.com/armenia/gdp\\_real\\_growth\\_rate.html](http://www.indexmundi.com/armenia/gdp_real_growth_rate.html). [Consultado em 13 de junho de 2012 ].

INTERNATIONAL MONETARY FUND (2012). *Program note on Georgia*. Disponível em: <http://www.imf.org/external/np/country/notes/georgia.htm>. [Consultado em 30 de abril de 2012].

INTERNATIONAL SCHOOL OF ECONOMICS AT TSU (2010). “*Comparative analysis of Gross Domestic Product of Trans Caucasian Republics*”. Disponível em:

---

[http://www.iset.ge/files/submission\\_aghayev\\_\\_shabanov\\_\\_hasanguluyev.pdf](http://www.iset.ge/files/submission_aghayev__shabanov__hasanguluyev.pdf). [Consultado em 31 de dezembro de 2012].

JACKSON, Alexander (2010). “*Caspian Compromise Backfires for Russia and Iran*.” *Caucasus Update* No. 80, October 6, 2010 *Caucasian Review of International Affairs*. Disponível em: [http://cria-online.org/Caucasus\\_Update.html](http://cria-online.org/Caucasus_Update.html). [Consultado em 12 de outubro de 2010].

JACKSON, Alexander (2010b). “*NATO’s new strategic concept and the Caspian region*”. *Caucasus Update* No. 72, June 1, 2010 *Caucasian Review of International Affairs*. Disponível em: [http://cria-online.org/Caucasus\\_Update.html](http://cria-online.org/Caucasus_Update.html). [Consultado em 12 de abril de 2013].

JAVADI, et al (1994).”*Azerbaijan's "Contract of the Century" Finally Signed with Western Oil Consortium.*”*Azerbaijan International*. Winter 1994 (2.4) pp26-28,65. Disponível em: [http://www.azer.com/aiweb/categories/magazine/24\\_folder/24\\_articles/24\\_aioc.html](http://www.azer.com/aiweb/categories/magazine/24_folder/24_articles/24_aioc.html). [Consultado em 19 de julho de 2012].

JOLING, Dan (2013).”*Exxon Mobil, Russia’s Rosneft sign Arctic deals.*” Notícia *Associated Press*. *Yahoo News*. Disponível em: <http://news.yahoo.com/exxon-mobil-russias-rosneft-sign-212449739.html>. [Consultado em 6 de março de 2013].

ISMAILZADE, Fariz (2013). “*Azerbaijan’s security concerns: a view from within in* TOMÉ, Luis (Coord) – *Security in South Caucasus: Players, Perspectives and Dynamics.*” (Título provisório). Observatório de Relações Exteriores da UAL (OBSERVARE) e *Norwegian Peacebuilding Resource Centre* (NOREF), no prelo. Ensaio pré-editado gentilmente cedido pelo coordenador deste projeto.

JR. NYE, Joseph (2002). *Compreender os conflitos internacionais. Uma introdução à Teoria e à História*. 3ªed. Lisboa: Gradiva.

KAPITONENKO, Mykola (2009). “*Resolving Post-Soviet Frozen Conflicts: Is regional integration helpful*”. *Caucasian Review of International Affairs Vol.3 (1)- Winter 2009*. Disponível em: [http://cria-online.org/6\\_4.html](http://cria-online.org/6_4.html). ? [Consultado em 12 de julho de 2012].

KARBUZ, Sohbət (2012). “*East mediterranean: a new energy corridor for Europe?*” *Observatoire Mediterranéen de l’Energie*. *The 12th Annual CIS Oil&Gas Summit, 14-16 may, Paris*. Disponível em:

---

[http://core.theenergyexchange.co.uk/agile\\_assets/1729/03\\_Sohbet\\_Karbuz\\_OME\\_ENG.1.pdf](http://core.theenergyexchange.co.uk/agile_assets/1729/03_Sohbet_Karbuz_OME_ENG.1.pdf). [Consultado em 31 de dezembro de 2012].

KEMP, Walter (2012).”*Nagorno-Karabakh: an unacceptable status quo*”. Artigo de opinião em *Global Observatory. Analysis on Global Issues*.Disponível em:<http://www.theglobalobservatory.org/analysis/276-nagorno-karabakh-an-unacceptable-status-quo.html>. [Consultado em 3 de janeiro de 2013].

KRAUSE, Keith, WILLIAMS, Michael (1997). “*Critical Security Studies. Concepts and Cases*.”[eBook]. *University College London Press Limited*. Disponível em:<http://guessoumiss.files.wordpress.com/2011/08/critical-security-studies.pdf>. [Consultado em 24 de dezembro de 2012].

KRISTENSEN, Kristin (2008).”*The absolute protection of our citizens:critical infrastructure protection and the practice of security*”, in [eBook]Dunn Cavelty, M. and Kristensen, K. *The politics of securing the homeland:critical infrastructure, Risk and Securitization*. London. Routledge, pp 63-83.Disponível em:[www.routledge.com/books](http://www.routledge.com/books). [Consultado em 22 de dezembro de 2012].

KUBURAS, Melita (2011).”*Ethnic conflict in Nagorno-Karabakh*”. *Review of European and Russian Affairs* 6 (1), 2011. Disponível em:<http://www6.carleton.ca/rera/ccms/wp-content/ccms-files/2011-issue-v1-Kuburas2.pdf>. [Consultado em 3 de maio de 2013].

KUCERA, Joshua (2010). “*Central Asia & Caucasus: Governments Spending Heavily on Arms*.” Artigo de opinião *Eurasianet.org*.Disponível em:[www.eurasianet.org/departments/business/articles/eav032410.shtml](http://www.eurasianet.org/departments/business/articles/eav032410.shtml). [Consultado em 1 de maio de 2011].

KUCERA, Joshua (2011).”*Russian military to stay in Abkhazia, South Ossetia, 49 more years*”. Artigo de opinião *Eurasianet.org* Disponível em: <http://www.eurasianet.org/node/64292>. [Consultado em 17 de junho de 2012].

KUCERA, Joshua (2013).”*Russia, Iran, Turkey and the Caucasus*”. Artigo de opinião *Eurasianet.org*. Disponível em:<http://www.eurasianet.org/node/66732>. [Consultado em 17 de junho de 2012].

KUPATADZE, Alexander (2011).”*Similar Events, Different Outcomes:Accounting for Diverging Corruption Patterns in Post-Revolution Geórgia and Ukraine*.” *Caucasus Analytical Digest No 26, 26th April 2011*. Disponível em:[www.css.ethz.ch](http://www.css.ethz.ch). [Consultado em 7 de maio de 2011].



---

LEWIS, Martin (2012). “*Where is the Caucasus*”. Artigo de opinião em GeoCurrents. Disponível em: [geocurrents.info/place/Rússia-ukraine-and-caucasus/where-is-the-caucasus](http://geocurrents.info/place/Rússia-ukraine-and-caucasus/where-is-the-caucasus). [Consultado em 26 de dezembro de 2012].

LIBARIDIAN, Gerard (2011). “*The South Caucasus: independence at age 20*”. *Article on Carnegie Endowment for International Peace*. Disponível em: <http://carnegieendowment.org/2011/11/29/south-caucasus-independence-at-age-20/fb0b#>. [Consultado em 30 de março de 2013].

LIMA, Bernardo Pires de (S/D). As Relações entre NATO e a União Europeia Pós-11 de setembro. *Revista Relações Internacionais*. Instituto Português de Relações Internacionais. Disponível em: [www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/ri/n21/n21a06.pdf](http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/ri/n21/n21a06.pdf). [Consultado em 3 de agosto de 2010].

LOBJAKAS, Ahto (2009). “*NATO lacks the Stomach for South Caucasus Fight*”. *Article on Caucasus Analytical Digest nr 05/09*. Disponível em: <http://www.css.ethz.ch/publications/pdfs/CAD-5-2-4.pdf>. [Consultado em 1 de novembro de 2013].

LYNCH, Dov (2003). “*The South Caucasus: a Challenge for the EU*”. *Chaillot Papers n°65. December 2003. Institute for Security Studies*. Disponível em: <http://www.iss.europa.eu/uploads/media/cp065e.pdf>. [Consultado em 22 de outubro de 2013].

MARTINS, Filipe Santos. (2010). O novo “Grande Jogo” na Ásia Central. Artigo de opinião em *Great Game*. Disponível em: [http://greatgame.no.sapo.pt/acopiniao/o\\_novo\\_Grande\\_Jogo\\_na\\_%20Asia\\_Central.htm](http://greatgame.no.sapo.pt/acopiniao/o_novo_Grande_Jogo_na_%20Asia_Central.htm). [Consultado em 31 de agosto de 2010].

MAAS, Achim, WITTICH, ANJA (2009). “*Regional Cooperation in the South Caucasus. Lessons for Peacebuilding, from Economy and Environment*”. IFP Regional Cooperation on Environment, Economy and Natural Resources Cluster. April 2009. *International Alert*. Disponível em: [http://www.internal-displacement.org/8025708F004CFA06/%28httpKeyDocumentsByCategory%29/889D96EE03C0E5D7C125772400641179/\\$file/Regional\\_Cooperation\\_in\\_the\\_South\\_Caucasus.p](http://www.internal-displacement.org/8025708F004CFA06/%28httpKeyDocumentsByCategory%29/889D96EE03C0E5D7C125772400641179/$file/Regional_Cooperation_in_the_South_Caucasus.pdf)df. [Consultado em 31 de outubro de 2013].

MCGUINNESS, Damien (2012). “*Profile: Georgia’s Bidzina Ivanishvili*”. *Notícia em BBC news*. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/world-europe-15682606>. [Consultado em 26 de janeiro de 2012].



---

MIDDEL, Bert (2005).” *Minorities in the South Caucasus: factor of instability?* Committee Report on 2005 Annual Session of Nato Parliamentary Assembly. Disponível em: <http://www.nato-pa.int/Default.asp?SHORTCUT=683>. [Consultado em 30 de dezembro de 2012].

MIRIMANOVA, Natália (2006). “*Between pragmatism and idealism: business coping with conflict in the South Caucasus*. “NGO International Alert. Extract from Local Business, Local Peace: the peacebuilding potential of the domestic private sector. Case study South Caucasus. [Disponível em: [www.international-alert.org](http://www.international-alert.org). Consultado em 18 de julho de 2012].

MIRIMANOVA, Natalia et al (2006a).” *Corruption and conflict in the South Caucasus*.” NGO International Alert Publication. Disponível em: [http://www.international-alert.org/sites/default/files/publications/Corruption\\_Conflict\\_inSC.pdf](http://www.international-alert.org/sites/default/files/publications/Corruption_Conflict_inSC.pdf). [Consultado em 4 de abril de 2013].

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS (2010). Política Europeia de Vizinhança. Informação sobre a PEV no Gabinete de Planeamento, estratégia avaliação e relações internacionais. Ministério das Finanças. Disponível em: <http://www.gpeari.min-financas.pt/relacoes-internacionais/assuntos-europeus/vertente-externa/politica-europeia-de-vizinhanca>. [Consultado em 19 de maio de 2010].

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE REPUBLIC OF ARMENIA – MFA (2011). “*National Security Concept of Geórgia*.” Disponível em: [http://www.mfa.gov.ge/index.php?lang\\_id=ENG&sec\\_id=12](http://www.mfa.gov.ge/index.php?lang_id=ENG&sec_id=12). [Consultado em 7 de maio de 2012].

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE REPUBLIC OF GEORGIA (2011). “*Relations Between Georgia and the United States of America*” Disponível em: [http://www.mfa.gov.ge/index.php?sec\\_id=268&lang\\_id=ENG](http://www.mfa.gov.ge/index.php?sec_id=268&lang_id=ENG). [Consultado em 7 de maio de 2012].

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE REPUBLIC OF ARMENIA (2012). *General Information on Turkey Bilateral Relations*. Disponível em: <http://www.mfa.am/en/country-by-country/tr/>. [Consultado em 9 de junho de 2012].

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE RUSSIAN FEDERATION (2012) “*Comment of the Information and Press Department of the Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation in connection with the forthcoming official visit of the Minister of*

---

*Foreign Affairs of the Russian Federation S.V. Lavrov to Armenia*” Disponível em: [http://www.mid.ru/brp\\_4.nsf/newslines/EDA9E5AD51756C28442579D600417E6C](http://www.mid.ru/brp_4.nsf/newslines/EDA9E5AD51756C28442579D600417E6C). [Consultado em 6 de abril de 2012].

*MISSION OF THE REPUBLIC OF AZERBAIJAN TO NATO* (2009).” *Overview of Azerbaijan-NATO Partnership*”. Disponível em: <http://mfa.gov.az/?language=en&options=content&id=560>. [Consultado em 26 de maio de 2012].

MKRTCHYAN, Tigran, PETROSYAN, Vahram (2009).” *Integration of Transcaucasia: Continued failure and hope*”. Artigo em *Turkish Policy Quarterly. Volume 8 number 1*. Disponível em: [www.turkishpolicy.com](http://www.turkishpolicy.com). [Consultado em 27 de dezembro de 2012].

MOITA, Luís (2009). Apontamentos da Disciplina de Modelos de Análise nas Relações Internacionais, CEMC 2009/2010. Instituto de Estudos Superiores Militares.

MUNSON IV, Howard (2012).”*The joint American military mission to aid Turkey: implementing the Truman Doctrine and transforming US Foreign Policy, 1947-1954*. “. *PhD Dissertation for Doctor of Philosophy. Washington State University, Department of History*. Disponível em: [https://research.wsulibs.wsu.edu:8443/xmlui/bitstream/handle/2376/4074/MunsonIV\\_wsul\\_0251E\\_10368.pdf?sequence=1](https://research.wsulibs.wsu.edu:8443/xmlui/bitstream/handle/2376/4074/MunsonIV_wsul_0251E_10368.pdf?sequence=1). [Consultado em 3 de março de 2013].

*NABUCCO PIPELINE* (S/D).”*The Project*”. Disponível em: [http://www.nabucco-pipeline.com/portal/page/portal/en/Home/the\\_project](http://www.nabucco-pipeline.com/portal/page/portal/en/Home/the_project). ”. [Consultado em 12 de novembro de 2012].

NAÇÕES UNIDAS (2013).”*United Nations Development Goals*”. *Background on the UN Development Goals*. Disponível em: <http://www.un.org/millenniumgoals/bkgd.shtml>. [Consultado em 6 de abril de 2013].

NAHARNET (2012).”*Armenians kill 5 Azerbaijan troops in border clash*”. Notícia em *Naharnet – Lebanon’s leading news destination*.

Disponível em: <http://www.naharnet.com/stories/en/42476>. [Consultado em 17 de junho de 2012].

NAKAFOV, Ceyhun (2006).”*Who owes whom and who needs who*”. Artigo de opinião em *Region Plus*. Disponível em: <http://www.regionplus.az/en/articles/view/1237>. [Consultado em 13 de junho de 2012].

---

*NATIONAL SECURITY STRATEGY* (2002). “*The National Security Strategy of The USA, September 2002*”. Disponível em: <http://www.globalsecurity.org/military/library/policy/national/nss-020920.pdf>.

[Consultado em 3 de janeiro de 2012 ].

*NATIONAL SECURITY STRATEGY* (2012). “*Sustaining US Global Leadership. Priorities for the 21st Century Defense*”. *Department of Defense*. Disponível em: [http://www.defense.gov/news/defense\\_strategic\\_guidance.pdf](http://www.defense.gov/news/defense_strategic_guidance.pdf). [Consultado em 4 de janeiro de 2013].

NATION, Craig (2007). “*Russia, The United States and the Caucasus.*” *Publication from the United States Army War College Press. Strategic Studies Institute*. Disponível em: <http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/pubs/display.cfm?pubid=764>.

[Consultado em 27 de maio de 2012].

NATO (1999). “*Membership Action Plan*”. *NATO Press Release NAC-S (99)66*. Disponível em: <http://www.nato.int/docu/pr/1999/p99-066e.htm>. [Consultado em 6 de março de 2013].

NATO (2003). *NATO Secretary General, Lord Robertson Speech in Yerevan, Armenia. 15<sup>th</sup> May 2003*. Disponível em: <http://www.nato.int/docu/speech/2003/s030515a.htm>. [Consultado em: 2 de novembro de 2013].

NATO *Parlamentary Assembly* (2005). “*Minorities in the South Caucasus: Factor of instability?*” *Committee Report on 2005 Annual Session of Nato Parliamentary Assembly*. Disponível em: <http://www.nato-pa.int/Default.asp?SHORTCUT=683>. Consultado em 26 de março de 2013].

NATO (2010). “*The Euro-Atlantic Partnership Council*”. *NATO Topic*. Disponível em: [http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics\\_49276.htm](http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_49276.htm). [Consultado em 26 de março de 2010].

NATO (2012). “*NATO’s relations with Azerbaijan*”. *NATO Topic*. Disponível em: [http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics\\_49111.htm](http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_49111.htm). [Consultado em 17 de agosto de 2012].

NATO (2012a). “*NATO’s relations with Armenia*”. *NATO Topic*. Disponível em: [http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics\\_48893.htm](http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_48893.htm). [Consultado em 17 de agosto de 2012].

---

NATO (2012b).” *NATO’s relationship with Georgia*.” NATO Topic. Disponível em: [http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics\\_38988.htm](http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_38988.htm). [Consultado em 17 de agosto de 2012].

NATO (2012c).” *NATO Secretary General praises Georgia's progress toward NATO in visit to Tbilisi*”. NATO News. Disponível em: [http://www.nato.int/cps/en/natolive/news\\_89740.htm](http://www.nato.int/cps/en/natolive/news_89740.htm). [Consultado em 16 de setembro de 2012].

NATO (2012d).” *Chicago Summit Declaration*”. NATO Official Text. Disponível em: [http://www.nato.int/cps/en/natolive/official\\_texts\\_87593.htm?mode=pressrelease](http://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_87593.htm?mode=pressrelease). [Consultado em 17 de agosto de 2012].

NATO (2012e).” *NATO-Georgia Commission*”. NATO Topic. Disponível em: [http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics\\_52131.htm](http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_52131.htm). [Consultado em 22 de janeiro de 2013].

NATO (2013).” *Georgia: now the top non-NATO troop contributor in Afghanistan*”. NATO News. Disponível em: [http://www.nato.int/cps/ar/SID-738433E9-FB3A99E8/natolive/news\\_101633.htm?selectedLocale=en](http://www.nato.int/cps/ar/SID-738433E9-FB3A99E8/natolive/news_101633.htm?selectedLocale=en). [Consultado em 30 de outubro de 2013].

NEW YORK TIMES (2004).” *Georgia's Leader Declares Victory After Rebel Flees*”. The New York Times Collections. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2004/05/06/world/georgia-s-leader-declares-victory-after-rebel-flees.html?ref=aslanabashidze>. [Consultado em 17 de junho de 2012].

NIKITIN, Alexander (2007). “*The End of the “Post-Soviet Space”*”. *The Changing Geopolitical Orientations of Newly Independent States*”. Chatam House:Independent Thinking on International Affairs Briefing Paper. “Disponível em : <http://www.chathamhouse.org.uk/publications/papers/view/-/id/439/>. [Consultado em 22 de setembro de 2010].

NODIA, Ghia (2003). “*Political transformations and nation-building in the post-soviet South Caucasus*” in “*Re-inventing citizenship in south Caucasus:exploring the dynamics and contradictions between formal definitions and popular conceptions*”. CIMERA Final Research Report. Université de Genève. “Disponível em: [http://www.cimera.org/en/research/ind\\_research.htm](http://www.cimera.org/en/research/ind_research.htm). [Consultado em 27 de dezembro de 2012].

---

NOVIKOVA, Gayane (2012). “*Armenia is trying to fit into the regional security environment*”. Interview of Dr. Gayane Novikova, Director of the Center for Strategic Analysis Spectrum, President of the Marshall Center Armenian Alumni Association, Visiting Researcher Harvard University (2008-2012), to the ArmInfo News Agency.. Disponível em: <http://commonsplace.eu/eng/interviews/6/id1471>. [Consultado em 15 de junho de 2012].

NRANYAN, Ara (2011). “*Armenia: 20 years of integration into capitalism – consequences and challenges.*” in “*South Caucasus 20 years of independence.*” Edited by Friedrich-Ebert-Stiftungm 2011. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/georgien/08706.pdf>. [Consultado em 12 de junho de 2012].

NUNES, Rui (1999). *A Nova Geografia do Petróleo e do Gás. Uma Leitura para os Conflitos no Cáucaso.* Disponível em: <http://www.yumpu.com/pt/document/view/12463291/a-nova-geografia-do-petroleo-e-do-gas-uma-leitura-para-os->. [Consultado em 3 de outubro de 2010].

OCDE (2011). “*Development in Eastern Europe and the South Caucasus: Armenia, Azerbaijan, Georgia, Republic of Moldova and Ukraine*”. OCDE Publishing [eBook]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1787/9789264113039-en>. [Consultado em 5 de abril de 2013].

OFFICE OF THE UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE (S/D). *Free Trade Agreements – North American Free Trade Agreement (NAFTA)*.. Disponível em: <http://www.ustr.gov/trade-agreements/free-trade-agreements/north-american-free-trade-agreement-nafta>. [Consultado em 12 de março de 2012].

O’LOUGHLIN, et al (2007). “The Caucasus in a time of conflict, demographic transition, and economic change”. *Eurasian Geography and Economics Volume 48, Issue 2, 2007 Special Issue: The Caucasus: Political, Population, and Economic Geographie*. Disponível em: <http://www.colorado.edu/ibs/pec/johno/pub/introduction-ol-k-r.pdf>. [Consultado em 30 de abril de 2013].

ORGANIZATION FOR SECURITY AND CO-OPERATION IN EUROPE – OSCE (2013). “*Minsk Group.*” *Background on Minsk Group*. Disponível em: <http://www.osce.org/mg/66872>. [Consultado em 3 de março de 2013].

OSKANIAN, Kevork (2010). “*Weaving Webs of Insecurity: Fear, Weakness and Power in the Post-Soviet South Caucasus* “. *PhD Thesis , The London School of Economics and Political Science*. Disponível em:

---

[http://etheses.lse.ac.uk/367/1/Oskanian\\_Weaving%20webs%20of%20insecurity.pdf](http://etheses.lse.ac.uk/367/1/Oskanian_Weaving%20webs%20of%20insecurity.pdf).

[Consultado em 14 de abril de 2013].

OSKANIAN, Kevork (2011). “*Turkey and the Caucasus.*” *Special Report SR007 May 2011. The London School of Economics and Political Science*. Disponível em: [www2.lse.ac.uk/IDEAS/publications/reports/pdf/SR007/caucusus.pdf](http://www2.lse.ac.uk/IDEAS/publications/reports/pdf/SR007/caucusus.pdf). [Consultado em 14 de fevereiro de 2012].

OVERY, Richard (2011). “*The Soviet-German War 1941-1945*”. Artigo *BBC History*. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/history/worldwars/wwtwo/soviet\\_german\\_war\\_01.shtml](http://www.bbc.co.uk/history/worldwars/wwtwo/soviet_german_war_01.shtml). [Consultado em 2 de março de 2013].

PANTEV, Pleman (2005). “*Security Threats and Risks in South Caucasus. Perceptions From the Western Black Sea.*” *Research Report 17. Institute for Security and International Studies*. Sofia, June 2005. Disponível em: [http://www.isis-bg.org/Publications/research\\_reports/RR17.pdf](http://www.isis-bg.org/Publications/research_reports/RR17.pdf). [Consultado em 22 de julho de 2012].

PARLAMENTO EUROPEU (2009). Conflito do gás: como transformar a crise em segurança energética. Artigo do Parlamento Europeu. Disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+IM-PRESS+20090108STO45594+0+DOC+XML+V0//PT>. [Consultado em 22 de novembro de 2011].

PERALTA, Sara (2009). Globalização: Mercado único também para o crime e terror. Anais do Clube Militar Naval, Janeiro-Março de 2009, p.45-55.

PEREIRA, Carlos Santos (2011). Cáucaso: um barril à beira da explosão. Janus 2011-2012. Disponível em: [http://janusonline.pt/2011\\_2012/2011\\_2012.html](http://janusonline.pt/2011_2012/2011_2012.html). [Consultado em 18 de junho de 2012].

PETERSON, Josh (2013). “*Resolution Of Caspian Sea Border Disputes Unlikely*”. Artigo de opinião na *STRATINT*. Disponível em: <http://stratoil.wikispaces.com/Caspian+Sea+Border+Dispute>. [Consultado em 30 de dezembro de 2012].

PETROSYAN, Vahram, MKRTCHYAN, Tigran (2009). “*Integration of Transcaucasia: continued failure and hope*”. *Turkish Policy Quarterly*, Vol8, Nr1, pp59-77. Spring 2009. Disponível em: <http://www.turkishpolicy.com/images/stories/2009-01-tpq/TigranMkrtchyanandVahramPetrosyan.pdf>. [Consultado em 15 de abril de 2013].



---

PHILLIPS, David (2012). “*Diplomatic-history-turkey-armenia Protocols*”. Monography Published by Columbia University’s Institute for the Study of Human Rights and the Project on the Future of Diplomacy at Harvard’s Kennedy School. Disponível em: <http://maviboncuk.blogspot.pt/2012/03/diplomatic-history-turkey-armenia.html>. [Consultado em 6 de abril de 2012].

PICAK, Murat (2011). “ *Political, Economic and Strategic Dimensiono on the Turkish-Soviet Straits Question Emerged after World War II*”. *International Journal of Business and Social Science*, Vol.2 No15, August 2011. Disponível em: [http://www.ijbssnet.com/journals/Vol\\_2\\_No\\_15\\_August\\_2011/20.pdf](http://www.ijbssnet.com/journals/Vol_2_No_15_August_2011/20.pdf). [Consultado em 2 de março de 2013].

PLESKACHEVSKIY, Viktor (2011). “*The underground economy: a threat to democracy, development and the rule of law*”. *Parliamentary Assembly. Council of Europe. Report of the Committee on Economic Affairs and Development*. Disponível em: <http://assembly.coe.int/ASP/Doc/XrefViewHTML.asp?FileId=12997&Language=EN>. [Consultado em 18 de julho de 2012].

PRAVDA (2013).” *Iran, Armenia Agree To Strengthen Bilateral Cooperation In The Sphere Of Regional Security*” Notícia no PRAVDA.RU. Disponível em: <http://english.pravda.ru/news/world/ussr/26-12-2001/24286-0/>. [Consultado em 7 de junho de 2012].

QUIVY, Raymond, CAMPENHOUT, Luc Van (2005). Manual de investigação em ciências sociais. 4ª Edição, Outubro de 2005. Gradiva. [Consultado em 5 de agosto de 2010]. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/37937019/Quivy-e-Campenhoudt-Manual-de-Investigacao-em-Ciencias-Sociais>

RABENHORST, Eduardo (S/D). Democracia e direitos fundamentais. em torno da noção de estado de direito. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/dados/livros/edh/br/pbunesco/i\\_04\\_democracia.html#\\_ftn1](http://www.dhnet.org.br/dados/livros/edh/br/pbunesco/i_04_democracia.html#_ftn1). [Consultado em 6 de Maio de 2012].

REPUBLIC OF TURKEY MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS (2012). *Foreign Policy. Relations between Turkey and Armenia*. Disponível em: <http://www.mfa.gov.tr/relations-between-turkey-and-armenia.en.mfa>. [Consultado em 9 de junho de 2012].

REPUBLIC OF TURKEY MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS (2012b).”*Policy of zero problems with neighbours*”. *Turkey Foreign Policy*. Disponível em:



---

<http://www.mfa.gov.tr/policy-of-zero-problems-with-our-neighbors.en.mfa>. [Consultado em 17 de setembro de 2012].

REPUBLIC OF TURKEY MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS (2012b).”*Trabzon Declaration*”. [Trabzon Declaration Of The Ministers Of Foreign Affairs Of The Republic Of Azerbaijan, Georgia And The Republic Of Turkey, 08 June 2012, Trabzon](http://www.mfa.gov.tr/trabzon-declaration-of-the-ministers-of-foreign-affairs-of-the-republic-of-azerbaijan-georgia-and-the-republic-of-turkey_08-june-2012_-trabzon.en.mfa). Disponível em: [http://www.mfa.gov.tr/trabzon-declaration-of-the-ministers-of-foreign-affairs-of-the-republic-of-azerbaijan-georgia-and-the-republic-of-turkey\\_08-june-2012\\_-trabzon.en.mfa](http://www.mfa.gov.tr/trabzon-declaration-of-the-ministers-of-foreign-affairs-of-the-republic-of-azerbaijan-georgia-and-the-republic-of-turkey_08-june-2012_-trabzon.en.mfa). [Consultado em 17 de setembro de 2012].

RIBEIRO, José Félix (2001). A UE, a NATO e as Zonas de turbulência. Janus 2001. Disponível em :[http://www.janusonline.pt/2001/2001\\_1\\_1\\_6.html](http://www.janusonline.pt/2001/2001_1_1_6.html). [Consultado em 19 de abril de 2012].

RHYDDERCH, Alun (2009).”*Scenario planning*”. *Foresight Horizon Scanning Centre, Government Office for Science.Guidance Note for Scenario Planning*. Disponível em:[http://www.bis.gov.uk/assets/foresight/docs/horizon-scanning-centre/foresight\\_scenario\\_planning.pdf](http://www.bis.gov.uk/assets/foresight/docs/horizon-scanning-centre/foresight_scenario_planning.pdf). [Consultado em 3 de janeiro de 2013].

ROSS, Richard (2010). “*NATO and Russia. Towards a new paradigma?*” . *e-International Relations Student Essays*. Disponível em: <http://www.e-ir.info/2010/11/29/nato-and-russia-towards-a-new-paradigm/>. [Consultado em 18 de setembro de 2012].

ROEHRS, Pine (2005). “ *Weak states and implications for regional security: a case study of georgian instability and caspian regional insecurity*”. *Research Institute for European and American Studies*. Disponível em: <http://www.isn.ethz.ch/Digital-Library/Publications/Detail/?ots591=0c54e3b3-1e9c-be1e-2c24-a6a8c7060233&lng=en&id=31842>. [Consultado em 14 de outubro de 2013].

ROZOFF, Rick (2012).”*Threatning Russia and Iran?Clinton pledges increased military assistance to Georgia for new conflicts*” .Artigo de opinião na *Global Research*. Disponível em:<http://www.globalresearch.ca/threatening-russia-and-iran-clinton-pledges-increased-military-assistance-to-georgia-for-new-conflicts/31311>. [Consultado em 4 de janeiro de 2013].

SADEG-ZADEH, Kaweh (2008).”*Iran’s Strategy in the South Caucasus*.”*Caucasian Review of International Affairs Vol. 2 (1) – Winter 2008*. Disponível em:[http://www.cria-online.org/2\\_5.html](http://www.cria-online.org/2_5.html). [Consultado em 12 de julho de 2012].

---

SAKEVARISHVILI, Revaz (2010). “*Georgia: Continued Reverberations of the Crisis*”. *Caucasus Analyst Digest* nº18. Disponível em: <http://georgien.boell-net.de>. [Consultado em 26 de abril de 2012].

SAMMUT, Dennis, PAUL, Amanda (2011). “*Addressing the Security Challenges in the South Caucasus. The case for a comprehensive, multilateral and inclusive approach*.” *European policy Center Policy Briefs 2011 in International Relations and Security Network*. Disponível em: <http://www.isn.ethz.ch/isn/DigitalLibrary/Publications/Detail/?lng=en&id=128153>. [Consultado em 17 de junho de 2012].

SANTOS, Eduardo (2008). A Geopolítica Russa: De Pedro “O Grande” a Putin, a “Guerra-Fria”, o Eurasianismo e os Recursos Energéticos. *Revista Militar* 2473/2474 fevereiro/março de 2008. Disponível em: <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=267>. [Consultado em 20 de abril de 2012].

SCHWAB, Klaus (2011). “*Global competitiveness report 2011-2012*”. *World Economic Forum Report. Geneva. Switzerland 2011*. Disponível em: [http://www3.weforum.org/docs/WEF\\_GCR\\_Report\\_2011-12.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_GCR_Report_2011-12.pdf). [Consultado em 4 de abril de 2013].

SHARASHENIDZE, Tornike (2011). “*The Role of Iran in the South Caucasus*.” *Caucasus Analytical Digest No. 30, 28 October 2011*. Disponível em: [www.css.ethz.ch/publications/DetailansichtPubDB\\_EN?rec\\_id=1669](http://www.css.ethz.ch/publications/DetailansichtPubDB_EN?rec_id=1669). [Consultado em 17 de agosto de 2012].

SHLAPENTOKH, Dmitry (2010). “*The New Détente And Its Implications For U.S.-Russian Cooperation In Central Asia*.” *Central Asia-Caucasus Institute Analyst Analytical Article*. Disponível em: <http://www.silkroadstudies.org/new/docs/publications/101013analyst.pdf>. [Consultado em 24 de outubro de 2010].

SILVA, António Costa, (2008). Portugal e a política europeia de segurança energética. Disponível em: [http://www.iprisverbis.eu/files/IPRIS\\_Verbis\\_022008.pdf](http://www.iprisverbis.eu/files/IPRIS_Verbis_022008.pdf). [Consultado em 30 de setembro de 2010].

SILVA, José Pereira da (2009). Apontamentos da Disciplina de Regimes e Sistemas Políticos, CEMC 2009/2010. Instituto de Estudos Superiores Militares.

SYLVÉN, M., REINVANG, R., ANDERSONE-LILLEY, Z (2008). “*Climate Changes in the South Caucasus: Impacts on nature, people and society*”. *WWF Norway Overview*

---

Report.Disponível

em:

[http://assets.wwf.no/downloads/climate\\_changes\\_caucasus\\_wwf\\_2008\\_final\\_april\\_2009.pdf](http://assets.wwf.no/downloads/climate_changes_caucasus_wwf_2008_final_april_2009.pdf). [Consultado em 25 de outubro de 2013].

SIMÃO, Licínia (2011). “*Do good governance and security go together?. Political Perspectives 2011. Volume 5 (2), 33-57.* Disponível em:[http://www.academia.edu/960990/EU-South\\_Caucasus\\_Relations\\_Do\\_Good\\_Governance\\_and\\_Security\\_Go\\_Together](http://www.academia.edu/960990/EU-South_Caucasus_Relations_Do_Good_Governance_and_Security_Go_Together). [Consultado em 30 de março de 2013].

SIMÃO, Licínia (2013). “*Non-state actors and South Caucasus security:influence from below, within and beyond state*” in TOMÉ, Luis (Coord) – *Security in South Caucasus:Players, Perspectives and Dynamics*. (Título provisório). Observatório de Relações Exteriores da UAL (OBSERVARE) e *Norwegian Peacebuilding Resource Centre* (NOREF), no prelo. Ensaio pré-editado gentilmente cedido pelo coordenador deste projeto.

SIMÃO, Licínia (2013a). Entrevista concedida a Pedro Barata, conduzida por email: questões remetidas em 07/01/2013 e respostas enviadas em 12/01/2013.

SIMÃO, Licínia (2013b). “*Non-state actors and South Caucasus Security:the role of NGOs,transnacional corporations and religious organizations*”. Disponível em: [http://www.peacebuilding.no/var/ezflow\\_site/storage/original/application/ce218a7ac23b772d27855808ff9d01f1.pdf](http://www.peacebuilding.no/var/ezflow_site/storage/original/application/ce218a7ac23b772d27855808ff9d01f1.pdf). [Consultado em 26 de março de 2013].

SOARES, Gina (2008). Os Corredores Energéticos do Mar Cáspio. Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais. *Lumiar Brief* 8. Dezembro de 2008.Disponível em:<http://www.ieei.pt/publicacoes/exemplar.php?exemplar=125>. [Consultado em 9 de setembro de 2010].

SOBRAL, João (2005). A Geórgia e o complexo contexto do Cáucaso. Disponível em:<http://www.ciari.org/investigacao/A%20Georgia%20e%20o%20complexo%20contexto%20do%20Caucaso.pdf>. [Consultado em 25 de agosto de 2010].

SODERBLOM, Jason (2005). “*Eurasia’s Organized and Transnational Organized Crime*”. *World International Community Experts Feature Report*. Disponível em:[www.world-ice.com](http://www.world-ice.com). [Consultado em 30 de dezembro de 2012].

SOKOVA, Elena, et al (2007). “*Recent Weapons Grade Uranium Smuggling Case: Nuclear Materials are Still on the Loose*”. *Monterey Institute of International Studies*.

---

CNS *Reserach Story*.Disponível em:<http://cns.miis.edu/stories/070126.htm>. [Consultado em 12 de janeiro de 2013].

SOULEIMANOV, Emil (2013).” *Russia ends lease of gabala radar station in azerbaijan*”. *Central Asia-Caucasus Analyst Issue September 2013*. Disponível em:<http://www.cacianalyst.org/?q=node/5902>. [Consultado em 6 de março de 2013].

STATISTICAL POCKETBOOK (2012).”*The EU transport in figures* ”. *European Commission. EU Transport in figures*. Disponível em: <http://ec.europa.eu/transport/facts-fundings/statistics/doc/2012/pocketbook2012.pdf>. [Consultado em 10 de maio de 2012].

SULTANI, Jale (2012). “*Azerbaijani Domestic Politics and the Diaspora: (Mis)use of the “Armenian Fator” and its Implications for Conflict Resolution.*” Disponível em: <http://caucasusedition.net/analysis/azerbaijani-domestic-politics-and-the-diaspora-misuse-of-the-%E2%80%9Carmenian-factor-and-its-implications-for-conflict-resolution/>. [Consultado em 14 de maio de 2012].

TAHERI, Amir (2013). “*Why Iran is falling into Russia’s arms*”. Notícia no *New York Post*.Disponível em:[http://www.nypost.com/p/news/opinion/opedcolumnists/why\\_iran\\_is\\_falling\\_into\\_rusia\\_ynb2NrixZYgiTmeaYu88KN](http://www.nypost.com/p/news/opinion/opedcolumnists/why_iran_is_falling_into_rusia_ynb2NrixZYgiTmeaYu88KN). [Consultado em 13 de abril de 2013].

TAMRAZIAN, Harry (2012).” *Armenia/Russia: Landmark Treaty Includes Provision For Mutual Defense*”. *Notícia Radio Free Europe*. Disponível em: <http://www.rferl.org/content/article/1086156.html>. [Consultado em 9 de junho de 2012].

TARKHAN-MOURAVI, George (2005). “*Ethnicity and State-Building in Georgia and the Caucasus*”. *Global Dialogue Volume 7, Number 3–4, Summer/Autumn 2005—The Volatile Caucasus*. Disponível em:<http://www.worlddialogue.org/content.php?id=348>. [Consultado em 22 de dezembro de 2012].

TARKHAN-MOURAVI, George (2013).” *Post-electoral hiatus and expectations for Georgian-Abkhaz reconciliation*” *Global Dialogue Volume 7, Number 3–4, Summer/Autumn 2005—The Volatile Caucasus*. Disponível em: <http://www.international-alert.org/content/georgian-parliamentary-elections-and-prospects-georgian-abkhaz-relations-english-GKM>. [Consultado em 4 de janeiro de 2013].

TATUM, Jesse (2009). *Democratic Transition in Georgia:Post-Rose Revolution Internal Pressures On Leadership*. *Caucasian Review of International Affairs, Vol.3 (2)-Spring 2009*.Disponível em:[http://cria-online.org/7\\_4.html](http://cria-online.org/7_4.html). . [Consultado em 4 de maio de 2012].

---

*THE ECONOMIST* (2008). “*South Ossetia is not Kosovo*”. *Notícia*. [Disponível em: <http://www.economist.com/node/12009678>. Consultado em 7 de março de 2013].

*THE GOVERNMENT OF THE REPUBLIC OF ARMENIA* (2012). “*Geography*.” *background* da geografia da Arménia. Disponível em: <http://www.gov.am/en/geography/>. [Consultado em 4 de março de 2013].

*THE STATE STATISTICAL COMMITTEE OF THE REPUBLIC OF AZERBAIJAN* (2012). *Azerbaijan in figures*. Disponível em: <http://www.azstat.org/publications/azfigures/2012/en/018en.shtml>. [Consultado em 4 de março de 2013].

TOMÉ, Luís, TOMÉ, Paula (2003). NATO, Rússia e segurança europeia após o 11 de Setembro. Janus 2003. Observare - Observatório de Relações Exteriores. Universidade Autónoma de Lisboa. Disponível em: [http://janusonline.pt/2003/2003\\_2\\_1\\_8.html](http://janusonline.pt/2003/2003_2_1_8.html). [Consultado em 20 de abril de 2012].

TOMÉ, Luís (2006). Gato Preto, Gato Branco – Geoestratégia da China. Política Internacional, IPRIS, II Série, Nº 30, Junho 2006, pp. 13-35. Disponível em: <http://europasia.net/>. [Consultado em 17 de Abril de 2012].

TOMÉ, Luís (2007). O Grande Jogo Geopolítico nos Espaços do “Espaço Pós-Soviético” □ Disponível em: [http://europasia.net/docs/9.Grande\\_Jogo\\_Geopolitico\\_Espacos\\_Pos\\_Sovieticos.pdf](http://europasia.net/docs/9.Grande_Jogo_Geopolitico_Espacos_Pos_Sovieticos.pdf). [Consultado em 31 de maio de 2010].

TOMÉ, Luís (2010). Apontamentos da Disciplina de Modelos de Análise nas Relações Internacionais. CEMC 2009/2010. Instituto de Estudos Superiores Militares.

TOMÉ, Luís (2010a). A geopolítica e o complexo de segurança na Ásia Central: questões teóricas e conceptuais. Dissertação de doutoramento em relações internacionais. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt>. [Consultado em 22 de dezembro de 2012].

TSERETELI, Mamuka (2008). “*The Impact of The Russia-Georgia War on The South Caucasus Transportation Corridor*.” *Artigo da Jamestown Foundation*. Disponível em: [www.jamestown.org/uploads/media/Full\\_Mamuka\\_RussiaGeorgia.pdf](http://www.jamestown.org/uploads/media/Full_Mamuka_RussiaGeorgia.pdf). [Consultado em 3 de agosto de 2010].

*UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL – UNSC* (2013). “*Security Council Presidency in 2013*”. Disponível em: <http://www.un.org/en/sc/presidency/index.shtml#>. [Consultado em 26 de maio de 2012].

---

UNITED NATIONS OBSERVER MISSION IN GEORGIA (2013). *Background sobre a UNIMIG*. Disponível em: <http://www.un.org/en/peacekeeping/missions/past/unomig/>. [Consultado em 14 de outubro de 2013].

UNITED NATIONS STATISTICS DIVISION (2010). *Indicators on human settlement. UNDP Child and elderly population data*. Disponível em: <http://first.sipri.org/search?country=GEO&dataset=child-elderly-population&dataset=education-statistics&dataset=human-settlements&dataset=economic-activity&dataset=health-statistics&dataset=population-statistics>. [Consultado em 14 de março de 2013].

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME (1994). *“Human development report 1994”*. Disponível em: [http://hdr.undp.org/en/media/hdr\\_1994\\_en\\_contents.pdf](http://hdr.undp.org/en/media/hdr_1994_en_contents.pdf). [Consultado em 20 de outubro de 2013].

UNITED NATIONS GENERAL ASSEMBLY (2004). *“A More Secure World: Our Shared Responsibility”*. Fifty-ninth session. Agenda Item 55. Follow-up to the outcome of the Millenium Summit. Disponível em: [http://www.unrol.org/files/gaA.59.565\\_En.pdf](http://www.unrol.org/files/gaA.59.565_En.pdf). [Consultado em 20 de outubro de 2013].

UNITED NATIONS GENERAL ASSEMBLY (2005). *“2005 World Summit Outcome”*. Draft Outcome Document. Sixtieth Session. Disponível em: <http://www.who.int/hiv/universalaccess2010/worldsummit.pdf>. [Consultado em 20 de outubro de 2013].

UNREPRESENTED NATIONS AND PEOPLES ORGANIZATION (2012). *“Abkhazia: Process For Recognition Of Independence To Be Continued”*. Backgorund sobre a Abecásia. Disponível em: <http://www.unpo.org/article/14169>. [Consultado em 4 de abril de 2013].

UNREPRESENTED NATIONS AND PEOPLES ORGANIZATION (2012a). *“Abkhazia: Russia To Resume Talks With Georgia If Abkhazia Recognised”* Artigo. Disponível em: <http://www.unpo.org/article/15210>. [Consultado em 4 de janeiro de 2013].

VAGNINI, Alessandro (2012). *“Great War in Transcaucasia: From Ottoman Occupation to the Treaty of Kars.”* Artigo no *Mediterranean Journal of Social Sciences*. Disponível em: [http://www.mcser.org/images/stories/2\\_journal/mjss\\_may\\_2012/alessandro\\_vagnini.pdf](http://www.mcser.org/images/stories/2_journal/mjss_may_2012/alessandro_vagnini.pdf). [Consultado em 6 de março de 2013].



---

VIEIRA, Alena, SIMÃO, Licínia (2009). Que papel para a NATO? Visões políticas da Geórgia e Bielorrússia no contexto das relações entre o Ocidente e a Rússia. Instituto de estudos estratégicos e internacionais. Disponível em: [www.ieei.pt/files/Que%20papel%20para%20a%20NATO\\_brief10.pdf](http://www.ieei.pt/files/Que%20papel%20para%20a%20NATO_brief10.pdf). [Consultado em 3 de outubro de 2010].

VOZ DA RUSSIA (2011). Os interesses da Rússia no espaço pós-soviético devem ser considerados. Notícia. Disponível em: <http://portuguese.ruvr.ru/2011/10/21/59139027.html>. [Consultado em 6 de março de 2013].

YEGIN, Daniel (2006). “*Ensuring Energy Security.*” *Foreign Affairs*, Vol 85, No2,2006 pp69-82. Disponível em: <http://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbngxZWd1cmFuY2FlbmVvZ2V0aWNhfGd4OjRkYzliNjdhODEyOTRkZDI&pli=1>. [Consultado em 30 de setembro de 2010].

YUKSELEN, Hasan (2004). “*Actors in the South Caucasus: Stability providers or instability exploiters.*” *Master of Science Thesis. International Relations. September 2004. Middle East Technical University.* Disponível em: <https://etd.lib.metu.edu.tr/upload/12605385/index.pdf>. [Consultado em 22 de dezembro de 2012].

WILLIAMS, Phil (2003). “*Criminalization and Stability in Central Asia and South Caucasus. Faultlines of Conflict in Central Asia and the South Caucasus. Implications for the US Army.*” *Report edited by RAND Arroyo Center.* Disponível em: [http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/monograph\\_reports/2005/RAND\\_MR1598.pdf](http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/monograph_reports/2005/RAND_MR1598.pdf). [Consultado em 18 de julho de 2012].

WOLFF, S. (2010). “*The Prospects of an EU Strategy for the South Caucasus.*” *Paper delivered seminar on “Prospects for the Caucasus” at the University of Oxford’s Centre for International Studies on 3 May 2010.* Disponível em: <http://www.stefanwolff.com/talks/an-eu-strategy-for-the-south-caucasus>. [Consultado em 13 de agosto de 2010].

WORLD BANK AND THE INTERNATIONAL FINANCE CORPORATION (2011). “*Report Doing Business 2011 Making a difference for entrepreneurs.*” Disponível em: <http://www.doingbusiness.org/reports/global-reports/doing-business-2011/>. [Consultado em 5 de maio de 2012].



---

WORLD BANK (2013).” *Azerbaijan Partnership Programme Snapshot*”. [ Disponível em:<http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/COUNTRIES/ECAEXT/AZERBAIJANEXTN/0,,contentMDK:20174399~menuPK:301921~pagePK:141137~piPK:141127~theSitePK:301914,00.html>. Consultado em 13 de maio de 2012].

WORLD BANK (2013a).” *Public Spending on Education, total (% of GDP*” Disponível em: <http://data.worldbank.org/indicator/SE.XPD.TOTL.GD.ZS/countries>. [Consultado em 22 de março de 2013].

WORLD BANK (2013b)”*Life expectancy at birth, total*” Disponível em: <http://data.worldbank.org/country/azerbaijan?display=default>. [Consultado em 22 de março de 2013].

WORLD BANK (2013c)”*Unemployment, total %*” Disponível em: <http://data.worldbank.org/indicator/SL.UEM.TOTL.ZS/countries/IW-AZ-AM-GE?page=3&display=default>. [Consultado em 5 de abril de 2013].

WORLD BANK (2013d)”*Employment in agriculture, % of total employment*” Disponível em: <http://data.worldbank.org/indicator/SL.AGR.EMPL.ZS/countries/IW-AZ-AM-GE?page=1&display=default>. [Consultado em 5 de abril de 2013].

WORLD BANK (2013e)”*Georgia-Data*” Disponível em: <http://data.worldbank.org/country/georgia?display=default>. [Consultado em 5 de abril de 2013].

WORLD BANK (2013f)”*Azerbaijan-Data*” Disponível em: <http://data.worldbank.org/country/azerbaijan?display=default>. [Consultado em 5 de abril de 2013].

WORLD BANK (2013g)”*Armenia-Data*”.Disponível em: <http://data.worldbank.org/country/armenia?display=default>. [Consultado em 5 de abril de 2013].

WORLD ECONOMIC OUTLOOK 2012. Disponível em: <http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2012/02/pdf/text.pdf>. [Consultado em 14 de abril de 2013].

ZANOTTI, Jum (2013). “*Turkey:background and US relations.*” *Congressional Research Service. CRS Report for Congress.*

Disponível em: <http://www.fas.org/sgp/crs/mideast/R41368.pdf>. [Consultado em 13 de outubro de 2013].

---

ZOI ENVIRONMENT NETWORK.(2011).*Climate Change in the South Caucasus. A Visual Synthesis. Zoï Environment Network Publication* Disponível em:<http://beahrselp.berkeley.edu/wp-content/uploads/2011/11/Climate-Change-in-the-South-Caucasus.pdf>. [Consultado em 2 de Junho de 2012].

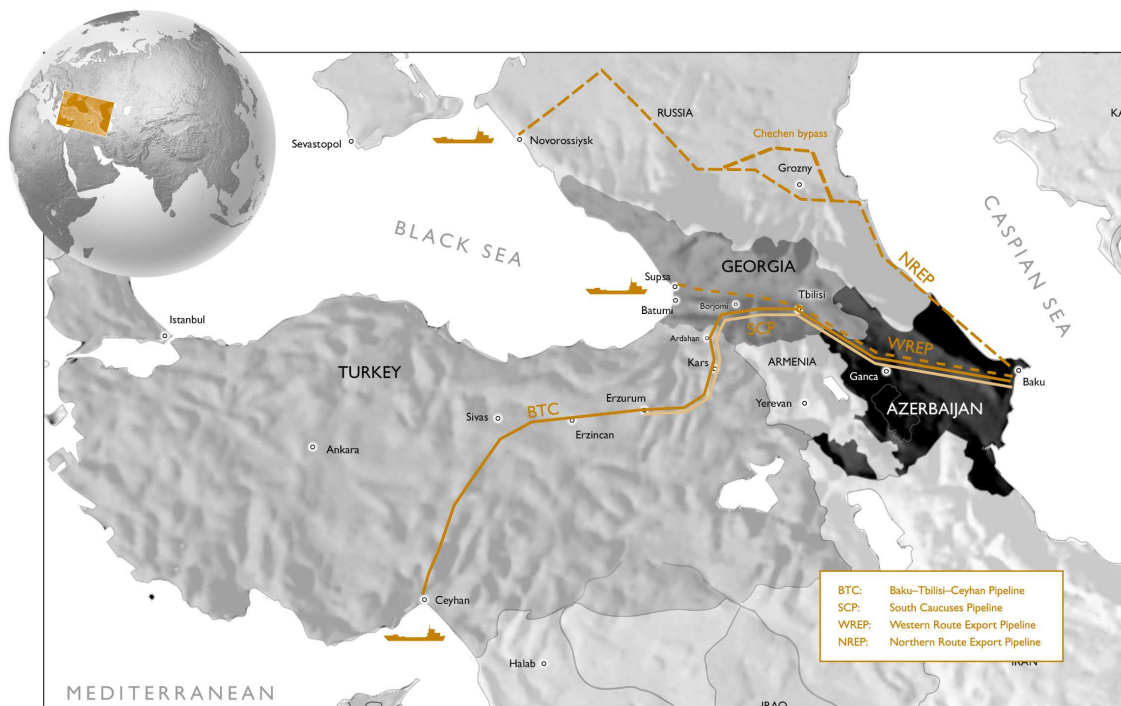
ZOLYAN, Mikayel (2011).*South Caucasus 20 years of independence. Edited by Friedrich-Ebert-Stiftungm* 2011. Disponível em:  
[http://fes.ge/index.php?option=com\\_content&view=article&id=178:south-caucasus-20-years-of-independence-&catid=3:news&Itemid=1](http://fes.ge/index.php?option=com_content&view=article&id=178:south-caucasus-20-years-of-independence-&catid=3:news&Itemid=1). [Consultado em 2 de Junho de 2012].

---

---

## **LISTA DE ANEXOS**

## Anexo A -Trajeto do oleoduto Baku-Tblisi-Ceyhan e do gasoduto Baku-Tblis-Erzurum



Fonte: *The Corner House*. [Em linha] [Consultado em 22 de abril de 2013]. Disponível em: [http://www.bakuceyhan.org.uk/pics/agt\\_map.jpg](http://www.bakuceyhan.org.uk/pics/agt_map.jpg)

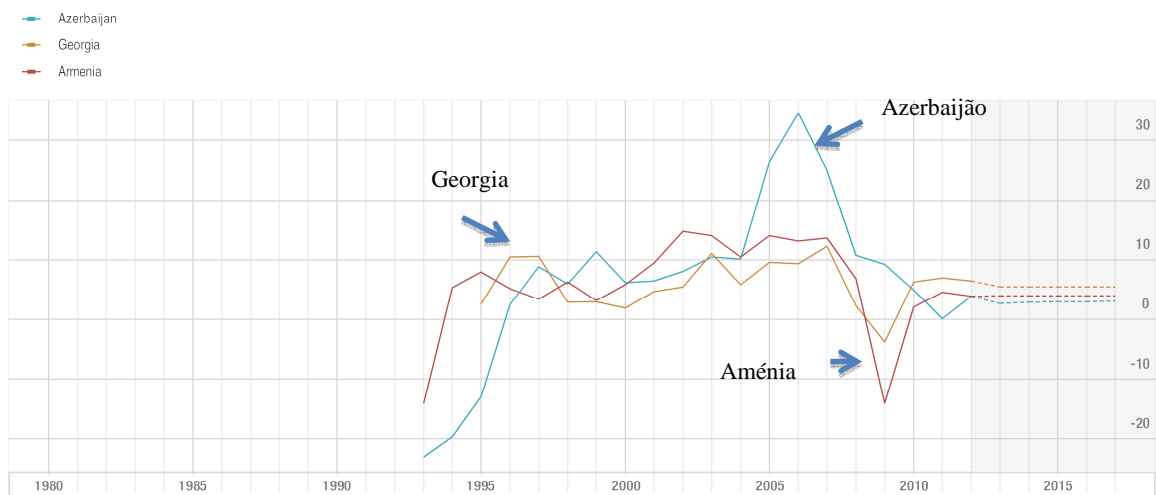


Fonte: *Socar in Natural Gas Europe*. [Em linha] [Consultado em 22 de abril de 2013]. Disponível em: <http://www.naturalgaseurope.com/bte-supply-resume-june-8th-6729>

## Anexo B - Evolução do PIB da Geórgia, do Azerbaijão e da Arménia

IMF Data Mapper ®

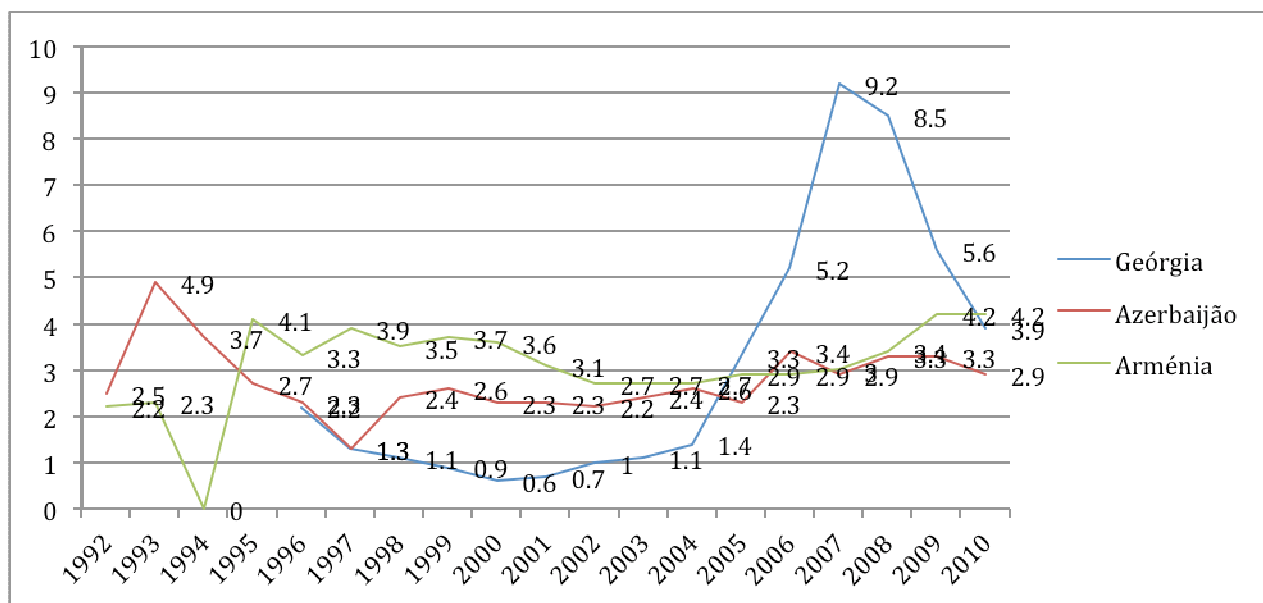
Real GDP growth (Annual percent change)



©IMF, 2012, Source: World Economic Outlook (October 2012)

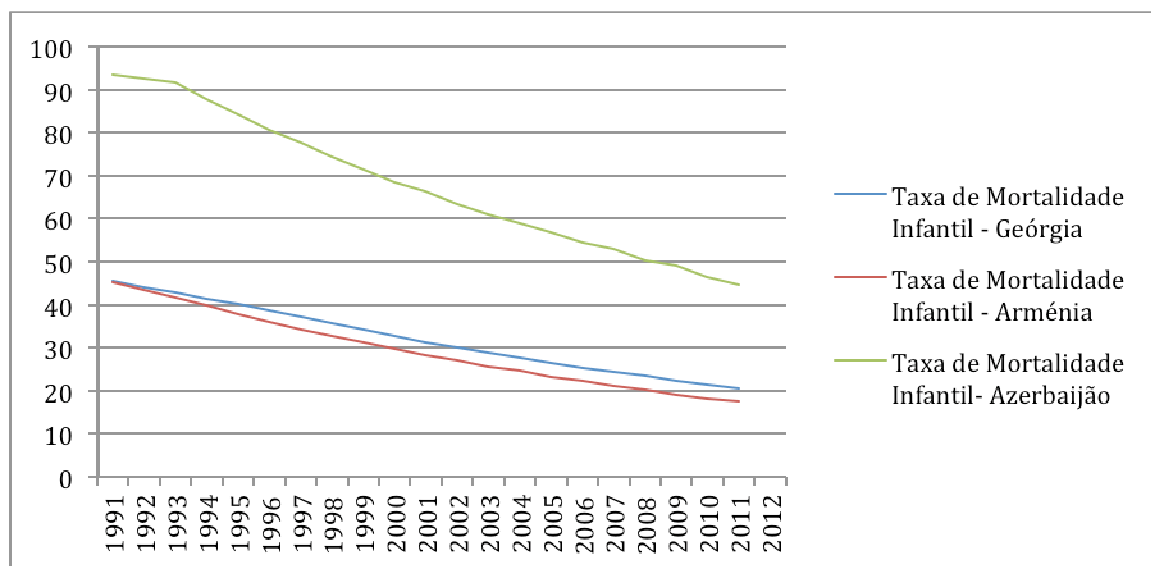
Fonte: Fundo Monetário Internacional [Em linha][Consultado em 15 de março de 2013] Disponível em: <http://www.imf.org/external/datamapper/index.php>

## Anexo C – Evolução da % de PIB gasto com defesa nos Estados do Cáucaso do Sul



Fonte: *The SIPRI Militar Expenditure Database* [Em linha][Consultado em 17 de março de 2013] Disponível em: <http://milexdata.sipri.org/result.php4>

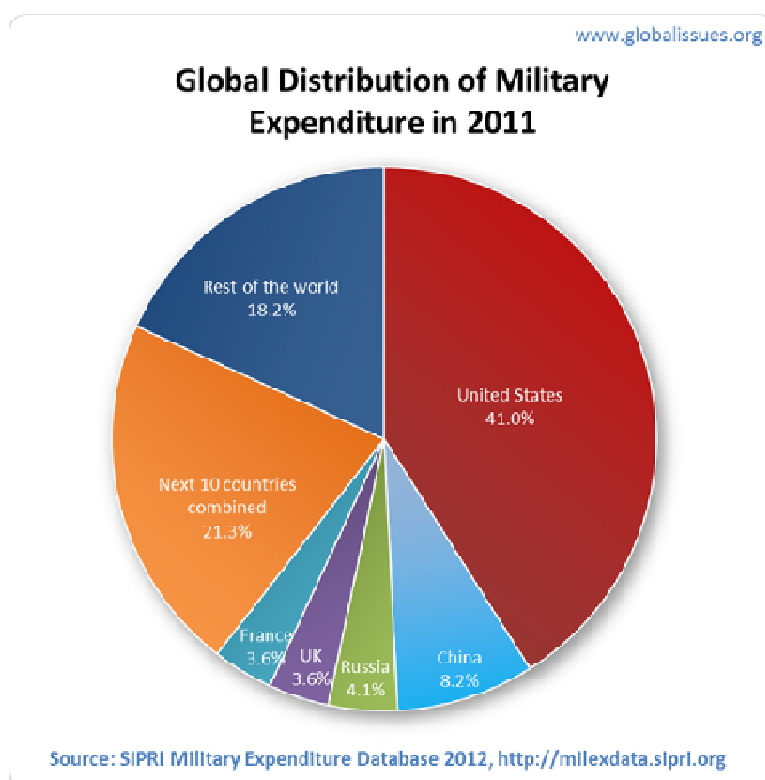
## Anexo D – Evolução da taxa de mortalidade infantil no Cáucaso do Sul



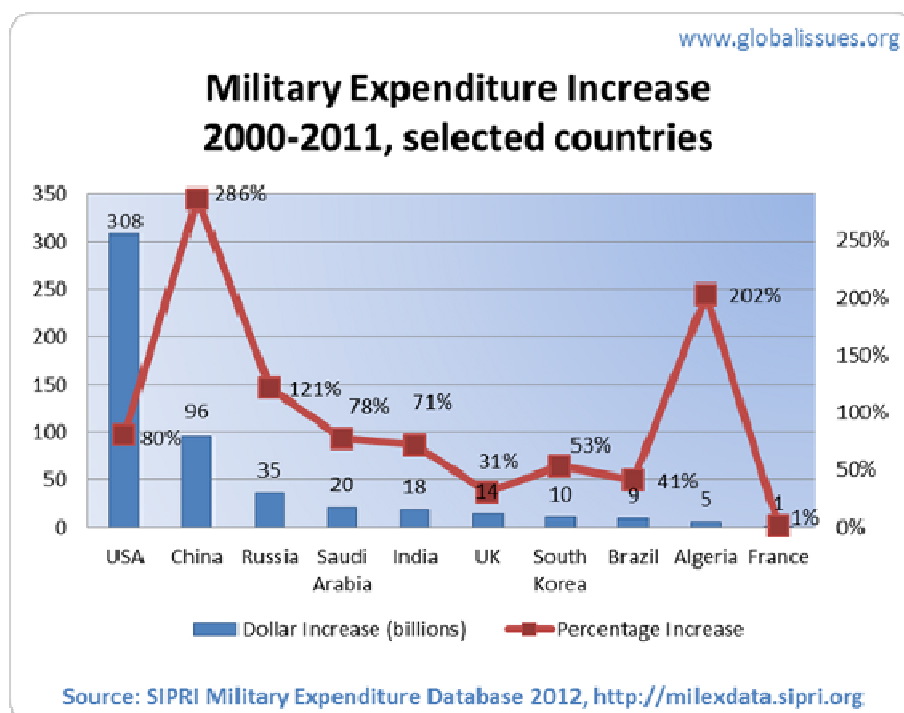
Fonte: *Banco Mundial* [Em linha][Consultado em 12 de abril de 2013]. Disponível em:  
<http://data.worldbank.org/country?display=default>



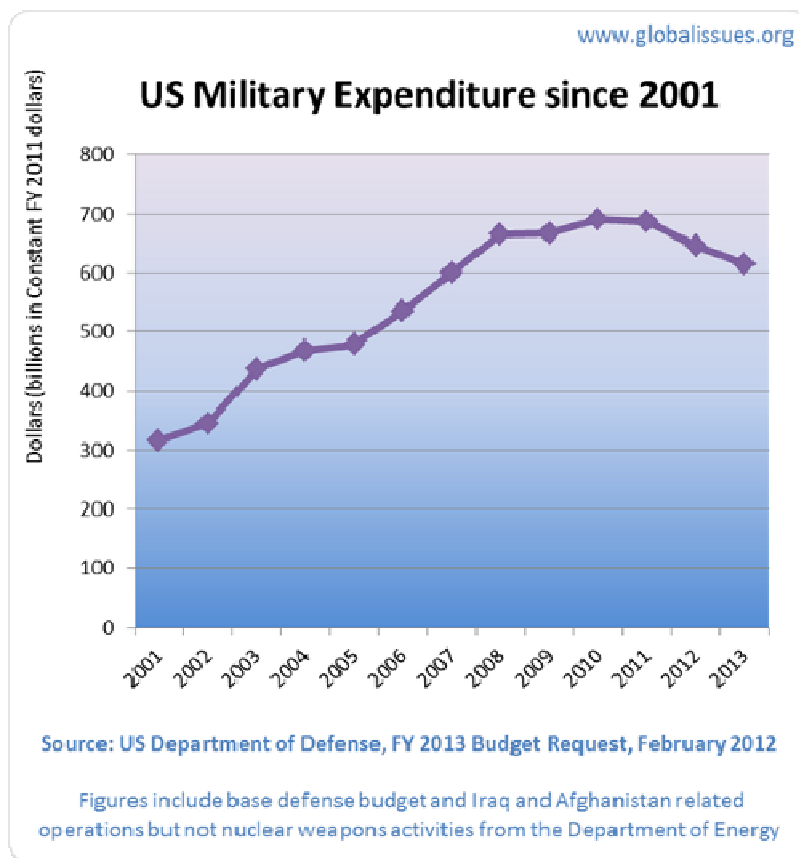
## Anexo E - Distribuição mundial da despesa com defesa em 2011



Fonte: Global Issues. *World Military Spending* [Em linha] [Consultado em 22 de abril de 2013]. Disponível em: <http://www.globalissues.org/article/75/world-military-spending>



Fonte: Global Issues. *World Military Spending* [Em linha] [Consultado em 22 de abril de 2013]. Disponível em: <http://www.globalissues.org/article/75/world-military-spending>



Fonte: *Global Issues. World Military Spending* [Em linha][Consultado em 22 de abril de 2013].  
Disponível em: <http://www.globalissues.org/article/75/world-military-spending>

---

## **Anexo F - Linhas condutoras da Cimeira da OTAN em Chicago 2012**

---

- *We, the Heads of State and Government of the member countries of the North Atlantic Alliance, have gathered in Chicago to renew our commitment to our vital transatlantic bond; take stock of progress in, and reconfirm our commitment to, our operations in Afghanistan, Kosovo and elsewhere; ensure the Alliance has the capabilities it needs to deal with the full range of threats; and strengthen our wide range of partnerships.*
- *Our nations are united in their commitment to the Washington Treaty and to the purposes and principles of the Charter of the United Nations. Based on solidarity, Alliance cohesion and the indivisibility of our security, NATO remains the transatlantic framework for strong collective defence and the essential forum for security consultations and decisions among Allies. Our 2010 Strategic Concept continues to guide us in fulfilling effectively, and always in accordance with international law, our three essential core tasks – collective defence, crisis management, and cooperative security – all of which contribute to safeguarding Alliance members.*
- *At a time of complex security challenges and financial difficulties, it is more important than ever to make the best use of our resources and to continue to adapt our forces and structures. We remain committed to our common values, and are determined to ensure NATO's ability to meet any challenges to our shared security.*
- *We pay tribute to all the brave men and women from Allied and partner nations serving in NATO-led missions and operations. We commend them for their professionalism and dedication and acknowledge the invaluable support provided to them by their families and loved ones. We owe a special debt of gratitude to all those who have lost their lives or been injured during the course of their duties, and we extend our profound sympathy to their families and loved ones.*
- *Today we have taken further important steps on the road to a stable and secure Afghanistan and to our goal of preventing Afghanistan from ever again becoming a safe haven for terrorists that threaten Afghanistan, the region, and the world. The irreversible transition of full security responsibility from the International Security Assistance Force (ISAF) to the Afghan National Security Forces (ANSF) is on track for completion by the end of 2014, as agreed at our Lisbon Summit. We also recognise in this context the importance of a comprehensive approach and continued improvements in governance and development, as well as a political process involving successful reconciliation and reintegration. We welcome the announcement by President Karzai on the third tranche of provinces that will start transition. This third tranche means that 75% of Afghanistan's population will live in areas where the ANSF have taken the lead for security. By mid-2013, when the fifth and final tranche of provinces starts transition, we will have reached an important milestone in our Lisbon roadmap, and the ANSF will be in the lead for security nationwide. At that milestone, as ISAF shifts from focusing primarily on combat increasingly to the provision of training, advice and assistance to the ANSF, ISAF will be able to ensure that the Afghans have the support they need as they adjust to their new increased responsibility. We are gradually and responsibly drawing down our forces to complete the ISAF mission by 31 December 2014.*
- *By the end of 2014, when the Afghan Authorities will have full security responsibility, the NATO-led combat mission will end. We will, however, continue to provide strong and long-term political and practical support through our Enduring Partnership with Afghanistan. NATO is ready to work towards establishing, at the request of the Government of the Islamic Republic of Afghanistan, a new post-2014 mission of a different nature in Afghanistan, to train, advise and assist the ANSF, including the Afghan Special Operations Forces. This will not be a combat mission. We task the Council to begin immediately work on the military planning process for the post-ISAF mission.*
- *At the International Conference on Afghanistan held in Bonn in December 2011, the international community made a commitment to support Afghanistan in its Transformation Decade beyond 2014. NATO will play its part alongside other actors in building sufficient and sustainable Afghan forces capable of providing security for their own country. In this context, Allies welcome contributions and reaffirm their strong commitment to contribute to the financial sustainment of the ANSF. We also call on the international community to commit to this long-term sustainment of the ANSF. Effective funding mechanisms and expenditure arrangements for all strands of the ANSF will build upon existing mechanisms, integrating the efforts of the Government of the Islamic Republic of Afghanistan and of the international community. They will be guided by the principles of flexibility, transparency, accountability, and cost effectiveness, and will include measures against corruption.*
- *We reiterate the importance Allies attach to seeing tangible progress by the Government of the Islamic Republic of Afghanistan regarding its commitments made at the Bonn Conference on 5 December 2011 to a*

---

*democratic society, based on the rule of law and good governance, including progress in the fight against corruption, where the human rights and fundamental freedoms of its citizens, including the equality of men and women and the active participation of both in Afghan society, are respected. The forthcoming elections must be conducted with full respect for Afghan sovereignty and in accordance with the Afghan Constitution. Their transparency, inclusivity and credibility will also be of paramount importance. Continued progress towards these goals will encourage NATO nations to further provide their support up to and beyond 2014.*

- *We also underscore the importance of our shared understanding with the Government of the Islamic Republic of Afghanistan regarding the full participation of all Afghan women in the reconstruction, political, peace and reconciliation processes in Afghanistan and the need to respect the institutional arrangements protecting their rights. We recognise also the need for the protection of children from the damaging effects of armed conflict.*

- *We also recognise that security and stability in the “Heart of Asia” is interlinked across the region. The Istanbul Process on regional security and cooperation, which was launched in November 2011, reflects the commitment of Afghanistan and the countries in the region to jointly ensure security, stability and development in a regional context. The countries in the region, particularly Pakistan, have important roles in ensuring enduring peace, stability and security in Afghanistan and in facilitating the completion of the transition process. We stand ready to continue dialogue and practical cooperation with relevant regional actors in this regard. We welcome the progress on transit arrangements with our Central Asian partners and Russia. NATO continues to work with Pakistan to reopen the ground lines of communication as soon as possible.*

- *We look forward to our expanded ISAF meeting tomorrow.*

- *The Alliance continues to be fully committed to the stability and security of the strategically important Balkans region. We reiterate our full support for KFOR, which continues to act carefully, firmly and impartially in accordance with its United Nations mandate set out in United Nations Security Council Resolution (UNSCR) 1244. KFOR will continue to support the development of a peaceful, stable, and multi-ethnic Kosovo. KFOR will also continue to contribute to the maintenance of freedom of movement and ensuring a safe and secure environment for all people in Kosovo, in cooperation with all relevant actors, including the European Union Rule of Law Mission in Kosovo (EULEX) and the EU Special Representative, as agreed, and the Kosovo authorities. We will maintain KFOR’s robust and credible capability to carry out its mission. We remain committed to moving towards a smaller, more flexible, deterrent presence, only once the security situation allows. We welcome the progress made in developing the Kosovo Security Force, under NATO’s supervision and commend it for its readiness and capability to implement its security tasks and responsibilities. We will continue to look for opportunities to develop NATO’s ongoing role with the Kosovo Security Force.*

- *Last year, through the UN-mandated Operation Unified Protector (OUP), and with the support of the League of Arab States, our Alliance played a crucial role in protecting the civilian population in Libya and in helping save thousands of lives. We commend the Libyan people for the progress achieved to date on their path towards building a new, free, democratic Libya that fully respects human rights and fundamental freedoms, and encourage them to build on that progress.*

- *Our successful operation in Libya showed once more that the Alliance can quickly and effectively conduct complex operations in support of the broader international community. We have also learned a number of important lessons which we are incorporating into our plans and policies. With OUP, NATO set new standards of consultation and practical cooperation with partner countries who contributed to our operation, as well as with other international and regional organisations. In this context, we recognise the value of the Libya Contact Group.*

- *The Alliance is also contributing to peace and security through other operations and missions:*

- *We welcome the extension of the mandate of our counter-piracy operation off the Horn of Africa, Operation Ocean Shield, for a further two years through to 2014. The decision to carry out enhanced actions at sea should allow us to be more effective in eroding the operational reach of pirates at sea. We remain committed to supporting international counter-piracy efforts, including through working together with the EU Operation Atalanta, as agreed, Combined Task Force 151 and other naval forces, and through our ongoing participation in the Contact Group on Piracy off the Coast of Somalia. We encourage the shipping industry to adopt Best Management Practices and other measures proven effective against piracy, in compliance with international law.*

- 
- *Operation Active Endeavour is our Article 5 maritime operation in the Mediterranean which contributes to the fight against terrorism. We are reviewing strategic options for the future of this operation.*
  - *We continue to provide the African Union (AU) with operational support, at its request. We have agreed to extend strategic air and maritime lift support for the AU's Mission in Somalia (AMISOM) and support the development of the AU's long-term peacekeeping capabilities, including the African Stand-by Force. We stand ready to consider further AU requests for NATO training assistance.*
  - *We have successfully concluded the NATO Training Mission in Iraq (NTM-I) which contributed to a more stable Iraq by assisting in the capacity building of Iraq's security institutions.*
  - *Widespread sexual and gender-based violence in conflict situations, the lack of effective institutional arrangements to protect women, and the continued under-representation of women in peace processes, remain serious impediments to building sustainable peace. We remain committed to the full implementation of United Nations Security Council Resolution (UNSCR) 1325 on Women, Peace and Security and related Resolutions which are aimed at protecting and promoting women's rights, role, and participation in preventing and ending conflict. In line with the NATO/Euro-Atlantic Partnership Council (EAPC) Policy, the Alliance, together with its partners, has made significant progress in implementing the goals articulated in these Resolutions. In this regard, we have today endorsed a Strategic Progress Report on mainstreaming UNSCR 1325 and related Resolutions into NATO-led Operations and Missions, and welcomed Norway's generous offer to provide a NATO Special Representative for these important issues. In this context, and to further advance this work, we have tasked the Council to: continue implementing the Policy and the Action Plan; undertake a review of the practical implications of UNSCR 1325 for the conduct of NATO operations and missions; further integrate gender perspectives into Alliance activities; and submit a report for our next Summit.*
  - *We also remain committed to the implementation of UNSCR 1612 and related Resolutions on the protection of children affected by armed conflict. We note with concern the growing range of threats to children in armed conflict and strongly condemn that they are increasingly subject to recruitment, sexual violence and targeted attacks. NATO-led operations, such as ISAF in Afghanistan, are taking an active role in preventing, monitoring and responding to violations against children, including through pre-deployment training and a violations alert mechanism. This approach, based on practical, field-oriented measures, demonstrates NATO's firm commitment on this issue, as does the recent appointment of a NATO Focal Point for Children and Armed Conflict in charge of maintaining a close dialogue with the UN. NATO-UN cooperation in this field is creating a set of good practices to be integrated in NATO training modules and taken into account in possible future operations.*
  - *Our operational experiences have shown that military means, although essential, are not enough on their own to meet the many complex challenges to our security. We reaffirm our Lisbon Summit decisions on a comprehensive approach. In order to fulfil these commitments, important work on NATO's contribution to a comprehensive approach and on stabilisation and reconstruction is ongoing. An appropriate but modest civilian crisis management capability has been established, both at the NATO Headquarters and within Allied Command Operations, in accordance with the principles and detailed political guidance we set out at our Summit in Lisbon.*
  - *We will continue to enhance our political dialogue and practical cooperation with the UN in line with the UN-NATO Declaration of September 2008. We welcome the strengthened cooperation and enhanced liaison between NATO and the UN that has been achieved since our last Summit meeting in Lisbon in November 2010, and which also contributed to the success of OUP.*
  - *NATO and the EU share common values and strategic interests. The EU is a unique and essential partner for NATO. Fully strengthening this strategic partnership, as agreed by our two organisations and enshrined in the Strategic Concept, is particularly important in the current environment of austerity; NATO and the EU should continue to work to enhance practical cooperation in operations, broaden political consultations, and cooperate more fully in capability development. NATO and the EU are working side by side in crisis management operations, in a spirit of mutual reinforcement, and in particular in Afghanistan, Kosovo and fighting piracy. NATO recognises the importance of a stronger and more capable European defence. NATO also recognises non-EU Allies' ongoing concerns and their significant contributions to strengthening the EU's capacities to address common security challenges. For the strategic partnership between NATO and the EU, non-EU Allies'*



---

*fullest involvement in these efforts is essential. In this context, NATO will work closely with the EU, as agreed, to ensure that our Smart Defence and the EU's Pooling and Sharing initiatives are complementary and mutually reinforcing; we welcome the efforts of the EU, in particular in the areas of air-to-air refuelling, medical support, maritime surveillance and training. We also welcome the national efforts in these and other areas by European Allies and Partners. We also encourage the Secretary General to continue his dialogue with the EU High Representative with a view to making our cooperation more effective, and to report to the Council in time for the next Summit.*

- *We continue to work closely with the Organisation for Security and Cooperation in Europe (OSCE), in particular in areas such as conflict prevention and resolution, post-conflict rehabilitation, and in addressing new security threats. We are committed to further enhancing our cooperation, both at the political and operational level, in all areas of common interest.*

- *NATO has a wide network of partnership relations. We highly value all of NATO's partners and the contributions they make to the work of the Alliance as illustrated through several partnership meetings we are holding here in Chicago. Partnerships play a crucial role in the promotion of international peace and security. NATO's partnerships are a key element of Cooperative Security which is one of the core tasks of the Alliance, and the Alliance has developed effective policies in order to enhance its partnerships. Through the Euro-Atlantic Partnership Council and the Partnership for Peace, we have pursued cooperation with our Euro-Atlantic partners to build a Europe whole, free and at peace. For twenty years, our partnerships have facilitated, and provided frameworks for, political dialogue and practical regional cooperation in the fields of security and defence, contribute to advancing our common values, allow us to share expertise and experience, and make a significant contribution to the success of many of our operations and missions. NATO Foreign Ministers in Berlin in April 2011 approved a More Efficient and Flexible Partnership Policy to enhance the effectiveness of NATO's partnerships. We will continue to actively pursue its further implementation with a view to strengthening NATO's partnerships, including by: reinforcing the Euro-Atlantic Partnership Council, the Mediterranean Dialogue, the Istanbul Cooperation Initiative, and our relationships with partners across the globe, while making full use of flexible formats; further developing our political and practical cooperation with partners, including in an operational context; and through increasing partner involvement in training, education, and exercises, including with the NATO Response Force. We will intensify our efforts to better engage with partners across the globe who can contribute significantly to security, and to reach out to partners concerned, including our newest partner Mongolia, to build trust, increase transparency, and develop political dialogue and practical cooperation. In this context, we welcome the Joint Political Declaration between Australia and NATO.*

- *We appreciate our partners' significant contributions to our practical cooperation activities and to the different Trust Funds which support our partnership goals. We welcome the Status Report on Building Integrity and the progress achieved by NATO's Building Integrity Programme which has made important contributions to promoting transparency, accountability, and integrity in the defence sector of interested nations.*

- *We welcome our meeting in Chicago with thirteen partners<sup>1</sup> who have recently made particular political, operational, and financial contributions to NATO-led operations. This is an example of the enhanced flexibility with which we are addressing partnership issues in a demand and substance-driven way. Our meeting in Chicago with partners provides us with a unique opportunity to discuss the lessons learned from our cooperation, and to exchange views on the common security challenges we face. Joint training and exercises will be essential in maintaining our interoperability and interconnectedness with partner forces, including when we are not engaged together in active operations. We will share ideas generated at this Chicago meeting with all our partners, within the appropriate frameworks, for additional discussion.*

- *In accordance with Article 10 of the Washington Treaty, NATO's door will remain open to all European democracies which share the values of our Alliance, which are willing and able to assume the responsibilities and obligations of membership, which are in a position to further the principles of the Treaty, and whose inclusion can contribute to security in the North Atlantic area. Based on these considerations, we will keep the progress of each of the partners that aspire to join the Alliance under active review, judging each on its own merits. We reaffirm our strong commitment to the Euro-Atlantic integration of the partners that aspire to join the Alliance in accordance with previous decisions taken at the Bucharest, Strasbourg-Kehl, and Lisbon Summits. We welcome progress made by these four partners and encourage them to continue to implement the necessary decisions and reforms to advance their Euro-Atlantic aspirations. For our part, we will continue to offer political and practical support to partners that aspire to join the Alliance. NATO's enlargement has*

---

*contributed substantially to the security of Allies; the prospect of further enlargement and the spirit of cooperative security continue to advance stability in Europe more broadly.*

- *We reiterate the agreement at our 2008 Bucharest Summit, as we did at subsequent Summits, to extend an invitation to the former Yugoslav Republic of Macedonia<sup>2</sup> to join the Alliance as soon as a mutually acceptable solution to the name issue has been reached within the framework of the UN, and strongly urge intensified efforts towards that end. An early solution, and subsequent membership, will contribute to security and stability in the region. We encourage the negotiations to be pursued without further delay and expect them to be concluded as soon as possible. We welcome, and continue to support, the ongoing reform efforts in the former Yugoslav Republic of Macedonia, and encourage continued implementation. We also encourage its efforts to further build a multi-ethnic society. We appreciate the former Yugoslav Republic of Macedonia's substantial contributions to our operations, as well as its active role in regional cooperation activities. We value the former Yugoslav Republic of Macedonia's long-standing commitment to the NATO accession process.*

- *We welcome the significant progress that Montenegro has made towards NATO membership and its contribution to security in the Western Balkans region and beyond, including through its active role in regional cooperation activities and its participation in ISAF. We also welcome the increasing public support for NATO membership in Montenegro, and will continue to assist this process. Montenegro's active engagement in the MAP process demonstrates firm commitment to join the Alliance. Montenegro has successfully implemented significant political, economic and defence reforms, and we encourage it to continue on that path so it can draw even closer to the Alliance. We will keep Montenegro's progress towards membership under active review.*

- *We continue to fully support the membership aspirations of Bosnia and Herzegovina. We welcome the significant progress that has been made in recent months, including the establishment of the Bosnia and Herzegovina Council of Ministers, and the political agreement reached on 9 March 2012 on the registration of immovable defence property as state property. These developments are a sign of the political will in Bosnia and Herzegovina to move the reform process forward, and we encourage all political actors in the country to continue to work constructively to further implement the reforms necessary for its Euro-Atlantic integration. The political agreement on defence and state properties is an important step towards fulfilment of the condition set by NATO Foreign Ministers in Tallinn in April 2010 for full participation in the MAP process. We welcome the initial steps taken regarding implementation, and we urge the political leaders in Bosnia and Herzegovina to further their efforts to work constructively to implement the agreement without delay in order to start its first MAP cycle as soon as possible. The Alliance will continue to follow progress in implementation and will provide assistance to Bosnia and Herzegovina's reform efforts. We appreciate Bosnia and Herzegovina's contribution to NATO-led operations and commend its constructive role in regional and international security.*

- *At the 2008 Bucharest Summit we agreed that Georgia will become a member of NATO and we reaffirm all elements of that decision, as well as subsequent decisions. The NATO-Georgia Commission and Georgia's Annual National Programme (ANP) have a central role in supervising the process set in hand at the Bucharest Summit. We welcome Georgia's progress since the Bucharest Summit to meet its Euro-Atlantic aspirations through its reforms, implementation of its Annual National Programme, and active political engagement with the Alliance in the NATO-Georgia Commission. In that context, we have agreed to enhance Georgia's connectivity with the Alliance, including by further strengthening our political dialogue, practical cooperation, and interoperability with Georgia. We continue to encourage and actively support Georgia's ongoing implementation of all necessary reforms, including democratic, electoral, and judicial reforms, as well as security and defence reforms. We stress the importance of conducting free, fair, and inclusive elections in 2012 and 2013. We appreciate Georgia's substantial contribution, in particular as the second largest non-NATO troop contributing nation to ISAF, to Euro-Atlantic security.*

- *We reiterate our continued support to the territorial integrity and sovereignty of Georgia within its internationally recognised borders. We welcome Georgia's full compliance with the EU-mediated cease-fire agreement and other unilateral measures to build confidence. We welcome Georgia's commitment not to use force and call on Russia to reciprocate. We continue to call on Russia to reverse its recognition of the South Ossetia and Abkhazia regions of Georgia as independent states. We encourage all participants in the Geneva talks to play a constructive role as well as to continue working closely with the OSCE, the UN, and the EU to pursue peaceful conflict resolution in the internationally-recognised territory of Georgia.*

- *Here in Chicago, our Foreign Ministers are meeting with their counterparts from the former Yugoslav Republic of Macedonia, Montenegro, Bosnia and Herzegovina, and Georgia, in order to take stock of their*



---

*individual progress, plan future cooperation, and exchange views with our partners, including on their participation in partnership activities and contributions to operations. We are grateful to these partners that aspire to NATO membership for the important contributions they are making to NATO-led operations, and which demonstrate their commitment to our shared security goals.*

- *In the strategically important Western Balkans region, democratic values, regional cooperation and good neighbourly relations are important for lasting peace and stability. We are encouraged by the progress being made, including in regional cooperation formats, and will continue to actively support Euro-Atlantic aspirations in this region. Together, Allies and partners of the region actively contribute to the maintenance of regional and international peace, including through regional cooperation formats.*

- *We continue to support Serbia's Euro-Atlantic integration. We welcome Serbia's progress in building a stronger partnership with NATO and encourage Belgrade to continue on this path. NATO stands ready to continue to deepen political dialogue and practical cooperation with Serbia. We will continue assisting Serbia's reform efforts, and encourage further work.*

- *We call upon Serbia to support further efforts towards the consolidation of peace and stability in Kosovo. We urge all parties concerned to cooperate fully with KFOR and EULEX in the execution of their respective mandates for which unconditional freedom of movement is necessary. We urge Belgrade and Pristina to take full advantage of the opportunities offered to promote peace, security, and stability in the region, in particular by the European Union-facilitated dialogue. We welcome progress made in the European Union-facilitated Belgrade-Pristina dialogue, including the Agreement on Regional Cooperation and the IBM technical protocol. Dialogue between them and Euro-Atlantic integration of the region are key for a sustained improvement in security and stability in the Western Balkans. We call on both parties to implement fully existing agreements, and to move forward on all outstanding issues, including on the conclusion of additional agreements on telecommunications and electricity. We welcome progress achieved and encourage further efforts aimed at consolidating the rule of law, and other reform efforts, in Kosovo.*

- *An independent, sovereign and stable Ukraine, firmly committed to democracy and the rule of law, is key to Euro-Atlantic security. Marking the fifteenth anniversary of the NATO-Ukraine Charter on a Distinctive Partnership, we welcome Ukraine's commitment to enhancing political dialogue and interoperability with NATO, as well as its contributions to NATO-led operations and new offers made. We note the recent elimination of Ukraine's highly enriched uranium in March 2012, which demonstrates a proven commitment to non-proliferation. Recalling our decisions in relation to Ukraine and our Open Door policy stated at the Bucharest and Lisbon Summits, NATO is ready to continue to develop its cooperation with Ukraine and assist with the implementation of reforms in the framework of the NATO-Ukraine Commission and the Annual National Programme (ANP). Noting the principles and commitments enshrined in the NATO-Ukraine Charter and the ANP, we are concerned by the selective application of justice and what appear to be politically motivated prosecutions, including of leading members of the opposition, and the conditions of their detention. We encourage Ukraine to address the existing shortcomings of its judicial system to ensure full compliance with the rule of law and the international agreements to which it is a party. We also encourage Ukraine to ensure free, fair and inclusive Parliamentary elections this autumn.*

- *NATO-Russia cooperation is of strategic importance as it contributes to creating a common space of peace, stability and security. We remain determined to build a lasting and inclusive peace, together with Russia, in the Euro-Atlantic area, based upon the goals, principles and commitments of the NATO-Russia Founding Act and the Rome Declaration. We want to see a true strategic partnership between NATO and Russia, and we will act accordingly with the expectation of reciprocity from Russia.*

- *This year, we mark the tenth anniversary of the establishment of the NATO-Russia Council (NRC) and the fifteenth anniversary of the NATO-Russia Founding Act. We welcome important progress in our cooperation with Russia over the years. At the same time, we differ on specific issues and there is a need to improve trust, reciprocal transparency, and predictability in order to realise the full potential of the NRC. In this context, we intend to raise with Russia in the NRC Allied concerns about Russia's stated intentions regarding military deployments close to Alliance borders. Mindful of the goals, principles and commitments which underpin the NRC, and on this firm basis, we urge Russia to meet its commitments with respect to Georgia, as mediated by the EU on 12 August and 8 September 2008<sup>3</sup>. We continue to be concerned by the build-up of Russia's military presence on Georgia's territory and continue to call on Russia to ensure free access for humanitarian assistance and international observers.*

---

• NATO and Russia share common security interests and face common challenges and our practical achievements together reflect that reality. Today, we continue to value the important role of the NRC as a forum for frank and honest political dialogue – including on subjects where we disagree – and for promoting practical cooperation. Our cooperation with Russia on issues related to Afghanistan – notably the two-way transit arrangements offered by Russia in support of ISAF, our joint training of counter narcotics personnel from Afghanistan, Central Asia, and Pakistan, and the NRC Helicopter Maintenance Trust Fund in support of a key ANSF need – is a sign of our common determination to build peace and stability in that region. NATO-Russia counter-terrorism cooperation has expanded and all NRC nations will benefit from the lessons to be learned from the first civil-military NRC Counter-Terrorism exercise, and the capabilities available under the NRC aviation counter-terrorism programme which is now operational. We also note with satisfaction our growing counter-piracy cooperation off the Horn of Africa. We are committed to, and look forward to, further improving trust and reciprocal transparency in: defence matters; strategy; doctrines; military postures, including of non-strategic nuclear weapons in Europe; military exercises; arms control and disarmament; and we invite Russia to engage with the Alliance in discussing confidence-building measures covering these issues.

• At a time of unprecedented change in the Mediterranean and broader Middle East, NATO is committed to strengthening and developing partnership relations with countries in the region, with whom we face common security challenges and share the same goals for peace, security and stability. NATO supports the aspirations of the people of the region for democracy, individual liberty and the rule of law – values which underpin the Alliance.

• The Libya crisis illustrated the benefits of cooperation with partners from the region. It also showed the merit of regular consultations between the Alliance and regional organisations, such as the Gulf Cooperation Council and the League of Arab States.

• NATO is ready to consult more regularly on security issues of common concern, through the Mediterranean Dialogue (MD) and Istanbul Cooperation Initiative (ICI), as well as bilateral consultations and 28+n formats. We recall our commitment to the MD and the ICI and to the principles that underpin them; the MD and ICI remain two complementary and yet distinct partnership frameworks. We are also ready to consider providing, upon request, support to our partners in the region in such areas as security institution building, defence modernisation, capacity development, and civil-military relations. Individualised programmes will allow us to focus on agreed priorities for each partner country.

• The MD helps to strengthen mutual understanding, political dialogue, practical cooperation and, as appropriate, interoperability. We welcome the Moroccan-led initiative to develop a new, political framework document for the MD, and look forward to developing it together soon with our MD partners. We encourage the MD partner countries to be proactive in exploiting the opportunities offered by their partnership with NATO. The MD remains open to other countries in the region.

• We welcome Libya's stated interest to deepen relations with the Alliance. We are ready to welcome Libya as a partner, if it so wishes. In that perspective, the MD is a natural framework for this partnership. We stand ready, if requested, and on a case-by-case basis, to consider providing assistance to Libya in areas where NATO can add value. NATO's activities would focus primarily on security and defence sector reform, while taking into account other international efforts.

• We will strengthen political dialogue and practical cooperation in the ICI. We warmly welcome the generous offer by the State of Kuwait to host an ICI Regional Centre, which will help us to better understand common security challenges, and discuss how to address them together. We encourage our ICI partner countries to be proactive in exploiting the opportunities offered by their partnership with NATO. We remain open to receiving new members in the ICI.

• We are following the evolution of the Syrian crisis with growing concern and we strongly support the efforts of the United Nations and the League of Arab States, including full implementation of the six-point Annan plan, to find a peaceful solution to the crisis.

• We welcome progress being made in Iraq. The NATO Transition Cell now established in Iraq is helping to develop our partnership.

---

• *With our vision of a Euro-Atlantic area at peace, the persistence of protracted regional conflicts in South Caucasus and the Republic of Moldova continues to be a matter of great concern for the Alliance. We welcome the constructive approach in the renewed dialogue on Transnistria in the 5+2 format, and encourage further efforts by all actors involved. With respect to all these conflicts, we urge all parties to engage constructively and with reinforced political will in peaceful conflict resolution, and to respect the current negotiation formats. We call on them all to avoid steps that undermine regional security and stability. We remain committed in our support of the territorial integrity, independence, and sovereignty of Armenia, Azerbaijan, Georgia, and the Republic of Moldova, and will also continue to support efforts towards a peaceful settlement of these regional conflicts, based upon these principles and the norms of international law, the United Nations Charter, and the Helsinki Final Act.*

• *The Black Sea region continues to be important for Euro-Atlantic security. We welcome the progress in consolidating regional cooperation and ownership, through effective use of existing initiatives and mechanisms, in the spirit of transparency, complementarity and inclusiveness. We will continue to support, as appropriate, efforts based on regional priorities and dialogue and cooperation among the Black Sea states and with the Alliance.*

• *Cyber attacks continue to increase significantly in number and evolve in sophistication and complexity. We reaffirm the cyber defence commitments made at the Lisbon Summit. Following Lisbon, last year we adopted a Cyber Defence Concept, Policy, and Action Plan, which are now being implemented. Building on NATO's existing capabilities, the critical elements of the NATO Computer Incident Response Capability (NCIRC) Full Operational Capability (FOC), including protection of most sites and users, will be in place by the end of 2012. We have committed to provide the resources and complete the necessary reforms to bring all NATO bodies under centralised cyber protection, to ensure that enhanced cyber defence capabilities protect our collective investment in NATO. We will further integrate cyber defence measures into Alliance structures and procedures and, as individual nations, we remain committed to identifying and delivering national cyber defence capabilities that strengthen Alliance collaboration and interoperability, including through NATO defence planning processes. We will develop further our ability to prevent, detect, defend against, and recover from cyber attacks. To address the cyber security threats and to improve our common security, we are committed to engage with relevant partner nations on a case-by-case basis and with international organisations, inter alia the EU, as agreed, the Council of Europe, the UN and the OSCE, in order to increase concrete cooperation. We will also take full advantage of the expertise offered by the Cooperative Cyber Defence Centre of Excellence in Estonia.*

• *We continue to be deeply concerned about the proliferation of nuclear weapons and other weapons of mass destruction (WMD), as well as their means of delivery. Proliferation threatens our shared vision of creating the conditions necessary for a world without nuclear weapons in accordance with the goals of the Nuclear Non-Proliferation Treaty (NPT). We share the United Nations Security Council's serious concern with Iran's nuclear programme and call upon Iran to fully comply with all its international obligations, including all relevant Resolutions of the United Nations Security Council and the International Atomic Energy Agency Board of Governors. We further call upon Iran to cooperate with the international community to build confidence in the exclusively peaceful nature of its nuclear programme in compliance with its NPT obligations. We support the immediate resolution of the Iranian nuclear issue through diplomatic means and encourage a sustained process of engagement within the format of the P5+1 and Iran talks. We are deeply concerned by the proliferation activities of the Democratic People's Republic of Korea (DPRK) and call on it to comply fully with all relevant UNSCRs and international obligations, especially by abandoning all activities related to its existing nuclear weapons and ballistic missile programmes, in a complete, verifiable and irreversible manner. We strongly condemn the launch by the DPRK on 13 April 2012 using ballistic missile technology. We call for universal adherence to, and compliance with, the NPT and the Additional Protocol to the International Atomic Energy Agency Safeguard Agreement, and call for full implementation of UNSCR 1540 and welcome further work under UNSCR 1977. We also call on all states to strengthen the security of nuclear materials within their borders, as called for at the 2012 Seoul Nuclear Security Summit. We will continue to implement NATO's Strategic-Level Policy for Preventing the Proliferation of WMD and Defending Against Chemical, Biological, Radiological and Nuclear (CBRN) Threats. We will ensure NATO has the appropriate capabilities, including for planning efforts, training and exercises, to address and respond to CBRN attacks.*

• *Terrorism in all its forms and manifestations can never be tolerated or justified. We deplore all loss of life from acts of terrorism and extend our sympathies to the victims. We reaffirm our commitment to fight terrorism with unwavering resolve in accordance with international law and the principles of the UN Charter. Today we*

---

*have endorsed NATO's Policy Guidelines on Counter-Terrorism, and task the Council to prepare an Action Plan to further enhance NATO's ability to prevent, deter, and respond to terrorism by identifying initiatives to enhance our threat awareness, capabilities, and engagement.*

- *A stable and reliable energy supply, diversification of routes, suppliers and energy resources, and the interconnectivity of energy networks, remain of critical importance. While these issues are primarily the responsibility of national governments and other international organisations concerned, NATO closely follows relevant developments in energy security. Today, we have noted a progress report which outlines the concrete steps taken since our last Summit and describes the way forward to integrate, as appropriate, energy security considerations in NATO's policies and activities. We will continue to consult on energy security and further develop the capacity to contribute to energy security, concentrating on areas where NATO can add value. To this end, we will work towards significantly improving the energy efficiency of our military forces; develop our competence in supporting the protection of critical energy infrastructure; and further develop our outreach activities in consultation with partners, on a case-by-case basis. We welcome the offer to establish a NATO-accredited Energy Security Centre of Excellence in Lithuania as a contribution to NATO's efforts in this area. We task the Council to continue to refine NATO's role in energy security in accordance with the principles and the guidelines agreed at the Bucharest Summit and the direction provided by the new Strategic Concept as well as the Lisbon decisions. We task the Council to produce a further progress report for our next Summit.*

- *Key environmental and resource constraints, including health risks, climate change, water scarcity and increasing energy needs will further shape the future security environment in areas of concern to NATO and have the potential to significantly affect NATO planning and operations.*

- *In Lisbon, we called for a review of NATO's overall posture in deterring and defending against the full range of threats to the Alliance, taking into account the changes in the evolving international security environment. We have today approved, and made public, the results of our Deterrence and Defence Posture Review. NATO is committed to maintaining an appropriate mix of nuclear, conventional and missile defence capabilities for deterrence and defence to fulfil its commitments as set out in the Strategic Concept. Consistent with the Strategic Concept and their commitments under existing arms control treaties and frameworks, Allies will continue to support arms control, disarmament, and non-proliferation efforts.*

- *We will ensure that the Alliance continues to have the capabilities needed to perform the essential core tasks to which we committed ourselves in the Strategic Concept. To that end, we have agreed a separate Chicago Defence Declaration and endorsed the Defence Package for the Chicago Summit, outlining a vision and a clear way forward towards our goal of NATO Forces 2020.*

- *We welcome the recent Council decision to continue the NATO Air Policing Mission in the Baltic states, and appreciate the recent commitment by the Baltic states to enhance their host nation support to the participating Allies. Allies remain committed to contributing to this mission, which is also an example of Smart Defence in practice. This peacetime mission and other Alliance air policing arrangements demonstrate the Alliance's continued and visible commitment to collective defence and solidarity.*

- *The Alliance's recent operational experiences also show that the ability of NATO forces to act together seamlessly and rapidly is critical to success. We will, therefore, ensure that the Alliance's forces remain well connected through expanded education, training and exercises. In line with the Alliance's commitment to transparency, and in the expectation of reciprocity, these activities are open for partner participation and observation on a case-by-case basis. In this context, we attach particular importance to next year's "Steadfast Jazz" exercise for the NATO Response Force which, along with other exercises, will contribute to the ability of NATO forces to operate together anywhere on Alliance territory and in wider crisis management operations.*

- *We continue to be concerned by the increasing threats to our Alliance posed by the proliferation of ballistic missiles. At our Summit in Lisbon we decided to develop a NATO Ballistic Missile Defence (BMD) capability to pursue our core task of collective defence. The aim of this capability is to provide full coverage and protection for all NATO European populations, territory and forces against the increasing threats posed by the proliferation of ballistic missiles, based on the principles of indivisibility of Allied security and NATO solidarity, equitable sharing of risks and burdens, as well as reasonable challenge, taking into account the level of threat, affordability and technical feasibility and in accordance with the latest common threat assessments agreed by the Alliance. Should international efforts reduce the threats posed by ballistic missile proliferation, NATO missile defence can, and will, adapt accordingly.*



---

- *Missile defence can complement the role of nuclear weapons in deterrence; it cannot substitute for them. This capability is purely defensive.*

- *We are pleased today to declare that the Alliance has achieved an Interim NATO BMD Capability. It will provide with immediate effect an operationally significant first step, consistent with our Lisbon decision, offering the maximum coverage within available means, to defend our populations, territory and forces across southern NATO Europe against a ballistic missile attack. Our aim remains to provide the Alliance with a NATO operational BMD that can provide full coverage and protection for all NATO European populations, territory and forces, based on voluntary national contributions, including nationally funded interceptors and sensors, hosting arrangements, and on the expansion of the Active Layered Theatre Ballistic Missile Defence (ALTBMD) capability. Only the command and control systems of ALTBMMD and their expansion to territorial defence are eligible for common funding. Within the context of the NATO BMD capability, Turkey hosts a forward-based early-warning radar. We note the potential opportunities for cooperation on missile defence, and encourage Allies to explore possible additional voluntary contributions, including through multinational cooperation, to provide relevant capabilities, as well as to use potential synergies in planning, development, procurement, and deployment.*

- *As with all of NATO's operations, full political control by Allies over military actions undertaken pursuant to this Interim Capability will be ensured. Given the short flight times of ballistic missiles, the Council agrees the pre-arranged command and control rules and procedures including to take into account the consequences of intercept compatible with coverage and protection requirements. We have tasked the Council to regularly review the implementation of the NATO BMD capability, including before the Foreign and Defence Ministers' meetings, and prepare a comprehensive report on progress and issues to be addressed for its future development, for us by our next Summit.*

- *The Alliance remains prepared to engage with third states, on a case by case basis, to enhance transparency and confidence and to increase ballistic missile defence effectiveness. Given our shared security interests with Russia, we remain committed to cooperation on missile defence in the spirit of mutual trust and reciprocity, such as the recent NRC Theatre Missile Defence Exercise. Through ongoing efforts in the NATO-Russia Council, we seek to determine how independent NATO and Russian missile defence systems can work together to enhance European security. We look forward to establishing the proposed joint NATO-Russia Missile Data Fusion Centre and the joint Planning Operations Centre to cooperate on missile defence. We propose to develop a transparency regime based upon a regular exchange of information about the current respective missile defence capabilities of NATO and Russia. Such concrete missile defence cooperation is the best means to provide Russia with the assurances it seeks regarding NATO's missile defence plans and capabilities. In this regard, we today reaffirm that the NATO missile defence in Europe will not undermine strategic stability. NATO missile defence is not directed against Russia and will not undermine Russia's strategic deterrence capabilities. NATO missile defence is intended to defend against potential threats emanating from outside the Euro-Atlantic area. While regretting recurrent Russian statements on possible measures directed against NATO's missile defence system, we welcome Russia's willingness to continue dialogue with the purpose of finding an agreement on the future framework for missile defence cooperation.*

- *We remain committed to conventional arms control. NATO CFE Allies recall that the decisions taken in November 2011 to cease implementing certain CFE obligations with regard to the Russian Federation are reversible, should the Russian Federation return to full implementation. NATO CFE Allies continue to implement fully their CFE obligations with respect to all other CFE States Parties. Allies are determined to preserve, strengthen and modernise the conventional arms control regime in Europe, based on key principles and commitments, and continue to explore ideas to this end.*

- *At our Summit in Lisbon, we agreed on an ambitious reform programme. This package of reforms remains essential for guaranteeing the Alliance is responsive and effective in carrying out the ambitious tasks envisioned in our Strategic Concept, the Lisbon Declaration, as well as the Declaration on Defence Capabilities we have adopted today. To this end:*

- *NATO Command Structure. We are implementing a leaner, more effective and affordable NATO Command Structure with its first phase and its package elements being effective during 2012. The number of subordinate headquarters, as well as the peacetime staffing and establishment, are being significantly reduced and implementation will be complete by 2015.*

- 
- *NATO Headquarters. We have rationalised a number of services between the International Staff (IS) and the International Military Staff (IMS). The move to the new headquarters in 2016 provides a unique opportunity to achieve more efficient and effective support to the work of the Alliance. We welcome the ongoing review of the IS, and the forthcoming review of the IMS; we look forward to the continuation of these reforms in line with those being carried out by nations. An important part of this comprehensive reform will be a review of our priorities and IS and IMS spending to identify activities that are no longer needed, improve efficiency, and achieve savings. This review will take place with the appropriate involvement of the Military Committee.*
  - *NATO Agencies. The consolidation and rationalization of the existing NATO Agencies' functions and services is underway with new NATO Agencies for Support, Communication & Information, and Procurement, to be stood up on 1 July 2012. The new Agencies' executives will work to optimise savings and improvements in effectiveness as the new entities mature over the next two years.*
  - *Resource Management. We have achieved solid progress in reforming the management of NATO's resources in the areas of programming, transparency, accountability, and information management. These reforms are making NATO resource and financial management more efficient, and are helping us to match resources to requirements. In this context, we will continue to reform our structures and procedures in order to seek greater efficiencies including from better use of our budgets.*

*We look forward to a further report on progress on these reforms by the time of our next Summit.*

- *We express our appreciation for the generous hospitality extended to us by the Government of the United States as well as the people and City of Chicago. The decisions we have taken at our Summit in Chicago reinforce our common commitments, our capabilities and our cooperation, and will strengthen the Alliance for the years ahead.*

**NATO (2012).Disponível em:**

**[http://www.nato.int/cps/en/natolive/official\\_texts\\_87593.htm?mode=pressrelease](http://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_87593.htm?mode=pressrelease)**

## Anexo G - Principais parceiros comerciais da Geórgia

### GEORGIA'S TRADE WITH MAIN PARTNERS (2010)

The Major Imports Partners				The Major Export Partners				The Major Trade Partners			
Rk	Partners	Mio euro	%	Rk	Partners	Mio euro	%	Rk	Partners	Mio euro	%
1	World (all countries)	3,893.1	100.0%	1	World (all countries)	1,189.5	100.0%	1	World (all countries)	5,082.6	100.0%
2	EU27	1,106.1	28.4%	2	EU27	218.1	18.3%	2	EU27	1,324.1	26.1%
3	Turkey	673.2	17.3%	3	Azerbaijan	184.8	15.5%	3	Turkey	835.8	16.4%
4	Ukraine	423.2	10.9%	4	Turkey	162.6	13.7%	4	Azerbaijan	550.0	10.8%
5	Azerbaijan	365.2	9.4%	5	United States	136.9	11.5%	5	Ukraine	501.5	9.9%
6	China	253.0	6.5%	6	Armenia	120.7	10.1%	6	China	271.3	5.3%
7	Russia	218.8	5.6%	7	Ukraine	78.2	6.6%	7	United States	271.1	5.3%
8	United States	134.2	3.4%	8	Canada	65.4	5.5%	8	Russia	245.1	4.8%
9	United Arab Emirates	120.1	3.1%	9	Kazakhstan	36.1	3.0%	9	Armenia	155.9	3.1%
10	Kazakhstan	70.9	1.8%	10	Russia	26.4	2.2%	10	United Arab Emirates	141.2	2.8%
11	Japan	61.4	1.6%	11	United Arab Emirates	21.1	1.8%	11	Kazakhstan	107.0	2.1%
12	Brazil	60.4	1.6%	12	China	18.3	1.5%	12	Canada	79.0	1.6%
13	Turkmenistan	45.2	1.2%	13	Belarus	17.0	1.4%	13	Japan	67.4	1.3%
14	Iran	41.8	1.1%	14	India	9.1	0.8%	14	Brazil	64.8	1.3%
15	Armenia	35.2	0.9%	15	Turkmenistan	9.1	0.8%	15	Turkmenistan	54.3	1.1%
16	Belarus	27.4	0.7%	16	Iran	9.0	0.8%	16	Iran	50.7	1.0%
17	Switzerland	26.4	0.7%	17	Egypt	7.8	0.7%	17	Belarus	44.4	0.9%
18	India	24.5	0.6%	18	Japan	6.1	0.5%	18	India	33.7	0.7%
19	Australia	23.3	0.6%	19	Moldova	5.7	0.5%	19	South Korea	27.5	0.5%
20	South Korea	22.3	0.6%	20	Iraq	5.7	0.5%	20	Switzerland	26.7	0.5%
21	Hong Kong	18.0	0.5%	21	South Korea	5.2	0.4%	21	Australia	23.9	0.5%
22	Canada	13.5	0.3%	22	Uzbekistan	5.1	0.4%	22	Hong Kong	20.2	0.4%
23	Thailand	12.0	0.3%	23	Lebanon	4.9	0.4%	23	Israel	14.1	0.3%
24	Israel	11.1	0.3%	24	Brazil	4.5	0.4%	24	Uzbekistan	12.4	0.2%
25	Ecuador	10.0	0.3%	25	Zimbabwe	3.7	0.3%	25	Thailand	12.3	0.2%
26	Singapore	8.8	0.2%	26	Mexico	3.1	0.3%	26	Egypt	11.7	0.2%
27	Ghana	8.7	0.2%	27	Israel	3.1	0.3%	27	Singapore	10.3	0.2%
28	Vietnam	8.3	0.2%	28	Mozambique	2.4	0.2%	28	Ecuador	10.0	0.2%
29	Gabon	8.3	0.2%	29	Kyrgyz Republic	2.3	0.2%	29	Vietnam	9.3	0.2%
30	Uzbekistan	7.3	0.2%	30	Hong Kong	2.2	0.2%	30	Moldova	9.2	0.2%
31	Indonesia	7.0	0.2%	31	Tajikistan	1.9	0.2%	31	Ghana	8.7	0.2%
32	New Zealand	6.0	0.2%	32	Panama	1.8	0.1%	32	Gabon	8.3	0.2%
33	Norway	4.1	0.1%	33	Singapore	1.5	0.1%	33	Indonesia	7.3	0.1%
34	Egypt	3.9	0.1%	34	Morocco	1.4	0.1%	34	New Zealand	6.0	0.1%
35	Argentina	3.7	0.1%	35	Vietnam	0.9	0.1%	35	Iraq	5.7	0.1%
36	Moldova	3.5	0.1%	36	Syria	0.9	0.1%	36	Lebanon	5.5	0.1%
37	El Salvador	3.3	0.1%	37	Sri Lanka	0.9	0.1%	37	Norway	4.2	0.1%
38	Malaysia	2.6	0.1%	38	Albania	0.8	0.1%	38	Argentina	3.7	0.1%
39	Croatia	2.6	0.1%	39	Australia	0.6	0.1%	39	Zimbabwe	3.7	0.1%
40	South Africa	2.3	0.1%	40	Malaysia	0.6	0.1%	40	Kyrgyz Republic	3.4	0.1%
41	Pakistan	1.5	0.0%	41	Kuwait	0.4	0.0%	41	El Salvador	3.3	0.1%
42	Syria	1.4	0.0%	42	Libya	0.4	0.0%	42	Malaysia	3.3	0.1%
43	Chile	1.3	0.0%	43	Nepal	0.4	0.0%	43	Mexico	3.3	0.1%
44	Algeria	1.2	0.0%	44	Oman	0.4	0.0%	44	Panama	2.7	0.1%
45	Oman	1.2	0.0%	45	Switzerland	0.3	0.0%	45	Croatia	2.6	0.1%
46	Serbia and Montenegro	1.2	0.0%	46	Indonesia	0.3	0.0%	46	Mozambique	2.4	0.0%
47	Kyrgyz Republic	1.0	0.0%	47	Thailand	0.3	0.0%	47	South Africa	2.3	0.0%
48	Panama	1.0	0.0%	48	Qatar	0.2	0.0%	48	Syria	2.3	0.0%
49	Sri Lanka	0.9	0.0%	49	Philippines	0.2	0.0%	49	Tajikistan	1.9	0.0%
50	Jordan	0.7	0.0%	50	Afghanistan	0.2	0.0%	50	Sri Lanka	1.7	0.0%
51	Colombia	0.6	0.0%		Norway	0.1	0.0%		Morocco	1.6	0.0%

Georgia's Imports from ...				Georgia's Exports to ...				Georgia's Trade with...			
Partner regions	Mio euro	%		Partner regions	Mio euro	%		Partner regions	Mio euro	%	
ACP	20.9	0.5%		ACP	6.2	0.5%		ACP	27.1	0.5%	
Andean Community	10.6	0.3%		Andean Community	0.0	0.0%		Andean Community	10.6	0.2%	
ASEAN	39.0	1.0%		ASEAN	3.8	0.3%		ASEAN	42.9	0.8%	
BRIC	556.7	14.3%		BRIC	58.2	4.9%		BRIC	614.9	12.1%	
CACM	4.5	0.1%		CACM	1.8	0.1%		CACM	6.2	0.1%	
Candidate Countries	675.9	17.4%		Candidate Countries	162.6	13.7%		Candidate Countries	838.5	16.5%	
CIS	1,197.8	30.8%		CIS	487.2	41.0%		CIS	1,685.0	33.2%	
EFTA	30.8	0.8%		EFTA	0.5	0.0%		EFTA	31.3	0.6%	
Latin American Countries	81.0	2.1%		Latin American Countries	9.4	0.8%		Latin American Countries	90.4	1.8%	
MEDA (excl EU and Turkey)	19.1	0.5%		MEDA (excl EU and Turkey)	18.0	1.5%		MEDA (excl EU and Turkey)	37.1	0.7%	
Mercosur	64.6	1.7%		Mercosur	4.5	0.4%		Mercosur	69.1	1.4%	
NAFTA	147.9	3.8%		NAFTA	205.5	17.3%		NAFTA	353.3	7.0%	

EFTA: Iceland, Liechtenstein, Norway, Switzerland; Candidates: Croatia, FYR of Macedonia, Turkey; Andean Community: Bolivia, Colombia, Ecuador, Peru; CIS: Armenia, Azerbaijan, Belarus, Georgia, Kyrgyzstan, Kazakhstan, Moldova Republic of, Russian Federation, Tajikistan, Turkmenistan, Ukraine, Uzbekistan; CACM: Honduras, El Salvador, Nicaragua, Costa Rica, Guatemala, Panama; Mercosur: Argentina, Brazil, Paraguay, Uruguay; NAFTA: Canada, Mexico, United States; Latin American Countries: CACM, Mercosur, ANCOM, Chile, Cuba, Dominican Republic, Haiti, Mexico, Panama, Venezuela; BRIC: Brazil, Russia, India, China; ASEAN: Brunei Darussalam, Indonesia, Cambodia, Lao People's Democratic Republic, Myanmar, Malaysia, Philippines, Singapore, Thailand, Vietnam; ACP: 79 countries; MEDA (excl EU & Turkey): Algeria, Egypt, Israel, Jordan, Lebanon, Morocco, Occupied Palestinian Territory, Syrian Arab Republic, Tunisia.

Source: IMF (DoTS)  
European Union: 27 members.

DG TRADE  
21-Mar-12

Fonte: European Commission Trade Statistics [Em linha] [Consultado em 22 de abril de 2013]. Disponível em: [http://ec.europa.eu/trade/policy/countries-and-regions/statistics/regions/index\\_en.htm](http://ec.europa.eu/trade/policy/countries-and-regions/statistics/regions/index_en.htm)



## Anexo H - Principais parceiros comerciais do Azerbaijão

### AZERBAIJAN'S TRADE WITH MAIN PARTNERS (2010)

The Major Imports Partners				The Major Export Partners				The Major Trade Partners			
Rk	Partners	Mio euro	%	Rk	Partners	Mio euro	%	Rk	Partners	Mio euro	%
	World (all countries)	4,985.3	100.0%		World (all countries)	15,977.3	100.0%		World (all countries)	20,962.6	100.0%
1	EU27	1,263.9	25.4%	1	EU27	7,650.5	47.9%	1	EU27	8,914.4	42.5%
2	Russia	865.8	17.4%	2	Israel	1,327.7	8.3%	2	United States	1,480.7	7.1%
3	Turkey	584.6	11.7%	3	United States	1,323.4	8.3%	3	Russia	1,453.8	6.9%
4	China	442.9	8.9%	4	Ukraine	670.1	4.2%	4	Israel	1,371.9	6.5%
5	Ukraine	352.8	7.1%	5	Indonesia	592.0	3.7%	5	Ukraine	1,022.9	4.9%
6	Kazakhstan	221.8	4.4%	6	Croatia	590.9	3.7%	6	Turkey	714.0	3.4%
7	United States	157.3	3.2%	7	Russia	588.0	3.7%	7	China	697.0	3.3%
8	Singapore	137.8	2.8%	8	Malaysia	558.6	3.5%	8	Indonesia	596.8	2.8%
9	Brazil	122.7	2.5%	9	Singapore	386.3	2.4%	9	Croatia	592.4	2.8%
10	South Korea	119.8	2.4%	10	Georgia	310.4	1.9%	10	Malaysia	588.3	2.8%
11	Japan	110.8	2.2%	11	China	254.1	1.6%	11	Singapore	524.1	2.5%
12	Iran	88.9	1.8%	12	Canada	239.9	1.5%	12	Georgia	348.7	1.7%
13	Belarus	85.1	1.7%	13	India	230.3	1.4%	13	South Korea	283.5	1.4%
14	Switzerland	73.7	1.5%	14	South Korea	163.6	1.0%	14	India	257.6	1.2%
15	Israel	44.2	0.9%	15	Turkmenistan	158.6	1.0%	15	Kazakhstan	255.5	1.2%
16	United Arab Emirates	42.6	0.9%	16	Thailand	143.1	0.9%	16	Canada	251.3	1.2%
17	Georgia	38.3	0.8%	17	Turkey	129.4	0.8%	17	Iran	183.3	0.9%
18	Malaysia	29.8	0.6%	18	Libya	122.3	0.8%	18	Turkmenistan	169.1	0.8%
19	India	27.3	0.5%	19	Iran	94.4	0.6%	19	Thailand	152.0	0.7%
20	Argentina	21.9	0.4%	20	Egypt	80.3	0.5%	20	Switzerland	144.9	0.7%
21	New Zealand	14.0	0.3%	21	Switzerland	71.2	0.4%	21	Brazil	122.8	0.6%
22	Ecuador	13.4	0.3%	22	Afghanistan	51.2	0.3%	22	Libya	122.3	0.6%
23	South Africa	12.8	0.3%	23	Lebanon	38.9	0.2%	23	Japan	111.0	0.5%
24	Canada	11.4	0.2%	24	Kazakhstan	33.7	0.2%	24	Belarus	90.5	0.4%
25	Turkmenistan	10.5	0.2%	25	Kyrgyz Republic	31.6	0.2%	25	Egypt	80.9	0.4%
26	El Salvador	9.9	0.2%	26	Algeria	31.3	0.2%	26	United Arab Emirates	53.8	0.3%
27	Sri Lanka	9.8	0.2%	27	Iraq	23.3	0.1%	27	Afghanistan	51.2	0.2%
28	Panama	9.4	0.2%	28	Australia	20.6	0.1%	28	Lebanon	39.2	0.2%
29	Uzbekistan	9.2	0.2%	29	Uzbekistan	15.2	0.1%	29	Kyrgyz Republic	32.4	0.2%
30	Thailand	8.9	0.2%	30	Benin	13.0	0.1%	30	Algeria	31.4	0.1%
31	Norway	7.4	0.1%	31	United Arab Emirates	11.3	0.1%	31	Uzbekistan	24.4	0.1%
32	Indonesia	4.8	0.1%	32	Tajikistan	6.2	0.0%	32	Australia	23.9	0.1%
33	Moldova	4.5	0.1%	33	Belarus	5.4	0.0%	33	Iraq	23.5	0.1%
34	Australia	3.3	0.1%	34	Albania	5.3	0.0%	34	Argentina	21.9	0.1%
35	Mexico	2.2	0.0%	35	Tunisia	1.6	0.0%	35	New Zealand	14.1	0.1%
36	Jordan	1.9	0.0%	36	Norway	0.9	0.0%	36	Ecuador	13.4	0.1%
37	Pakistan	1.9	0.0%	37	Bahrain	0.4	0.0%	37	Benin	13.0	0.1%
38	Croatia	1.4	0.0%	38	Mongolia	0.3	0.0%	38	South Africa	12.8	0.1%
39	Colombia	1.4	0.0%	39	Equatorial Guinea	0.2	0.0%	39	El Salvador	9.9	0.0%
40	Serbia	1.4	0.0%	40	Brazil	0.1	0.0%	40	Sri Lanka	9.8	0.0%
41	Tunisia	1.3	0.0%	41	Moldova	0.1	0.0%	41	Panama	9.4	0.0%
42	FYR Macedonia	1.2	0.0%	42	Japan	0.1	0.0%	42	Norway	8.3	0.0%
43	Saudi Arabia	1.2	0.0%	43	Saudi Arabia	0.1	0.0%	43	Tajikistan	7.2	0.0%
44	Tajikistan	0.9	0.0%	44	Cuba	0.1	0.0%	44	Albania	5.3	0.0%
45	Morocco	0.9	0.0%	45	Syria	0.1	0.0%	45	Moldova	4.6	0.0%
46	Vietnam	0.8	0.0%	46	New Zealand	0.1	0.0%	46	Tunisia	2.9	0.0%
47	Uruguay	0.8	0.0%	47	Mexico	0.1	0.0%	47	Mexico	2.2	0.0%
48	Kyrgyz Republic	0.8	0.0%	48	Pakistan	0.1	0.0%	48	Pakistan	2.0	0.0%
49	Syria	0.7	0.0%	49	Namibia	0.1	0.0%	49	Jordan	1.9	0.0%
50	Egypt	0.6	0.0%	50	Nigeria	0.0	0.0%	50	Colombia	1.4	0.0%

Azerbaijan's Imports from ...				Azerbaijan's Exports to ...				Azerbaijan's Trade with...			
Partner regions	Mio euro	%		Partner regions	Mio euro	%		Partner regions	Mio euro	%	
ACP	14.2	0.3%		ACP	13.5	0.1%		ACP	27.7	0.1%	
Andean Community	14.8	0.3%		Andean Community	0.0	0.0%		Andean Community	14.8	0.1%	
ASEAN	182.3	3.7%		ASEAN	1,680.0	10.5%		ASEAN	1,862.3	8.9%	
BRIC	1,458.7	29.3%		BRIC	1,072.6	6.7%		BRIC	2,531.2	12.1%	
CACM	19.5	0.4%		CACM	0.0	0.0%		CACM	19.5	0.1%	
Candidate Countries	587.2	11.8%		Candidate Countries	720.4	4.5%		Candidate Countries	1,307.5	6.2%	
CIS	1,589.7	31.9%		CIS	1,819.4	11.4%		CIS	3,409.0	16.3%	
EFTA	81.2	1.6%		EFTA	72.1	0.5%		EFTA	153.3	0.7%	
Latin American Countries	182.0	3.7%		Latin American Countries	0.2	0.0%		Latin American Countries	182.2	0.9%	
MEDA (excl EU and Turkey)	50.0	1.0%		MEDA (excl EU and Turkey)	1,480.0	9.3%		MEDA (excl EU and Turkey)	1,530.0	7.3%	
Mercosur	145.3	2.9%		Mercosur	0.2	0.0%		Mercosur	145.5	0.7%	
NAFTA	170.9	3.4%		NAFTA	1,563.4	9.8%		NAFTA	1,734.2	8.3%	

EFTA: Iceland, Liechtenstein, Norway, Switzerland; Candidates: Croatia, FYR of Macedonia, Turkey; Andean Community: Bolivia, Colombia, Ecuador, Peru; CIS: Armenia, Azerbaijan, Belarus, Georgia, Kyrgyzstan, Kazakhstan, Moldova Republic of, Russian Federation, Tajikistan, Turkmenistan, Ukraine, Uzbekistan; CACM: Honduras, El Salvador, Nicaragua, Costa Rica, Guatemala, Panama; Mercosur: Argentina, Brazil, Paraguay, Uruguay; NAFTA: Canada, Mexico, United States; Latin American Countries: CACM, Mercosur, ANCOM, Chile, Cuba, Dominican Republic, Haiti, Mexico, Panama, Venezuela; BRIC: Brazil, Russia, India, China; ASEAN: Brunei Darussalam, Indonesia, Cambodia, Lao People's Democratic Republic, Myanmar, Malaysia, Philippines, Singapore, Thailand, Vietnam; ACP: 79 countries; MEDA (excl EU & Turkey): Algeria, Egypt, Israel, Jordan, Lebanon, Morocco, Occupied Palestinian Territory, Syrian Arab Republic, Tunisia.

Source: IMF (DoTS)  
European Union: 27 members.

DG TRADE  
21-Mar-12

Fonte:European Commission[Em linha][Consultado em 22 de abril de 2013]. Disponível em:  
[http://ec.europa.eu/trade/policy/countries-and-regions/statistics/regions/index\\_en.htm](http://ec.europa.eu/trade/policy/countries-and-regions/statistics/regions/index_en.htm)

## Anexo I - Principais parceiros comerciais da Arménia

### ARMENIA'S TRADE WITH MAIN PARTNERS (2010)

The Major Imports Partners				The Major Export Partners				The Major Trade Partners			
Rk	Partners	Mio euro	%	Rk	Partners	Mio euro	%	Rk	Partners	Mio euro	%
	World (all countries)	2,828.2	100.0%		World (all countries)	787.7	100.0%		World (all countries)	3,615.9	100.0%
1	EU27	776.5	27.5%	1	EU27	379.0	48.1%	1	EU27	1,155.5	32.0%
2	Russia	630.6	22.3%	2	Russia	121.0	15.4%	2	Russia	751.6	20.8%
3	China	305.9	10.8%	3	Iran	65.1	8.3%	3	China	329.2	9.1%
4	Ukraine	173.6	6.1%	4	United States	62.6	7.9%	4	Iran	216.1	6.0%
5	Turkey	159.2	5.6%	5	Georgia	37.2	4.7%	5	Ukraine	182.6	5.1%
6	Iran	151.0	5.3%	6	China	23.3	3.0%	6	Turkey	160.2	4.4%
7	United States	84.0	3.0%	7	Canada	22.3	2.8%	7	United States	146.6	4.1%
8	Japan	63.5	2.2%	8	Switzerland	12.9	1.6%	8	Georgia	78.2	2.2%
9	South Korea	55.5	2.0%	9	Ukraine	9.0	1.1%	9	Switzerland	65.7	1.8%
10	Switzerland	52.8	1.9%	10	Turkmenistan	6.7	0.8%	10	Japan	63.6	1.8%
11	Georgia	41.0	1.4%	11	United Arab Emirates	6.3	0.8%	11	South Korea	58.4	1.6%
12	Brazil	38.9	1.4%	12	India	4.1	0.5%	12	India	39.3	1.1%
13	India	35.2	1.2%	13	Belize	3.6	0.5%	13	Brazil	38.9	1.1%
14	United Arab Emirates	28.2	1.0%	14	Belarus	3.5	0.4%	14	Canada	38.1	1.1%
15	Belarus	24.3	0.9%	15	Israel	3.2	0.4%	15	United Arab Emirates	34.4	1.0%
16	Indonesia	21.1	0.7%	16	South Korea	2.9	0.4%	16	Belarus	27.8	0.8%
17	Turkmenistan	19.9	0.7%	17	Kazakhstan	2.3	0.3%	17	Turkmenistan	26.6	0.7%
18	Canada	15.9	0.6%	18	Colombia	2.3	0.3%	18	Indonesia	21.1	0.6%
19	Thailand	13.7	0.5%	19	Thailand	2.1	0.3%	19	Thailand	15.8	0.4%
20	Israel	10.8	0.4%	20	Panama	1.6	0.2%	20	Israel	14.0	0.4%
21	Malaysia	10.8	0.4%	21	Uzbekistan	1.4	0.2%	21	Kazakhstan	11.3	0.3%
22	Ecuador	9.1	0.3%	22	Croatia	1.0	0.1%	22	Malaysia	10.8	0.3%
23	Australia	9.0	0.3%	23	Turkey	1.0	0.1%	23	Australia	9.3	0.3%
24	Kazakhstan	8.9	0.3%	24	Moldova	0.7	0.1%	24	Ecuador	9.1	0.3%
25	Vietnam	7.5	0.3%	25	Serbia	0.5	0.1%	25	Vietnam	7.7	0.2%
26	New Zealand	7.5	0.3%	26	Gabon	0.4	0.1%	26	Croatia	7.5	0.2%
27	Egypt	6.6	0.2%	27	Australia	0.4	0.0%	27	New Zealand	7.5	0.2%
28	Croatia	6.5	0.2%	28	Iraq	0.4	0.0%	28	Egypt	6.6	0.2%
29	Mexico	5.6	0.2%	29	Pakistan	0.3	0.0%	29	Uzbekistan	5.7	0.2%
30	Argentina	4.9	0.2%	30	Kyrgyz Republic	0.2	0.0%	30	Mexico	5.7	0.2%
31	Uzbekistan	4.3	0.2%	31	Hong Kong	0.2	0.0%	31	Argentina	5.0	0.1%
32	South Africa	4.0	0.1%	32	Vietnam	0.2	0.0%	32	Colombia	4.5	0.1%
33	Saudi Arabia	3.9	0.1%	33	Qatar	0.2	0.0%	33	South Africa	4.0	0.1%
34	Singapore	3.7	0.1%	34	Tadjikistan	0.2	0.0%	34	Saudi Arabia	3.9	0.1%
35	Syria	3.3	0.1%	35	Japan	0.1	0.0%	35	Singapore	3.7	0.1%
36	Lebanon	3.2	0.1%	36	Argentina	0.1	0.0%	36	Belize	3.6	0.1%
37	Pakistan	3.1	0.1%	37	Syria	0.1	0.0%	37	Syria	3.4	0.1%
38	Kenya	2.6	0.1%	38	Sierra Leone	0.1	0.0%	38	Pakistan	3.4	0.1%
39	Colombia	2.2	0.1%	39	Lebanon	0.1	0.0%	39	Lebanon	3.3	0.1%
40	Philippines	2.1	0.1%	40	Kenya	0.1	0.0%	40	Kenya	2.7	0.1%
41	Uganda	1.5	0.1%	41	Singapore	0.1	0.0%	41	Philippines	2.1	0.1%
42	Sri Lanka	1.1	0.0%	42	Malaysia	0.1	0.0%	42	Moldova	1.8	0.0%
43	Moldova	1.1	0.0%	43	Mexico	0.1	0.0%	43	Panama	1.6	0.0%
44	Ivory Coast	1.1	0.0%	44	South Africa	0.0	0.0%	44	Uganda	1.5	0.0%
45	Serbia	0.9	0.0%	45	Ivory Coast	0.0	0.0%	45	Serbia	1.4	0.0%
46	Chile	0.9	0.0%	46	Iceland	0.0	0.0%	46	Sri Lanka	1.1	0.0%
47	Qatar	0.8	0.0%	47	Sudan	0.0	0.0%	47	Ivory Coast	1.1	0.0%
48	Norway	0.8	0.0%	48	Egypt	0.0	0.0%	48	Qatar	1.0	0.0%
49	Hong Kong	0.8	0.0%	49	Norway	0.0	0.0%	49	Hong Kong	1.0	0.0%
50	Ghana	0.7	0.0%	50	Bosnia-Herzegovina	0.0	0.0%	50	Chile	0.9	0.0%

Armenia's Imports from ...				Armenia's Exports to ...				Armenia's Trade with...			
Partner regions	Mio euro	%		Partner regions	Mio euro	%		Partner regions	Mio euro	%	
ACP	11.8	0.4%		ACP	4.3	0.5%		ACP	16.1	0.4%	
Andean Community	11.4	0.4%		Andean Community	2.3	0.3%		Andean Community	13.6	0.4%	
ASEAN	59.0	2.1%		ASEAN	2.5	0.3%		ASEAN	61.4	1.7%	
BRIC	1,010.6	35.7%		BRIC	148.4	18.8%		BRIC	1,159.0	32.1%	
CACM	1.0	0.0%		CACM	1.6	0.2%		CACM	2.6	0.1%	
Candidate Countries	165.9	5.9%		Candidate Countries	2.0	0.3%		Candidate Countries	167.9	4.6%	
CIS	904.0	32.0%		CIS	182.2	23.1%		CIS	1,086.2	30.0%	
EFTA	54.0	1.9%		EFTA	13.0	1.6%		EFTA	66.9	1.9%	
Latin American Countries	63.0	2.2%		Latin American Countries	4.0	0.5%		Latin American Countries	67.0	1.9%	
MEDA (excl EU and Turkey)	24.9	0.9%		MEDA (excl EU and Turkey)	3.4	0.4%		MEDA (excl EU and Turkey)	28.4	0.8%	
Mercosur	44.1	1.6%		Mercosur	0.1	0.0%		Mercosur	44.2	1.2%	
NAFTA	105.5	3.7%		NAFTA	84.9	10.8%		NAFTA	190.4	5.3%	

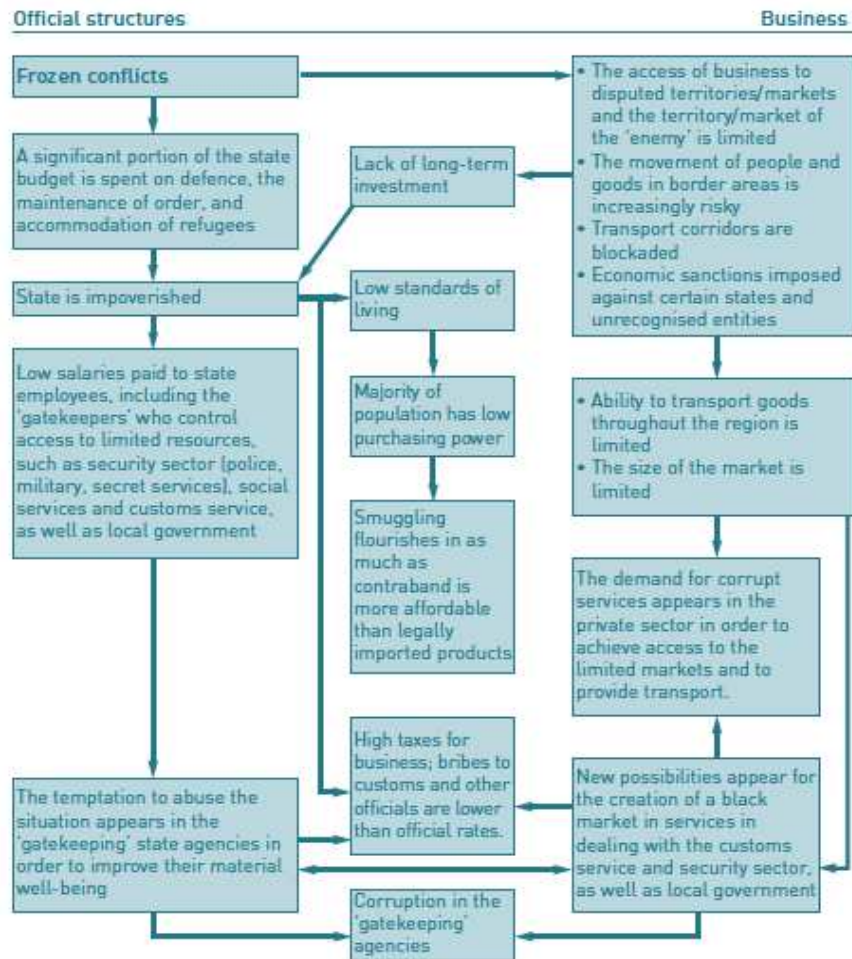
EFTA: Iceland, Liechtenstein, Norway, Switzerland; Candidates: Croatia, FYR of Macedonia, Turkey; Andean Community: Bolivia, Colombia, Ecuador, Peru; CIS: Armenia, Azerbaijan, Belarus, Georgia, Kyrgyzstan, Kazakhstan, Moldova Republic of, Russian Federation, Tajikistan, Turkmenistan, Ukraine, Uzbekistan; CACM: Honduras, El Salvador, Nicaragua, Costa Rica, Guatemala, Panama; Mercosur: Argentina, Brazil, Paraguay, Uruguay; NAFTA: Canada, Mexico, United States; Latin American Countries: CACM, Mercosur, ANCOM, Chile, Cuba, Dominican Republic, Haiti, Mexico, Panama, Venezuela; BRIC: Brazil, Russia, India, China; ASEAN: Brunei Darussalam, Indonesia, Cambodia, Lao People's Democratic Republic, Myanmar, Malaysia, Philippines, Singapore, Thailand, Vietnam; ACP: 79 countries; MEDA (excl EU & Turkey): Algeria, Egypt, Israel, Jordan, Lebanon, Morocco, Occupied Palestinian Territory, Syrian Arab Republic, Tunisia.

Source: IMF (DoTS)  
European Union: 27 members.

DG TRADE  
21-Mar-12

Fonte: *European Commission* [Em linha] [Consultado em 22 de abril de 2013]. Disponível em: [http://ec.europa.eu/trade/policy/countries-and-regions/statistics/regions/index\\_en.htm](http://ec.europa.eu/trade/policy/countries-and-regions/statistics/regions/index_en.htm)

## Anexo J - O impacto da corrupção nas funções do Estado



Fonte: *Corruption and Conflict in the South Caucasus. International Alert*. [Em linha] [Consultado em 4 de abril de 2013], Disponível em: [http://www.international-alert.org/sites/default/files/publications/Corruption\\_Conflict\\_inSC.pdf](http://www.international-alert.org/sites/default/files/publications/Corruption_Conflict_inSC.pdf)

## **Anexo K – Relação de Questões Dirigidas**

1. De que forma é percebida pelos atores regionais a presença da UE, da OTAN e dos EUA? Será esta presença o principal fator de instabilidade na região?
2. Que papel deverão ter os Estados do Cáucaso do Sul na estabilização da região?
3. Que papel poderão ter a OTAN e a UE na resolução da conflitualidade na região? E atores regionais como o Irão ou a Turquia?
4. Qual o verdadeiro objetivo/interesse da UE na região? a segurança económica? energética?
5. E em relação à OTAN, qual o verdadeiro objetivo/interesse na região? A contenção da Rússia e do Irão?
6. E o que dizer dos objetivos/interesses dos EUA na região? Redundância energética? Contenção da Rússia e do Irão? Proximidade do Médio Oriente?
7. No que diz respeito à Rússia, o que esperar? A continuação no apoio às guerras sessionistas ou um agente na resolução dos conflitos na região?